

JUSTINE

ou os tormentos da virtude

marquês



Sade^de

TRADUÇÃO
MARCELA VIEIRA
EDUARDO JORGE DE OLIVEIRA
APRESENTAÇÃO
EDUARDO JORGE DE OLIVEIRA

ILUMI⁴URAS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

JUSTINE

ou os tormentos da virtude

marquês



Sade^de

TRADUÇÃO
MARCELA VIEIRA
EDUARDO JORGE DE OLIVEIRA
APRESENTAÇÃO
EDUARDO JORGE DE OLIVEIRA

ILUMI~~N~~URAS

JUSTINE

ou os tormentos da virtude

marquês



Sade^de

TRADUÇÃO
MARCELA VIEIRA
EDUARDO JORGE DE OLIVEIRA

APRESENTAÇÃO
EDUARDO JORGE DE OLIVEIRA

ILUMI^{URAS}

Justine

COLEÇÃO PÉROLAS FURIOSAS

Donatien Alphonse François, o marquês de Sade (1740-1814), foi certamente um dos autores da literatura universal que mais sondaram os limites do homem, trazendo à luz (em pleno Iluminismo) aquilo que a cultura sempre tentou ocultar: a violência do erotismo em suas mais variadas formas de transgressão. A tônica de seus principais romances, escritos ao longo de quase trinta anos em onze diferentes prisões sob três regimes distintos, é a da libertação do indivíduo mediante a corrupção dos costumes. Relegado ao esquecimento por muito tempo (somente o século XX o restituiu à luz e o consagrou), o perseguido autor de *Justine* e tantos outros livros escandalosos, “o espírito mais livre que jamais existiu”, nas palavras de Apollinaire, é hoje considerado um clássico, ao lado de Racine ou de Shakespeare, um dos maiores escritores de sua época.

A Coleção Pérolas Furiosas reúne pela primeira vez em língua portuguesa as principais obras desse transgressor do espírito, que via na literatura uma possibilidade de criar um mundo às avessas onde tudo é levado às últimas consequências. Sade nos faz ver o impossível nas entrelinhas dessa realidade absurda na qual, paradoxalmente, nega-se a vida e os homens para melhor afirmá-los; vale dizer, para glorificá-los.

Marquês de Sade

JUSTINE
ou os tormentos da virtude

Tradução

Marcela Vieira

Eduardo Jorge de Oliveira

Apresentação

Eduardo Jorge de Oliveira

APRESENTAÇÃO

Sade: moeda impossível, corpo inesgotável

Eduardo Jorge de Oliveira
Romanisches Seminar
Universidade de Zurique – UZH.
Para Contador Borges

Excluindo-se da humanidade, Sade, não teve outra ocupação em sua longa vida senão esta: a de enumerar até a exaustão a possibilidade de destruir os seres humanos, de destruí-los e de gozar do pensamento de sua morte e de seu sofrimento.¹

Georges Bataille, “Sade”, *A literatura e o mal*.

1. VIDA, SIGNIFICANTE SEM REGRA

Donatien Alphonse François, mais conhecido por Marquês de Sade (1740-1814), dificilmente abre espaço para concessões. Sua obra é simultaneamente controversa e desordenada, apresentando uma enumeração exaustiva de imagens dos limites do humano. Tais limites foram expandidos pela carreira no exército, onde ele participa, em toda a campanha, como capitão, durante a Guerra dos Sete Anos (1756-1763). Mesmo tendo conhecido um campo de batalha nessas condições, Sade foi encarcerado pelo seu comportamento libertino e seus humores cruéis. A primeira vez foi em 1763, sendo logo depois liberado. Em seguida, ele é preso novamente em 1768. Para evitar uma nova condenação, o Marquês foge para a Itália em 1772. Sua vida oscila entre uma liberdade provisória e novos encarceramentos, como em 1777, em Vincennes, até que ele seja aprisionado na Bastilha, de 1778 a 1784. Algumas obras foram escritas após sua liberação, em

1790, tais como *Diálogo entre um padre e um moribundo* e *Os 120 dias de Sodoma*. Ambas só vieram a ser publicadas no século XX, respectivamente em 1926 e 1931-35. Entre as obras que ele conseguiu publicar em vida, está *Justine ou os tormentos da virtude*. Ele havia escrito essa versão de *Justine* quando tinha 50 anos, sem se saber ao certo escritor.²

Nesse percurso, Sade imprime uma forte matriz para a desfiguração do corpo individual e coletivo. A desordem da própria vida – seus diversos encarceramentos e tumultos – fez com que sua obra fosse difusa – com passagens por diversas prisões, como ainda Santa Pelágia e Bicêtre até ser condenado à internação no hospício de Chareton, em 1803, onde dirigiu espetáculos teatrais com os demais internos. Esse histórico fará com que ele seja um contemporâneo de pensadores e escritores ao longo do século XX, pois não apenas o autor mas também a própria obra ficou presa ou, melhor, suspensa. No limiar da redescoberta de sua obra no contexto do Surrealismo, em um período conflituoso de guerras na Europa, ressaltamos as leituras da “libertação” da obra do Marquês dos anos 1930 em diante por Maurice Heine, Pierre Klossowski, Jean Paulhan, Georges Bataille, Maurice Blanchot e seu incansável editor Jean-Jacques Pauvert, que se engajou durante toda sua vida na edição das obras integrais do Marquês. Pauvert publicou um grande estudo, com mais de mil páginas, cuja edição integral aconteceu em 2013 sob o título *Sade Vivant [Sade Vivo]*. Nos anos cinquenta e sessenta, além dos ensaios de Roland Barthes, Pierre Klossowski, Simone de Beauvoir ou Philippe Sollers, as leituras de Michel Foucault, Jacques Lacan e Gilles Deleuze marcam uma outra década conturbada na França, eclodindo com o Maio de 1968. Adorno e Horkheimer apresentam, em um dos seus excursos da *Dialética do Esclarecimento*, uma análise de *História de Juliette ou as prosperidades do vício*. Os aspectos da reificação do humano e dos bons sentimentos da classe dominante estariam postos como um dos pontos de partida fundamentais na obra de Sade. O Marquês, no entanto, permanece irreduzível, se lermos essa passagem pelo século XX com Éric Marty, que dedicou um volume para a questão *Pourquoi le XX^{ème} siècle a-t-il pris Sade au sérieux? [Por que o século XX levou Sade a sério?]*. Diante de um período no qual a Europa assistiu à ascensão do Nazismo e o Fascismo, Marty afirma o quão séria foi a leitura que Adorno fez de Sade, na qual ele seria “uma ligação intermediária entre Kant e Auschwitz.”³ Sade pôs o homem

sob suspeita. Marty, no entanto, afirma que Sade seria mais precioso que um modo de representar os oprimidos, ao abrir a infraestrutura moral das sociedades europeias, mas também quando ele consegue expor uma estrutura sofisticada central na piedade de um certo grupo que detém um poder: “Graças a Sade, a piedade se mostra como um alibi da lei da alienação universal que a piedade gostaria de atenuar.”⁴

De outro modo, Sade percorreu o século XIX⁵ em um fluxo lúbrico e silencioso pelos seus próprios mecanismos, enquanto o mundo atravessava uma grande revolução das técnicas, das máquinas, na qual, no século anterior, a guilhotina seria um dos mais decisivos atos republicanos para que a mecanização da morte chegasse ao poder.⁶ A guilhotina, por seu princípio maquinico, estaria localizada no extremo oposto sadiano em que a morte ocupa o espaço público, configurando mudanças de valores a partir de execuções das quais Sade inclusive escapou por causa da queda de Robespierre. Na biografia escrita por Maurice Lever existe um fragmento de uma carta escrita pelo próprio Marquês a Gaufridy, em que ele afirma que a guilhotina sob os olhos lhe fazia muito mais mal do que todas as bastilhas imagináveis.⁷

2. MECANISMOS DOS CORPOS LITERÁRIOS

Contemporâneo de um século que ainda punha praticamente lado a lado as concepções mecanicistas do corpo, tendo o animal como uma máquina, conforme René Descartes, e o homem como uma máquina, conforme Julien Offray de La Mettrie, Sade levou essa concepção mecânica aos limites do prazer, oferecendo, assim, outro valor de uso ao corpo. Afinal, o que lhe interessa é que tais mecanismos tenham uma utilização que escape do próprio uso comum, fazendo com que ele participe dos mais improváveis projetos, como uma das peças a serem ativadas pelos excessos libertinos que põem a máquina sadiana para funcionar. Essa máquina opera, inclusive, nos limites das próprias instituições monárquicas, aristocráticas e, sobretudo, religiosas, uma vez que Sade, conjugando uma imaginação anatômica e um conhecimento da Antiguidade romana, faz da matéria romanescas um espaço íntimo, como o do leitor, ao qual se pode acessar uma outra intimidade – a do poder – nos castelos e conventos, sem afastar-se dos lugares ermos em bosques e florestas. Nesse sentido, a distribuição do espaço é minuciosa, ela se prolonga pelas descrições de lugares que, em geral, tornam-se espaços de confinamento e de

prazer, como o pensionato de crianças do médico Rodin ou o convento, com Dom Severino, em *Justine*. Neste último, o homem santo, ao conduzir pela mão a jovem peregrina ao fundo da sacristia em direção ao convento questiona sua resistência: “Como?! Tens medo de passar a noite com os quatro santos eremitas?!... Oh! Verás que encontraremos meios de te acalmar, meu anjo.” Existe um efeito de suspensão que é fundamental para a narrativa sadiana, como se na intimidade desses lugares encontrássemos um teatro sutil, delicado e perverso. Nesses lugares, as personagens de Sade participam de um verdadeiro teatro maneirista em meio a uma natureza barroca, como se pode ler a partir de Pierre Fedida.⁸ Pela dimensão teatral de seu texto, o corpo sempre atinge os limites da representação, palavra, aliás, que tem um duplo significado quando nos referimos ao corpo em Sade. Se podemos falar em crise da representação do corpo na obra de Sade é porque os valores da lei e da religião são postos em questão a partir das noções de ilusão, de cegueira e de superstição, fazendo com que, em uma instituição como o próprio convento, exista uma fachada que mantenha essa ilusão sustentada por uma *antiga barbárie*. A fachada que tais instituições representam é o elemento chave da retórica do libertino, pois no espaço do romance, ela nunca ocupa o espaço público, mesmo que esteja sendo sussurrada à luz do dia. O endereçamento do discurso é para um público cativo do qual o leitor é um desses privilegiados a “escutar” um discurso. “Écuteur” seria um termo mais apropriado que “voyeur” em Sade:

*Se os Antigos tinham belas instituições, você confessará, senhora condessa, que podemos colocá-la aqui naquelas que não lhe honravam, e é abominável punir com a morte aquelas que todo o crime foi ter trabalhado para dar-lhe luz. Nossos conventos oferecem, de algum modo, a imagem dessa antiga barbárie. Mas o homem, sempre cego diante da divindade, e dando a esta divindade enganadora suas ideias e caprichos, não acreditará poder honrá-la melhor senão aviltando-a de imediato!*⁹

3. O EXCESSO E A JUSTA DISTÂNCIA

Devemos ouvir um libertino sem barreiras morais. A experiência de leitura em Sade leva a opor claramente o termo *sadiano* ao *sádico* ou ao próprio *sadismo*.¹⁰ Embora estejamos habituados a termos como

sádico ou *sadismo* aos quais o Marquês empresta seu nome, devemos saltá-los imediatamente para não perdermos os protocolos de leitura em Sade, isto é, suas ligações com uma experiência literária excêntrica, fora do centro de toda uma ordem natural e social existente em sua época, o século XVIII.

O que esse século tem a nos dizer ou, mais precisamente, por que a voz desse autor vinda de tão longe nos colocaria em uma distância justa para estudar os homens? “A mão do *tormento*, enaltecendo o caráter daquele que ele esmaga, coloca-o na justa distância a que ele deve estar para estudar os homens: dali ele os vê como o passageiro que observa as ondas em fúria quebrando-se contra o rochedo sobre o qual a tempestade o lançou.”¹¹ O tormento é uma distância importante para nos abandonarmos às paixões da alma e do espírito na desproporção dos corpos. Ele se apresenta como um *espaço da violência* para o texto. Esse espaço da violência é distinto da violência em si. Sade enfatiza o *espaço da violência* na Natureza, na transformação contínua da matéria e na impessoalidade dos corpos.

Os crimes, nesse sentido, seriam frutos de uma natureza da qual o homem faz parte. O infortúnio não está ligado apenas à natureza, ele precisa de corpos que o conduzam. É assim que a ideia de viagem se faz presente no autor de *Justine*. “Viagem e infortúnios: Justine. Perfeita peregrina, sua história é um encadeamento de desgraças, que, a exemplo da volúpia libertina, não cessam jamais”,¹² escreve Eliane Robert Moraes, a maior estudiosa de Sade no Brasil. Por esse viés, Sade faz com que o corpo atinja os limites da própria da matéria contrapondo-o à virtude. Isso pode ser constatado no discurso de Clément, em *Justine ou os tormentos da virtude*, quando ele afirma que as fibras, os graus acres do sangue ou os espíritos animais seriam por si mesmos suficientes para fazer de um homem o objeto de suas penas ou de suas recompensas, ao contrário de tudo o que Justine acreditaria em termos de leis, moral, religião, paraíso, deuses e mesmo o inferno.

Ao dar luz à Dubois, outra personagem memorável de Justine, Sade faz com que ela discorde contra as leis e contra o roubo que objetiva manter uma boa margem de ganhos. Os ladrões se queixam do pouco que tinham a partilhar, alegando que a pouca quantidade de dinheiro não justificaria os três assassinatos que eles acabaram de cometer. Dubois explica que se deve calcular as coisas com base nos interesses de cada um. Em seus argumentos, ela aponta o que detém os mais

tolos na carreira do crime: a fraqueza de nossos órgãos, a falta de um espírito reflexivo e os preconceitos com os quais fomos criados, tais como os falsos terrores da religião e das leis.

A partir de Dubois, essa *ética* de Sade reside na elaboração dos princípios de uma economia da dilapidação do corpo no espaço literário. Após um assalto seguido de um triplo homicídio na floresta de Chantilly, os ladrões estabelecem uma relação fundamental que marca a diferença entre a *economia do roubo* e um *princípio literário* sadiano. No primeiro caso, o que existe é uma forma mimética da economia em vigor, afinal, rouba-se também com fins arbitrários para gerar algum tipo de riqueza ou acúmulo, mas não se pode esquecer todo um gesto de dilapidação. O roubo configura-se como uma paródia do sistema para acessá-lo a partir do que foi roubado. No segundo momento, esse princípio tenta restituir a justa distância para entendermos os limites do humano, embora o humano seja, em Sade, uma medida da desmedida. Eco que talvez encontremos na seguinte passagem de Nietzsche, em *Humano, demasiado humano*: “Quem conheceu o vício em relação ao prazer, e que também tem consigo o frescor de quem goza a vida, imagina que a virtude é necessariamente ligada ao desprazer. Quem, ao contrário, esteve bem atormentado por suas paixões e seus vícios aspira encontrar na virtude o repouso e a felicidade da alma. Portanto, pode ser que as duas virtudes não estejam de acordo uma com a outra.”¹³ Os *tormentos* da virtude, assim, dão uma tonalidade nietzschiana ao texto de Sade, que os cataloga com uma racionalidade impecável.

Sade elabora um catálogo de atrocidades e desastres que minimizam a economia, as riquezas e as crenças. Trata-se de uma abertura do espaço íntimo (aristocrata e monástico) feita pelo discurso do libertino. Nesse sentido, o princípio literário sadiano realiza uma mudança do lugar da filosofia, saindo de uma academia para ir em direção à alcova. Quem assinala essa mudança é Jacques Lacan.¹⁴ Assim, firma-se uma ética libertina. Existindo uma ética libertina, ela passa a ter uma legibilidade nos sofismas de uma das personagens, Dubois, uma das que mais atenta contra as virtudes da *pobre e indefesa* Justine.

4. OS TORMENTOS DE JUSTINE

Seria Justine uma verdadeira heroína sadiana? Ela é a personagem

que participa de um dos aspectos paradoxais da literatura, pois nela se baseia um forte contraste do pensamento de Sade. Justine também cumpre um desacordo com sua época na medida em que a primeira versão do romance só foi encontrada posteriormente, já no século XX. Trata-se do manuscrito de 1787, *Os infortúnios da virtude*, escrito ao longo de quinze dias e somente encontrado em 1930, graças às pesquisas de Maurice Heine. Essa primeira versão está publicada em português na tradução de Celso Mauro Paciornik, pela editora Iluminuras. A presente tradução é a versão mais difundida, intitulada *Justine ou os tormentos da virtude*, publicada em 1791. Convém ressaltar que existe uma terceira obra que Sade dedica a Justine intitulada *La nouvelle Justine ou les malheurs de la vertu*, de 1799, seguida de *A história de Juliette*, sua irmã.

O ponto de partida de Sade são duas irmãs, Justine e Juliette. Ambas, ainda na infância, viram a derrocada da família e foram entregues à própria sorte. Juliette segue o caminho oposto da irmã e entrega-se precocemente à libertinagem, enquanto Justine busca o caminho oposto, da virtude. Sade é impiedoso com Justine. Ela entra em um verdadeiro círculo vicioso, e a virtude, no universo sadiano, torna-se um peso insuportável. Como observa Noëlle Châtelet, em primeiro lugar, a virtude de Justine é ditada por um instinto, passando posteriormente para a razão.¹⁵ Seria instintivamente que Justine sempre se iludiria com a virtude, e será pelo instinto que ela sempre quer ajudar aqueles que sofrem injustiça e, finalmente, também pelo mesmo instinto, ela é sempre uma presa de algum indivíduo impiedoso. Seria Justine uma alma piedosa presente em uma retórica que leva a própria piedade ao limite, cujo discurso expõe uma “superabundância de forças plásticas” para usar uma expressão de Nietzsche. O corpo é um acontecimento retórico-discursivo e objeto dos principais argumentos da narrativa. Justine passa à razão quando argumenta contra os sofismas dos celerados que a cercam.

Assim, Sade está ligado de tal modo a Justine que ela tem uma existência admirável em sua obra, pois, com fragilidade e inocência, Justine suporta as mais vastas orgias e torturas que o seu autor lhe imprime. Enfim, todos os castigos caem sobre o seu corpo que, por sua vez, enfrenta as mais diversas provas materiais enquanto a virtude por ela buscada não passaria de uma ilusão, existindo apenas no mundo das ideias. O corpo de Justine precisa ser colocado em evidência porque a busca pela virtude precisa de um corpo e, mesmo que a

virtude nunca possa ser alcançada, todo o embate em torno de Justine acontece a partir da luta desigual entre duas forças naturais, a *physis* do corpo e a Natureza, cujo fim é idealizado. Mesmo que a fé, a bondade e a piedade sejam vistas como verdadeiras armadilhas durante as desventuras dessa frágil e resistente personagem, elas são necessárias para que seus sofrimentos existam em seu corpo, nas marcas e nos seus ferimentos, permanecendo em suas lamentações. É com o vigor de seus lamentos e queixas, que se assemelham a refrões, que a ideia *fixa* da virtude se prolonga no espaço da confissão e que os sofrimentos impressos no seu corpo ganham a ênfase do argumento.

Confissão, aliás, que deve ser posta ao lado de *As confissões*, de Jean-Jacques Rousseau, para que o efeito de contraste sadiano seja evidenciado. Enquanto em Rousseau o conjunto dessas confissões forma um retrato do homem pintado a partir da natureza e em toda a sua verdade,¹⁶ Sade faz de *Justine* uma das forças antinaturais em um embate com a Natureza. Esse é o seu caráter que atinge os limites da representação. Como está escrito brevemente na dedicatória à sua “boa amiga”, o Vício triunfa sobre a Virtude enquanto Justine erra de desventura em desventura. Um ponto de convergência talvez seja o que mantém o fôlego da personagem de Sade. Se Rousseau primou pela honra da sua memória, os relatos de Justine conferem certa unidade formal às suas desventuras, pelo menos para expor os flagelos sobre seu corpo.

Mesmo sendo frágil, Justine é flexível, seu corpo enfrenta as mais diversas situações, ele é suspenso, passa por todo um maquinário sexual que – ao contrário da guilhotina em voga na época de Sade, que simplifica a execução em um só golpe – explora os líquidos, os orifícios, as temperaturas, enfim, as partes lubrificadas do corpo, abrangendo até mesmo o sangue, como acontece no castelo de Sr. de Gernande, onde Justine é sangrada para dar prazer a esse senhor, além de conhecer o procedimento ao qual ele expunha sua mulher. Graças à ideia fixa da virtude, as desventuras de Justine envolvem *falsas* acusações, participação *involuntária* em assaltos, fugas de cárceres particulares, agressões, violações, além outros sequestros, infanticídios, assassinatos e acidentes, como um incêndio em um hotel. Dessas desventuras, a flexibilidade que mantém seu corpo desejável à depravação permite que ela resista a todas essas provas que lhe são aferidas.

Por não haver condições materiais favoráveis à existência e, por

desejar uma vida virtuosa, Justine está sempre à mercê dos mais poderosos. Enquanto segue na dependência dos mais fortes ou influentes, ela é esmagada por quem lhe assiste. Como ela busca a virtude, Justine é sempre considerada culpada, e todo o seu esforço está em provar sua inocência. Em relação à representação literária, Justine é um personagem antisadiano ao mesmo tempo que ousa ser o mais sadiano de todos os seus personagens. É aí que ela se sustenta. No primeiro caso, isso acontece porque Justine tem argumentos que facilitam sua aceitação no mundo do crime. Existe a tentação de vários personagens para que ela se converta, de fato, ao mundo dos crimes e das orgias, até chegar o momento em que ela lhes nega a cumplicidade, quebrando um pacto anteriormente estabelecido. Essa é a *eloquência do tormento*, que faz com que Justine pertença a um ciclo do qual provavelmente jamais sairá com vida.

Justine ocupa um lugar ambíguo. Ela não se adapta às leis dos criminosos, tampouco às normas da vida social, porque seu acesso a esse outro mundo imprimiu fortes marcas em seu corpo. Resta-lhe, então, sofrer dos dois lados, tanto do lado dos criminosos e libertinos quando do lado da religião e das leis, ideal que ela tanto almeja. Nesse sentido, Michel Delon assinala muito bem que em *Justine* existe uma inadequação entre a virtude e a realidade social.¹⁷ Todo o seu relato infeliz para a senhora que lhe escutava atentamente traça o percurso da separação da sua irmã e marca o reencontro com essa própria interlocutora, no caso, Juliette. As duas irmãs se reencontram praticamente irreconhecíveis uma para a outra. Enfim, a irmã intercede pela libertação de Justine e a acolhe na tranquilidade do seu lar. Se Sade concluísse aí o seu romance ele teria se reconciliado com seu século, mas aniquilado um *projeto* literário, se é que devemos assim chamá-lo.

Enquanto as graças reestabeleciam o seu império para uma tão sofrida personagem, finalmente bem acolhida na casa da sua irmã, elas enunciam que tais felicidades são impossíveis de durar. A natureza, por sua vez, encarrega-se de exercer seu papel de força maior que se encaixa tanto na ordem do acidente quanto na do excesso. Assim, após um *capricho* da natureza, o céu torna-se um enigma indecifrável que, nos argumentos de Juliette, não devem ser desvendados e muito menos nos seduzir. O autor de *Justine* se serve desse enigma para esvaziá-lo até iniciar o seu próximo quadro. Enfim, se pudermos extrair do presente romance uma das “lições de Sade”,

ela talvez esteja relacionada a esse enigma da relação do homem com o mundo natural. Por esse raciocínio, deixá-lo para a ciência seria trocá-lo por poucas verdades, do mesmo modo que, relegá-lo ao mundo espiritual, seria perdê-lo para uma construção de sentidos exterior à própria dinâmica social da vida. O que resta, então, é esvaziá-lo pela linguagem pelo viés do esgotamento da retórica e de tudo aquilo que o corpo é capaz de suportar da linguagem verbal – sob a forma de um desafio racional ao *logos* –, fazendo com que ele perca e, ao mesmo tempo, renove seu poder de sedução enquanto seu autor constrói a materialidade ficcional de uma moeda de troca impossível e do corpo inesgotável.

- 1 BATAILLE, Georges. *La littérature et le mal*. Paris: Folio, 1998, p. 88.
- 2 Como consta no prefácio da edição francesa da coleção Imaginaire, da Gallimard, assinado por Noëlle Châtelet. (SADE, D.A.F. *Justine ou les malheurs de la vertu*. Paris: Gallimard, 1981. p. 10), Justine possui três versões: *Les infortunes de la vertu* (1787), a presente edição *Justine ou les Malheurs de la vertu* (1791) e *La nouvelle Justine ou les Malheurs de la vertu, suivie de l'histoire de Juliette, sa sœur* (1799).
- 3 MARTY, Éric. *Pourquoi le XX^{ème} siècle a-t-il pris Sade au sérieux?* Paris: Seuil, 2011. p. 48.
- 4 MARTY, Éric. *Pourquoi le XX^{ème} siècle a-t-il pris Sade au sérieux?* Paris: Seuil, 2011. p. 48-50.
- 5 Jacques Lacan, em um texto que serviria de prefácio de *A filosofia na alcova*, intitulado “Kant avec Sade” (Kant com Sade), faz uma breve homenagem à elevação de um tema que atravessa o século XIX que seria “a alegria no mal”, do qual Sade seria um primeiro passo subversivo. LACAN, Jacques. “Kant avec Sade”. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966. p. 765-790.
- 6 ARASSE, Daniel. *La guillotine et l'imaginaire de la terreur*. Paris: Flammarion, 1992.
- 7 LEVER, Maurice. *Donatien Alphonse François, marquis de Sade*. Paris: Fayard, 1991. p. 503. Agradeço vivamente à Clara Castro por ter sugerido essa passagem.
- 8 FEDIDA, Pierre. « un érotisme de tête ». in SADE, D.A.F. *Voyage d'Italie*. Paris: Tchou, 1967. p. 621.
- 9 SADE, D.A.F. *Voyage d'Italie*. Paris: Tchou, 1967. p. 275.
- 10 Michel Delon precisa esse aspecto na introdução do primeiro volume das *Œuvres Complètes* de Sade. SADE. *Œuvres complètes* I. Paris: Gallimard, 1990. p. IX. A formulação precisa é a seguinte: “Sade e sua obra deram lugar a um nome comum, o *sadismo*”.
- 11 SADE, Donatien Alphonse François. “Idée sur les romans”. in *Œuvres complètes*. Paris: Jean-Jacques Pauvert, t. 10, p. 74. Citado em *Sade, a felicidade libertina*, de Eliane Robert Moraes.
- 12 MORAES, Eliane Robert. *Sade, a felicidade libertina*. São Paulo: Iluminuras, 2015. p. 38.
- 13 NIETZSCHE, Friedrich. *Humain, trop humain*. Un livre pour les esprits libres. Paris: Gallimard, 1987. p. 83.
- 14 LACAN, Jacques. “Kant avec Sade”. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966. p. 765.
- 15 CHÂTELET, Noëlle. “Préface”. *Justine ou les infortunes de la Vertu*. Paris: Gallimard, 2005. p. 23.
- 16 ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Confessions et autres textes autobiographiques*. Paris: Gallimard, 1961. p. 3.
- 17 DELON, Michel. “Préface”. SADE, Donatien Alphonse François. *Œuvres complètes* II. Paris: Gallimard, 1995. p. X.

JUSTINE *ou os tormentos da virtude*

À minha grande amiga

Sim, Constance, é a ti que dedico esta obra; ao mesmo tempo exemplo e glória de teu sexo, reunindo à mais sensível das almas o mais justo e iluminado espírito; somente a ti cabe conhecer a doçura das lágrimas que a desventurada Virtude faz correr. Conhecendo teu ódio pelos sofismas da libertinagem e da irreligião, e tua incessante recusa por meio de ações e discursos, não temo absolutamente por ti aqueles que, nestas memórias, necessitaram do gênero de personagens apresentados; o cinismo de certos esboços (mesmo que suavizados, na medida do possível) não mais irá te assustar; é o Vício que, lamentando-se por ser revelado, grita escandalosamente tão logo é atacado. O processo de Tartufo foi realizado por devotos; o de Justine será a obra dos libertinos. Pouco me preocupo com eles: meus motivos, se revelados para ti, não serão recusados; tua opinião é suficiente para minha glória, e devo, depois de satisfazer-te, ou agradar a todos ou consolar-me com todas as censuras.

O projeto deste romance (não tão romance quanto se acreditava) é, sem dúvida, novo; a ascendência da Virtude sobre o Vício, a recompensa do bem, a punição do mal, eis o curso habitual de todas as obras dessa natureza; como se esse assunto já não houvesse sido suficientemente debatido.

Mas sempre mostrar o Vício triunfante e a Virtude vítima de seus sacrifícios; apresentar uma infeliz errando de desventura em desventura; joguete da perversidade; alvo de todas as devassidões; exposta aos gostos mais bárbaros e monstruosos; aturdida com os mais audaciosos e singulares sofismas; presa das mais hábeis formas de sedução; das mais irresistíveis subordinações; dispondo, para opor-se a tantos reveses e flagelos, e afastar tantas corrupções, apenas de uma alma sensível, um

espírito natural e cheio de coragem; em resumo, arriscar as descrições mais audaciosas, as situações mais extraordinárias, as sentenças mais assustadoras, as pinceladas mais enérgicas, com o único objetivo de subtrair de tudo isso uma das mais sublimes lições de moral que o homem já recebeu: isso significa, convenhamos, voltar ao propósito inicial por um caminho pouco explorado até hoje.

Terei conseguido, Constance? Uma lágrima tua determinará meu triunfo? Depois de ter lido Justine, excluirás, simplesmente: “Ó, como esses quadros do Crime me deixam orgulhosa por amar a Virtude! Como ela é sublime em teu pranto! Como as desventuras a embelezam!”?

Ó Constance! Que essas palavras venham de ti, e meus trabalhos estarão coroados.

Primeira parte

A grande obra da filosofia seria desenvolver meios de que a Providência se serve para alcançar os fins que ela se propõe a respeito do homem, e traçar, a partir daí, planos de conduta que ensinem a esse indivíduo bípede e desafortunado a maneira como deve seguir no caminho espinhoso da vida, a fim de prever os caprichos bizarros dessa fatalidade, à qual se dá vinte nomes diferentes sem, com isso, conseguir conhecê-la ou defini-la de fato.

Se, apesar de todo o respeito pelas nossas convenções sociais, e sem nunca nos distanciarmos das barreiras que elas nos impõem, acontecer de encontrarmos apenas espinheiros, enquanto os perversos estão sempre a colher rosas, as pessoas desprovidas de um fundo de virtudes suficientemente sólido para se colocar acima dessas observações não irão, então, considerar que mais vale se deixar levar pela torrente do que resistir a ela? Não irão afirmar que a virtude, por mais bela que seja, torna-se, no entanto, o pior partido quando está demasiado fraca para lutar contra o vício, e que, em um século completamente corrompido, o mais seguro seria fazer como todos os outros? Ou então, um pouco mais instruídas, e abusando das luzes que conquistaram, não irão dizer, assim como o anjo Jesrad, de *Zadig*, que não existe mal do qual o bem não possa nascer, e que por isso elas podem se entregar ao mal, já que este, na realidade, não é senão uma das formas de se produzir o bem? Não irão elas acrescentar que não importa ao plano geral que este ou aquele seja de preferência bom ou mau, que se a desventura persegue a virtude e a prosperidade acompanha o crime, sendo as coisas equivalentes perante a natureza, é infinitamente melhor tomar partido dos perversos que prosperam do dos virtuosos que fracassam? É importante, pois, proteger esses perigosos sofismas de uma falsa filosofia; é essencial demonstrar que os exemplos de uma virtude infeliz, quando apresentados a uma alma corrompida, na qual, entretanto, ainda restam alguns bons princípios, podem certamente conduzir essa alma ao bem, como se, nesse caminho da virtude, lhe fossem reveladas as mais brilhantes palmas e as mais adúladoras recompensas. É, sem dúvida, cruel ter de pintar uma infinidade de desgraças abatendo a mulher doce e sensível que respeita a virtude acima de tudo; e, por outro lado, ter de pintar um afluxo de prosperidades sobre aqueles que arruinam e mortificam essa mesma mulher. Mas se, no entanto, o bem pode nascer dessa conjuntura de fatalidades, seria sensato arrepender-se de tê-las apresentado? Seria preciso incomodar-se por ter estabelecido um fato

que levará o sábio a tirar proveito da tão útil lição da submissão às ordens da Providência, e a advertência fatal de que, com frequência, é para nos trazer de volta a nossos deveres que o Céu golpeia, ao nosso lado, o ser que nos parece ter cumprido melhor os seus?

São esses os sentimentos que orientarão nossos trabalhos, e é em consideração a esses motivos que, ao leitor, pedimos indulgência para com as teorias equivocadas empregadas na boca de muitos de nossos personagens, e pelas situações às vezes demasiado fortes, que, por amor à verdade, fomos obrigados a expor diante de vossos olhos.

A sra. condessa de Lorsche era uma dessas sacerdotisas de Vênus1 cuja fortuna é obra de um lindo rosto e de um mau comportamento, e cujos títulos, por mais pomposos que possam ser, encontram-se apenas nos arquivos de Citera, forjados pela impertinência que os assoma e mantidos pela imbecil credulidade que os oferece: morena, com um belo corpo e olhos de uma singular expressão; essa incredulidade de moda que, por emprestar tempero às paixões, faz com que se busque mais atentamente as mulheres que suspeitamos tê-lo; um pouco má, sem qualquer princípio, não vendo maldade em nada, e, no entanto, sem depravação suficiente para lhe extinguir a sensibilidade do coração; orgulhosa, libertina: assim era a sra. de Lorsche.

Essa mulher recebera, no entanto, a melhor educação: filha de um grande banqueiro de Paris, fora criada com uma irmã chamada Justine, três anos mais jovem do que ela, em um dos mais célebres conventos dessa capital, onde, até a idade de doze e de quinze anos, nenhum conselho, nenhum mestre, nenhum livro, nenhum talento foram recusados às irmãs.

Nessa época fatal para a virtude de duas moças, tudo lhes faltou em apenas um dia: uma terrível falência levou o pai a uma situação tão cruel que ele sucumbiu ao desgosto. Passado um mês, sua mulher o acompanhou ao túmulo. Dois parentes frios e distantes deliberaram o que deveria ser feito com as jovens órfãs; a parte delas de uma herança absorvida pelas dívidas somava cem escudos a cada uma. Como ninguém se preocupou em cuidar das meninas, abriram-lhes a porta do convento, devolveram suas partes do dote e as deixaram livres para fazerem o que bem entendessem.

A sra. de Lorsche, que nessa época se chamava Juliette, e cujo caráter e espírito eram, salvo algumas exceções, tão formados como aos trinta anos, idade que ela atingia no momento da história que vamos contar, parecia sentir apenas o prazer de estar livre, sem

refletir, um instante sequer, sobre os cruéis revezes que romperiam seus elos. Justine, que, como já dissemos, tinha então doze anos, por seu caráter sombrio e melancólico, sentiu muito mais o horror de sua situação. Dotada de uma ternura e de uma surpreendente sensibilidade, ela, no lugar da arte e da perspicácia da irmã, tinha apenas uma ingenuidade e uma pureza que poderiam levá-la a muitas armadilhas. Essa jovem moça de tantas qualidades combinava uma fisionomia doce, absolutamente diferente daquela com a qual a natureza havia presenteado Juliette; o tanto que se via de artifício, manejo, sedução nos traços de uma, admirava-se de pudor, decência e timidez na outra; um ar de virgem, grandes olhos azuis cheios de vida e curiosidade, uma pele deslumbrante, uma silhueta leve e ágil, uma voz melodiosa, dentes de marfim e os mais lindos cabelos loiros, eis o esboço dessa caçula encantadora, de quem as ingênuas graças e os traços delicados estão muito além de nossos pincéis ilustrativos.

Deram vinte e quatro horas a cada uma para deixar o convento, e o encargo de se sustentarem com os cem escudos onde lhes parecesse melhor. Juliette, encantada por ser a tutora, quis por um momento enxugar os prantos de Justine; depois, percebendo que não teria êxito, passou a repreendê-la ao invés de consolá-la. Reprovou sua sensibilidade e, com uma filosofia muito avançada para a idade que tinha, disse-lhe que neste mundo elas deveriam se afligir apenas com o que seria capaz de causar danos pessoais; que era possível encontrar dentro de si sensações físicas de uma volúpia suficientemente mordaz para apagar todas as afeições morais cujo golpe poderia ser doloroso; que esse procedimento mostrava-se muito importante para ser posto em prática porque a verdadeira sabedoria consistia mais em redobrar a soma dos prazeres do que multiplicar a dos sofrimentos; e que, resumindo, não havia nada que não pudesse ser feito para enfraquecer dentro de si essa sensibilidade traiçoeira da qual só os outros se aproveitavam, já que a nós só traz desgosto. Mas é difícil endurecer um coração, pois ele resiste às razões de uma cabeça ruim e seus prazeres o consolam dos falsos brilhantes da pretensão.

Juliette, então, lançando mão de outros recursos, disse à irmã que, com a idade e o rosto que tinham, era impossível que morressem de fome. Ela citou a filha de uma de suas vizinhas, que, tendo fugido da casa dos pais, hoje estava rica e confortavelmente instalada, sem dúvida muito mais feliz do que se tivesse continuado no seio da família. Lembrou que ela não deveria se enganar, acreditando que o

motivo da felicidade de uma moça era o casamento; que, seduzida pelas leis do himeneu, ela teria, com muita propensão para o sofrimento, apenas uma pequena dose de prazeres a esperar; enquanto, uma vez entregues à libertinagem, elas sempre poderiam ou se garantir com o humor dos amantes, ou se consolar com a quantidade deles.

Justine ficou horrorizada diante desses discursos; anunciou que preferia a morte à ignomínia, e, percebendo a irmã determinada a assumir um comportamento que lhe causava medo, recusou enfaticamente os seus pedidos para que morassem juntas.

Assim, com intenções tão diferentes, as duas jovens se separaram, sem nenhuma promessa de tornarem a se ver. Será que Juliette, que pretendia se tornar uma grande dama, iria consentir em receber uma garotinha cujas virtuosas, embora baixas, inclinações seriam capazes de desonrá-la? E, por sua vez, estaria Justine interessada em arriscar seus valores perante a sociedade por uma criatura perversa, que se tornaria vítima da canalhice e da devassidão pública? Isso posto, as duas irmãs se despediram com um eterno adeus e deixaram o convento logo no dia seguinte.

Justine, mimada desde a infância pela costureira da mãe, acredita que essa mulher será sensível à sua desgraça; ela vai encontrá-la, colocá-la a par de seus infortúnios e lhe pede trabalho... Quase não a reconhecem e é mandada embora com duras palavras.

— Ó céus! — exclamou aquela pobre criatura. — Por que meus primeiros passos no mundo são tão marcados pelos desgostos? Antes essa mulher gostava de mim, por que hoje ela me rejeita? Ai de mim! Só porque sou órfã e pobre, porque não me sobrou qualquer recurso e porque as pessoas são estimadas apenas pelos amparos e diversões que elas podem nos oferecer.

Aos prantos, Justine vai procurar o padre; descreve-lhe seu estado com a enérgica candura de sua idade... Ela usava um vestidinho branco colado ao corpo; seus belos cabelos estavam presos negligentemente sob um grande gorro; seu pescoço quase não aparecia, coberto por duas ou três dobras de um tecido fino; sua linda pele estava levemente pálida devido às preocupações que a afligiam; e algumas lágrimas escorriam de seus olhos emprestando-lhes ainda mais expressão.

— Podeis2 me ver, senhor — disse Justine ao santo eclesiástico. — Sim, me vedes em uma situação bem aflitiva para uma moça jovem;

perdi meu pai e minha mãe... O Céu os tirou de mim na idade em que eu mais precisava deles... Morreram completamente arruinados, senhor; não nos sobrou nada... Isto é tudo o que eles me deixaram — continuou ela, mostrando seus doze luíses. — Nem um cantinho onde eu possa descansar minha pobre cabeça... Tereis piedade de mim, não é, senhor? Sois vós, senhor, o ministro da religião, e a religião sempre foi a maior virtude de meu coração. Dizei-me, como um segundo pai, em nome desse Deus que tanto adoro e de quem sois filho, o que devo fazer... Como devo ser?

O caridoso padre, cobiçando Justine, respondeu que a paróquia estava muito *sobrecarregada*, e que dificilmente poderia *cuidar* de outras caridades, mas que se Justine quisesse servi-lo, que se quisesse fazer o *trabalho pesado*, sempre haveria um pedaço de pão para ela na cozinha. E como ao dizer isso o intérprete dos deuses passou a mão em seu queixo, beijando-o de modo demasiado mundano para um homem da Igreja, Justine, que o compreendera muito bem, empurrou-o, dizendo:

— Senhor, não vos peço esmolas, nem trabalho de criada; há muito pouco tempo saí de uma posição muito acima desta para que possa desejar essas duas graças, reduzindo-me a implorá-las; o que vos peço são os conselhos que minha juventude e minhas desventuras necessitam, e estais cobrando um preço muito alto por elas.

O pastor, envergonhado por ter sido desmascarado, pôs imediatamente aquela pequena criatura a correr, e a infeliz Justine, duas vezes rejeitada no primeiro dia em que foi condenada ao *isolamento*, entra em uma casa que ostenta um cartaz, aluga um pequeno cômodo mobiliado no quinto andar, e o deixa pago adiantado. Uma vez instalada aí, ela se entrega às mais amargas lágrimas, porque é sensível e seu pequeno amor-próprio acaba de ser cruelmente comprometido.

Aqui, o leitor nos dará licença de abandoná-la por um tempo para voltar a Juliette e descrever como, a partir da condição simples de onde a vimos sair, e sem contar com mais recursos do que a irmã, ela veio, em quinze anos, a se tornar uma mulher com título, dona de trinta mil libras de renda, de lindas joias, de duas ou três casas, tanto na cidade quanto no campo, e, naquele momento, do coração, da fortuna e da confiança do sr. de Corville, conselheiro de Estado, dono de um imenso crédito e às vésperas de entrar no Ministério. O caminho foi árduo, disso não se tem dúvida; é pela aprendizagem mais

dura e vergonhosa que essas senhoritas traçam os seus percursos; e aquela que hoje se encontra em cama de príncipe talvez ainda traga marcas humilhantes no corpo, resultado da brutalidade dos libertinos, em mãos de quem caíra devido à juventude e à inexperiência.

Ao sair do convento, Juliette foi encontrar uma mulher que havia sido mencionada por uma jovem amiga da vizinhança; pervertida como desejava ser, e pervertida por esta mulher, ela a aborda com sua trouxinha sob os braços; vestia uma sobrecasaca azul bastante desalinhada, tinha os cabelos soltos e o rosto mais lindo do mundo, se for verdade que a certos olhos a indecência pode ter seus encantos. Ela conta sua história àquela mulher, e implora-lhe para que a proteja, assim como fez com sua antiga amiga.

— Quantos anos tens? — perguntou-lhe Duvergier.

— Farei quinze anos em alguns dias, senhora — respondeu Juliette.

— E nunca tiveste nenhum mortal?... — continuou a matrona.

— Ó! Não, senhora, posso jurar-te — replicou Juliette.

— Mas é que, às vezes, nos conventos... — disse a velha. — Um padre confessor, uma religiosa, uma colega... Quero provas seguras.

— Basta apenas que as encontreis — respondeu Juliette, enrubescendo.

E a governanta, munindo-se de um par de óculos, examinou escrupulosamente todas as partes, e disse à jovem:

— Vamos, podes ficar aqui se fores muito obediente aos meus conselhos, se fores disposta e submissa às minhas práticas, se tiveres muito asseio, economia, educação quando em minha presença, diplomacia para com teus companheiros, e artifício para com os homens; antes de dez anos, deixar-te-ei preparada para passar ao terceiro andar com uma cômoda, um biombo e um criado; e a arte que tiveres adquirido comigo será suficiente para que procures todo o resto.

Feitas essas recomendações, Duvergier apodera-se da trouxinha de Juliette; pergunta a ela se não tem dinheiro, e, como esta lhe confessa francamente que tem cem escudos, a querida mamãe os confisca, garantindo à nova pensionista que irá investir aquele pequeno fundo na loteria para ela, mas que, no entanto, uma garotinha não deveria possuir dinheiro:

— É um meio de fazer o mal — disse-lhe ela —, e num século tão corrompido, uma garota inteligente e bem-educada deve ter cuidado com tudo o que pode levá-la a uma armadilha. Estou falando para o

teu bem, minha queridinha — acrescentou a governanta —, e deves ter reconhecimento pelo que faço.

Terminado o sermão, a recém-chegada é apresentada às companheiras; indicam-lhe seu quarto na casa, e a partir do dia seguinte suas primícias vão à venda.

Em quatro meses, a mercadoria é vendida sucessivamente a quase cem pessoas; alguns se contentam com a rosa, outros, mais delicados ou depravados (já que nesse caso a questão ainda não está resolvida), querem desabrochar o botão que floresce ao lado. A cada vez, Duvergier aperta, reajusta, e durante quatro meses são sempre primícias o que aquela ladina oferece ao público. Ao cabo desse penoso noviciado, Juliette finalmente obtém o título de sórora conversã; a partir daí, ela é reconhecida como a moça da casa, e, então, passa a compartilhar os sofrimentos e os prazeres. Outro aprendizado: se na primeira escola, não muito distante, Juliette serviu a natureza, na segunda, ela esquece suas regras; uma vez nesta, seus valores são completamente corrompidos. O triunfo que ela vê o vício conquistar destrói totalmente sua alma; ela sente que, nascida para o crime, pode ir muito além, renunciando a definhando em uma condição subalterna que, levando-a a cometer os mesmos erros e aviltando-a do mesmo modo, não lhe traz, nem de longe, algum proveito. Ela agrada a um senhor idoso e muito depravado que, a princípio, a tem como companhia simplesmente por ser a novidade do momento; Juliette tem a arte de se deixar cuidar de forma magnífica, ela faz aparições em espetáculos, em passeios públicos, ao lado da alta corte da ordem de Citera. É observada, citada, desejada, e a elegante criatura sabe se portar tão bem que em menos de quatro anos arruína seis homens, dos quais o mais pobre era dono de cem mil escudos de renda. Não precisava de nada além disso para construir sua reputação; chega a ser tão grande a cegueira do mundo que quanto mais uma dessas criaturas tenha provado sua desonestidade, mais se tem vontade de constar em sua lista, como se o grau de vileza e de corrupção se tornasse a medida dos sentimentos que se pretende ostentar por ela.

Juliette acabava de completar seus vinte anos quando um certo conde de Lorsange, fidalgo angevino, quarentão, encontrou-se de tal forma apaixonado por ela que decidiu dar-lhe seu nome: reconheceu a ela doze milhões de libras, garantindo-lhe o restante de sua fortuna se por acaso viesse a morrer antes dela; deu-lhe uma casa, empregados, um fiacre, e um tipo de consideração no mundo que em dois ou três

anos a fizeram esquecer suas origens.

Foi aí que a infeliz Juliette, abandonando seus sentimentos da infância e sua boa educação no mundo, pervertida por conselhos maliciosos e livros perigosos, apressada em desfrutar sozinha da propriedade, de possuir um nome e não se prender a vínculos, entregou-se à ideia de abreviar os dias do marido. Tendo concebido esse odioso projeto, ela passou a aperfeiçoá-lo; consolidou-o, infelizmente, nesses momentos perigosos em que o físico se inflama com os enganos da moral; instantes em que se recusa cada vez menos, pois nada se opõe à irregularidade dos anseios ou à impetuosidade dos desejos, e a voluptuosidade recebida existe apenas em nome da quantidade de obstáculos destruídos ou da santidade deles. Uma vez dissipado o sonho, se as pessoas voltassem a ser sensatas, o inconveniente seria insignificante, é isso o que acontece com os enganos da razão; sabe-se muito bem que eles não ofendem a ninguém, mas sempre se vai além, infelizmente. Como seria, atrevemo-nos a perguntar, a realização dessa ideia, um vez que só de imaginá-la já nos exaltamos, já nos emocionamos tão intensamente? Vivifica-se a maldita quimera e sua existência é um crime.

A sra. de Lorsange executou o crime, felizmente para ela, de forma tão discreta que acabou se protegendo de toda e qualquer perseguição, e enterrou, com seu esposo, os traços do crime atroz que o precipitou ao caixão.

Encontrando-se livre e então condessa, a sra. de Lorsange retomou seus antigos hábitos; acreditando, porém, ser alguma coisa no mundo, acrescentou à sua conduta um pouco menos de indecência. Não era mais uma moça sustentada, mas uma rica viúva que oferecia lindas ceias, na casa de quem a corte e a cidade ficavam muito agradecidas por serem convidadas; mulher decente e que, apesar disso, *se deitava* por duzentos e se entregava por quinhentos luíses por mês.

Até os vinte e seis anos, a sra. de Lorsange ainda fez brilhantes conquistas; arruinou três embaixadores estrangeiros, quatro nobres fazendeiros, dois bispos, um cardeal e três cavaleiros das Ordens do rei; mas, como é muito raro deter-se após um primeiro delito, sobretudo quando foi bem-sucedido, a infeliz Juliette se manchou com dois novos crimes semelhantes ao primeiro: um para roubar um de seus amantes que lhe havia confiado uma considerável quantia, ignorada pela sua família, e que a sra. de Lorsange pôde esconder por meio dessa terrível ação; o outro, por ter adiantado uma herança de

cem mil francos que um de seus adoradores lhe oferecia em nome de um terceiro, encarregado de lhe devolver a quantia após sua morte. A esses horrores, a sra. de Lorsange acrescentou três ou quatro infanticídios. O receio de estragar seu belo corpo, o desejo de esconder uma dupla intriga, tudo a levou a tomar a resolução de asfixiar em seu ventre a prova dessas devassidões; tais crimes, ignorados como os outros, não impediram essa mulher hábil e audaciosa de encontrar novos tolos, diariamente.

Então é verdade que a prosperidade pode acompanhar a pior conduta, e que até mesmo em meio à desordem e à corrupção, tudo o que os homens chamam de felicidade pode se difundir sobre a vida; e que o exemplo do mal perseguidos incessante da virtude que logo iremos oferecer não atormente por completo as pessoas honestas. Essa beatitude do crime é enganosa e apenas aparente; independente da punição, com certeza reservada pela Providência àqueles que conquistaram seus êxitos, não estarão eles alimentando no fundo de suas almas um verme que, corroendo-os ininterruptamente, os impede de desfrutar desses falsos esplendores, e deposita em sua alma, em vez de delícias, apenas a lembrança dilacerante dos crimes que os levaram a chegar onde estão? A respeito do infortunado que se sente perseguido, ele tem seu coração como consolo, e os prazeres íntimos que lhe proporcionam suas virtudes logo o desagravam da injustiça dos homens.

Era essa, então, a situação dos negócios da sra. de Lorsange quando o sr. de Corville, de cinquenta anos de idade, gozando do crédito e da consideração que descrevemos acima, resolveu se sacrificar inteiramente por essa mulher para prendê-la para sempre a ele. Seja por atenção, seja por método, seja pela política da sra. de Lorsange, ele conquistou o que queria e havia quatro anos vivia com ela como sua esposa legítima, quando a aquisição de magníficas terras próximas à Montargis os obrigou a passar uma temporada na província.

Certa noite, em que a beleza do tempo fez com que avançassem o passeio até Montargis, sentiram-se demasiado cansados para arriscar a volta da mesma forma que haviam ido e decidiram parar em um albergue onde uma charrete de Lyon faz ponto, com a ideia de enviar um homem a cavalo para lhes chamar uma charrete. Descansavam nessa casa em uma sala baixa e fresca, que dava para o pátio, quando, no hotel, chegou a charrete que acabamos de mencionar.

É uma diversão muito natural observar as pessoas que descem de

uma charrete; pode-se adivinhar o tipo de personagem que ali se encontra, e se prevemos uma prostituta, um oficial, alguns padres e um monge, é quase sempre certo acertarmos. A sra. de Lorsange se levanta, o sr. de Corville a acompanha, e ambos se distraem ao ver entrar no albergue, aos solavancos, um grupo. Parecia não haver mais ninguém no veículo quando um cavaleiro da polícia, saindo de um cesto, recebeu em seus braços, de um de seus camaradas posicionado no mesmo local, uma moça de uns vinte e seis a vinte e sete anos, vestida com uma blusinha indiana e coberta até os olhos com um grande manto de tafetá preto. Ela estava amarrada como uma criminosa, e parecia tão fraca que teria caído se os guardas não a tivessem segurado. Com o grito de surpresa e de horror que a sra. de Lorsange deixa escapar, a jovem moça se vira e deixa ver, junto com o corpo mais lindo do mundo, o mais nobre, encantador e interessante rosto, enfim, todo o charme da sedução, que se tornava mil vezes mais provocante devido à aflição terna e sensível que a inocência confere aos traços da beleza.

O sr. de Corville e sua amante não puderam evitar o interesse pela moça miserável. Eles se aproximam, perguntam a um dos guardas o que aconteceu com aquela infeliz.

— Está sendo acusada de três crimes — responde o cavaleiro. — Assassinato, roubo e incêndio; mas posso vos assegurar que é a primeira vez que eu e meu camarada conduzimos com tanta relutância um criminoso. Trata-se de uma criatura muito doce e parece ser muito honesta.

— Ah! — disse o sr. de Corville. — Não pode ter acontecido alguma dessas aberrações ordinárias cometidas pelos tribunais inferiores?... E onde aconteceu o delito?

— Em um albergue, a algumas léguas de Lyon; foi em Lyon que a julgaram. Como costuma acontecer nesses casos, ela vai a Paris para a confirmação de sua sentença e volta para ser executada em Lyon.

A sra. de Lorsange, que não se aproximara mas escutava a narrativa, confessou em voz baixa ao sr. de Corville que tinha vontade de escutar da boca daquela moça a história de suas desgraças, e o sr. de Corville, que compartilhava do mesmo desejo, comunicou a ideia aos dois guardas, apresentando-se a eles. Estes, pareceram não se opor, e ficou decidido que deveriam passar a noite em Montargis; pediram um apartamento confortável; e o sr. de Corville respondeu pela prisioneira, que foi desamarrada. Quando lhe deram do que

comer, a sra. de Lorsange, que não podia evitar de ter por ela o mais vivo interesse, certamente pensava consigo: “Essa criatura, talvez inocente, está recebendo os tratos de uma criminosa enquanto tudo ao meu redor prospera...” A sra. de Lorsange, como eu dizia, vendo aquela pobre moça um pouco revigorada, um pouco consolada pelos carinhos que todos se apressavam em lhe dedicar, provocou-a a contar por que tipo de acontecimento, com uma fisionomia tão meiga como a que tinha, ela se encontrava em tão funesta situação.

— Contar a história de minha vida, senhora — disse a bela desafortunada, dirigindo-se à condessa —, seria contar a mais chocante das desventuras da inocência, seria acusar a mão do Céu, seria se queixar das vontades do Ser Supremo, seria uma espécie de revolta contra Suas intenções sagradas... Não me atrevo a tanto...

Então as lágrimas correram abundantemente dos olhos daquela interessante moça, e, depois de ter se entregado por um instante ao pranto, ela iniciou seu relato nos seguintes termos:

— Permitti-me omitir meu nome e minha origem, senhora; ainda que não seja ilustre, ela é honesta, e eu não estava destinada à humilhação à qual me encontrais reduzida. Muito nova, perdi meus pais; acreditei, com o pouco de recurso que me deixaram, poder conseguir um lugar apropriado, e, recusando todos os que não o eram, consumi, sem dar-me conta, em Paris, onde nasci, o pouco de dinheiro que tinha; quanto mais empobrecia, mais eu era menosprezada; quanto mais precisava de apoio, menos tinha esperanças em obtê-lo; mas, de todas as crueldades que experimentei no início de minha infortunada situação, de todos os discursos terríveis que me foram revelados, citarei apenas o que me aconteceu na casa do sr. Dubourg, um dos homens mais ricos e poderosos da capital. A mulher na casa de quem eu me hospedava apresentou-me a ele como a alguém cujos crédito e riquezas poderiam certamente atenuar a severidade de minha sorte. Depois de esperar muito tempo na antecâmara daquele homem, introduziram-me em sua casa; o sr. Dubourg, de uns quarenta anos, acabava de se levantar da cama, enrolado num roupão que mal cobria seu desalinho; apressavam-se em penteá-lo, mas, fazendo com que todos saíssem de perto, ele me perguntou o que eu desejava.

— Ai de mim, senhor! — respondi-lhe, muito confusa. — Sou uma pobre órfã que ainda nem completou catorze anos e já conhece todas as nuances do infortúnio; imploro vossa comiseração, tendes piedade de mim, eu vos suplico.

E então passei a lhe contar todos os detalhes dos meus males, a dificuldade em encontrar um lugar, talvez até mesmo o pouco de dor que eu sentia ao procurar esse lugar, já que não tinha nascido para isso, a desventura que sofri durante todo esse tempo por ter de usar o pouco do dinheiro que tinha... A falta de ocupação, a esperança em encontrar meios que me facilitassem a vida; enfim, tudo aquilo que dita a eloquência da infelicidade, sempre rápida em uma alma sensível, sempre combatendo a opulência... Depois de ter me escutado com muita distração, o sr. Dubourg perguntou-me se eu sempre me comportara corretamente.

— Eu não seria tão pobre nem teria tantos problemas, senhor se tivesse deixado de portar-me bem — respondi.

— Mas — respondeu-me o sr. Dubourg, referindo-se a isso —, em troca de que queres que os ricos te ajudem, se não tendes serventia alguma?

— A que tipo de serviço vós vos referis, senhor? — respondi. — Desejo apenas ajudar aqueles a quem minha decência e minha idade permitirem satisfazer.

— Os serviços de uma menina como vós são muito pouco úteis em uma casa — respondeu-me o sr. Dubourg. — Não tendes nem a idade nem a aparência para o trabalho a que almejas. Farias melhor se vos esforçai em agradar aos homens, tentando procurar alguém que cuide de ti; essa virtude para a qual fazes tanto alarde não serve para nada neste mundo; ajoelhas o quanto quiseses aos pés de teus altares, que teu vão incenso não dará a ti de comer. A coisa que menos agrada aos homens, aquela da qual eles não fazem a menor questão, o que eles desprezam tão enfaticamente, é a sabedoria de teu sexo; por aqui, minha filha, estimamos apenas o que nos traz recompensa ou prazer; e que vantagem a virtude das mulheres poderia ter? São os teus desregramentos que nos servem e nos divertem; sua castidade, porém, não poderia nos interessar menos. Em suma, quando as pessoas da nossa classe fazem doações, é apenas para ter algo em troca; do contrário, como uma garotinha como tu poderias reconhecer aquilo que está sendo feito por ti, senão pelo abandono de tudo que se exige de teu corpo?

— Ó Senhor — respondi com o coração apertado por suspiros —, não existe mais honestidade nem generosidade entre os homens?

— Muito pouco — retrucou o sr. Dubourg —, fala-se tanto desses sentimentos, como queres que eles ainda existam? Abandonamos essa

mania de agradar gratuitamente os outros; reconhecemos que os prazeres da caridade não passavam de deleites do orgulho, e, como nada tenha sido tão rapidamente extinguido, optamos por sensações mais reais; vimos que com uma criança como tu, por exemplo, seria infinitamente melhor desfrutar antecipadamente de todos os prazeres que a luxúria pode oferecer, do que daqueles prazeres frios e fúteis de consolá-la gratuitamente; a reputação de um homem liberal, caridoso, generoso, não vale, no instante mesmo do auge da situação, o mais leve prazer dos sentidos.

— Ó senhor, com esse tipo de princípio, o desafortunado deve perecer!

— Não importa; existem mais súditos na França do que o necessário; desde que a máquina mantenha sua elasticidade, que diferença faz ao Estado a quantidade de indivíduos que a pressiona?

— Mas acrediteis, senhor, que os filhos irão respeitar os pais, uma vez que são tão maltratados por eles?

— De que serve a um pai o amor dos filhos que o incomodam?

— Teria sido melhor se nos tivessem sufocado no berço!

— Certamente, trata-se de um costume em vários países; era uma prática entre os gregos; é o que fazem os chineses: lá, as crianças desafortunadas são ou abandonadas ou mortas. Para que deixar viver essas criaturas que, sem contar com a ajuda de seus pais, ou por estarem privadas ou por não serem reconhecidas, só irão sobrecarregar o Estado com uma provisão a mais dentre tantas outras? Os bastardos, os órfãos, as crianças malformadas são condenadas à morte desde o nascimento; os primeiros e os segundos, por não terem quem queira ou possa cuidar deles, acabam por desonrar a sociedade com uma escória que forçosamente se lhe tornará funesta um dia; e os outros, por não poderem lhe servir de nenhuma utilidade; tanto uma quanto a outra classe são para a sociedade como essas excrescências de carnes, que, alimentando-se da seiva dos membros sãos, os degradam e os enfraquecem, ou, se preferir, como esses vegetais parasitas, que, ligando-se às boas plantas, as deterioram e as corroem, enquanto vão se adaptando ao seu líquido nutritivo. São abusos gritantes essas esmolas destinadas a alimentar tal infâmia, essas casas tão ricamente construídas para eles, como se a espécie humana fosse rara, de tal forma preciosa que fosse preciso conservar dela até a mais vil porção! Mas deixemos de lado essa política da qual não deves ter nada entendido, minha filha; por que se queixa de tua sorte, quando

depende apenas de ti remediá-la?

— A qual preço, meu bom Céu!

— Ao preço de uma quimera, de uma coisa que só terá o valor que teu orgulho conferir a ela. De resto — prossegue aquele homem bárbaro, levantando-se e abrindo a porta —, isso é tudo o que posso oferecer-te; aceitas ou desapareces; não gosto de mendigos...

Minhas lágrimas rolaram, não pude evitar; acreditaríeis, senhora, que elas irritaram o homem ao invés de enternecê-lo. Ele fecha a porta, segurando-me pela gola do vestido, e diz-me com brutalidade que vai obrigar-me a fazer o que não pretendo conceder de bom grado. Naquele instante cruel, minha desgraça me empresta coragem; livro-me de suas mãos e atiro-me em direção à porta:

— Homem odioso — disse-lhe, fugindo —, que o Céu, tão gravemente por vos ofendido, possa um dia vos punir, como o mereceis, por vossa execrável rigidez. Não sois digno nem dessas riquezas das quais fazeis um uso tão vil nem do próprio ar que respirais em um mundo contaminado por vossas barbáries.

Apressava-me para contar à minha locadora a recepção da pessoa a quem ela me havia enviado; mas qual foi minha surpresa em ver essa miserável cobrir-me de censuras em vez de compartilhar comigo minha dor.

— Criatura insignificante — disse-me ela, furiosa —, pensas que os homens são tolos o suficiente para dar esmolas a garotinhas como tu sem pedir algo em troca? O sr. Dubourg é demasiado bom por ter agido desse modo; no lugar dele eu não teria te deixado sair de minha casa sem antes me satisfazer. Mas, já que não podes aproveitar dos meios que te ofereço, arranja-te como puderes; tu me deves dinheiro; ou me pagas amanhã, ou encontrarás a prisão.

— Senhora, tendes piedade...

— Sim, sim, piedade... Morre-se de fome por causa da piedade.

— Mas como quereis que eu faça?

— Deves voltar à casa do sr. Dubourg; deves satisfazê-lo e trazer-me o dinheiro; eu o encontrarei e o deixarei avisado; tentarei reparar as besteiras que fizestes; me desculparei em teu lugar, mas tenta se comportar melhor.

Envergonhada, desesperada, sem saber que partido tomar, vendome duramente rejeitada por todos, quase sem recurso algum, disse à sra. Desroches (assim se chamava a mulher que me hospedava) que eu estava decidida a fazer de tudo para satisfazê-la. Ela foi até o

financista e disse-me, ao voltar, que o encontrara muito irritado; que não tinha sido fácil convencê-lo a se posicionar a meu favor; que, à força de súplicas, acabara conseguindo persuadi-lo a me rever no dia seguinte pela manhã, mas que eu deveria ser cautelosa em minha conduta, porque, caso o contrariasse outra vez, ele mesmo se encarregaria de aprisionar-me por toda a vida.

Cheguei muito emocionada. O sr. Dubourg estava só, em um estado ainda mais indecente do que na véspera. A brutalidade, a libertinagem, todas as características da devassidão iluminavam-se em seu olhar dissimulado.

— Agradecei a Desroches — disse-me ele com dureza — por eu ter me disposto, a favor dela, a te oferecer por um instante minha indulgência; deves sentir como és indigna depois de tua conduta de ontem. Despe-te, e se ainda demonstrares a mais ínfima resistência aos meus desejos, dois homens aguardam na sala de espera para te conduzir a um local de onde não sairás com vida.

— Ó senhor! — disse eu, em prantos, precipitando-me aos joelhos daquele homem bárbaro. — Tentai compreender, eu vos suplico; sede um pouco generoso para socorrer-me, sem pedir de mim o que me custa tanto; prefiro oferecer-vos minha vida a ter que submeter-me a isso... Sim, prefiro mil vezes morrer do que infringir os princípios recebidos na infância... Senhor, senhor, não me pressioneis, eu vos suplico; podeis conceber a felicidade em meio a tristezas e lágrimas? Atrevei-vos a imaginar o prazer onde só há repugnância? Logo após terdes consumado vosso crime, o espetáculo de meu desespero vos aniquilará de remorso.

Mas as infâmias às quais o sr. Dubourg se entregava impediram-me de continuar; como eu poderia ter me julgado capaz de enternecer um homem que via já em minha própria dor um veículo suplementar para suas terríveis paixões? Podeis imaginá-lo, senhora, inflamando-se com o tom grave de minhas queixas, saboreando-as com tanta desumanidade? O indigno continuava disposto a suas tentativas criminosas! Ele se levanta, finalmente, revelando-se a mim em um estado em que a razão raramente pode triunfar, e a resistência do objeto que a faz perder não passa de um alimento a mais ao delírio; ele me segura com brutalidade e, impetuosamente, retira os véus que cobrem o que o leva a se inflamar de gozo; ora ele me insulta, ora ele me agrada... ele me maltrata e me acarinha... Ó, que cena, meu Deus! Que combinação espantosa de crueldade... e de luxúria! Parecia que o

Ser Supremo, com essa primeira circunstância de minha vida, quis imprimir-me para sempre todo o horror que eu deveria ter por aquele tipo de crime de onde deveria nascer a afluência dos males que me ameaçavam. Mas eu deveria então me queixar? Não, sem dúvida; devo a esses excessos minha salvação; se houvesse menos devassidão, eu seria uma moça desonrada; o fogo de Dubourg apagou-se na efervescência de seus projetos, o Céu vingou-me das ofensas a que o monstro estava prestes a se entregar, e a perda de suas forças, antes do sacrifício, poupou-me de ser sua vítima.

Dubourg tornou-se apenas mais insolente; acusou-me dos enganos de sua fraqueza, e quis repará-los com novos ultrajes e invectivas ainda mais mortificantes; não havia nada que ele me dissesse, nada que não tentasse, nada que sua pérfida imaginação, que a dureza de seu caráter e a depravação de seus hábitos não o fizessem empreender. Minha falta de habilidade deixou-o impaciente; eu estava longe de querer agir, já era demasiado ter de me prestar àquela situação e meus remorsos não se apagaram com isso... Nada funcionava, no entanto, minha submissão não o deixava mais excitado; ele passou sucessivamente da ternura à seriedade... da escravidão à tirania... da aparência decente ao excesso de canalhice; e encontramos-nos irritados um com o outro, sem que ele soubesse, felizmente, o que deveria fazer para me despejar ataques mais ameaçadores. Ele abandonou essa ideia e fez-me prometer encontrá-lo no dia seguinte; para provocar ainda mais minha determinação, fez questão de entregar-me somente a soma de dinheiro que eu devia a Desroches. Então, voltei à casa dessa mulher, bastante humilhada por essa aventura e muito resolvida, sem me importar com o que pudesse me acontecer, a não me expor uma terceira vez. Deixei-a avisada sobre isso ao pagá-la, e despejei maldições sobre o celerado capaz de abusar tão cruelmente de minha miséria. Minhas imprecações, porém, longe de atirar-lhe a cólera de Deus, trouxeram-lhe apenas alegrias; oito dias depois, soube que aquele célebre libertino acabava de receber do governo uma administração que aumentava sua renda em mais de cem mil libras; eu estava absorta em tais reflexões, que inevitavelmente nascem de semelhantes inconsequências do destino, quando um raio de esperança pareceu luzir por um instante diante de meus olhos.

Desroches, certo dia, veio me dizer que finalmente encontrara uma casa onde eu seria recebida com prazer, caso me comportasse bem.

— Ó, graças ao Céu! Senhora — disse-lhe eu, entregando-me a seus

braços —, essa é a condição que eu exigiria, podeis imaginar com que prazer o aceito!

O homem a quem eu iria servir era um famoso usurário de Paris que enriquecera não só emprestando dinheiro a penhores, mas também roubando impunemente o público a cada vez que podia fazê-lo com segurança. Ele morava na rue Quincampoix, no segundo andar, com uma criatura de cinquenta anos que chamava de sua mulher, e que, no mínimo, era tão má quanto ele.

— Thérèse — disse-me o avaro (esse é o nome que eu adotara para esconder o meu verdadeiro) —, Thérèse, a primeira virtude de minha casa é a probidade; se por acaso desviares daqui uma décima parte de uma moeda, farei com que te prendam, ouviste, minha filha? O pouco de diversão de que eu e minha mulher gozamos é fruto de nosso grande trabalho e de nossa perfeita sobriedade... Tu comes muito, minha filha?

— Alguns pedaços de pão por dia, senhor — respondi —, água, e um pouco de sopa, quando tenho a felicidade de recebê-la.

— Sopa! Caramba! Sopa! Veja, minha querida — disse o usurário a sua mulher —, lamenta-se pelo luxo dos pobres; procuram trabalho, morrem de fome durante um ano inteiro e ainda querem sopa; nós mal tomamos sopa aos domingos, nós, que trabalhamos como condenados; terás três pedaços de pão por dia, minha filha, meia garrafa de água do rio, ganharás um vestido velho de minha mulher a cada dezoito meses e três escudos de salário no fim do ano, isso se gostarmos de teu serviço, se tua economia corresponder à nossa, e se, finalmente, fizeres a casa prosperar com ordem e asseio. Teu trabalho é insignificante, vais cumpri-lo em um piscar de olhos; tens de esfregar e limpar este apartamento de seis cômodos três vezes por semana, arrumar nossas camas, atender à porta, limpar minha peruca, pentear minha mulher, cuidar do cachorro e do papagaio, olhar a cozinha e seus utensílios, ajudar minha mulher quando ela estiver preparando algo para comermos, e dedicar quatro ou cinco horas por dia para a roupa de cama, para as roupas íntimas, para as meias, os chapéus e outros pequenos serviços da limpeza. Verás que não é nada, Thérèse; vai te sobrar tempo e poderás empregá-lo como quiseres desde que tenhas juízo, minha filha, desde que sejas discreta, e, principalmente, econômica; isso é o mais importante.

Podeis facilmente imaginar, senhora, o horrível estado em que eu me encontrava para aceitar tal proposta; não era apenas um trabalho

além do que minhas forças podiam suportar, mas como seria possível viver com o que eles me ofereciam? Evitei, no entanto, fazer-me de difícil, e fui instalada na mesma noite.

Se minha cruel situação permitisse que eu vos divertisse por um instante, senhora, quando minha intenção é apenas vos comover, atrever-me-ia a vos relatar alguns casos de avareza dos quais fui testemunha naquela casa; mas ali, era tão terrível a catástrofe que me aguardava a partir do segundo ano, que tenho mais dificuldade em vos fazer deterdes primeiro nos detalhes divertidos do que entreter-vos com minhas desventuras.

Nesse caso sabereis, senhora, que a única luz do apartamento do sr. du Harpin era a que ele aproveitava dos lampiões da rua, localizados, para a sorte dele, em frente ao seu quarto; o casal não usava roupa de cama: a que eu limpava era guardada sem nunca ser tocada; havia, nas duas mangas do casaco do senhor, assim como nas mangas do vestido da senhora, um velho par de punhos costurados por trás do tecido e que eu devia lavar todos os sábados à noite; nenhum lençol, nenhuma toalha, e isso para não ter que lavar a roupa. Nunca se tomava vinho na casa deles, já que a água pura, como dizia a sra. du Harpin, era a bebida natural do homem, a mais saudável e a menos arriscada. Todas as vezes que se cortava o pão, colocava-se um cestinho sob a faca para recolher o que caía: juntavam meticulosamente todas as migalhas das refeições, e esses restos, fritos aos domingos com um pouco de manteiga, formavam a guloseima desses dias de descanso; não era permitido bater as roupas nem os móveis, por medo de desgastá-los, só se podia espaná-los levemente. Os sapatos do senhor, assim como os da senhora, tinham uma sola dupla, de ferro, e eram os mesmos que foram usados no casamento. Mas havia uma prática ainda mais estranha à qual eles me obrigavam uma vez por semana: no apartamento, havia um cômodo enorme, cujas paredes não eram forradas; com uma faca, eu tinha que raspar certa quantidade de gesso daquelas paredes, e, em seguida, devia passá-la em uma peneira fina; o que resultava dessa operação tornava-se o pó de maquiagem com a qual, a cada manhã, eu ornava a peruca do senhor e o penteado da senhora. Ah! Quisera Deus que essas torpezas fossem as únicas às quais essa gente vilã se entregasse! Nada mais natural do que o desejo de conservar os bens, o que não é natural é a vontade de aumentá-los com os bens dos outros. E não demorei muito a perceber que era desse modo como o sr. du Harpin enriquecia.

Vivia, no andar acima de nós, um proprietário muito bem de vida, dono de lindas joias, e cujos bens, fosse pelos comentários da vizinhança, fosse por ter passado pelas mãos de meu patrão, eram-lhe bem conhecidos. Eu sempre o ouvia lamentando com sua mulher a respeito de uma caixa de ouro, de trinta ou quarenta luíses, que ele sem dúvida teria guardado, como ele mesmo dizia, se soubesse se comportar com mais destreza. Para se consolar, finalmente, de ter devolvido essa caixa, o honesto sr. du Harpin planejou roubá-la e fui eu a encarregada da negociação.

Depois de ter me pregado um enorme sermão sobre a indiferença do roubo, e até sobre sua utilidade no mundo, já que restabelecia um tipo de equilíbrio que perturbava completamente a igualdade das riquezas; sobre a raridade das punições, uma vez que estava provado que de cada vinte ladrões nem mesmo dois eram condenados; depois de ter me demonstrado, por meio de uma erudição da qual eu não o teria julgado capaz, que o roubo era uma honra em toda a Grécia, que vários povos ainda o aceitavam, o apoiavam, o recompensavam, como a uma audaciosa ação que, ao mesmo tempo, dá mostras de coragem e de destreza (duas virtudes fundamentais para qualquer nação guerreira); resumindo, depois de ter me exaltado a sua reputação, que me livraria de tudo caso eu fosse descoberta, o sr. du Harpin confiou-me duas chaves falsificadas, das quais uma devia abrir o apartamento do vizinho e a outra sua escrivaninha, onde estava guardada a caixa em questão; ordenou-me repetidas vezes para que eu lhe trouxesse essa caixa, e informou-me de que, para um serviço com tal importância, eu receberia, durante dois anos, um escudo a mais em meu salário.

— Ó Senhor — eu exclamava, tremendo diante da proposta —, como é possível que um patrão se atreva a corromper de tal forma seu próprio criado? O que pode impedir-me de usar contra vós as armas que me pondeis em mãos, e o que teríeis como pretexto se um dia eu quisesse vos transformar em vítima de vossos próprios princípios?

O sr. du Harpin, muito confuso, apoiou-se em um desajeitado subterfúgio: disse-me que o que fazia não passava de um teste para pôr-me à prova, que eu tinha muita sorte em ter resistido às suas propostas... e que eu teria falhado se tivesse sucumbido... Esforcei-me para acreditar nessa mentira, mas logo percebi meu erro em responder com tanta segurança: os malfeitores detestam encontrar resistência naquilo que tentam seduzir; infelizmente, não existe meio-termo a

partir do momento em que já se tem a desgraça de ter aceitado suas propostas: temos então de nos tornar seus cúmplices, o que é perigoso, ou seus inimigos, o que é ainda mais perigoso. Com um pouco mais de experiência, eu teria deixado a casa naquele exato momento, mas já estava escrito no céu que cada um dos meus gestos honestos seria castigado com infortúnios!

O sr. du Harpin deixou transcorrer aproximadamente um mês, ou seja, quase na época em que terminava o segundo ano da minha estadia em sua casa, sem dizer uma palavra sequer, e sem testemunhar o menor ressentimento pela recusa que eu lhe dera, quando, certa noite, ao retirar-me para meu quarto para degustar algumas horas de repouso, escutei a porta abrir-se violentamente e vi, não sem espanto, o sr. du Harpin conduzir um comissário e quatro soldados para perto de minha cama.

— Cumpri vosso dever, senhor — disse ele ao homem da justiça —, essa infeliz roubou-me um diamante de mil escudos; vós o encontrareis no quarto ou escondido com ela.

— Eu? Eu ter-vos roubado, senhor? — disse eu, toda perturbada, saindo da cama. — Eu? Ó céus! Ah! Quem, melhor do que vós, sabeis que isso não é verdade? Quem, a não ser vós, estais cansado de saber o quanto uma ação como essa me repugna e como é impossível que eu a tenha cometido?

Mas o sr. du Harpin, fazendo muito barulho para abafar minhas palavras, continuou ordenando as perseguições, e o maldito anel foi encontrado dentro do meu colchão. Diante de tal prova, eu não tinha o que retrucar; no mesmo instante, fui agarrada, amarrada e levada para a prisão sem poder pronunciar uma única palavra a meu favor.

O julgamento de uma infeliz sem crédito ou proteção transcorre rapidamente em um país onde se acredita que a virtude é incompatível com a miséria, onde o tormento basta como prova contra o acusado; nesse caso, uma injusta prevenção leva a acreditar que aquele que deve ter cometido o crime de fato o cometeu; os sentimentos são medidos pela condição em que se encontra o culpado; e se o ouro ou os títulos não provarem sua inocência, fica então comprovada a impossibilidade de que ele seja inocente.

Esforcei-me em vão para me defender e fornecer os melhores meios para o advogado que me concederam para a ocasião; meu patrão me acusava, o diamante fora encontrado em meu quarto; era evidente que eu o roubara. Quando quis contar o terrível acordo do sr. du Harpin, e

provar que a desventura que abatia sobre mim não passava de fruto de sua vingança, e consequência da vontade que tinha de livrar-se de uma criatura que, por conhecer seu segredo, tornava-se senhora dele, eles julgaram que tais queixas eram acusatórias e contaram-me que, havia vinte anos, sr. du Harpin era conhecido por ser um homem íntegro, incapaz de cometer semelhante atrocidade. Fui transferida para a prisão da Conciergerie, onde me vi prestes a pagar com meus dias a recusa em participar de um crime; eu perecia; apenas um novo delito poderia me salvar: a Providência quis que o crime servisse ao menos uma vez como égide para a virtude, para preservá-la do abismo em que a imbecilidade dos juízes iria arremessá-la.

Eu tinha ao meu lado uma mulher de uns quarenta anos, conhecida tanto por sua beleza quanto pelo tipo e pela diversidade de seus delitos; chamavam-na de Dubois, e ela estava, assim como a infeliz Thérèse, às vésperas de padecer de uma acusação de morte: apenas o gênero incomodava os juízes. Tendo sido culpada por todos os crimes inimagináveis, viam-se quase obrigados ou a inventar-lhe um novo suplício ou a submetê-la àquele, do qual nosso sexo nos exime. Eu inspirara nessa mulher certo interesse, criminoso, sem dúvida, pois a base dele era, como vim a saber mais tarde, o desejo vivo de transformar-me em uma prosélita.

Uma noite, talvez no máximo dois dias antes da data em que deveríamos, ambas, perder a vida, Dubois disse-me para não me deitar e continuar em sua companhia, discretamente, o mais próximo possível das portas da prisão.

— Entre sete e oito horas — continuou ela —, o fogo deve tomar conta da Conciergerie, e por obra minha; muitas pessoas certamente serão queimadas, mas pouco importa, Thérèse — atreveu-se a dizer essa criminoso —, devemos ignorar a sorte dos outros quando é nosso bem-estar que está em jogo; o certo é que iremos nos salvar; quatro homens, cúmplices e amigos meus, irão juntar-se a nós, e eu respondo por tua liberdade.

Estou vos dizendo, senhora, a mão do céu, que acabava de me punir pela inocência, serviu-se do crime da minha protetora; o incêndio foi terrível, vinte e uma pessoas foram queimadas, mas nós nos salvamos. No mesmo dia, chegamos à cabana de um caçador da floresta de Bondy, um amigo íntimo do bando.

— Estás livre, Thérèse — disse-me Dubois —, podes agora escolher o tipo de vida que te agrada, mas se tenho um conselho a oferecer é

que renunciés às práticas da virtude que, como podes ver, nunca te trouxe bens; uma inadequada delicadeza te levou aos pés do cadafalso, um crime atroz livrou-me dele; veja para o que servem as boas ações neste mundo e pensa se vale a pena se sacrificar por elas. Tu és jovem e bela, Thérèse; em dois anos encarrego-me de tua fortuna; mas não penses que te conduzirei ao teu templo pelos caminhos da virtude: quando desejamos traçar nossos caminhos, minha queridinha, devemos empreender mais de uma profissão e servir a mais de uma intriga; decide-te então, pois, como não temos segurança nessa cabana, temos que partir em algumas horas.

— Ó senhora — disse à minha benfeitora —, eu vos devo muitas obrigações, e estou longe de querer livrar-me delas; salvastes-me a vida, e, para mim, é terrível que tenha sido por meio de um crime; acreditais que, se fosse eu a encarregada de cometê-lo, teria preferido mil mortes à dor de ter participado dele; sinto todos os perigos que corri para deixar-me levar pelos sentimentos honestos que continuarão sempre em meu coração; mas quaisquer que sejam, senhora, os espinhos da virtude, irei preferi-los aos arriscados favores que acompanham o crime. Guardo princípios que, com as graças do Céu, nunca me abandonarão, e se a Providência tornar-me terrível o curso da vida, é para me recompensar em um mundo melhor. Essa esperança me consola, ela ameniza minhas preocupações, acalma minhas queixas, fortifica-me no desespero e encoraja-me a enfrentar todos os males que satisfizer a Deus enviar-me. Essa alegria logo se extinguiria em minha alma caso eu viesse a desonrá-la com crimes, e, temendo os castigos deste mundo, eu teria a dolorosa aparência dos suplícios do outro, que não me deixaria nem por um instante na tranquilidade que desejo.

— Essas são teorias absurdas que logo vão te levar ao hospício, minha filha — disse Dubois, franzindo a sobrancelha. — Acredita, deixa de lado a justiça de Deus, seus futuros castigos ou recompensas; todas essas platitudes só servem para nos matar de fome. Ó Thérèse! A dureza dos ricos legitima a má conduta dos pobres; que a bolsa deles se abra para as nossas necessidades, que a humanidade reine em seu coração, e então as virtudes poderão estabelecer-se em nosso; mas, enquanto nosso tormento, nossa paciência em suportá-lo, nossa boa-fé, nossa submissão, servirem apenas para aumentar nossos grilhões, nossos crimes serão obra deles, e seríamos muito ingênuos em recusá-los, uma vez que eles podem suavizar o jugo com o qual a crueldade

deles nos sobrecarrega. A natureza nos fez nascer todos iguais, Thérèse; se a sorte se contenta em desarranjar esse primeiro plano das leis gerais, cabe a nós corrigir os caprichos e reparar, por meio de nossa conduta, as usurpações do mais forte. Divirto-me em escutá-los, essas pessoas ricas, esses nobres, esses magistrados, esses padres, divirto-me em vê-los pregando-nos a virtude! É muito difícil garantir-se do roubo quando se tem três vezes mais do que o necessário para se viver, custa não conceber o assassinato quando se está rodeado por adúladores ou escravos para quem nossas vontades são as leis; é muito penoso, na verdade, ser moderado e sóbrio, quando se está todo o tempo às voltas com as mais suculentas iguarias; eles têm muita dificuldade em ser sinceros, quando não existe para eles nenhum interesse em mentir!... Mas nós, Thérèse, nós, que essa Providência bárbara, pela qual és louca o bastante para ter como ídolo, condenou a rastejar na humilhação como a serpente na relva; nós, que somos vistos somente com desprezo, porque somos pobres; que somos tiranizados, porque somos fracos; nós, cujos lábios são umedecidos apenas com fel, e cujos pés pisam somente em espinhos, queres que evitemos o crime, quando só sua mão pode nos abrir a porta da vida, mantendo-nos aí, protegendo-nos e impedindo-nos de perdê-la. Queres ver-nos perpetuamente submissos e rebaixados, enquanto essa classe que nos controla tem para si todos os favores da Fortuna, a nós, que não temos senão a tristeza, o abatimento e a dor, a necessidade e as lágrimas, as cicatrizes e o cadafalso! Não, não, Thérèse, não; ou essa Providência que tanto veneras só existe para nos menosprezar, ou não são essas as intenções dela. Conhece-a melhor, minha filha, e convence-te de que a partir do momento no qual ela nos coloca numa situação em que o mal se faz necessário, dando-nos ao mesmo tempo a possibilidade de exercê-lo, é que esse mal serve a suas leis assim como o bem, e que ela lucrará tanto com um quanto com o outro; a condição na qual ela nos criou é a igualdade, aquele que a perturba não é mais culpado do que aquele que se esforça em restabelecê-la; ambos reagem de acordo com os estímulos recebidos, ambos devem seguir e desfrutar desses estímulos.

Devo confessar que, se algum dia senti-me abalada, foi graças às artimanhas dessa mulher manipuladora; mas uma voz mais forte do que ela combatia esses sofismas em meu coração; rendi-me e declarei a Dubois que estava decidida a nunca me deixar corromper.

— Pois bem! — respondeu-me. — Faz o que quiseres, abandono-te

à tua má sorte; mas se um dia fores apanhada, o que não vai deixar de acontecer, já que a fatalidade que inevitavelmente salva o crime massacra a virtude, lembra-te ao menos de nunca falar sobre nós.

Enquanto discutíamos, os quatro companheiros de Dubois bebiam com o caçador, e como o vinho dispõe a alma do malfeitor a novos crimes, fazendo-o esquecer dos antigos, nossos vilões mal souberam de minhas decisões e resolveram fazer-me de vítima, já que não me teriam como cúmplice; seus princípios, seus costumes, o recinto sombrio onde estávamos, a condição de segurança que eles acreditavam ter, a embriaguez em que se encontravam, minha idade, minha inocência, tudo isso os encorajou. Levantam-se da mesa, trocam opiniões, consultam Dubois, procedimentos cujo lúgubre mistério me faz tremer de horror e o resultado é, por fim, uma ordem de prestar-me imediatamente a satisfazer os desejos de cada um dos quatro, voluntariamente ou à força; se o fizesse voluntariamente, cada um deles me doaria um escudo para conduzir-me aonde bem entendesse; se eles tivessem que usar da violência, a coisa se daria mesmo assim; mas, para que o segredo fosse mais bem guardado, eles me apunhalariam depois de satisfeitos e me enterrariam ao pé de uma árvore.

Não preciso descrever o efeito que me fez essa cruel proposta, senhora, ireis compreender sem qualquer dificuldade; atirei-me aos joelhos de Dubois, implorando-lhe para que fosse minha protetora: a desonesta criatura apenas riu de minhas lágrimas.

— Ah, vê só — disse-me —, aí estás, toda infeliz!... O quê! Tremes com o dever de servir sucessivamente a rapazes belos e altos como esses? Mas sabes que existem dez mil mulheres em Paris que dariam meia parte de seus ouros ou de suas joias para estarem em teu lugar! Escuta — acrescentou ela depois de refletir um pouco —, tenho muita influência sobre esses rapagões para conseguir tua graça, mas com a condição de que saibas agradecer.

— Ai de mim, senhora, o que devo fazer? — exclamei, em lágrimas.
— Podeis falar, estou pronta.

— Deves nos seguir, juntar-te a nós e nos imitar sem a menor repugnância; a esse preço, salvo-te de todo o resto.

Achei que não deveria hesitar; aceitando aquela cruel condição, correria o risco de novos perigos, admito, mas estes seriam menos urgentes do que os outros; talvez conseguisse me garantir, enquanto eu não poderia evitar o que naquele momento me ameaçava.

— Eu iria para qualquer lugar, senhora — eu disse prontamente a Dubois —, iria para qualquer lugar, prometo; salvei-me da fúria desses homens, e nunca vos abandonarei.

— Meninos — disse Dubois aos quatro bandidos —, a partir de agora essa garota faz parte da trupe, eu a estou recebendo e dando-lhe um lugar; eu vos imploro para não agir com violência; não vamos dar-lhe motivos para não gostar da profissão logo nos primeiros dias; vejam como sua idade e seu rosto podem nos ser úteis, façamos uso dela para nosso interesse, e não a sacrifiquemos em nome de nosso prazer.

Mas as paixões ganham tal grau de energia no homem que nada pode desviá-lo. As pessoas com quem eu me havia metido, que não estavam mais em condições de ouvir, todos os quatro rodeavam-me, devoravam-me com seus olhares em chamas, ameaçavam-me de uma forma ainda mais terrível, prontos para me agarrar, prontos para me imolar.

— Ela tem que passar por isso — disse um deles —, não há como ter piedade: não dizem que é preciso dar provas de virtude para entrar em uma trupe de bandidos? E ela não nos servirá tão bem desonrada quanto virgem?

Estou suavizando o que digo, compreendeis, senhora, irei até mesmo adaptar as cenas; pobre de mim! A obscenidade dessas descrições é tão grande que vosso pudor sofreria em vê-las a *nu*, pelo menos tanto quanto minha timidez.

Doce e trêmula vítima, ai de mim! Eu tremia; mal tinha forças para respirar; de joelhos diante dos quatro, ora meus braços fracos se erguiam para suplicar-lhes, ora para comover Dubois.

— Um momento — disse um deles, a quem chamavam de Coração-de-Ferro, e que parecia ser o chefe do bando; um homem de seus trinta e seis anos, com uma força de touro e o rosto de um sátiro. — Um momento, amigos; é possível contentar a todos; já que a virtude dessa mocinha lhe é tão preciosa, e que, como bem disse Dubois, essa qualidade, empregada de outra forma, pode nos ser útil, deixamo-la com ela; mas precisamos nos acalmar; já perdemos a cabeça, Dubois, e no estado em que nos encontramos, talvez degolaríamos até tu, caso te oponhas a nossos prazeres; que Thérèse fique imediatamente nua como no dia em que veio ao mundo e que dessa forma ela se preste às diferentes posições que exigirmos, enquanto Dubois irá acalmar nosso ardor e queimar o incenso nos altares em que essa criatura nos impede

a entrada.

— Pôr-me nua! — exclamei. — Ó céus, o que estão exigindo? Quando me entregar dessa forma a vossos olhares, quem poderá garantir?...

Mas, Coração-de-Ferro, que parecia não estar com humor para me conceder mais do que aquilo, nem para suspender seus desejos, insultou-me, golpeando-me de um modo tão brutal que percebi que a obediência era meu último quinhão. Ele se pôs nas mãos de Dubois, a quem deixara tão nua quanto a mim, e quando me encontrei como ele desejava, tendo-me feito apoiar os braços no chão, o que me dava a aparência de um animal, Dubois apaziguou seu fogo, aproximando, assertivamente, uma espécie de monstro dos peristilos de um e outro altar da natureza, de forma que a cada solavanco ela precisava bater com força, nessas partes, com a mão aberta, assim como o carneiro fazia outrora contra as portas das cidades sitiadas. A violência dos primeiros golpes fez-me recuar; Coração-de-Ferro, furioso, ameaçou-me de tratamentos mais duros caso escapasse desses; Dubois recebe a ordem para aumentar a intensidade dos movimentos, um desses libertinos segura meus ombros e impede que eu cambaleie com os golpes, que se tornam cada vez mais rudes; sem poder evitá-los, acabo ferindo-me toda.

— Na verdade — disse Coração-de-Ferro, balbuciando —, no lugar dela, eu preferiria abrir as portas a vê-las assim abaladas, mas ela não quer, e nós não vamos sentir falta da capitulação... Com mais força... Com mais força, Dubois!

E o estouro dos fogos desse devasso, quase tão violento como os de um relâmpago, veio romper-se nas fendas molestadas sem que elas fossem abertas.

O segundo fez-me ficar de joelhos entre suas pernas, e enquanto Dubois o atendia como ao outro, ele se dedicava inteiramente a dois procedimentos; muito nervoso, ora ele batia com a mão aberta em minhas faces ou em meu seio; ora sua boca imunda vinha revistar a minha. Meu peito e meu rosto ganharam imediatamente a cor de um vermelho púrpuro... Eu sofria, eu lhe rogava graça, e minhas lágrimas corriam sobre seus olhos; elas o irritavam, ele imprimia mais força; nesse momento, senti minha língua sendo mordida, e os frutos dos meus seios eram de tal forma friccionados que me atirei para trás, apesar de estar presa. Empurraram-me novamente para cima dele, fui comprimida com mais força em todas as partes do corpo, e seu êxtase

então se pronunciou...

O terceiro fez-me subir sobre duas cadeiras separadas, e, sentando-se debaixo delas, excitado pela Dubois, que se colocara diante de suas pernas, ele me obrigou a inclinar até que sua boca ficasse perpendicular ao templo da natureza; não podeis imaginar, senhora, o que aquele mortal obsceno se atreveu a desejar; tive que, querendo ou não, satisfazer as suas pequenas necessidades... Ó bom Céu! Só um homem tão depravado pode degustar de momentos de prazer como aqueles!... Atendi seus pedidos, inundei-o, e minha completa submissão obtive desse homem vil uma embriaguez que só poderia resultar dessa infâmia.

O quarto homem amarrou-me com cordas em todas as partes possíveis, ele segurava o feixe nas mãos, sentado a uma distância de sete ou oito pés de meu corpo, muito excitado com os toques e os beijos de Dubois; eu estava ereta, e era puxando com força cada uma dessas cordas que aquele selvagem inflamava seus prazeres; eu cambaleava, perdia o tempo todo o equilíbrio; ele se extasiava com cada um desses tropeções; finalmente, todas as cordas se romperam de uma só vez, e com tanta irregularidade, que caí no chão ao seu lado; era esse seu único objetivo, e minha fronte, meu seio e minhas faces receberam as provas de um delírio que só se concluía com a satisfação desse desejo.

Isso foi o que sofri, senhora, mas pelo menos minha honra foi respeitada, já que meu pudor não o foi. Um pouco mais calmos, esses bandidos falaram em retomar o caminho, e na mesma noite chegaram a Tremblay, com a intenção de se aproximar dos bosques de Chantilly, onde previam desferir uns bons golpes.

Nada podia se igualar ao desespero em que me encontrava diante da obrigação de seguir aquela gente; e eu estava determinada a abandoná-los assim que o pudesse fazer sem risco. No dia seguinte, deitamo-nos nas proximidades de Louvres, sob as moitas de feno; quis defender-me, apoiando-me em Dubois e passando a noite ao seu lado, mas pareceu-me que ela intencionava empregá-la de um modo que não era o de proteger minha virtude dos ataques que eu poderia temer. Três homens a cercaram, e a abominável criatura entregou-se, à nossa frente, aos três ao mesmo tempo. O quarto homem se aproximou de mim, era o chefe.

— Bela Thérèse — disse-me ele —, espero que ao menos não me venhas recusar o prazer de passar a noite ao teu lado.

E, ao perceber minha extrema repugnância:

— Não tenhas nenhum medo — disse ele —, iremos conversar, e não farei nada contra tua vontade. Ó Thérèse — continuou ele, apertando-me em seus braços —, não é uma grande loucura essa tua pretensão em conservar-te pura em nossa companhia? Deveríamos consentir essa ideia? Isso se encaixaria com os interesses do bando? É inútil esconder-te, minha cara; mas quando estivermos na cidade, contaremos apenas com as armadilhas de teu charme para conseguir alguns tolos.

— Pois bem, senhor — respondi —, já que é sabido que prefiro a morte a horrores como esses, como vos posso ser útil, e por que vos opondes à minha fuga?

— É claro que nos opomos, meu anjo — respondeu Coração-de-Ferro; — tens que servir nossos interesses ou nossos prazeres; teu tormento impõe-te esse jugo, tens que se submeter a ele; mas, como sabes, Thérèse, não há nada que não tenha solução neste mundo; escuta-me, então, e traça tu mesma tua sorte: aceita viver comigo, minha filha, aceita pertencer-me por inteiro, e te pouparei do triste papel que te é destinado.

— Eu, senhor?! — Exclamei. — Tornar-me amante de um...!

— Prossegue, Thérèse, prossegue, de um vigarista, não é? Eu assumo que sou, mas não posso oferecer-te outros títulos, sabes muito bem que nós dois não nos casaremos; o himeneu é um sacramento, Thérèse, e tomado de um desprezo igual por todos eles, nunca nos aproximamos de nenhum. Neste caso, pensa um pouco; na indispensável necessidade em que te encontras em perder o que é para ti tão caro, não seria melhor sacrificá-lo a um só homem, que, a partir de então, irá tornar-se teu amparo e teu protetor, do que te prostituíres a todos?

— Mas por que — perguntei — eu não posso ter outra opção?

— Porque agora tu nos pertence, Thérèse, e a razão do mais forte é sempre a melhor. La Fontaine já disse isso há muito tempo. Na verdade — prosseguiu ele rapidamente —, não seria uma ridícula extravagância depositar, como tu o fazes, tanto valor a coisas fúteis como essas? Como pode uma moça ser tão simples em acreditar que a virtude depende mais ou menos da largura de uma de suas partes do corpo? Hein? O que importa aos homens ou a Deus que essa parte esteja intacta ou desonrada? E digo mais: sendo intenção da natureza que cada indivíduo cumpra neste mundo todos os fins para os quais

foi feito, e como as mulheres existem apenas para servir de diversão aos homens, é um desrespeito à natureza resistir dessa forma à intenção que ela deposita em ti; é desejar ser uma criatura inútil ao mundo e, consequentemente, desprezível. Essa quimérica sabedoria, que tiveram a absurda ideia de ensinar-te como sendo uma virtude e que, desde a infância, bem longe de ser útil à natureza e à sociedade, desrespeita visivelmente tanto uma quanto a outra, não passa então de uma obstinação repreensível, da qual uma pessoa tão cheia de espírito como tu não deveria se sentir culpada. Não importa, continua escutando-me, minha filha, vou te provar o desejo que tenho em satisfazer-te e em respeitar tua fraqueza. Não tocarei, Thérèse, nesse fantasma cuja possessão garante todas as tuas delícias; uma garota tem mais de um favor a oferecer, e Vênus é com ela festejada em muito mais do que um templo; irei contentar-me com o mais insignificante; como sabes, minha querida, perto dos altares de Ciprígena existe um antro obscuro onde vão se isolar os Amores para nos seduzir com ainda mais energia; este será o altar onde queimarei o incenso; não existe aí o menor inconveniente, Thérèse; se a gravidez te causa medo, não haveria como ela acontecer dessa forma, tua linda silhueta nunca se deformará; essas primícias que são tão doces para ti serão conservadas intactas, e qualquer que seja o uso que faças delas, poderás oferecê-las puras. Por esse lado, nada pode trair uma moça, por mais rudes e variados que sejam os ataques contra ela; logo após a abelha aspirar-lhe o néctar, o cálice da rosa se fecha; ninguém imaginaria que ele pudesse ter sido entreaberto. Existem garotas que desfrutaram durante dez anos desse modo, até mesmo com vários homens, e nem por isso deixaram de se casar depois, como se estivessem completamente novas. Quantos pais, quantos irmãos abusaram assim de suas filhas ou de suas irmãs, sem que estas tenham se tornado menos dignas depois de se sacrificarem ao himeneu! A quantos confessores esse mesmo caminho não serviu para o prazer, sem que os pais desconfiassem de algo! É, em suma, o refúgio do mistério, é ali que se prendem os Amores pelas amarras da boa conduta... Preciso dizer mais, Thérèse? Se é esse o templo mais secreto, ele é, ao mesmo tempo, o mais voluptuoso; só aí pode ser encontrado o que é necessário para a felicidade, e essa vasta desenvoltura do vizinho está bem longe de valer os atrativos ardentes de um local onde só é possível chegar com muito esforço, onde só é possível viver com muita dificuldade; as próprias mulheres ganham

com isso e aquelas que foram obrigadas pela razão a conhecer essa espécie de prazer nunca lamentaram as outras. Experimenta, Thérèse, experimenta, ficaremos os dois muito contentes.

— Ó senhor! — respondi. — Não tenho a menor experiência com isso a que vos referis; mas já ouvi falar desse desvio que preconizais, senhor, ele ultraja as mulheres de um modo ainda mais sensível... Ele ofende ainda mais gravemente a natureza. A mão do Céu vingasse deste mundo e Sodoma é um exemplo disso.

— Que inocência, minha cara, que infantilidade! — retorquiu o libertino. — Quem te instruiu para a vida? Peço-te um pouco mais de atenção, Thérèse, retificarei tuas ideias. A perda da semente destinada a propagar a espécie humana, minha cara, é o único crime que pode existir. Neste caso, se essa semente for depositada em nós com o único objetivo de propagação, concordo contigo, desviá-la seria uma ofensa. Mas se é provado que, ao depositar essa semente em nosso ventre, a natureza está muito longe de usá-la toda para a propagação, o que importa, nesse caso, Thérèse, se ela se perde em um ou outro lugar? O homem que então a desvia não faz pior do que a natureza, que não a usa para nada. Ora, essas perdas da natureza, que apenas nós temos a capacidade de imitar, não estão acontecendo o tempo todo? Antes de mais nada, a possibilidade de praticá-las é uma primeira prova de que elas não ofendem ninguém. Seria contra todas as leis da equidade e da melhor conduta, leis que podemos reconhecer por toda parte, permitir o que a ofendesse; em segundo lugar, essas perdas são executadas milhões de vezes por dia pela própria natureza; não seriam as poluições noturnas e a inutilidade do sêmen durante o período de gestação da mulher perdas autorizadas pelas leis, provando-nos que, muito pouco sensível ao que pode resultar desse licor ao qual temos a loucura de conferir tão alto preço, ela nos permite a perda com a mesma indiferença que ela mesma a comete a cada dia; que tolera a propagação, mas que a propagação deve ocorrer diante de seus olhos; que realmente quer que nos multipliquemos, mas que, sem lucrar com esses atos mais do que aquele que se opõe a ela, a escolha que podemos fazer lhe é indiferente; que, dando-nos o poder de criar, de não criar ou destruir, nós não a contentaremos ou não a ofenderemos mais ao tomarmos, em um ou outro partido, aquele que melhor nos convier; e que aquele que escolhermos, sendo apenas o resultado de seu poder e de sua ação sobre nós, sempre irá agradar-lhe muito mais, tanto, que certamente não se correrá o risco de ofendê-la? Ah!

Acredita, Thérèse, a natureza se preocupa bem pouco com esses mistérios com os quais temos a extravagância de edificar-lhe um culto. Não importa qual seja o templo onde a sacrificamos, a partir do momento em que ela permite que o incenso esteja aceso, é porque a homenagem não a ofende; a recusa em germinar, as perdas do sêmen que servem para a reprodução, a extinção desse sêmen germinado, a aniquilação desse sêmen mesmo muito tempo depois de sua formação, tudo isso, Thérèse, são crimes imaginários que em nada interessam a natureza, e dos quais ela troça assim como troça de todas as nossas outras instituições que frequentemente a difamam em vez de servi-la.

Coração-de-Ferro irritava-se ao expor essas tortuosas sentenças, e logo o vi no estado em que tanto me causara medo no dia anterior; ele quis, para piorar ainda mais a lição, incluir a prática ao preceito; e suas mãos, apesar de minha resistência, tomavam a direção do altar em que o traidor queria penetrar... Será preciso confessar-vos, senhora? Cega pelas seduições daquele homem vil; contente em ceder um pouco e salvar o que parecia ser o mais essencial; não refletindo nem nas inconsequências desses sofismas, nem no que eu própria iria arriscar, já que esse malfeitor, dotado de tão gigantescas proporções, não se encontrava nem mesmo em condições de ver uma mulher em local mais adequado; levado por sua maldade natural, ele com certeza não tinha nenhum outro objetivo senão o de me estropear; com os olhos fascinados por tudo isso, dizia eu, ia abandonar-me, e, por virtude, tornar-me criminosa; minha resistência perdia força; já senhor do trono, aquele insolente conquistador só se preocupava em fixar-se ali, quando um barulho de carruagem foi ouvido da estrada. Coração-de-Ferro troca imediatamente seus prazeres por suas obrigações; ele reúne sua gente e parte para novos crimes. Pouco depois, ouvimos gritos, e aqueles celerados ensanguentados retornam triunfantes e cheios de despojos.

— Vamos sumir daqui, rápido — disse Coração-de-Ferro —, acabamos de matar três homens; os cadáveres estão na estrada, não temos qualquer segurança se continuarmos aqui.

O saque é repartido. Coração-de-Ferro quer que eu receba minha parte, no valor de vinte luíses, e forçam-me a recebê-la; tremo ante a obrigação de guardar esse tipo de dinheiro; mas eles nos apressam, cada um de nós se encarrega de alguma coisa e partimos.

No dia seguinte, chegamos em segurança à floresta de Chantilly; durante o jantar, o bando contou o que lhe havia rendido a última

operação, e, avaliando o lucro a menos de duzentos luíses, disseram:

— Na verdade — disse um deles —, não valia a pena cometer três assassinatos por tão pouca quantia!

— Vamos com calma, meus amigos — respondeu Dubois —, não foi pelo dinheiro que eu vos incitei a não conceder piedade a esses viajantes, mas unicamente por nossa segurança; esses crimes são culpa das leis e não nossa; enquanto tirarem a vida dos ladrões do mesmo modo como tiram a dos assassinos, os roubos nunca serão cometidos sem que haja assassinato. Os dois delitos são igualmente punidos, por que recusarmos ao segundo já que ele pode cobrir o primeiro? Aliás, onde é que aprendeis — continuou aquela horrível criatura — que duzentos luíses não valem três assassinatos? Nunca se deve calcular as coisas senão por suas relações com nossos interesses. A cessação da existência de cada um dos seres sacrificados é nula em relação a nós. Certamente não daríamos um centavo para que esses indivíduos estivessem vivos ou enterrados; por conseguinte, se o menor dos interesses se apresenta a nós como um desses casos, devemos, sem qualquer tipo de remorso, determiná-lo a nosso favor, de preferência porque, no caso de uma coisa completamente indiferente, devemos, se formos espertos e controlarmos a situação, fazê-la funcionar do lado que nos é favorável, abstraindo o que o adversário pode perder com isso; porque não existe nenhuma proporção razoável entre o que nos afeta e o que afeta os outros. Um, sentimos fisicamente, enquanto o outro só nos atinge moralmente, e as sensações morais são enganosas; assim, duzentos luíses não apenas bastam pelos três assassinatos, como até mesmo trinta escudos teriam bastado, porque esses trinta escudos garantiriam uma satisfação que, embora pequena, pode nos afetar muito mais intensamente do que os três assassinatos, que nada são para nós, e de cujo dano chega-nos apenas um arranhão. A fraqueza de nossos órgãos, a falta de reflexão, os malditos preconceitos com os quais fomos criados, os falsos terrores da religião ou das leis, é isso o que detém os tolos na carreira do crime, é isso o que os impede de ir em direção ao *grande*; mas todo indivíduo cheio de força e de vigor, dotado de uma alma organizada, que, como deveria, prefere a si e não aos outros, saberá medir os próprios interesses na balança dos seus, zombar de Deus e dos homens, enfrentar a morte e menosprezar as leis, bem consciente de que é apenas a ele que tudo deve se referir; sentirá que grande parte dos danos a outrem, que ele não deve sentir fisicamente, não pode ser comparada com o menor dos gozos

comprado por essa reunião inusitada de crimes. O gozo o satisfaz, está intenso dentro dele. O efeito do crime não o afeta, está fora dele; assim, pergunto: qual é o homem sensato que não preferirá deleitar-se com aquilo que lhe é desconhecido, e que não irá preferir praticar essa coisa desconhecida com a qual ele não se sente incomodado, para obter o que lhe atinge de modo agradável?

— Ó senhora! — disse eu a Dubois, pedindo-lhe permissão para responder a seus execráveis sofismas. — Não sentis que vossa condenação está escrita no que acabais de dizer? Não seria senão ao ser mais poderoso, para não ter o que temer dos outros, que tais princípios poderiam convir? Mas nós, senhora, que vivemos perpetuamente no medo e na humilhação; nós, proscritos entre todas as pessoas honestas, condenados por todas as leis, deveríamos aceitar teorias que apenas irão aguçar contra nós a espada suspensa sobre nossas cabeças? Se não nos encontrássemos nesta triste posição, se estivéssemos no centro da sociedade... Enfim, se estivéssemos onde deveríamos estar, sem nossa má conduta, e sem nossos infortúnios, achais que tais sentenças poderiam melhor nos servir? Como quereis que eu não faça perecer aquele que, movido por um cego egoísmo, prefere lutar sozinho contra os interesses dos outros? Não estaria a sociedade autorizada a nunca tolerar em seu seio aquele que se declara contra ela? E será o indivíduo que se isola capaz de lutar contra todos? Poderá ele se gabar de estar feliz e tranquilo, se, ao não aceitar o pacto social, ele se recusa a ceder um pouco de sua felicidade para assegurar o restante? A sociedade só se sustenta por perpétuas trocas de benefícios, são esses os laços que a consolidam; aquele que, em vez desses benefícios, oferecer somente crimes, devendo, portanto, ser temido, sem dúvida será atacado se for o mais forte, e sacrificado pelo primeiro a quem ofender, se for o mais fraco; mas, de qualquer forma, ele será aniquilado pela razão poderosa que incita o homem a garantir seu descanso e difamar os que pretendem perturbá-lo; essa é a razão que torna quase impossível a duração de associações criminosas, que não opõem senão pontas afiadas aos interesses dos outros, fazendo com que todos se reúnam prontamente para lhes enfraquecer o aguilhão. Mesmo entre nós, senhora — atrevi-me a dizer —, como podeis vos gabar de manter a harmonia quando aconselhais cada um a escutar apenas seus próprios interesses? Teríeis, neste momento, algo de justo a objetar a algum dentre nós que queira apunhalar os outros para juntar a si a parte de seus confrades? Hein? Que elogio da virtude

poderia ser melhor do que a prova de sua necessidade, mesmo em uma sociedade criminosa... do que a certeza de que essa sociedade não se sustentaria nem um único momento sem a virtude?

— Isso o que tu nos apresenta, Thérèse, é que são sofismas — disse Coração-de-Ferro —, e não o que Dubois enunciou. Não é, absolutamente, a virtude que sustenta nossas associações criminosas: é o interesse, é o egoísmo; ele leva então ao erro, esse elogio da virtude que tu retiraste de uma hipótese quimérica; não é de modo algum por virtude que, ao julgar-me, imagino, o mais forte do grupo, não apunhalo meus camaradas para ter a parte deles, é que, encontrando-me então sozinho, eu me privaria dos meios que podem assegurar a fortuna que espero da ajuda deles; esse é o único motivo que também mantém os braços deles levantados contra mim. Ora, esse motivo, como podes ver, Thérèse, não é mais do que egoísta, e em nada se assemelha com a virtude. Aquele que quer lutar sozinho contra os interesses da sociedade deve, dizes tu, prever seu fim. Não irá ele perecer muito mais certamente se tiver, para viver, apenas sua miséria e o abandono dos outros? Aquilo que chamamos de interesse da sociedade não passa da massa de interesses particulares reunidos, mas é apenas cedendo que esse interesse particular pode chegar a um acordo e ligar-se aos interesses gerais; ora, o que queres que ceda aquele que nada tem? Se ele o fizer, hás de concordar que ele estará cometendo um erro ainda maior em dar, então, infinitamente mais do que retira, e, nesse caso, a desigualdade do mercado deve impedir que seja concluído; numa situação como essa, o que esse homem precisa fazer não seria retirar-se dessa sociedade injusta, para atribuir direitos apenas a uma sociedade diferente que, estando na mesma posição que ele, tenha como interesse combater, por meio da reunião de seus pequenos poderes, a força mais ampla que queria obrigar o infeliz a ceder o pouco que tinha, para nada tirar dos outros? Mas virá daí, dirás, um perpétuo estado de guerra. Que seja! Não é esse o estado da natureza? Não é o único que realmente nos convém? Os homens nasceram isolados, invejosos, cruéis e despóticos, querendo tudo possuir e nada ceder, batendo-se incessantemente para conservar ou sua ambição ou seus direitos; o legislador chega e diz: parem de se bater dessa forma; cedendo um pouco aqui e um pouco acolá, a tranquilidade renascerá. Não condeno de modo algum a posição desse pacto, mas defendo que duas espécies de indivíduo deveriam submeter-se a isto: aqueles que, sentindo-se os mais fortes, não

tiveram que ceder nada para serem felizes, e aqueles que, sendo os mais fracos, viram-se na condição de ceder infinitamente mais do que lhes era destinado. A sociedade, entretanto, é composta apenas por seres fracos e por seres fortes; ora, se o pacto desagradasse aos fortes e aos fracos, então ele estaria muito longe de convir à sociedade, e o estado de guerra, que antes existia, deveria ser infinitamente preferível, já que concederia a cada um o livre exercício de suas forças e de seu trabalho, dos quais ele se encontrava privado pelo pacto injusto de uma sociedade, tirando sempre demasiado de um, sem nunca dar o suficiente ao outro; desse modo, o ser realmente sábio é aquele que, com o risco de retomar o estado de guerra que reinava antes do pacto, revolta-se irrevogavelmente contra esse pacto, violando-o o quanto pode, certo de que o que reterá dessas lesões será sempre superior ao que ele virá a perder caso seja o mais fraco; pois é isso o que ele seria se respeitasse o pacto; ele pode vir a ser o mais forte ao violá-lo; e se as leis levarem-no outra vez à classe da qual ele quis sair, o pior que lhe pode acontecer é perder a vida, o que é um infortúnio infinitamente menor do que a de existir no opróbrio e na miséria. Eis aí duas posições que nos são apresentadas: ou o crime que nos torna felizes, ou o cadafalso que nos impede a infelicidade. Pergunto se é possível equilibrar isso, bela Thérèse, e se teu espírito poderia encontrar argumento melhor do que esse que acabo de apresentar.

— Ó Senhor — respondi com a veemência de uma boa causa —, existem milhares de argumentos, mas esta vida deve, então, ser o único objeto do homem? Ele não estará nela assim como em uma passagem em que cada degrau transposto deve conduzi-lo apenas a essa eterna felicidade, preço assegurado pela virtude? Supondo como vós (o que, no entanto, choca todas as luzes da razão, e que, na verdade não importa), concordo, por um momento, que o crime possa tornar feliz aqui embaixo o celerado que a ele se entrega: imaginai que a justiça de Deus não espera esse desonesto homem num outro mundo para que assim possa se vingar dele?... Ah! Não penseis o contrário, senhor, não acrediteis nisso — acrescentei, aos prantos —, esse é o único consolo de um desafortunado, não o retire dele; uma vez que os homens nos abandonam, quem nos vingará, senão Deus?

— Quem? Ninguém, Thérèse, absolutamente ninguém; não há qualquer necessidade de que o desafortunado seja vingado; ele se gaba disso porque assim queria que fosse, essa ideia o consola, mas ela não

é menos falsa por isso: ou melhor, é fundamental que o desafortunado sofra; sua humilhação, suas dores, estão de acordo com as leis da natureza, e sua existência é útil ao plano geral, assim como aquela da prosperidade que o destrói; essa é a verdade que deve sufocar os remorsos na alma do tirano ou do malfeitor; que ele não se intimide; que ele se entregue cegamente a todas as lesões que lhe venham à mente: é a única voz da natureza que lhe sugere essa ideia, é o único modo com que ela nos torna o agente de suas leis. Quando suas inspirações secretas dispõem-nos ao mal, é porque o mal lhe é necessário, é porque ela o deseja, é porque ela o exige, é porque a soma dos crimes não é perfeita, não é suficiente às leis do equilíbrio, as únicas leis pelas quais é regida, ela exige isso a mais como complemento da balança; que aquele cuja alma é destinada ao mal não tenha medo, nem se detenha; que ele o cometa sem medo, desde que sinta o impulso: é apenas resistindo a isso que ele estaria ultrajando a natureza. Mas deixemos a moral por um instante, já que queres a teologia. Aprenda, então, jovem inocente, que a religião à qual te submetes não é mais do que a relação do homem com Deus, e que o culto que a criatura crê render a seu criador extingue-se tão logo a existência desse criador é provada quimérica. Os primeiros homens, temerosos dos fenômenos que os atingiam, tiveram que acreditar, forçosamente, que um ser sublime e deles desconhecido teria dirigido o caminho e a influência deles. É próprio da fraqueza aceitar ou temer a força; o espírito do homem, ainda demasiado infantil para procurar, para encontrar no seio da natureza as leis do movimento, único estímulo de todo o mecanismo que o deixava surpreso, acreditou que seria mais simples supor um motor para essa natureza do que vê-la ela mesma motriz, e, sem refletir que seria muito mais difícil edificar e definir esse senhor gigantesco do que encontrar no estudo da natureza a causa daquilo que o surpreendia, ele aceitou esse soberano ser, e erigiu-lhe cultos. A partir de então, cada nação compôs cultos análogos a seus costumes, a seus conhecimentos e a seu clima; logo apareceram na terra tantas religiões quanto povos havia, tantos deuses quanto famílias; sob todos esses ídolos, no entanto, era fácil reconhecer esse fantasma absurdo, primeiro fruto da cegueira humana. Vestiam-no diferentemente, mas era sempre a mesma coisa. Ora, diz-me, Thérèse, disso com que os imbecis deliram sobre a ereção de uma indigna quimera, e sobre o modo de servi-la, o que resulta disso além do fato de que o homem sábio deve renunciar à felicidade

certa e presente de sua vida? Ele deve, assim como o cachorro de Esopo, abandonar o osso pelo seu reflexo e renunciar a seus prazeres reais por ilusões? Não, Thérèse, não, definitivamente, não se trata de Deus: a natureza basta-se por si mesma; ela não precisa, absolutamente, de algum autor; esse suposto autor não passa de uma decomposição de suas próprias forças, ele não passa daquilo a que chamamos, na escola, de erro de princípio. Um Deus supõe uma criação, quer dizer, um instante em que nada existiu, ou melhor, um instante onde tudo se encontrava no caos. Se um ou outro desses estados fosse um mal, por que Deus o deixava subsistir? Se era um bem, por que o mudava? Mas se tudo agora é bem, teu Deus não tem mais nada a fazer: ora, se ele é inútil, como ele pode ser poderoso? E se ele não é poderoso, como ele então pode ser Deus? Se, finalmente, a natureza se move por si mesma, para que serve o motor? E se o motor age sobre a matéria, movendo-a, como não é ele próprio a matéria? Podes conceber o efeito do espírito sobre a matéria e a matéria recebendo o movimento do espírito, ele próprio desprovido de qualquer movimento? Examina um instante, a sangue-frio, todas as qualidades ridículas e contraditórias com as quais os formuladores dessa execrável quimera são obrigados a revesti-la; verifica como elas se destroem, como se absorvem mutuamente, e reconhecerás que esse fantasma deificado, nascido do temor de uns e da ignorância de todos, não passa de uma platitude revoltante, que não merece de nós um instante sequer de fé, um minuto sequer de reflexão; uma extravagância deplorável que repugna o espírito, que revolta o coração e que não deveria ter saído das trevas senão para voltar a elas definitivamente.

“Que a esperança ou o pavor de um mundo porvir, fruto dessas primeiras mentiras, não te inquietes então, Thérèse; deixa, sobretudo, de nos querer impor limites. Frágeis porções de uma matéria vil e bruta, com a nossa morte, ou seja, com a junção dos elementos que nos compõe aos elementos da massa geral, reduzidos para sempre, não importa qual tenha sido nossa conduta, passaremos por um instante no crisol da natureza para dele jorrar sob outras formas, e isso sem que haja mais prerrogativas para o homem que louva loucamente a virtude do que para o que se entrega aos mais vergonhosos excessos, porque ele não é algo com o que a natureza se ofende e porque todos os homens, também oriundos do seio desta, tendo obedecido apenas a seus impulsos durante a vida, reencontrar-se-ão, todos, após suas

existências, e encontrarão o mesmo fim e destino.”

Eu ainda ia responder a essas abomináveis blasfêmias quando se fez ouvir perto de nós o barulho de um homem a cavalo.

— Às armas! — grita Coração-de-Ferro, mais ávido em pôr em prática suas ideias do que em lhes consolidar as bases.

Eles consumam o roubo... e, ao cabo de um instante, trazem um infeliz viajante ao matagal onde nosso acampamento se encontrava.

Interrogado sobre o motivo que o fazia viajar sozinho e tão cedo em uma estrada isolada, sobre sua idade, sua profissão, o cavaleiro respondeu que se chamava Saint-Florent; era um dos primeiros negociantes de Lyon, tinha trinta e seis anos, voltava de Flandres para assuntos de negócios, e tinha pouco dinheiro, mas portava muitos documentos. Ele acrescentou que seu criado o abandonara na véspera e que, para evitar o calor, ele caminhava à noite, com a intenção de chegar no mesmo dia a Paris, onde arrumaria um novo empregado e concluiria uma parte de seus negócios. Além disso, disse que, se seguia por um caminho tão ermo, era provavelmente porque tinha dormido em cima do cavalo. Dito isso, ele suplicou pela vida e ofereceu tudo o que possuía. Examinaram-lhe a carteira e contaram seu dinheiro: a presa não podia ser melhor. Saint-Florent tinha quase meio milhão pagável à vista na capital, algumas joias e uns cem luíses...

— Amigo — disse-lhe Coração-de-Ferro, colocando-lhe o cano de uma pistola debaixo do nariz —, sabes que depois de um roubo como esse não podemos te deixar com vida.

— Ó senhor! — exclamei, atirando-me aos pés daquele celerado. — Eu vos imploro, não me dê, logo em minha chegada ao grupo, o terrível espetáculo da morte desse infeliz. Deixe-o viver, não me recuseis a primeira graça que eu vos peço.

E, recorrendo imediatamente a um artifício bem singular, a fim de legitimar o interesse que eu parecia ter por aquele homem:

— O nome que acaba de ser mencionado, senhor — acrescentei calorosamente —, faz-me pensar que temos algum tipo de parentesco. Não vos espanteis, senhor — prossegui, dirigindo-me ao viajante —, não vos surpreendeis em encontrar uma parenta nesta situação; irei vos explicar tudo. A esse respeito — retomei, implorando novamente ao nosso chefe —, a esse respeito, senhor, concedei-me a vida desse miserável; irei reconhecer esse favor com a mais profunda devoção a tudo o que pode servir a vossos interesses.

— Conheces com que condições posso conceder-te a graça que me

pedes, Thérèse — respondeu-me Coração-de-Ferro. — Sabes o que quero de ti...

— Pois bem, senhor, farei tudo o que quizerdes — exclamei, precipitando-me entre esse infeliz e o nosso chefe, que continuava pronto a degolá-lo... — Sim, farei tudo, senhor, farei qualquer coisa, salvai-o.

— Que ele viva — disse Coração-de-Ferro —, mas que continue conosco. Esta última cláusula é indispensável; eu não posso nada sem ela; de outro modo, meus camaradas iriam se opor.

O negociante, surpreso, sem nada entender daquela aliança que eu propunha, mas vendo sua vida salva caso concordasse com as proposições, pensou que não deveria titubear nem um instante sequer. Deram-lhe de beber, e como nosso pessoal só queria deixar aquele lugar durante o dia, Coração-de-Ferro me disse:

— Thérèse, não irei esquecer-me da tua promessa; porém, como estou um pouco cansado esta noite, vai descansar tranquila perto de Dubois. Irei te chamar perto do amanhecer; caso me evites, a vida desse crápula permitirá que eu me vingue de tua falsidade.

— Podeis dormir, senhor — respondi —, e sabeis que aquela que por vós guarda tanto reconhecimento não tem outro desejo senão o de cumprir sua promessa.

Na verdade, meu plano não era bem aquele, mas se algum dia eu cheguei a considerar o fingimento foi naquela exata ocasião. Nossos gatunos, cheios de confiança, ainda beberam e dormiram, deixando-me uma liberdade plena, perto de Dubois, que, embriagada como o resto da trupe, também logo fechou os olhos.

Então, aproveitando-me rapidamente do primeiro momento de sono daqueles celerados que estavam em nosso entorno, eu disse ao jovem lionês:

— Senhor, a mais desastrosa das catástrofes lançou-me contra minha vontade no meio desses ladrões. Detesto-os assim como detesto o instante fatal que me conduziu a essa trupe. É muito provável que eu não tenha a honra de ser vossa parenta; vali-me desse artifício para salvar vossa vida e para fugir das mãos desses miseráveis. O momento é propício — acrescentei —, salvemo-nos. Daqui, consigo ver vossa carteira, vamos recuperá-la. Deixaremos para trás o dinheiro vivo, que está no bolso deles; não iríamos conseguir pegá-lo sem nos arriscar. Vamos partir, senhor, vamos; podeis perceber o que fiz por vós? Entrego-me às vossas mãos; tendes piedade do meu destino e não

sejais mais cruel do que essas pessoas que aqui estão. Respeitai minha honra, eu a confio a vós, é meu único tesouro, não a tireis de mim, eles não me agradaram nem um pouco.

Seria difícil descrever o suposto reconhecimento de Saint-Florent. Ele não sabia que termos utilizar para descrevê-lo; mas não tínhamos mais tempo para conversar; precisávamos fugir. Com muito cuidado, pego a carteira, entrego-a a ele, e, atravessando rapidamente o matagal, deixando o cavalo, com medo de que seu barulho acordasse nosso grupo, nós dois, com muita pressa, alcançamos o caminho que deveria nos levar para fora da floresta. Ficamos muito felizes em sair de lá ao nascer do dia, e sem ter sido seguidos por ninguém; entramos antes das dez da manhã em Luzarches, e lá, livres de qualquer perigo, não pensamos em outra coisa senão em descansar.

Há momentos na vida em que nos encontramos muito ricos, e no entanto não temos do que viver: essa era a história de Saint-Florent. Ele tinha quinhentos mil francos em sua carteira e nenhum escudo na bolsa; tal reflexão fez com que ele se detivesse antes de entrar no albergue...

— Esteja tranquilo, senhor — disse-lhe eu ao perceber seu embaraço —, os ladrões que abandonei não me deixaram sem dinheiro, aqui estão vinte luíses; pegue-os, eu vos peço, gastai-os, e dai o que sobrar aos pobres. Por nada neste mundo eu guardaria o ouro capturado por assassinatos.

Saint-Florent, que fingia uma delicadeza, muito menor, porém, do que aquela que eu deveria supor, não quis de forma alguma aceitar o que eu lhe oferecia; perguntou-me quais eram meus projetos, disse-me que faria de tudo para cumpri-los e que seu único desejo era pagar a dívida que tinha comigo:

— É a vós que devo a fortuna e a vida, Thérèse — acrescentou, beijando-me as mãos. — O que eu poderia fazer de melhor senão oferecer-vos tanto uma quanto a outra? Aceitai-as, eu vos imploro, e permiti que o Deus do himeneu estreite os laços da amizade.

Não sei por quê, mas fosse por pressentimento, fosse por frieza, eu estava tão longe de acreditar que o que eu tinha feito por aquele rapaz pudesse atrair sobre mim tais sentimentos de sua parte que deixei transparecer em minha fisionomia a recusa que não ousei exprimir: ele compreendeu, parou de insistir e ateve-se apenas a perguntar o que poderia fazer por mim.

— Senhor — disse eu —, se o modo como procedi realmente tem

algum mérito aos vossos olhos, peço-vos como recompensa apenas que me conduzaís comigo a Lyon e que me deixeis aí em alguma casa honesta, onde meu pudor não tenha mais com o que sofrer.

— Não teríeis melhor escolha a fazer — disse-me Saint-Florent — e ninguém estaria em melhor condição do que eu para vos prestar esse serviço: tenho vinte parentes naquela cidade.

E o jovem negociante implorou-me para eu contar-lhe as razões que faziam com que me afastasse de Paris, onde eu dissera ter nascido. Respondi com tanta confiança quanto ingenuidade.

— Ó! Então é só isso — diz o jovem rapaz. — Eu poderia vos ser útil antes mesmo de chegar a Lyon. Não tendes medo, Thérèse, essa questão está resolvida; ninguém vai procurar por vós e muito menos no asilo onde vou abrigar-vos. Tenho uma parenta ao lado de Bondy, ela mora em uma elegante casa de campo nessa região; tenho certeza de que ela terá o maior prazer em vos receber; amanhã irei apresentar-vos a ela.

Por minha vez, muito agradecida, acabo aceitando a proposta que tanto me convém; passamos o resto do dia descansando em Luzarches e, no dia seguinte, nos propomos a tomar o caminho de Bondy, que ficava a apenas seis léguas dali.

— Está um lindo dia — disse-me Saint-Florent. — Se concordades, Thérèse, iremos a pé ao castelo de minha parenta, contaremos nossa aventura, e, esse modo de chegar, ao que me parece, vai criar ainda mais interesse sobre vossa pessoa.

Muito longe de adivinhar os projetos daquele monstro e de imaginar que devia sentir menos segurança com ele do que com a infame companhia que eu acabava de abandonar, aceito tudo sem medo e sem repugnância. Jantamos, ceamos juntos, e ele não se opõe de forma alguma à minha escolha por um quarto separado do seu para passar a noite. Depois de esperarmos transcorrer as horas mais quentes do dia, confiante no que ele dissera de que quatro ou cinco horas seriam suficientes para chegarmos à casa de sua parenta, partimos de Luzarches e caminhamos a pé em direção a Bondy.

Era mais ou menos cinco da tarde quando entramos na floresta. Saint-Florent não se contradisse um momento sequer: sempre a mesma honestidade, sempre o mesmo desejo em provar-me seus sentimentos; se estivesse com meu pai, eu não poderia sentir-me mais segura. As sombras da noite começavam a dispersar pela floresta aquele tipo de horror religioso que faz nascer, ao mesmo tempo, o pavor nas almas

tímidas e a ideia de crime nos corações ferozes. Seguíamos apenas pelos caminhos já abertos; eu ia à frente e voltei-me para perguntar a Saint-Florent se aquelas estradas afastadas eram realmente as que deveríamos seguir, se por acaso ele não se enganara, e se achava, finalmente, que estávamos chegando.

— Já chegamos, putinha — respondeu-me aquele celerado, atirando-me no chão com uma paulada na cabeça que me fez cair inconsciente.

Ó senhora, não sei mais o que eu disse, nem o que aquele homem fez; mas o estado em que me encontrava deu-me a certeza de até que ponto eu tinha sido sua vítima. Já era noite quando recuperei os sentidos; eu estava ao pé de uma árvore, distante de todas as estradas, esfolada, ensanguentada... completamente desonrada, senhora. Tal fora minha recompensa por tudo o que fizera àquele infeliz, e, levando a infâmia ao último nível, aquele celerado, depois de ter feito comigo o que bem entendia, depois de ter me abusado de todas as formas, incluindo aquela que mais ultraja a natureza, ainda levou minha bolsa... o mesmo dinheiro que tão generosamente eu lhe oferecera. Ele rasgou minhas roupas, e a maior parte delas estava em pedaços ao meu lado; eu me encontrava quase nua e machucada em vários lugares do corpo. Podeis imaginar minha situação: no meio das trevas, sem qualquer recurso, sem honra, sem esperança, exposta a todos os perigos. Eu quis pôr fim aos meus dias: se uma arma me tivesse sido oferecida, eu a pegaria, eu abreviaria essa vida infeliz que só me oferece castigos.

“Que monstro! O que então eu havia feito — perguntava-me — para merecer um tratamento tão cruel da parte dele? Salvei-lhe a vida, entreguei-lhe sua fortuna, e ele me levou o que eu tinha de mais caro! Um animal feroz teria sido menos cruel! Ó homem, pois apenas sois capaz de ouvir vossas próprias paixões! Os tigres das profundezas dos mais selvagens desertos teriam horror a vossos crimes.” Alguns minutos de abatimento sucederam àqueles primeiros impulsos de minha dor; meus olhos cheios de lágrimas voltaram-se automaticamente para o céu e meu coração se lançou aos pés do Senhor que lá habita... Aquela abóbada pura e brilhante... aquele silêncio imponente da noite... aquele pânico que congelava meus sentidos... aquela imagem da natureza em paz, próxima da perturbação de minha alma perdida, tudo isso difundia um horror tenebroso dentro de mim, de onde logo veio a necessidade de rezar.

Laço-me aos joelhos desse Deus imponente, recusado pelos ímpios, esperança dos pobres e dos aflitos.

— Ser santo e majestoso — eu gritava, aos prantos —, dignai-vos neste momento terrível a encher minha alma de uma felicidade celeste, que me impediu, sem dúvida, de atentar-me contra meus dias. Ó meu protetor e guia, aspiro às vossas bondades, imploro vossa clemência: vede minha miséria e meus tormentos, minha resignação e meus votos. Deus todo-poderoso! Sabeis que sou inocente e fraca, fui traída e maltratada; eu quis fazer o bem seguindo vosso exemplo, e vossa vontade me puniu por isso; que ela seja cumprida, ó, meu Deus! Todos vossos efeitos sagrados me são caros, eu os respeito e paro de me queixar; mas, se apesar de tudo eu encontrar apenas espinhos, estaria vos ofendendo, ó, meu Senhor soberano, ao suplicar vosso poder para que lembreis-vos de mim, para rezar sem problemas, para vos adorar longe desses homens perversos que tanto me fizeram mal, ai de mim! encontrar somente males e cujas pérfidas e sanguinárias mãos afogam por diversão meus dias tristes na torrente de lágrimas e no abismo da dor?

A oração é o mais doce consolo do infeliz; ele se torna mais forte quando cumpre esse dever. Levanto-me cheia de coragem, junto os trapos que o celerado me deixou e escondo-me no meio do mato para passar a noite de modo menos arriscado. A segurança na qual eu acreditava encontrar-me, a satisfação que acabava de provar, aproximando-me de meu Deus, tudo isso contribuiu para me deixar repousar por algumas horas e o sol já estava alto quando abri os olhos. O momento do despertar é atroz para os desafortunados; a imaginação, tranquilizada pelas doçuras do sono, é preenchida muito rápida e sombriamente pelos males com os quais esses instantes de um repouso enganoso fez-lhe perder a lembrança.

— Pois bem — disse-me então enquanto me examinava —, quer dizer que é verdade que existem criaturas humanas que a natureza reduz ao mesmo destino daqueles animais selvagens! Escondida em seu reduto, fugindo dos homens assim como eles fazem, qual é a diferença que hoje pode ter entre mim e essas criaturas? Vale mesmo a pena nascer para um destino tão lamentável? — E minhas lágrimas jorraram copiosamente com essas tristes reflexões; eu tinha acabado de chorar quando escutei um barulho perto de mim. Aos poucos, reconheci dois homens. Fico atenta:

— Venha, caro amigo — disse um deles —, estaremos às

maravilhas aqui. A presença cruel e fatal de uma tia que eu abomino não vai impedir-me de provar contigo, por um momento, prazeres que me são tão doces.

Eles se aproximam, instalam-se de tal forma próximos a mim que nenhuma de suas propostas, nenhum de seus movimentos podem me escapar; sou capaz de ver tudo...

— Bom céu, senhora — diz Thérèse, interrompendo-se —, será possível que o destino me coloque apenas em situações tão críticas, tornando-se tão difícil à virtude ouvir-lhe as histórias quanto ao pudor descrevê-las! Esse crime horrível que ultraja da mesma forma a natureza e as convenções sociais, enfim, esse crime sobre o qual a mão de Deus pesa regularmente, legitimado pelo Coração-de-Ferro, proposto por ele à infortunada Thérèse, consumado nela contra sua vontade pelo carrasco que acaba de imolá-la, essa execração revoltante, enfim, eu a vi se realizar sob meus olhos com todas as sondagens impuras, todos os episódios abomináveis que pode acrescentar a mais deliberada depravação! Um daqueles homens, aquele que se prestava àquilo, tinha vinte e quatro anos e estava muito bem vestido para me convencer de sua alta classe social; o outro, com mais ou menos a mesma idade, parecia um de seus criados. O ato foi longo e escandaloso. Apoiado com suas mãos no alto de um montículo em frente do matagal onde eu me encontrava, o jovem senhor, que estava desnudo, exibia ao companheiro de depravação o ímpio altar do sacrifício, e este, cheio de ardor por aquele espetáculo, acariciava o ídolo, preparado para imolá-lo com um punhal muito mais atroz e muito mais gigantesco do que aquele com que eu fora ameaçada pelo chefe dos ladrões de Bondy. Mas o jovem senhor, sem nada temer, parecia enfrentar impunemente o acordo que se lhe apresentava; ele o irrita, excita-o, cobre-o de beijos, segura-o, faz com que o penetre, deleita-se em devorá-lo. Empolgado com suas carícias criminosas, o infame debate-se sobre o ferro e parece lamentar-se por ele não ser ainda mais assustador, ele desafia seus golpes, repele-os... Dois doces e legítimos esposos certamente iriam se acariciar com menos ardor... Suas bocas têm pressa, seus suspiros se confundem, suas línguas se entrelaçam e eu vejo ambos, embriagados de luxúria, encontrarem no meio das delícias o complemento para seus péfidos horrores. A homenagem se renova e para reacender o incenso nada é poupado por aquele que exige; beijos, carícias, poluções, refinamentos da mais alta depravação. Eles utilizam todo tipo de recurso para

reanimar as forças que começavam a se extinguir, e isso os reanima por cinco vezes seguidas sem que nenhum dos dois trocasse de papel. O jovem senhor sempre foi a mulher e mesmo que fosse possível perceber nele a oportunidade de ser homem, por sua vez, ele não parecia querer conceber esse desejo nem por um instante sequer. Se visitou altar semelhante àquele em que se sacrificava, foi em proveito do outro ídolo e nunca nenhum dos ataques pareceram ameaçar aquele.

Ó! Como demorou-me a passar o tempo! Não atrevi a mover-me, com medo de ser percebida. Finalmente, os criminosos atores daquela cena indecente, sem dúvida saciados, levantavam-se para retomar o caminho que deveria conduzi-los de volta às suas casas, quando o senhor se aproximou do arbusto que me encobria; meu chapéu me traiu... e ele avistou...

— Jasmin — diz ele ao seu criado —, fomos descobertos... Uma menina assistiu a nossos segredos... Vem, vamos pegar essa vagabunda e descobrir o que ela está fazendo aqui.

Eu não lhes dei o trabalho de tirar-me de meu abrigo; saí por conta própria e, caindo aos seus pés:

— Ó senhores! — exclamava, estendendo os braços em suas direções —, tendes piedade de uma desafortunada, cujo destino é mais lamentável do que podeis imaginar. São poucos os infortúnios comparáveis aos meus; espero que a situação em que me encontrastes não desperte nenhuma suspeita contra mim. Ela é mais consequência de minha miséria do que de meus defeitos; longe de aumentar os males que me afligem, queirais diminuí-los facilitando-me os meios de fugir dos flagelos que me perseguem.

O conde de Bressac (esse era o nome do jovem rapaz), nas mãos de quem eu caíra, possuidor de um espírito de grande maldade e libertinagem, não era dotado de uma dose muito grande de piedade no coração. Infelizmente, é muito comum ver a libertinagem apagar a piedade no homem; seu efeito mais comum é endurecê-lo: seja porque a maior parte de seus desvios necessita da apatia da alma, seja porque o violento tremor que aquela paixão imprime à massa de nervos diminui a força de suas ações, mas o que costuma acontecer é que um libertino raramente é um homem sensível. No entanto, a essa rispidez natural desse tipo de pessoa de quem esboço o caráter, acrescia-se, ainda, no sr. de Bressac, um desgosto tão inveterado por nosso sexo, um ódio tão grande a tudo o que o caracteriza, que seria muito difícil

conseguir pôr em sua alma os sentimentos com os quais eu pretendia emocioná-lo.

— Ó, minha pombinha — disse-me o conde, rispidamente —, se estás a procurar tolos, vai buscar em lugar melhor: nem eu nem meu amigo sacrificamos o templo impuro do teu sexo; se é esmola que estás pedindo, procura por pessoas que gostam de caridade, nós nunca praticamos esse tipo de coisa... Mas fala, sua miserável, viste o que se passou entre mim e o senhor?

— Eu os vi conversando sentados na relva — respondi. — Nada mais do que isso, senhor, dou minha palavra.

— Quero mesmo acreditar no que dizes — diz o jovem conde —, e isso pelo teu bem. Se eu desconfiasse que tivesses visto alguma outra coisa, nunca sairias dessa moita... Jasmi, ainda está cedo, temos tempo de ouvir as aventuras dessa moça e daí decidiremos o que deve ser feito.

Os rapazes se sentam e me ordenam a sentar perto deles, e, então, ingenuamente, compartilhei todos os infortúnios que me afligiam desde que chegara ao mundo.

— Vamos, Jasmim — disse o sr. de Bressac, levantando-se, assim que eu terminei —, sejamos justos ao menos uma vez. A imparcial Têmis condenou essa criatura, não vamos deixar que os propósitos da deusa sejam tão cruelmente frustrados. Cuidemos para que essa delinquente sofra a pena de morte que lhe foi imposta: esse pequeno assassinato, muito longe de ser um crime, não será mais do que uma reparação na ordem moral; já que às vezes temos a infelicidade de contrariar essa ordem algumas vezes, devemos corajosamente restituí-la quando a situação se apresenta...

E aqueles homens cruéis, tirando-me do lugar, já me arrastavam pelo bosque, rindo de meus prantos e de meus gritos.

— Vamos amarrar seus quatro membros em quatro árvores, formando assim um quadrado comprido — diz Bressac, deixando-me nua.

Depois, com suas gravatas, lenços e ligas, eles inventaram cordas às quais eu logo sou amarrada, do modo como eles haviam planejado, ou seja, com o gesto mais cruel e doloroso possível de imaginar. Não consigo descrever o quanto sofri; eu tinha a impressão que me arrancavam os membros e que meu ventre, sem qualquer tipo de apoio e com o peso voltado para o chão, ia se abrir a qualquer momento. O suor escorria de meu rosto, eu me mantinha viva apenas

pela violência da dor; se ela tivesse cessado de comprimir meus nervos, seria tomada por uma angústia mortal. Os celerados se divertiram com essa postura, eles observaram e aplaudiam.

— Já chega — disse finalmente Bressac —, eu consinto que dessa vez ela escape disso só com o susto. Thérèse — continua ele, ordenando-me que eu me vestisse —, sê discreta e nos acompanha; junta-te a mim e não terás motivo para te arrependar. Minha tia precisa de uma segunda criada; irei te apresentar a ela, acreditando nos relatos que me confiaste. Mas se abusares de minhas generosidades, se traíres minha confiança, ou se não te submeter às minhas vontades, olha para essas quatro árvores, Thérèse, olha para esse terreno que elas circundam; lembra-te que esse funesto lugar fica a apenas uma légua do castelo para onde te conduzo, e que, se cometeres algum erro, serás imediatamente trazida para cá.

No mesmo instante, esqueço minhas desgraças, atiro-me aos joelhos do conde e, aos prantos, prometo-lhe uma boa conduta; mas ele está tão insensível à minha felicidade quanto à minha dor.

— Vamos — diz Bressac —, é essa conduta que responderás por ti; apenas ela vai conduzir teu destino.

Então avançamos; Jasmim e seu amo conversavam em voz baixa e andavam juntos, e eu os seguia humildemente, sem nada dizer. Em menos de uma hora chegamos ao castelo da sra. marquesa de Bressac, cuja magnificência e a grande quantidade de criados que encerrava levaram-me a pensar que a função que eu cumpriria naquela casa certamente me traria mais vantagens do que a de governanta-chefe do sr. du Harpin. Fizeram-me esperar em um escritório onde Jasmim obsequiosamente me serviu tudo o que poderia ser útil para me reconfortar. O jovem conde entra para falar com a tia; ele a avisa que estou ali e vem buscar-me uma meia hora depois para me apresentar à marquesa.

A sra. de Bressac era uma mulher de quarenta e seis anos, ainda muito bonita, e pareceu-me honesta e sensível, ainda que acrescentasse um pouco de severidade em seus princípios e propósitos. Há dois anos, ficara viúva do tio do conde, que a havia desposado sem possuir outra fortuna além do belo nome que lhe transferia. Todos os bens com que o sr. de Bressac podia contar dependiam dessa tia; o que havia ganhado de seu pai mal chegava a satisfazer seus prazeres. A sra. de Bressac contribuía com uma pensão considerável, o que não era suficiente: nada podia ser tão caro quanto as voluptuosidades do

conde; talvez estas custem menos do que as outras, mas elas certamente se multiplicam muito mais. Havia cinquenta mil escudos de renda naquela casa, e o sr. de Bressac era um homem sozinho. Nunca conseguiram fazer com que ele trabalhasse; qualquer coisa que o afastasse de sua libertinagem lhe era tão insuportável que ele não podia submeter-se ao trabalho pesado. A marquesa vivia naquelas terras durante três meses do ano; o resto do tempo ela passava em Paris, e esses três meses em que exigia a companhia do sobrinho eram uma espécie de suplício para um homem que detestava a tia, e que considerava perdidos todos os momentos em que estava afastado de uma cidade onde, segundo ele, encontrava-se o centro de todos os seus prazeres.

O jovem conde obrigou-me a contar à marquesa tudo o que eu lhe havia relatado, e, assim que terminei:

— Tua candura e ingenuidade não me deixam duvidar de tua sinceridade, disse-me a sra. de Bressac. — Não irei colher outras informações sobre tua pessoa, quero saber apenas se és realmente a filha do homem que me estás dizendo. Se isso for verdade, conheci teu pai, e essa seria uma razão a mais para que eu me interessar por ti. Quanto ao assunto do sr. du Harpin, eu me encarrego de resolvê-lo em duas visitas à casa do conselheiro, meu amigo há séculos. Ele é o homem mais íntegro do mundo e basta que eu lhe prove tua inocência para anular tudo o que tenha sido feito contra ti. Mas, pensa bem, Thérèse, o que prometo aqui é a troco de uma conduta impecável; assim, verás que os efeitos do reconhecimento que exigirei estarão sempre a teu favor.

Atirei-me aos pés da marquesa e garanti-lhe que ela ficaria contente comigo. Ela me levantou com bondade e deu-me, na mesma hora, o posto de segunda camareira a seu serviço.

Ao cabo de três dias chegaram as informações que a sra. de Bressac pedira para verificar em Paris e elas eram exatamente as que eu desejava. A marquesa elogiou-me por não ter lhe imposto nada e todas as ideias de infortúnio finalmente desapareceram de meu espírito, dando lugar à esperança dos consolos mais doces possíveis de se esperar. Mas não estava combinado com o céu que a pobre Thérèse devesse ser feliz para sempre, e se alguns momentos de calma lhe nasciam de forma tão imprevista, era apenas para deixar mais amargos os momentos de horror que deveriam segui-los.

Mal chegamos a Paris e a sra. de Bressac já se apressou em

trabalhar a meu favor: o primeiro presidente quis ver-me; ele ouviu com interesse o relato de minhas desgraças; as calúnias do sr. du Harpin foram reconhecidas, mas foram em vão os esforços em puni-lo: o sr. du Harpin, tendo feito um bom negócio com moedas falsas, arruinando assim três ou quatro famílias e lucrando com isso quase dois milhões, acabava de mudar-se para a Inglaterra. A respeito do incêndio das prisões do Palácio, convenceram-se de que eu tinha me aproveitado daquele acontecimento, ou, pelo menos, não havia participado dele. O processo seria então minimizado, disseram-me, sem que os magistrados envolvidos em tais acontecimentos quisessem recorrer a outras formalidades. Isso era tudo o que eu sabia e eu me contentava com o que me diziam; logo vereis que estava enganada.

Não é difícil imaginar quantos acontecimentos como esse me ligavam à sra. de Bressac; aliás, se ela não tivesse demonstrado tanta bondade para comigo, como tais feitos não poderiam unir-me para sempre a uma protetora tão preciosa? Porém, talvez não fosse intenção do jovem conde que eu ficasse tão próxima de sua tia... Mas é aí que se apresenta a ocasião de descrever-vos esse monstro.

O sr. de Bressac aliava aos charmes comuns da juventude a mais sedutora aparência; se sua estatura ou traços tinham algum defeito era por se assemelharem um pouco demais a essa indiferença, a essa morosidade própria apenas a mulheres. Parecia que lhe emprestando os atributos desse sexo feminino, a natureza também lhe havia inspirado os gostos desse sexo... Mas, no entanto, que alma era aquela que se escondia sob aqueles encantos femininos! Encontravam-se ali todos os vícios que caracterizam a alma dos celerados: nunca se viu mais maldade, vingança, crueldade, ateísmo, devassidão e desprezo por todos esses deveres, sobretudo por aqueles que a natureza parece nos promover as delícias. Em meio a todos aqueles defeitos, o sr. de Bressac tinha, principalmente, o de odiar a tia. A marquesa fazia tudo para levar o sobrinho aos caminhos da virtude. Ela talvez empregasse um rigor excessivo e o resultado disso era que o conde, ainda mais inflamado pelos efeitos dessa severidade, entregava-se a suas vontades ainda mais impetuosamente; e o que a pobre marquesa lucrava com suas perseguições era o fazer-se ser ainda mais odiada.

— Não penses — dizia-me com frequência o conde — que seja por si mesma que minha tia age no que se refere a ti, Thérèse. Se eu não insistisse o tempo todo com ela, mal se lembraria dos cuidados que prometera a ti. Ela valoriza todos os teus passos, enquanto eles não

passam de obras minhas. Sim, Thérèse, é somente a mim que deves teu reconhecimento, e o reconhecimento que exijo de ti deve parecer-te completamente despretenso, pois, por mais bonita que sejas, sabes muito bem que não são teus favores que eu desejo. Não, Thérèse, os serviços que espero de ti são de outro gênero, e quando estiver bem convencida do que eu fiz em nome da tua tranquilidade, quero encontrar em tua alma o que é de meu direito esperar dela.

Tais discursos pareciam-me tão obscuros que eu não sabia como respondê-los; no entanto, fazia-o ao acaso e talvez com muita facilidade. Será preciso confessá-lo? Ai de mim! Sim, disfarçar de vós minhas falhas seria enganar vossa confiança e mal retribuir ao interesse que minhas desgraças vos inspiraram. Aprendei, senhora, o único erro voluntário que tenho a me repreender... Eu disse um erro? Uma loucura, uma extravagância... quem nunca fez algo parecido... mas ao menos não era um crime, e sim um simples erro que não puniu ninguém a não ser a mim, e do qual a justa mão do Céu precisava se servir para me afundar no abismo que se abria logo abaixo de meus pés. Não importa quais tenham sido os procedimentos indignos do conde de Bressac em relação a mim no primeiro dia em que o conheci, era, no entanto, impossível encontrá-lo sem que me sentisse atraída por ele, com um ímpeto de ternura que nada poderia vencer. Apesar de todas as minhas reflexões sobre sua crueldade, sobre seu distanciamento das mulheres, sobre a depravação de seus gostos, sobre as distâncias morais que nos separavam, nada no mundo podia apagar aquela paixão desperta, e se o conde pedisse minha vida, eu a teria sacrificado mil vezes. Ele estava longe de suspeitar de meus sentimentos... O ingrato estava muito longe de descobrir a causa das lágrimas que eu derramava diariamente; mas era impossível, no entanto, não desconfiar da vontade que eu tinha de correr atrás de tudo o que podia fazer para agradá-lo. Não era possível que ele não percebesse minhas amabilidades; estas, sem dúvida muito cegas, chegavam a ponto de servir seus erros, o quanto a decência me permitia fazê-lo, disfarçando-os sempre para sua tia. De alguma forma, aquela conduta fez com que eu ganhasse sua confiança, e tudo o que vinha dele era-me tão precioso, eu me cegava de tal forma sobre o pouco que seu coração me oferecia que tive, por vezes, a debilidade de acreditar que talvez eu não lhe fosse tão indiferente como havia acreditado. Mas o excesso de suas depravações desiludiam-me imediatamente, elas eram tantas que até mesmo sua saúde tinha se

alterado. Às vezes eu tomava a liberdade de lhe descrever os inconvenientes de sua conduta, ele me escutava sem qualquer repugnância e depois terminava dizendo que não se corrigia a espécie de vício que ele apreciava.

— Ah, Thérèse — exclamou ele um dia, cheio de entusiasmo —, se conhecesses os encantos dessa fantasia, se pudesses compreender o que experimentamos com a doce ilusão de ser nada mais do que uma mulher! Ah, que desvio incrível do espírito! Abomina-se esse sexo e ao mesmo tempo se quer imitá-lo! Ah, como é doce poder fazer isso, Thérèse, como é delicioso ser a puta de todos os que te desejam, e, daí, ir à última consequência, ao delírio e à prostituição; ser, sucessiva e simultaneamente, a ama de um carregador, de um marquês, de um criado, de um monge; ser cada vez mais amado, acariciado, cobiçado, ameaçado, espancado, ora vitorioso em seus braços, ora vítima a seus próprios pés, enternecendo-os com carícias, reanimando-os com excessos... Ah! Não, não, Thérèse, não sabes o que significa tal prazer para uma cabeça organizada como a minha... Mas, deixando de lado a moral, se pudesses imaginar quais são as sensações físicas dessa experiência tão divina!... É impossível resistir a isso; são cócegas tão intensas, titilações de tão excitante voluptuosidade... que se perde a cabeça... chega-se ao delírio. Milhões de beijos, um mais terno do que o outro, ainda não seriam capazes de exaltar, com o ardor necessário, a embriaguez em que nos mergulha o agente; enlaçado em seus braços, com as bocas coladas umas às outras, desejaríamos que toda nossa existência pudesse incorporar-se à dele; queríamos formar com ele um único ser, e se há algo de que não podemos nos queixar é o fato de sermos ignorados. Gostaríamos que, mais vigoroso do que um Hércules, ele nos dilatasse, nos penetrasse; e que esse precioso sêmen projetado fervendo no fundo de nossas entranhas fizesse, com seu calor e sua força, jorrar os nossos nas mãos dele... Não penses, Thérèse, que somos feitos como os outros homens; é uma construção completamente diferente, enquanto essa membrana tão sensível forra o templo de Vênus nas mulheres, o Céu, ao nos criar, enfeitou o altar onde nossos descomedidos amantes nos praticam os sacrifícios: ali, somos mulheres certamente como sois são no santuário da geração; não há nenhum de teus prazeres que não nos seja conhecido, nenhum que não saibamos gozar; e temos, além desses, os nossos, e é essa deliciosa reunião que faz com que sejamos, na terra, os homens mais sensíveis à voluptuosidade, os melhores criados para senti-la; e é essa

arreatadora conjunção que nos permite corrigir nosso penhor, que faria de nós entusiastas e frenéticos se ainda tivéssemos a estupidez de nos punir... que nos faz adorar, até o momento de nossa morte, o deus encantador que nos escraviza!

Assim se exprimia o conde preconizando seus desvios. Se eu tentasse falar-lhe a respeito do Ser ao qual ele tudo devia, e sobre os desgostos que davam essas devassidões a sua tia, eu não percebia nele senão desrespeito e deboche, sobretudo impaciência em ter visto por tanto tempo, e naquelas mãos, as riquezas que, segundo ele, deveriam lhe pertencer. Eu não via aí nada além do que o mais inveterado ódio contra aquela mulher tão honesta, a revolta mais apurada contra todos os sentimentos da natureza. Seria então verdade que, quando se vem a transgredir de modo tão formal com os seus gostos o instinto sagrado dessa lei, a consequência necessária a esse primeiro crime é uma terrível propensão a se cometer todos os outros?

Às vezes eu me servia dos meios da religião; quase sempre consolada por ela, eu tentava transmitir seus bálsamos à alma daquele perverso, praticamente certa que o conteria com esses laços caso o fizesse compartilhar de seus atrativos; mas o conde não me deixava empregar essas armas por muito tempo. Inimigo declarado de nossos mais santos mistérios, contraditor obstinado da pureza de nossos dogmas, antagonista exacerbado de um Ser Supremo, o sr. de Bressac, em vez de se deixar converter por mim, não desistia de tentar me corromper.

— Todas as religiões partem de um falso princípio, Thérèse — dizia-me ele. — Todas elas supõem ser necessário o culto de um Ser criador, mas esse criador nunca chegou a existir. A esse respeito, lembra-te dos preceitos sensatos desse tal Coração-de-Ferro, como me disseste, Thérèse, que, assim como eu, trabalhou teu espírito. Nada de mais justo do que os princípios desse homem, e o aviltamento com o qual se tem a tolice de defendê-lo não lhe tira o direito de reflexão.

“Se todas as produções da natureza são efeitos resultantes das leis que a controlam; se suas perpétuas ação e reação supõem o movimento necessário à sua essência, o que acontece com o soberano senhor que lhe atribuem, gratuitamente, os tolos? É isso o que te dizia teu sábio instrutor, minha querida. Logo, o que são as religiões, senão o freio com o qual a tirania do mais forte quis dominar o mais fraco? Tomado por esse projeto, ele se atreveu a dizer àquele que pretendia dominar que um Deus forjava os grilhões cuja crueldade o espreitava;

e este, embrutecido por sua própria miséria, acreditou em absolutamente tudo o que o outro lhe quis apregoar. Podem então merecer algum respeito as religiões originadas dessas falácias? Existe, Thérèse, pelo menos uma que não porte a insígnia da impostura e da estupidez? O que eu vejo em todas elas? Vejo mistérios que fazem estremecer a razão, dogmas que insultam a natureza e cerimônias grotescas que provocam apenas escárnio e ódio. Mas se, dentre todas elas, existe uma que mais mereça nosso desprezo e nossa raiva, ó Thérèse, não seria essa bárbara lei do cristianismo, na qual nós dois fomos criados? Por acaso existe religião mais odiosa? Alguma que possa enaltecer tanto o coração quanto o espírito?

“Como podem os homens sensatos ainda atribuírem alguma crença às palavras obscuras, aos supostos milagres do instrutor vil desse culto terrível? Nunca existiu charlatão mais apropriado para a indignação pública! Como pode um judeu lazarento, nascido de uma puta e de um soldado, no confim mais desprezível do universo, atrever-se a se passar por veículo daquele que, como se costuma dizer, criou o mundo? Com tão elevadas pretensões, tens de admitir, Thérèse, ele precisaria ao menos de alguns títulos. E quais são os títulos desse ridículo embaixador? O que ele vai fazer para provar sua missão? Por acaso o mundo vai mudar de aparência? Os males que lhe atormentam serão exterminados? O sol vai iluminá-la noite e dia? Os vícios deixarão de contaminá-la? Iremos, por fim, ver reinar tão somente a felicidade?... De forma alguma; é por meio de truques de enganação, de cabriolas e trocadilhos,³ que o enviado de Deus anuncia-se ao universo; é na sociedade respeitável de operários, de artesãos e de prostitutas que o ministro do céu vem manifestar sua grandeza; é embriagando-se com uns, deitando-se com outros, que o amigo de um Deus, Deus ele próprio, vem submeter as suas leis o pecador insensível; é inventando para suas farsas apenas o que satisfaça suas luxúrias, ou sua gula, que esse asqueroso prova sua missão; seja ela qual for, ele faz fortuna. Alguns satélites medíocres juntam-se a esse embusteiro; uma seita se forma; os dogmas desse canalha conseguem seduzir alguns judeus: escravos do poderio romano, eles deviam abraçar com júbilo uma religião que, livrando-os de seus grilhões, domava-os apenas para o freio religioso. Adivinha-se seus motivos, desmascara-se sua insubmissão; detêm-se os revoltosos; o chefe deles padece, mas com uma morte certamente muito mais leve do que esse crime merecia, e, por causa de um erro imperdoável de reflexão,

deixa-se dispersar os discípulos desse bronco em vez de decapitá-los junto com ele. O fanatismo encarrega-se dos espíritos, as mulheres gritam, os loucos se debatem, os imbecis creem, e eis aí o mais desprezível dos seres, o canalha mais inábil, o maior de todos os impostores, ei-lo Deus, ei-lo filho de Deus igual ao pai; eis aí todos os devaneios consagrados, todas as suas palavras transformadas em dogmas, todas as suas tolices transformadas em mistérios! O peito de seu fabuloso Pai abre-se para recebê-lo, e esse Criador, outrora simples, ei-lo três vezes maior para comprazer a esse filho digno de sua grandiosidade! Mas será que esse santo Deus vai permanecer aí? Não, sem dúvida, é a muitos outros favores que esse poder celestial vai se prestar. Pela vontade de um padre, isto é, de um homem ridículo, coberto de mentiras e de crimes, esse grande Deus, criador de tudo o que vemos a cada manhã vai reduzir-se até dez ou doze milhões de vezes num pedaço de massa que, precisando ser engolido pelos fiéis, vai logo se transmutar, no fundo de suas entranhas, nos mais vis excrementos, e isso em nome da satisfação desse terno filho, odioso inventor dessa monstruosa impiedade, numa ceia de bordel. ‘Isso precisa acontecer’, disse ele. E acrescentou: ‘Esse pão que vedes será minha carne; ireis digeri-lo como tal; ora, como sou Deus, Deus será por vós digerido, e então, porque eu o disse, o Criador do céu e da terra irá se modificar na matéria mais vil que se pode exalar do corpo do homem, e o homem comerá Deus, porque esse Deus é bom e ele é o todo-poderoso’. Tais inépcias, entretanto, se alastram; atribui-se seu crescimento à sua realidade, à sua grandeza, à sua sublimidade, ao poder daquele que as apresentou, enquanto as causas mais simples dobram-lhe a existência, enquanto o crédito conquistado por meio do erro encontra apenas trapaceiros de um lado e criminosos de outro. Por fim, essa religião infame conquista o trono, e é um imperador insosso, ignorante e fanático que, cobrindo-se com a faixa real, vai contaminar os dois cantos da Terra. Ó Thérèse, qual seria o impacto dessas razões em um espírito inquieto e filosófico? Poderá o homem sensato, diante dessas plumagens de fábulas abomináveis, enxergar outra coisa senão o fruto da impostura de alguns homens e da falsa credulidade da maior parte deles? Se Deus quisesse que tivéssemos alguma religião, e se ele fosse realmente poderoso, ou, melhor dizendo, se de fato existisse algum Deus, seria por esses meios tão absurdos que ele nos teria comunicado suas ordens? Seria tomando como veículo um bandido desprezível que ele nos teria mostrado

como deveríamos servi-lo? Se esse Deus de que me falas for mesmo supremo, se for poderoso, justo, bom, será por meio de enigmas e de farsas que ele pretenderá ensinar-me a servi-lo e a conhecê-lo? Soberano propulsor dos astros e do coração do homem, não pode ele nos instruir servindo-se de uns, ou convencer-nos gravando-se em outros? Que um dia ele imprima em traços de fogo, no centro do sol, a lei que pode satisfazê-lo e a qual ele quer nos transmitir; de um canto a outro do universo, todos os homens, ao lê-la e ao conhecê-la simultaneamente se tornarão culpados por não segui-la. Mas dirigir seus anseios a apenas uma região ignorada da Ásia; escolher como devoto o povo mais falso e mais visionário; eleger como adepto o mais vil artesão, o mais absurdo e o mais malicioso deles; obscurecer tão bem a doutrina até que seja impossível compreendê-la; restringir o conhecimento a um pequeno número de indivíduos; abandonar os outros no erro e puni-los por terem aí permanecido... Ó, não, Thérèse, não, não, essas atrocidades não servem para nos guiar: eu preferiria mil vezes a morte a acreditar nelas. Quando o ateísmo precisar de mártires, que os designe, porque meu sangue já está preparado. Detestemos tais horrores, Thérèse; que os mais notáveis insultos consolidem o descaso que tanto lhe convém... Eu mal abria os olhos e já detestava esses grosseiros devaneios; desde então, formulei uma lei para espezinhá-los, um juramento de nunca mais voltar a eles; imita-me, se queres ser feliz; detesta, renuncia, profana, assim como eu, o objeto odioso desse culto medonho, e também o próprio culto criado por quimeras, feito, como elas, para ser depreciado por tudo o que almeja a sabedoria.”

— Ó senhor! — respondi, aos prantos. — Estaríeis desapropriando uma infeliz de sua mais doce esperança se fizésseis murchar no coração dela essa religião que tanto a consola. Firmemente atada àquilo que ela proclama; absolutamente convencida de que todos os golpes que lhe são dirigidos não passam de efeitos de libertinagem e de paixões, iria eu sacrificar em nome de blasfêmias e de sofismas que me causam horror a mais cara ideia de meu espírito, o mais doce alimento de meu coração?

Ainda acrescentei milhares de outros argumentos que só provocavam o riso do conde; seus princípios artificiosos, alimentados por uma eloquência muito mais viril do que a minha, e apoiados por leituras que eu felizmente nunca fizera antes, atacavam diariamente os meus princípios, sem abalá-los, no entanto. A sra. de Bressac, cheia de

virtude e piedade, não ignorava que seu sobrinho sustentava suas infrações por todo tipo de paradoxo corrente; ela sempre se queixava disso para mim; e, como ela se dignava a ver-me com um pouco mais de bom senso do que suas outras mulheres, ela gostava de confiar-me alguns de seus pesares.

Mas não havia, apesar disso, qualquer limite para os procedimentos perversos de seu sobrinho para com ela. O conde estava a ponto de não mais escondê-los; não só rodeara a tia com toda aquela gente canalha e perigosa que servia a seus prazeres, como tivera a audácia de fazê-la declarar, na minha frente, que se continuasse a contrariar suas vontades iria convencê-la dos encantos que eles tinham, entregando-se a eles diante de seus próprios olhos.

Eu sofria: aquele comportamento causava-me terror. Eu tratava de tirar daí motivos pessoais para abafar em minha alma a desgraçada paixão em que ela ardia: mas seria o amor um mal do qual se possa se curar? Todas as minhas tentativas em contradizê-lo atiçava-lhe ainda mais a chama, e o pérfido conde nunca me parecera tão amável como quando reunira diante de mim tudo o que deveria incitar-me a odiá-lo.

Fazia quatro anos que eu me encontrava naquela casa, e sempre perseguida pelas mesmas aflições, sempre aliviada pelos mesmos consolos, quando aquele homem abominável, acreditando, finalmente, estar certo quanto à minha pessoa, atreveu-se a revelar seus infames projetos. Naquela época, estávamos no campo, eu era única companhia da condessa; sua primeira camareira conseguira ficar em Paris durante o verão para resolver alguns negócios do marido. Certa noite, pouco depois de eu me ter retirado, fiquei a respirar o ar fresco na sacada do quarto, sem conseguir decidir-me a ir para a cama por conta do calor excessivo; subitamente, o conde bate à porta e pede para que eu o deixe entrar para conversar. Ai de mim! Todos os instantes concedidos por aquele cruel autor de meus males pareciam-me demasiado preciosos para atrever-me a recusá-los; ele entra, fecha a porta com cuidado, e, atirando-se ao meu lado em uma poltrona:

— Escuta-me, Thérèse — diz-me, com certo embaraço —, tenho coisas de extrema importância para te dizer; tens de me prometer que guardarás absoluto segredo.

— Ó senhor! — respondi. — Como podeis acreditar-me capaz de abusar de vossa confiança?

— Não sabes o que arriskas se vieres a provar que me engano em concedê-la!

— O mais terrível de todos os meus desgostos seria perdê-la, não preciso de maiores ameaças...

— Pois bem, Thérèse, condenei minha tia à morte... e agora é a tua mão que deve me servir.

— Minha mão! — exclamei, recuando de medo... — Ó senhor, como podeis ter concebido projetos como esses?... Não, não; tendes minha vida à vossa disposição caso dela necessiteis, mas não penseis que vós obtereis de mim o horror estais a me propor.

— Escuta, Thérèse — disse-me o conde, conduzindo-me com tranquilidade —, tenho plena consciência de todas as tuas repugnâncias, mas, como és inteligente, estou convencido de que posso vencê-las... de que posso provar-te que esse crime, que te parece tão absurdo, no fundo não passa de uma coisa bem simples.

“Dois crimes apresentam-se aqui, Thérèse, a teus olhos pouco filosóficos: a destruição de uma criatura que se assemelha a nós, e o mal com que essa destruição se alastra, quando essa criatura nos diz respeito de perto. Quanto ao crime de destruir um semelhante, podes estar certa, minha querida, de que ele é completamente quimérico. O poder de destruição não é cedido ao homem; este tem, no máximo, o poder de variar as formas, mas não de aniquilá-las: ora, todas essas formas são iguais aos olhos da natureza, nada se perde nesse cadinho imenso em que as variações são executadas; todas as porções da matéria que caem aí tornam a brotar outra vez, incessantemente, sob outras figuras, e qualquer que seja nosso comportamento a esse respeito, sem dúvida nenhum insulta a natureza, nenhum saberia ofendê-la. Nossas destruições reanimam seu poder; elas alimentam sua energia, mas nenhuma pode enfraquecê-la; ela não é contrariada por nenhuma... Pois bem! O que importa à sua mão sempre criadora que essa massa de carne, que hoje constitui um indivíduo bípede, reproduza-se amanhã sob a forma de milhares de insetos variados? Alguém atrever-se-á a dizer que a elaboração desse animal de dois pés custa-lhe mais do que a de uma minhoca, e que ela deve dedicar-lhe maior atenção? Se, então, esse nível de apego, ou melhor, de indiferença, é o mesmo, o que te importa se pela espada de um homem um outro homem seja transmutado em mosca ou relva? Quando me convencerem da sublimidade da nossa espécie, quando me demonstrarem que ela é tão importante para a natureza, que suas leis, obrigatoriamente, ficarão irritadas com essa transmutação, acreditarei então que o assassinato é um crime; mas quando o mais sério estudo

tiver me provado que tudo o que vegeta na face da terra, a mais imperfeita das obras da natureza, tem o mesmo valor diante de seus olhos, nunca admitirei que a transmutação de um desses seres em milhares de outros possa atrapalhar seu conjunto. Direi a mim mesmo: todos os homens, todos os animais, todas as plantas crescendo, alimentando-se, destruindo-se, reproduzindo-se da mesma maneira, nunca recebendo uma morte real, mas uma simples variação naquilo que as modifica; todos, direi, aparecendo hoje sob uma forma e anos depois sob uma outra, podem, de acordo com a vontade do ser que os quer mover, sofrer milhares e milhares de modificações em um único dia, sem que qualquer lei da natureza seja por isso afetada; o que digo então? Sem que essa transmutação não faça mais do que um bem, já que decompondo indivíduos cujas bases voltam a ser necessárias à natureza, o que ele faz é render-lhe por essa ação, equivocadamente considerada criminosa, a energia criadora que a priva, de forma rigorosa, aquele que por uma estúpida indiferença não se atreve a experimentar nenhuma perturbação. Ó Thérèse, esse é o único orgulho do homem que elevou o assassinato a crime. Essa vã criatura, acreditando-se a mais sublime da face da terra, partiu desse falso princípio para assegurar que a ação que a destruiria só poderia ser infame; e desse desejo à sua consequência, acreditas, Thérèse, que a diferença possa ser tão grande? Ora, se essas impressões chegam a nós pela natureza, como se presume que elas a desagradem? Poderia ela nos inspirar algo que a deprecie? Ah! Tranquiliza-te, minha querida, experimentamos apenas o que serve a ela; todos os movimentos que ela nos dirige não passam de instrumentos de suas próprias leis; as paixões do homem não passam de meios que ela se utiliza para atingir seus próprios objetivos. Ela precisa de indivíduos? Ela nos inspira o amor, eis aí as criações; as destruições tornam-se necessárias para ela? Ela instala em nossos corações a vingança, a avareza, a luxúria, a ambição, eis então os assassinatos; mas ela sempre trabalhou para si mesma, e, sem que percebêssemos, nos tornamos, sem que percebêssemos, os crédulos agentes de seus caprichos.

“Hein! Não, não, Thérèse, a natureza não deixa em nossas mãos a capacidade de crimes que prejudicariam sua economia; faria algum sentido que o mais fraco possa realmente ofender o mais forte? O que somos nós comparados a ela? Ao criar-nos, teria ela depositado em nós algo que fosse capaz de prejudicá-la? O que essa estúpida suposição tem a ver com a maneira sublime e certa com o qual a

vemos alcançar suas finalidades? Ah! Se o assassinato não fosse uma das ações do homem que mais bem cumprisse as intenções da natureza, teria ela permitido que isso acontecesse? Imitando-a, estaríamos então a prejudicando? Poderá ela se ofender ao ver o homem fazer ao seu semelhante o que a própria natureza lhe faz diariamente? Uma vez que está provado que ela não pode reproduzir-se senão por destruições, não estaríamos agindo de acordo com seus propósitos ao multiplicá-las incessantemente? Nesse sentido, o homem que com mais ardor entregar-se a isso será, então, incontestavelmente, aquele que mais bem irá servi-la, uma vez que será ele quem mais colaborará com os propósitos sempre manifestados por ela. A primeira e mais bela qualidade da natureza é o movimento que a agita incessantemente, mas esse movimento não passa de uma sequência perpétua de crimes, é apenas por meio dos crimes que ela o conserva: o ser que mais se assemelha a ela, e, por consequência, o ser mais perfeito, será, obrigatoriamente, aquele cuja agitação mais ativa virá a tornar-se a causa de muitos crimes, enquanto, repito, o ser inativo ou indolente, quer dizer, o ser virtuoso, deve ser, certamente, aos seus olhos, o menos perfeito, porque ele tende apenas à apatia, à tranquilidade, que tornará a mergulhar tudo incessantemente no caos, como se sua superioridade prevalecesse. Deve-se assegurar o equilíbrio; e ele só pode ser assegurado por meio de crimes; os crimes então servem à natureza; e se eles servem a ela, se ela os exige, se ela os deseja, como poderiam ofendê-la? E quem será o ofendido, uma vez que ela não o é?

“Mas a criatura que vou destruir é minha tia. Ó Thérèse, como são frívolos esses laços aos olhos de um filósofo! Dá-me a liberdade de nem mesmo falar sobre isso, de tão fúteis eles são. Esses elos desprezíveis, frutos de nossas leis e instituições políticas, podem ter alguma serventia aos olhos da natureza?

“Abandona pois teus preconceitos, Thérèse, e passa a servir-me; tua fortuna está feita.”

— Ó senhor — respondi, toda apavorada, ao conde de Bressac —, essa indiferença que supondes existir na natureza não passa de sofismas de vosso pensamento. Dignai-vos principalmente a escutar vosso coração e ouvireis como ele condenará todos esses falsos juízos da libertinagem; esse coração, a cujo tribunal eu vos encaminho, não seria então o santuário onde essa natureza que insultais quer que a escutemos e a respeitemos? Se ela crava aí o mais profundo horror

pelo crime que planejais, não concordareis comigo que esse crime é condenável? As paixões, como bem sei, vos cegam no presente, mas tão logo elas se calam, podeis imaginar a que ponto os remorsos vos deixarão dilacerado? Quanto maior for vossa sensibilidade, maior o aguilhão que vos atormentará... Ó senhor, conservai e respeitai os dias dessa terna e preciosa amiga; não a sacrificai; ireis sucumbi-la de desespero! A cada dia, a cada instante, teríeis, diante de vossos olhos, essa tia querida que fora atirada ao caixão por vosso cego furor; escutaríeis vossa voz lamentosa pronunciando esses nomes doces que faziam a alegria de vossa infância, ela apareceria em vossas vigílias e vos atormentaria nos sonhos; ela abriria, com seus dedos sangrentos, as feridas que teríeis feito nela; e, a partir daí, nenhum momento feliz brilharia por vós sobre a terra; todos os vossos prazeres seriam contaminados, todas as vossas ideias se confundiriam; uma mão celeste, cujo poder desconheceis, vingaria os dias que tiverdes destruído, envenenando todos os vossos; e sem ter gozado de vossos próprios prazeres, ireis sucumbir com o arrependimento mortal de ter ousado executá-los.

Caí em prantos ao pronunciar tais palavras, estava de joelhos aos pés do conde; suplicava-lhe, por tudo o que há de mais sagrado, para esquecer um descaminho infame que eu lhe prometia esconder por toda a minha vida... Mas não conhecia o homem com quem eu estava lidando; não sabia até que ponto as paixões determinavam o crime naquela alma tão perversa. O conde levantou-se friamente.

— Percebo que me enganei, Thérèse — disse-me ele. — Talvez eu esteja tão zangado contigo quanto estou comigo; mas não importa, encontrarei outros meios, e terás perdido muito sem que tua alma nada tenha lucrado.

Tal ameaça mudou todos os meus pensamentos; recusando o crime que me propunha, eu arriscava muito por mim, e minha ama sem dúvida morreria; consentindo com a cumplicidade, estaria me protegendo da cólera do conde e certamente salvaria sua tia. Essa reflexão, obra de um instante, deixou-me determinada a aceitar tudo; porém, como uma mudança tão repentina poderia parecer suspeita, preparei, durante algum tempo, minha derrota: fiz com que o conde sempre me repetisse seus sofismas; Bressac pensou que eu me dera por vencida; eu legitimava minha fraqueza com o poderio de sua eloquência, rendia-me, finalmente. O conde atira-se em meus braços. Como esse gesto teria me deixado feliz se fosse por algum outro

motivo!... O que eu poderia dizer? Não havia mais tempo; seu comportamento terrível, seus projetos bárbaros, extinguíram todos os sentimentos que meu frágil coração se atrevia a conceber, e eu não enxergava nele senão um monstro.

— Tu és a primeira mulher que abraço — disse-me o conde —, e, na verdade, faço isso de coração... És deliciosa, menina; um raio de juízo penetrou finalmente em teu espírito! Como é possível que essa cabeça tão encantadora tenha se perdido durante tanto tempo nas trevas?

E em seguida combinamos nossos feitos. Em mais ou menos dois ou três dias, de acordo com a facilidade que encontrasse, eu deveria jogar um pacotinho de veneno, entregue por Bressac, na xícara de chocolate que a senhora tinha o hábito de tomar pela manhã. O conde garantia proteger-me contra todas as consequências e me entregaria um contrato de dois mil escudos de renda no mesmo dia mesmo da execução; ele assinou esses compromissos sem especificar como eu deveria aproveitá-los, e nos separamos.

Nesse entretempo, aconteceu algo de muito particular, capaz de revelar-vos a alma atroz do monstro com o qual negociava, e assim eu não terei que interromper, nem sequer um minuto, a história que certamente estais esperando sobre a continuação dessa aventura na qual eu estava envolvida.

Dois dias depois do nosso pacto criminoso, o conde soube que um tio, de cuja herança absolutamente não contava, deixava-lhe oitenta mil libras de renda...

— Ó Céus — disse-me, ao saber da novidade —, então é assim que a justiça celestial pune a conspiração criminoso!

E logo me arrependendo dessa blasfêmia para com a Providência, atiro-me de joelhos, desculpo-me por isso, e iludo-me, pensando que esse acontecimento imprevisto pelo menos mudaria os planos do conde... Que grande engano o meu!

— Ó, minha querida Thérèse — disse-me ele, ao aparecer, naquela mesma noite, em meu quarto —, como a prosperidade chove sobre mim! É o que eu sempre te digo, a ideia de um crime, ou a execução dele, é o meio mais seguro de atrair a felicidade; e não é muito diferente para os criminosos.

— O quê, senhor! — respondi. — Essa fortuna com a qual não contáveis não vos ajuda a esperar com paciência a morte que tanto desejais apressar?

— Esperar? — retrucou o conde bruscamente. — Eu não poderia esperar nem dois minutos, Thérèse. Sabes que tenho vinte e oito anos, e que é muito difícil esperar com essa idade?... Não, isso não deve alterar em nada nossos projetos, eu te suplico; dá-me o alívio de ver tudo terminado antes de nosso retorno a Paris... Amanhã, ou depois de amanhã no máximo... Não posso mais esperar para entregar-te um quarto de tuas rendas, e também o documento que as assegura...

Fiz o melhor que pude para disfarçar o pavor que tal obstinação me provocava e retomei as resoluções anteriores, muito persuadida de que, se não executasse o crime horrível do qual eu estava encarregada, o conde logo perceberia que eu estava a jogar com ele; e que se eu advertisse a sra. de Bressac, qualquer que fosse o partido que tomasse ante a resolução desse projeto, o jovem conde, vendo-se enganado também dessa forma, adotaria imediatamente os meios mais seguros que, ao mesmo tempo que levariam a tia à morte, exporiam-me à sua vingança. Restava-me apenas o caminho da justiça, mas nada no mundo faria com que eu me decidisse por ele; resolvi, então, prevenir a marquesa. De todas as opções possíveis, esta parecia-me a melhor e finalmente entreguei-me a ela.

— Senhora — disse-lhe no dia seguinte à minha conversa com o conde —, tenho algo muito importante a vos revelar, mas embora isso muito vos interesse, optarei pelo silêncio, caso não me deis de antemão vossa palavra de honra em não testemunhar qualquer ressentimento ao senhor vosso sobrinho pelo o que ele teve a audácia de arquitetar... Ireis agir, senhora, fareis o que for melhor, mas não direis uma palavra sequer. Dignai-vos prometer-me, ou então eu me calo.

A sra. de Bressac, que pensou se tratar apenas de algumas extravagâncias típicas do sobrinho, comprometeu-se com a promessa que eu exigia e revelei-lhe tudo. A infeliz desmanchou-se em lágrimas ao ouvir tal infâmia.

— Que monstro! — exclamou ela. — E eu que passei a vida inteira fazendo-lhe o bem! Se eu quisesse prevenir tais vícios, ou corrigi-los, que outro motivo senão sua felicidade levava-me a ser tão severa?... E essa herança com que ele acaba de deparar, não é a meus cuidados que ele a deve? Ah! Thérèse, Thérèse, prova-me a veracidade desse projeto... Coloca-me na situação em que eu não possa desconfiar disso; preciso de tudo o que possa apagar em mim os sentimentos que meu cego coração ainda se atreve a conservar por esse monstro...

Mostrei-lhe então o pacotinho de veneno; era difícil conseguir prova melhor do que essa: a marquesa quis fazer alguns testes com ele; demos uma pequena dose a um cachorro que prendemos, e que, passadas duas horas, morreu com pavorosas convulsões. A sra. de Bressac, sem mais poder duvidar, tomou uma decisão; ordenou-me que lhe desse o restante do veneno e escreveu imediatamente ao duque de Sonzeval, parente seu, para que fosse em segredo à casa do ministro contar-lhe a atrocidade de um sobrinho de quem ela se encontrava às vésperas de se tornar vítima. Pediu para que ele se munisse de uma carta assinada, e que viesse às pressas à sua terra entregá-la o mais rápido possível ao celerado que conspirava tão cruelmente contra seus dias de existência.

Mas esse crime abominável precisava se consumir; foi preciso que, por uma inconcebível autorização do Céu, a virtude cedesse aos esforços do crime. O animal com o qual executamos nossa experiência fez com que o conde tudo descobrisse. Ele o ouviu urrar, e, sabendo que esse cão era o queridinho de sua tia, foi perguntar o que lhe tínhamos feito. Aqueles a quem ele dirigiu a pergunta, de nada sabendo, não lhe deram uma resposta muito clara; a partir daquele instante, o conde já passou a formular suspeitas; não disse palavra alguma, mas eu o vi perturbado; informei seu estado à marquesa, que se inquietou ainda mais, sem poder, no entanto, pensar em outra coisa senão em apressar a correspondência e, se possível, melhor encobrir o objetivo de sua missão. Disse a seu sobrinho que o enviava com diligência a Paris para pedir ao duque de Sonzeval que se colocasse imediatamente à frente da sucessão do tio de quem acabava de receber a herança, pois, caso ninguém aparecesse, haveria processos a se temer; acrescentou que responsabilizava o duque por deixar-lhe a par de tudo, a fim de se decidir se partiria ela mesma com o sobrinho, se caso assim lhe fosse exigido. O conde, muito bom fisionomista para deixar de reconhecer o embaraço no rosto da tia e deixar passar despercebido certa confusão no meu, passou a desconfiar de tudo e pôs-se de guarda. Sob o pretexto de uma caminhada, ele se afastou do castelo e aguardou pelo mensageiro em um local onde ele inevitavelmente passaria. Esse homem, muito mais próximo dele do que da tia, não demonstrou nenhum constrangimento em lhe entregar os despachos, e Bressac, convencido do que ele indubitavelmente chama de minha traição, dá cem luíses ao mensageiro com ordens de nunca mais voltar à casa da tia. Ele retorna ao castelo, com o coração

tomado pela raiva, mas se contém. Encontra-me e acarinha-me como de costume, pergunta se o combinado vai acontecer no dia seguinte, ressaltava que é fundamental que tudo aconteça antes da chegada do duque, e depois vai se deitar com um ar tranquilo, sem nada transparecer. Como eu não soube de nada, acabei sendo vítima de tudo. Se aquele abominável crime realmente havia se consumado, como depois me informou o conde, foi sem dúvida ele próprio que o cometeu, mas eu ignoro como; fiz várias conjecturas; de que serviria descrever-vos todas? Voltemos sobretudo à maneira cruel com que fui punida por não querer encarregar-me disso. No dia seguinte à interceptação do mensageiro, a senhora tomou seu chocolate como habitualmente fazia, ela se levantou, vestiu-se, pareceu-me agitada, e pôs-se à mesa; já estávamos quase fora de casa quando fui abordada pelo conde:

— Thérèse — disse-me ele com a maior fleuma —, encontrei um meio mais seguro do que esse que te propunha para finalizar nossos projetos; mas precisamos conversar sobre os detalhes; como não me atrevo a fazer visitas frequentes em teu quarto, encontra-me às cinco horas em ponto no fundo do parque; passarei para te pegar e faremos uma caminhada pelo bosque, durante a qual eu te explicarei tudo.

Confesso-vos, senhora, seja a autorização da Providência, o excesso de candura, ou mesmo a cegueira, nada me fazia suspeitar da terrível desgraça que me aguardava; eu acreditava estar tão certa do segredo e dos conluíus da marquesa que nunca pensei que o conde viesse a descobri-los; mas, apesar de tudo, sentia no meu íntimo certa preocupação.

O perjúrio torna-se virtude quando se promete um crime, disse um de nossos poetas trágicos; o perjúrio, no entanto, sempre foi odioso para a alma sensível e delicada que se vê obrigada a procurar nele proteção. O papel que eu estava desempenhando me incomodava.

Fosse como fosse, fui ao encontro; o conde não demorou a aparecer. Ele se aproximou de mim com um ar feliz, de liberdade, e avançamos pela floresta apenas com a intenção de rir e gracejar, como ele tinha o hábito de fazer comigo. Quando eu levava a conversa para o assunto que o fizera desejar nosso encontro, ele me pedia para esperar, temendo que estivéssemos sendo observados e com a justificativa de que ainda não nos encontrávamos em segurança; pouco a pouco, fomos nos aproximando das quatro árvores onde eu fora tão cruelmente atada. Tremi ao rever aquele local; todo o horror

do meu destino apresentou-se à minha frente e podeis imaginar quão grande foi o meu espanto ao avistar os preparativos naquele lugar fatal. Algumas cordas pendiam de uma dessas árvores; três enormes mastins estavam amarrados a três outros cães e pareciam apenas aguardar por mim para se entregarem à necessidade de comer, anunciada por suas mandíbulas espumantes e escancaradas; dois dos jovens preferidos do conde tomavam conta deles.

Então o perverso, que só se dirigia à minha pessoa com os mais grosseiros epítetos, disse-me:

— Tratante, reconheces essa moita de onde te retirei como a um animal selvagem, devolvendo-te a vida que mereceras perder?... Reconheces essas árvores às quais ameacei amarrar-te novamente caso me desses motivo para que eu me arrependesse de minhas boas ações? Por que aceitaste as tarefas que te pedi contra minha tia se já tinha a intenção de me trair? E como pensaste servir à virtude arriscando a liberdade daquele a quem devias a felicidade? Encontrando-se inevitavelmente entre esses dois crimes, por que escolheste o mais abominável deles?

— Ai de mim! Então eu não havia escolhido o menor?

— Devias ter recusado — prosseguiu o conde, furioso, segurando-me por um braço e agitando-me com violência. — Sim, sem dúvida, devias ter recusado e não ter aceitado trair-me.

Então o sr. de Bressac contou-me tudo o que tinha feito para flagrar os despachos de minha ama e como surgira a suspeita que o levou a desviá-los.

— O que fizeste por tua falsidade, indigna criatura? — continuou ele. — Arriscaste teus dias sem com isso preservar os de minha tia: o golpe foi desfechado, com minha volta ao castelo colherei os frutos desse ato, mas deves morrer; tens de aprender, antes de expirar, que o caminho da virtude não é sempre o mais seguro, e que, no mundo, existem circunstâncias em que a cumplicidade de um crime é preferível à denúncia dele.

E sem me dar tempo de responder, não testemunhando a mais ínfima piedade pelo estado cruel em que me encontrava, arrastou-me em direção à árvore que me era destinada, e onde seu jovem preferido aguardava.

— Aí está — disse-lhe o conde — aquela que quis envenenar minha tia e que talvez já tenha até cometido esse crime atroz, apesar da precaução em preveni-lo; eu certamente teria feito melhor em entregá-

la às mãos da justiça, mas assim ela teria perdido a vida, e quero deixá-la com vida para que sofra por mais tempo.

Os dois celerados agarram-me então, e, num instante, deixam-me nua:

— Que bela bunda! — dizia o conde com a mais cruel ironia, tocando em minhas partes com brutalidade. — Que fartura de carne!... Um excelente almoço para meus mastins!

Depois de me deixarem completamente sem roupa, amarram-me à árvore com uma corda que me cinge as costas, deixando-me com os braços livres para defender-me como posso; com a folga que a corda tinha, consigo avançar e recuar cerca de seis pés. Uma vez aí, o conde, muito agitado, aproxima-se para observar minha situação; dá uma volta e passa em torno de mim; pela maneira violenta como me toca, sinto que suas mãos assassinas pretendem disputar-me furiosamente com os dentes afiados dos cachorros.

— Vamos! — disse ele aos ajudantes. — Soltem os animais, chegou na hora.

Os cães são soltos, o conde os excita, os três atiram-se sobre meu desgraçado corpo; dir-se-ia que eles se revezam para que nenhuma parte do meu corpo ficasse a salvo de seus furiosos ataques. Tento em vão afastá-los, mas isso só faz com que me rasguem com ainda mais fúria; durante essa cena horrível, Bressac, o indigno Bressac, como se todos os tormentos tivessem despertado sua perversa luxúria... — o infame! — entregava-se, enquanto me examinava, às criminosas carícias de seu favorito.

— Já basta — disse ele, passados alguns minutos —, prende os cães e entreguemos essa infeliz à sua má sorte.

— Pois bem! Thérèse — disse-me ele, soltando minhas amarras —, como podes ver, a virtude sempre tem um preço alto. Não concordas que dois mil escudos valeriam muito mais do que as mordidas que agora cobrem o teu corpo?

Mas no estado terrível em que me encontrava, mal pude ouvi-lo; atiro-me sob a árvore, prestes a perder a consciência.

— Sou muito bondoso em te poupar a vida — diz o traidor, irritando-se com o meu estado —, presta atenção em como empregará esse favor...

Depois, ele me ordena levantar, recolher minhas roupas e deixar aquele lugar o mais rápido possível. Como o sangue escorre por toda parte do meu corpo, e para que as únicas roupas que me restam não se

manchem, apanho relva para refrescar e enxugar-me, enquanto Bressac põe-se a caminhar em todas as direções, muito mais ocupado com seus pensamentos do que comigo.

O inchaço da minha carne, o sangue que continuava a escorrer, as dores terríveis às quais estou submetida, tudo isso faz com que seja quase impossível a ação de vestir-me, sem que por um momento esse homem trapaceiro que acaba de deixar-me nesse cruel estado... aquele, por quem eu outrora teria sacrificado minha vida, dignou-se a demonstrar-me o menor gesto de comiseração. Assim que fiquei pronta, ele me disse:

— Vai para onde quiseses; deves ter algum dinheiro e não vou tirá-lo de ti; mas não apareças em nenhuma das minhas casas, seja na cidade ou no campo; dois fortes motivos justificam esse aviso. Primeiro, é bom que saibas que o assunto que pensavas estar encerrado, não está. Se te disseram que ele estava resolvido, induziram-te ao erro; a sentença não foi de modo algum cancelada; puseram-te nessa situação para ver como te conduzirias. Em segundo lugar, irás passar publicamente por assassina da marquesa; se ela ainda estiver respirando, vou fazer com que leve essa ideia para o caixão, toda a casa será informada disso. Aí estão dois processos no lugar de um e em vez de um vil usurário como adversário, terás um homem rico e poderoso, determinado a perseguir-te até o inferno se abusares da vida que deixa tua piedade.

— Ó senhor — respondi —, quaisquer que fossem vossas crueldades para comigo, não temais meus atos; acreditei que deveria fazer algo contra vós quando se tratava da vida de vossa tia, mas nunca farei algo parecido em se tratando da infeliz Thérèse. Adeus, senhor, que vossos crimes vos façam tão feliz quanto vossas crueldades me atormentam! E não importa que tipo de sorte o Céu me destina; desde que conserve meus dias deploráveis, irei usá-los apenas para rezar por vós.

O conde ergueu a cabeça; ele não pôde evitar olhar-me quando proferi tais palavras, e, vendo-me cambaleante e coberta de lágrimas, certamente receando se comover, o malvado afastou-se e eu não o vi mais.

Completamente entregue à minha dor, deixei-me cair ao pé da árvore, e ali, dando vazão ao que me afligia, deixei minhas queixas ressoarem na floresta; pressionei a terra com o meu corpo esmorecido e irriguei a relva com meu sangue.

— Ó meu Deus! — exclamava. — Assim o quistestes; estava escrito em vossos eternos decretos que o inocente devia se tornar a presa do culpado; dispõe de mim, Senhor, ainda estou muito longe de sofrer os males que por nós sofrestes; que esses, aos quais me submeto adorando-vos, tornem-me digna, um dia, das recompensas que prometeis aos fracos, quando ele recorre a vós nos momentos de sofrimento e vos glorifica nos momentos de desgraça!

A noite caía: era impossível continuar; eu mal podia ficar de pé; lancei um olhar para a moita onde deitara quatro anos antes, em uma situação quase tão infeliz quanto aquela; arrastei-me até lá como pude e instalei-me no mesmo local, angustiada com meus ferimentos que ainda sangravam. Arrasada pelos males de meu espírito e pelas agruras do coração, passei a pior noite possível de se imaginar.

Como o vigor da minha idade e do meu temperamento deu-me um pouco de força ao amanhecer, afastei-me imediatamente, muito temerosa da vizinhança daquele castelo cruel; eu deixava a floresta, e, resolvida a chegar a esmo na primeira habitação que se apresentasse à minha frente, entrei na vila de Saint-Marcel, afastada a algumas léguas de Paris. Perguntei pela casa do cirurgião, que me foi indicada; pedi a ele para que tratasse meus ferimentos e contei-lhe que, ao fugir da casa de minha mãe em Paris, por algum motivo de amor, eu havia encontrado bandidos durante a noite, e que estes, para se vingarem da resistência que eu opusera a seus desejos, tinham-me açoitado com seus cães daquela forma.

Rodin, tal era o nome daquele profissional, examinou-me com a maior atenção, sem nada encontrar de grave em minhas feridas; disse que teria garantido deixar-me boa em menos de quinze dias, tão nova quanto antes de minha aventura, caso eu tivesse chegado à sua casa imediatamente; mas que a noite e as inquietações haviam inflamado os ferimentos, e eu não estaria curada antes de um mês. Rodin hospedou-me em sua casa, tomou todas as possíveis precauções para comigo, e no trigésimo dia não havia em meu corpo nenhum vestígio das crueldades do sr. de Bressac.

Quando meu estado permitiu que eu respirasse melhor, minha primeira diligência foi tratar de encontrar naquela vila uma moça hábil e inteligente o suficiente para ir ao castelo da marquesa informar-se sobre tudo o que acontecera de novo desde o momento de minha partida; não era a curiosidade o verdadeiro motivo que me levava a decidir por esse procedimento; essa curiosidade,

provavelmente arriscada, poderia ser abandonada facilmente; no entanto, o que eu ganhara na casa da marquesa ficara em meu quarto; o que levava comigo mal chegava a seis luíses, enquanto, no castelo, possuía mais de quarenta. Eu não imaginava que o conde podia ser tão cruel a ponto de recusar-me o que tão legitimamente me pertencia. Persuadida de que, passada a primeira fúria, ele não teria a intenção de dedicar-me tal injustiça, escrevi a carta mais comovente que pude. Disfarcei, cuidadosamente, o local em que morava, e supliquei para que me enviasse minhas roupas com o pouco do dinheiro que restava em meu quarto. Uma camponesa de vinte e cinco anos, viva e espirituosa, encarregou-se de minha carta e prometeu trazer-me, em segredo, muitas informações para me noticiar, à sua volta, os diferentes assuntos que lhe demonstrei interesse. Recomendei-lhe, acima de tudo, que omitisse o nome do local onde eu poderia estar, que de forma alguma falasse sobre minha pessoa e que dissesse que recebera a carta de um homem que a trouxera de mais de quinze milhas de distância dali. Jeannette partiu, e, vinte e quatro horas depois, trouxe-me a resposta; a carta ainda existe, ei-la aqui, senhora, mas permita-vos contar, antes que a leiais, o que se passou na casa do conde desde que eu então partira.

A marquesa de Bressac, que ficara gravemente doente no mesmo dia de minha saída do castelo, morrera dois dias depois, em meio a dores e convulsões lamentáveis; os parentes tentaram acudir, e o sobrinho, que parecia estar muito desolado, afirmava que sua tia fora envenenada por uma criada que fugira naquele mesmo dia. Faziam-se buscas, com a intenção de liquidar aquela infeliz caso a encontrassem. Além disso, com essa herança, o conde encontrava-se muito mais rico do que se podia imaginar; o cofre-forte, os créditos, as joias da marquesa, todos os objetos de que não se tinha conhecimento, faziam com que o sobrinho, sem contar as rendas, possuísse mais de seiscentos mil francos entre bens e dinheiro vivo. Diante de sua manifesta dor, esse rapaz, diziam, mal conseguiu disfarçar sua felicidade, e os parentes, convocados para a autópsia do corpo exigida pelo conde, depois de ter lamentado o destino da infeliz marquesa e jurado vingá-la se a culpada viesse a cair-lhe em suas mãos, deixaram o rapaz em plena e pacífica possessão de sua desgraça. O próprio sr. de Bressac falara com Jeannette, fizera-lhe várias perguntas às quais a moça respondeu com tanta franqueza e segurança que ele resolveu dar-lhe sua resposta sem mais pressioná-la. Aqui está essa carta fatal,

disse Thérèse, entregando-a à sra. de Lorsange, sim, aqui está a carta, senhora, às vezes ela é útil ao meu coração e vou guardá-la até a morte; lede-a, se puderdes, sem estremecer.

A sra. de Lorsange, tendo pego a carta das mãos de nossa bela aventureira, leu as seguintes palavras:

Uma desgraçada capaz de envenenar minha tia é muito audaciosa em se atrever a escrever-me depois desse execrável delito; o que ela tem de melhor a fazer é se acobertar muito bem em seu esconderijo; ela pode ter certeza de que terá problemas caso seja encontrada. O que ela está pedindo? Como se atreve a falar em dinheiro? O que ela deixou equivale a seus furtos, seja durante sua estadia na casa, seja ao consumir seu último crime. Que ela evite um segundo recado como esse, pois já deixo avisado que seu mensageiro ficará preso até que o local que guarda a culpada seja conhecido pela Justiça.

— Continua, minha cara criança — disse a sra. de Lorsange devolvendo a carta a Thérèse —, esses procedimentos causam horror; nadar em ouro e recusar a uma infeliz que não cometeu um crime o que ela dignamente ganhou é uma infâmia gratuita e incomparável.

— Ai de mim, senhora — continuou Thérèse, dando prosseguimento a sua história —, passei dois dias chorando sobre essa carta miserável; eu lamentava muito mais pelo terrível procedimento do qual ela me dava prova do que a recusa que me apresentava. Eis-me então culpada! — exclamei. — Eis-me denunciada pela segunda vez à Justiça por ter conhecido muito bem suas leis! Que seja, não me arrependo; não importa o que venha a me acontecer, pelo menos não conhecerei remorsos enquanto minha alma estiver pura e não terei feito outro mal senão o de ter escutado demais os sentimentos justos e virtuosos que nunca me abandonarão.

Parecia-me, entretanto, impossível acreditar que as buscas de que o conde me falava fossem de fato reais; elas eram tão pouco coerentes, e seria tão arriscado para ele me fazer comparecer à Justiça que eu pensava que ele devia, no fundo, estar muito mais receoso de ver-me do que eu de tremer diante de suas ameaças. Essas reflexões fizeram-me permanecer onde eu estava, e ali fixar-me, se fosse possível, até conseguir juntar um pouco de dinheiro para partir; comuniquei minha decisão a Rodin, que a aprovou e propôs-me a ficar em sua casa; mas antes de contar minha decisão, preciso vos dar uma ideia desse homem e de suas imediações.

Rodin era um homem de quarenta anos, moreno, de sobrancelhas grossas, com o olho vivo, um ar de força e saúde, e, ao mesmo tempo, de libertinagem. Com uma posição muito elevada para seu contexto social e dono de dez a doze mil libras de renda, ele exercia a arte da cirurgia somente por gosto; tinha uma casa muito bonita em Saint-Marcel e, tendo perdido a mulher havia alguns anos, morava apenas com a filha e duas moças que o serviam. A jovem menina, chamada Rosalie, acabava de completar catorze anos e reunia todos os encantos capazes de impressionar alguém: um corpo de ninfa, um rosto redondo, jovial, de extraordinária vivacidade, traços meigos e penetrantes, a mais bela boca que se podia encontrar, grandes olhos negros, plenos de alma e sentimento, cabelos castanhos que escorriam até a cintura, a pele de um brilho... de uma fineza inacreditável; ela já tinha os mais belos seios do mundo, e, por sinal, também a inteligência, a energia, e uma das mais belas almas que já foram criadas pela natureza. A respeito das companheiras com quem eu devia servir naquela casa, elas eram duas camponesas, uma governanta e a outra, cozinheira. A que exercia a primeira função podia ter vinte e cinco anos, a outra, tinha dezoito ou vinte, e ambas eram extremamente belas; essa escolha provocou-me algumas suspeitas sobre as intenções de Rodin em me manter ali. Por que precisaria de uma terceira mulher, perguntava-me, e por que ele as quer tão lindas? Seguramente, continuava eu, existe algo aí que é pouco conforme aos costumes habituais dos quais eu nunca vou me distanciar; é o que vamos examinar.

Por conseguinte, pedi ao sr. Rodin para que me deixasse recuperar as forças por mais uma semana em sua casa, assegurando-lhe que antes do fim desse período ele teria minha resposta para o que desejava me propor.

Aproveitei esse intervalo para me aproximar de Rosalie, determinada a só continuar na casa de seu pai sob a condição de que nada ali pudesse afligir-me. Atenta a isso, percebi, desde o dia seguinte, que aquele homem tinha um conluio que logo me despertou uma enorme desconfiança sobre sua conduta.

O sr. Rodin tinha em sua casa um pensionato de crianças de ambos os sexos; ele obtivera o direito na época em que sua mulher estava viva e não foi privado dele quando a perdera. Seus alunos eram pouco numerosos, embora selecionados; ele tinha apenas catorze meninas e catorze meninos. Nunca os aceitava com menos de doze anos, e,

sempre, aos dezesseis, eles eram devolvidos; nada podia ser tão belo quanto os escolhidos de Rodin. Se lhe apresentassem um com defeitos físicos, ou com um rosto sem graça, ele tinha a capacidade de recusá-lo com vinte pretextos diferentes, enfeitados com sofismas que ninguém poderia refutar; assim, ou o número de pensionistas estava incompleto, ou era sempre encantador. Essas crianças não comiam na casa dele, mas vinham duas vezes por dia, das sete às onze horas, pela manhã, e das quatro às oito horas, à tarde. Se até então ainda não tinha visto aquele pequeno bando, é porque cheguei à casa desse homem durante as férias, quando os alunos não mais estavam; eles só reapareceram perto da época em que eu já estava curada.

Rodin dirigia ele próprio as escolas; sua governanta cuidava da classe das meninas, para onde ele ia ao terminar a instrução dos meninos. Ele ensinava aqueles alunos a escrever, a aritmética, um pouco de história, desenho, música e, para tudo isso, dispensava a ajuda de qualquer outro professor.

No início, eu demonstrava minha surpresa a Rosalie sobre como seu pai, exercendo a profissão de cirurgião, pudesse ao mesmo tempo ser professor de escola; disse-lhe que me parecia estranho que, podendo viver confortavelmente sem praticar qualquer desses ofícios, ele se esforçasse em exercê-los. Rosalie, com quem eu já me dava muito bem, riu de meu raciocínio; o modo como ela recebeu o que eu disse deixou-me ainda mais curiosa e supliquei-lhe para que se abrisse comigo.

— Escuta — disse-me aquela encantadora menina, com toda a candura de sua idade e toda a ingenuidade de sua terna personalidade. — Escuta, Thérèse, vou te contar tudo, posso ver que és uma moça honesta e incapaz de trair o segredo que irei te confiar. Seguramente, cara amiga, meu pai pode se passar por tudo isso, e se ele exerce essas profissões, como podes ver, existem dois motivos que vou te revelar. Ele pratica a cirurgia por gosto, pelo único prazer de fazer novas descobertas em sua arte; multiplicou-as de tal forma, contribuiu, em sua área, com obras tão apreciadas que geralmente é considerado o homem mais hábil que existe hoje na França; trabalhou vinte anos em Paris, e é para seu próprio divertimento que se retirou para essa casa no campo. O verdadeiro cirurgião de Saint-Marcel é um tal Rombeau, que ele tomou sob sua proteção e a quem convida para participar de suas experiências. Queres agora saber, Thérèse, o que o faz manter um pensionato?... A libertinagem, minha filha, unicamente

a libertinagem, paixão que ele leva ao extremo. Meu pai encontra nesses alunos de ambos os sexos motivos que a dependência submete às suas preferências, e ele se aproveita disso... Mas espera... acompanha-me — disse-me Rosalie —, é exatamente hoje, sexta-feira, um dos três dias da semana em que ele castiga os que cometeram algum erro; é com esse tipo de punição que meu pai encontra seus prazeres. Acompanha-me, repito, verás como ele se comporta nessa situação. Podemos assistir a tudo de um armário do meu quarto, vizinho daquele em que ele executa seus projetos; vamos entrar sem fazer barulho, e, sobretudo, toma cuidado para nunca dizer nada do que estou te dizendo e do que vais ver.

Era muito importante para mim conhecer os hábitos do novo personagem que me oferecia abrigo para que eu negligenciasse algo que pudesse levar-me a desvendá-los. Sigo os passos de Rosalie, ela me posiciona ao lado de uma divisória malfeita, e por cujas tábuas passavam vários feixes de luz, tornando possível distinguir tudo o que acontecia no quarto vizinho.

Mal nos posicionamos e Rodin entra, trazendo com ele uma jovem moça de catorze anos, clara e bela como o Amor. A pobre criatura, debulhada em lágrimas, infelizmente muito ciente do que está à sua espera, acompanha, gemendo, durante todo o tempo, seu rígido senhor; atira-se aos seus pés, implora-lhe perdão, mas Rodin, impassível, acende nessa mesma severidade as primeiras centelhas de seu prazer, que já estão a brotar-lhe do coração e são reveladas por seu olhar perverso...

— Ó! Não, não! — exclama ele. — Não, não! Isso já te aconteceu muitas vezes, Julie; arrependo-me de minhas generosidades, elas só serviram para que cometesses novos erros. Mas a gravidade desses erros poderiam permitir meu perdão, supondo que eu o desejasse?... Entregar um bilhete a um menino, ao entrar na classe?

— Senhor, juro que isso não aconteceu!

— Ó! Eu vi, eu vi.

— Não acredites em nada disso — disse-me Rosalie. — Ele forja esses crimes para firmar seus próprios pretextos. Essa pequena criatura é um anjo, é porque ela está resistindo que ele a trata com tanta crueldade.

Enquanto isso, Rodin, muito agitado, agarra as mãos da jovem, prende-as ao alto, em uma argola de um pilar instalado no meio do quarto de correção. Julie não tem mais nenhuma defesa... nenhuma...

apenas a cabeça languidamente voltada para seu carrasco, maravilhosos cabelos desalinhados, e um pranto que inundava o rosto mais lindo do mundo... o mais doce... o mais cativante. Rodin analisa a situação e fica muito excitado; coloca uma venda sobre os olhos suplicantes, e Julie não pode ver mais nada. Então, à vontade, ele solta as amarras do pudor, a camisa é presa ao corsário, deixando-lhe descoberta a metade das costas... Quanta brancura, quanta beleza! São pétalas de lírios escolhidas pelas mãos dos deuses. Que tipo de pessoa pode ser tão rude a ponto de condenar a tormentos tão frescos encantos... tão intensos? Que tipo de monstro pode procurar prazer em meio a lágrimas e dor? Rodin fica olhando... passa o olhar investigando tudo, suas mãos se atrevem a profanar as flores que suas crueldades irão alterar. Bem de frente para a cena, nenhum movimento nos passa despercebido; ora o libertino abre, ora ele volta a apertar esses delicados atrativos que o fascinam; ele as oferece para nós sob todas as formas, embora seja apenas a estas que ele se detém. Mesmo que o verdadeiro templo do amor esteja a seu alcance, Rodin, fiel a seu culto, não lhe lança nenhum olhar, receia até as aparências; se a posição as expõe, ele os disfarça; o mais leve desvio perturbaria sua homenagem, ele não quer que nada o distraia... Enfim, sua fúria não encontra mais nenhum limite; a princípio, ele a exprime por meio de invectivas, cobrindo de insultos e ameaças aquela pobrezinha, trêmula sob os golpes com os quais se vê prestes a ser despedaçada; Rodin está fora de si, apossa-se de um punhado de varas que, por estarem mergulhadas no vinagre em uma bacia, ficaram ainda mais verdes e afiadas...

— Vamos — diz, aproximando-se de sua vítima —, prepara-te, tens que sofrer...

E o cruel, deixando cair vigorosamente aqueles maços em todas as partes expostas, aplica-lhe primeiro vinte e cinco chicotadas, que logo tornam escarlate o suave rosado daquela pele tão fresca.

Julie gritava... gritos perfurantes que dilaceravam minha alma... as lágrimas correm por sob a venda e caem como pérolas sobre aquela linda face; Rodin enfurece-se cada vez mais... Leva suas mãos para as partes castigadas, toca-as, comprime-as, parece prepará-las para novas investidas, que se seguem às primeiras; Rodin recomeça, todas as chicotadas são procedidas de uma invectiva, uma ameaça, ou uma reprovação... o sangue brota... Rodin extasia-se, deleita-se em contemplar essas provas que denunciam sua fúria. Ele já não pode se

conter, o mais indecente dos estados manifesta sua chama; ele não tem nenhum receio em quebrar tudo; Julie não pode vê-lo... por um instante ele se oferece à brecha, queria muito penetrá-la como vitorioso, mas não se atreve. Recomeçando com novas tiranias, Rodin a fustiga com toda a sua força; são tantas as chicotadas que ele acaba abrindo esse refúgio de graças e de voluptuosidade... Ele perde a noção de onde está; sua embriaguez atinge um ponto de não lhe permitir o uso da razão: ele pragueja, blasfema, esbraveja, nada passa despercebido de seus bárbaros golpes, tudo o que está à mostra é tratado com o mesmo rigor; mas o celerado, no entanto, não se detém, ele percebe que é impossível prosseguir sem pôr em risco a força que lhe será útil para novas operações.

— Veste-te de novo — disse ele a Julie, desamarrando-a e endireitando-se —, e se algo parecido acontecer de novo, sabe que não vais escapar tão facilmente.

Assim que Julie entrou em sua classe, Rodin segue para a dos meninos; de lá, logo trás um jovem aluno de quinze anos, belo como a luz do sol. Rodin o repreende; muito mais à vontade com ele, adula-o, beija-o, repreendendo-o:

— Mereces ser punido — disse-lhe —, e vais sê-lo.

Dito isso, ele transpõe com esse menino todos os limites do pudor; mas tudo aí o interessa, nada é excluído, as vendas são retiradas e tudo, absolutamente tudo, é apalpado. Rodin ameaça, faz carinhos, beija, invectiva; seus dedos ímpios tentam provocar naquele jovem rapaz sentimentos voluptuosos, os mesmos que ele exige para si.

— Pois bem — disse-lhe o sátiro, percebendo seus êxitos —, aí estás tu no estado em que proibi. Aposto que com mais dois gestos tudo cairia sobre mim...

Demasiado seguro das titilações que incita, o libertino avança para recolher-lhe a homenagem e sua boca é o templo oferecido a esse suave incenso; suas mãos excitam-lhe os jorros, aliciam-nos, devoram-nos; ele próprio está prestes a explodir, mas quer chegar até o fim.

— Ah! Vou te punir por essa tolice — disse ele, revelando-se.

Ele pega as duas mãos do jovem rapaz, prende-as, oferece-se inteiramente ao altar onde quer sacrificar sua fúria. Abre-o, percorre-o com beijos, enfia sua língua, que aí se perde. Rodin, ébrio de amor e perversidade, mistura as expressões e os sentimentos de ambos...

— Ah, pirralhinho — exclama —, preciso me vingar da mentira que me contaste.

As varas são pegadas; Rodin chicoteia. Sem dúvida mais excitado do que com a vestal, seus golpes tornam-se cada vez mais fortes e muito mais numerosos. A criança chora, Rodin extasia-se, mas novos prazeres o interpelam; ele solta o menino e sai à procura de novos sacrifícios. Uma mocinha de treze anos sucede ao menino, e a ela um jovem rapaz de catorze anos, com um rosto delicioso; Rodin quer se aproveitar dele, o aluno se defende. Alucinado de luxúria, ele o chicoteia, e o celerado, não sendo mais o professor, lança o jorro espumante de sua chama sobre as partes castigadas de seu jovem aluno, molhando-o da cintura aos pés. Nosso corretor, furioso por não ter tido força suficiente para conter-se pelo menos até o fim, desamarra o menino com furor, e manda-o novamente para a classe, garantindo-lhe que ele não perca por esperar. Foram essas as advertências que escutei, essas as cenas que me arrebataram.

— Ó céus — disse eu a Rosalie, quando aquelas terríveis cenas terminaram —, como alguém pode se entregar a tais excessos? Como alguém consegue encontrar prazer em tormentos infligidos?

— Ah! Ainda não sabes de tudo — respondeu-me Rosalie. — Escuta — disse-me ela, atravessando outra vez o quarto comigo —, isso que viste prova que, quando meu pai não encontra impedimento com esses jovens alunos, ele pode levar esses horrores muito além. Ele abusa das meninas do mesmo modo que dos meninos (com a mesma crueldade, explicou-me Rosalie, com que eu fora humilhada pelo negociante de Lyon, e com a qual me encontrei vítima diante do chefe dos assaltantes, nas mãos de quem eu caíra após minha fuga da Conciergerie). Sendo assim — prosseguiu essa jovem —, as meninas não são desonradas, não há gravidez a se temer, e nada as impede de encontrar maridos. Todos os anos, ele corrompe dessa forma quase todos os garotos, e, no mínimo, a metade das outras crianças. Das catorze moças que viste, oito já foram abusadas dessa forma, e ele se fartou com nove garotos; as duas mulheres que servem a ele estão submetidas aos mesmos horrores... Ó Thérèse — acrescentou Rosalie, precipitando-se aos meus braços —, ó minha querida, e até eu, até eu sou seduzida por ele desde a minha mais remota infância. Eu mal havia completado onze anos e já era sua vítima... ai de mim, acontecia de tudo sem que eu pudesse me defender...

— Mas, senhorita — interrompi, aterrorizada —, e a religião? Ainda vos restava essa opção... Não poderíeis consultar um diretor e contar-lhe tudo?

— Ah! Então tu não sabes que, à medida que ele nos perverte, é capaz de sufocar dentro de nós todas as sementes da religião, e que nos proíbe de participar de qualquer ato religioso?... E, além disso, teria eu capacidade para isso? Ele mal me deu educação. O pouco que disse sobre essas matérias era apenas por temer que minha ignorância traísse sua impiedade. Mas eu nunca confessei, não fiz primeira comunhão; ele sabe ridicularizar essas coisas tão bem, extraindo de nós o mais ínfimo vestígio delas, que acaba desviando de suas funções os preceitos por ele corrompidos. E se por acaso eles lhes foram impostos pela família, ele chega a ser tão frio e indiferente que não tem medo algum de sua indiscrição. Mas convence-te, Thérèse, convence-te com teus próprios olhos — continua ela, empurrando-me rapidamente para o armário de onde saíamos —, vem, esse quarto em que ele corrige os alunos é o mesmo em que abusa de nós. A aula acaba de terminar, e é agora que, com as preliminares já aquecidas, ele vem compensar o constrangimento imposto algumas vezes por sua prudência; volta para onde estavas, minha querida, e teus olhos vão descobrir tudo.

Por mais curiosa que estivesse por aqueles novos horrores, era preferível, no entanto, que eu me escondesse naquele armário a me deixar surpreender com Rosalie durante as aulas; Rodin poderia levantar suspeitas. Posiciono-me então; mal o faço, Rodin entra no quarto da filha; ele a conduz para aquele que acabamos de mencionar, as duas criadas também chegam. Ali, o libidinoso Rodin, sem ter mais nada a esconder, entrega-se completamente e sem qualquer disfarce a todas as aberrações de sua devassidão. As duas camponesas, totalmente nuas, são chicoteadas com toda a sua força; enquanto ele se ocupa de uma, a outra se oferece a ele, e, nos intervalos, ele concentra as mais devassas carícias, as mais descontroladas, as mais repugnantes, o mesmo altar em Rosalie, que, de pé sobre uma poltrona, deixa-lhe à mostra meio debruçada. Finalmente chega a vez daquela infeliz: Rodin amarra-a no pilar assim como seus alunos, e, enquanto uma, seguida da outra, algumas vezes até as duas ao mesmo tempo, suas mulheres o castigam, ele chicoteia a filha, golpeia-a do meio das costas até a parte de baixo das coxas, extasiando-se de prazer. Está tomado por uma extrema agitação: urra, blasfema, chicoteia; onde quer que suas varas alcancem, seus lábios colam-se imediatamente. O interior do altar, a boca da vítima... tudo, com exceção da parte da frente, tudo é devorado com chupadas; logo, sem

variar o tipo de atitude, contentando-se em torná-la mais propícia, Rodin penetra no refúgio estreito dos prazeres. Enquanto isso, o mesmo trono é oferecido a seus beijos por sua governanta e a outra mulher o chicoteia até onde suas forças permitem. Rodin atinge o auge, ele agride, castiga, e milhares de beijos, um mais quente que o outro, exprimem seu ardor frente àquilo que se apresenta à sua luxúria; a bomba explode e o libertino, embriagado, atreve-se a experimentar os mais doces prazeres no seio do incesto e da infâmia.

Rodin põe-se à mesa; depois dessas façanhas, ele precisava se recompor. À noite, ainda houve outras sessões, além das aulas de punição. Eu poderia ter assistido a novas cenas se quisesse, mas já tinha provas suficientes para convencer-me e decidir o que eu responderia às propostas daquele celerado. Aproximava-se a ocasião em que eu deveria fazê-lo. Passados dois dias de tais acontecimentos, ele mesmo veio em meu quarto me inquirir, surpreendendo-me na cama. O pretexto de ver se não me restava traços de ferimentos deu-lhe, sem que eu pudesse recusar, o direito de examinar-me nua, e como ele já viesse fazendo isso havia um mês sem que eu percebesse nada que pudesse agredir meu pudor, não achei que deveria oferecer resistência. Mas Rodin tinha outros planos desta vez: ao alcançar o objeto de seu culto, ele passa uma de suas coxas em volta do meu quadril, pressionando-o com tanta força que eu me encontro, por assim dizer, completamente incapaz de me defender.

— Thérèse — disse-me então, enquanto passeava suas mãos de modo a não me deixar dúvida —, estás curada, minha querida, podes agora testemunhar o agradecimento que preenche teu coração. A situação é propícia, basta que eu faça assim — continuou o traidor, prendendo-me com toda a força que poderia empregar... — Sim, e quero isso como recompensa, não peço nada além disso às mulheres... Mas — continua ele —, esse é um dos mais belos que eu já vi na vida... Como é redondo!... Que elasticidade!... Que pele delicada!... Ó! Faço questão de desfrutá-lo...

Ao dizer isso, provavelmente já preparado para a execução de seus projetos, Rodin precisa me soltar por um instante antes de concluí-los. Aproveito-me do tempo que ele me dá, e, livrando-me de seus braços, digo:

— Senhor, peço-vos para que vos convencei de que nada em todo este mundo pode me convencer a participar dos horrores que pareceis ter em mente. Devo a vós meu agradecimento, eu confesso, mas nunca o pagarei com um crime. Sou pobre e muito desafortunada, aqui está o pouco de dinheiro que possuo — continuei, oferecendo-lhe minha deplorável bolsinha. — Pegai o que achardes justo e vos peço para que me deixai sair desta casa tão logo me sinta preparada.

Rodin, confuso diante de uma recusa que não esperava de uma moça desprovida de recursos e que, de acordo com uma injustiça comum aos homens, ele supunha ser desonesta pelo único motivo de se encontrar na miséria, analisa-me com atenção:

— Thérèse — retoma ele, ao cabo de um minuto —, não é bom que te faças de vestal comigo. Penso ter direito a alguns privilégios de tua parte, mas não importa, guarda teu dinheiro e não sai daqui. Fico feliz em ter em casa uma moça inteligente; essas que me rodeiam o são tão pouco!... Já que me dizes ser tão virtuosa nessa situação, espero que o sejas em todas as outras. Isso convém aos meus interesses, minha filha gosta de ti, ela acaba de vir me implorar para que não te deixe partir; fica então conosco, eu te peço.

— Senhor — respondi —, aqui eu não seria feliz. As duas mulheres que vos estão servindo desejam todo tipo de sentimentos que puderem lhes oferecer; elas nunca me olharão sem sentir ciúme, e eu serei, cedo ou tarde, obrigada a vos deixar.

— Não receies por isso — respondeu-me Rodin —; não temas os efeitos do ciúme dessas mulheres. Saberei mantê-las em seus devidos lugares e garantirei, ao mesmo tempo, o teu; apenas tu terás minha confiança sem que sofras qualquer risco. Mas para continuar a ser digna disso, é bom que saibas que a primeira qualidade que exijo de ti, Thérèse, é que mantenha toda a discrição. Aqui acontecem muitas coisas, muitas das quais irão contrariar teus princípios de virtude; verás tudo, minha querida, escutarás tudo, sem que nunca digas nada... Ah! Fica comigo, Thérèse, fica aqui, minha querida, cuidarei de ti com muita felicidade. Em meio aos vícios que me arrebatam com um temperamento fogofo, com um espírito desenfreado e um coração corrompido, pelo menos me consolarei por ter a companhia de um ser virtuoso ao meu lado, e no seio de quem eu me renderia como aos pés de um deus, quando estiver saciado de minhas devassidões...

“Ó céus!”, pensei naquele momento, “então a virtude é necessária e indispensável ao homem, já que o próprio virtuoso é obrigado a se acalmar por meio dela, fazendo dela um abrigo!” Depois, lembrando-me das súplicas de Rosalie para não abandoná-la e pensando ter reconhecido em Rodin alguns bons princípios, decidi comprometer-me com ele.

— Thérèse — disse-me Rodin, passado alguns dias —, vou te deixar junto de minha filha, assim não terás nada a tratar com minhas duas outras mulheres; e te entregarei, ainda, trezentas libras como garantia.

Tal posição era uma espécie de fortuna no estado em que eu me encontrava. Inflamada pelo desejo de encaminhar Rosalie para o bem, e quem sabe até mesmo seu pai, caso eu lograsse exercer algum domínio sobre ele, não me arrependi, absolutamente, do que acabava

de fazer... Rodin, tendo feito com que eu me vestisse, conduziu-me no mesmo instante até sua filha. Rosalie avistou-me com um extraordinário arrebatamento de alegria, e eu fui imediatamente instalada.

Nem oito dias se passaram e comecei a trabalhar para as conversões que tanto ambicionava, mas a crueldade de Rodin ultrapassava todas as minhas artimanhas.

— Não penses — respondeu ele a meus sábios conselhos — que essa espécie de homenagem que rendi à tua virtude seja prova de alguma coisa, nem que eu estime a virtude, nem que eu pretenda preferi-la ao vício. Não penses isso, Thérèse, estarias te iludindo. Aqueles que, partindo do que eu fiz para ti, afirmassem a importância ou a necessidade da virtude, estariam cometendo um grande erro, e eu ficaria muito zangado se acreditasses que esse é o meu modo de pensar. A cabana que me serve de abrigo contra os ardentes raios de sol que estão apontados para mim não é, certamente, um monumento útil; sua necessidade é apenas circunstancial. Exponho-me ao risco, encontro algo que possa me proteger, e faço uso disso, mas seria esse algo menos inútil ou menos desprezível por esse motivo? Em uma sociedade totalmente viciosa, a virtude não teria qualquer serventia: não sendo os nossos desse gênero, é preciso ou representá-la ou fazer uso dela, a fim de ter menos o que temer daqueles que a seguem. Se ninguém praticá-la, tornar-se-á inútil. Não me engano, portanto, em defender que a necessidade dela é apenas de opinião ou de circunstância; a virtude não tem valor definido, ela não passa de um tipo de comportamento que varia de acordo com o clima e que, por conseguinte, nada tem de real: só isso já é suficiente para provar sua futilidade. Apenas o que apresenta alguma constância é de fato bom; o que está em perpétua mudança não poderia confirmar um caráter de bondade; eis por que se inseriu a regularidade na categoria de perfeições do Eterno. Mas a virtude não apresenta de forma alguma essa característica: não existem dois povos sobre a terra que sejam igualmente virtuosos. Sendo assim, a virtude não tem nada de autêntico, nada de intrinsecamente bom, e não merece absolutamente nosso culto. É preciso saber usá-la como apoio, adotar politicamente a do local em que vivemos, para que aqueles que a praticam por gosto, ou que a reverenciam por um motivo qualquer, nos deixem em paz, e também para que essa virtude, então respeitada nesse local, possa proteger-nos, por sua própria pertinência *de convenção*, dos ataques

dos que professam o vício. E repito mais uma vez, tudo sobre o que estamos falando é circunstancial e nada disso atesta um mérito efetivo à virtude. Uma virtude desse tipo, aliás, é inviável a certos homens; ou, então, como vais convencer-me de que uma virtude que combate e contraria as paixões possa ser encontrada na natureza? E se ela não está na natureza, como ela pode ser boa? Certamente, serão entre os homens de que falamos que os vícios que devem contrariar essas virtudes se tornarão preferíveis, já que eles serão os únicos meios... as únicas formas de conduta que se adaptarão a seus físicos ou a seus órgãos. Considerando essa hipótese, existirão, então, vícios muito úteis: ora, como a virtude pode ser útil se me provares que seus contrários também podem sê-lo? Dizem que a virtude é útil aos outros, e, nesse sentido, ela é boa, porque uma vez que está estabelecido que se deve praticar apenas o bem aos outros, eu, por minha vez, também irei receber o bem. Tal raciocínio não passa de um sofisma; pelo pouco de bem que recebo dos outros, em razão do que eles praticam de virtude, eu, por minha vez, com a obrigação de praticar essa virtude, realizo um milhão de sacrifícios que de nada compensam. Ao receber menos do que doo, faço então um mau negócio, já que provo muito mais privações sendo virtuoso do que receberia de bem daqueles que o são de fato; uma vez que esse acordo é desigual, eu não devo, portanto, submeter-me a ele, e, certamente, sendo virtuoso, não fazendo aos outros o tanto de bem que receberia de males ao me obrigar a sê-lo, não seria então preferível renunciar a fornecer-lhes uma felicidade que deve me custar o mesmo tanto de males? Resta agora o dano que posso provocar aos outros sendo virtuoso, e o mal que receberia, por minha vez, se todos se parecerem a mim. Admitindo uma total circulação de vícios, é certo que me arrisco, devo concordar; mas o desconforto experimentado por aquilo que arrisco é compensado pelo prazer do que faço os outros arriscarem; eis então a igualdade restabelecida, todos estarão quase igualmente satisfeitos: o que não acontece e não poderia acontecer em uma sociedade em que uns são bons e outros, maus, porque resulta dessa mistura de perpétuas armadilhas que não existem no outro caso. Em uma sociedade híbrida, todos os interesses são distintos: eis a origem de uma infinidade de desgraças; nessa outra sociedade, todos os interesses são iguais, todos os indivíduos que dela participam partilham dos mesmos gostos, das mesmas inclinações, todos almejam os mesmos objetivos, todos são felizes. No entanto, vão dizer os

estúpidos, os males não trazem a felicidade. Não, enquanto houver o acordo em incensar o bem; mas despreza e avilta o que chamas de bem, passarás a reverenciar apenas aquilo que cometias a besteira de chamar de mau; e todos os homens terão prazer em cometê-la, não apenas porque será permitido (isso pode ser algumas vezes uma razão para diminuir os atrativos de uma coisa), mas é que as leis deixarão de puni-lo e farão diminuir, pelo medo que elas inspiram, o prazer que a natureza colocou ao crime.

“Estou supondo uma sociedade em que fique estabelecido que o incesto (vamos admitir esse delito, assim como qualquer outro), que o incesto, repito, seja um crime: aqueles que se renderem a ele serão infelizes, porque a opinião, as leis, o culto, tudo vai reprimir seus prazeres; aqueles que quiserem cometer esse mal, mas que não ousam fazê-lo, serão igualmente infelizes por causa desses impedimentos. Sendo assim, a lei responsável pelo incesto não teria criado senão desafortunados. Enquanto isso, na sociedade vizinha, se o incesto não for considerado um crime, aqueles que não o desejarem não serão infelizes, e aqueles que o desejarem serão felizes. Então a sociedade que permitir essa ação será mais justa com os homens do que aquela que tiver erigido essa mesma ação em crime. Isso acontece com todas as outras ações equivocadamente consideradas criminosas: observando-as desse mesmo ponto de vista, cria-se uma multidão de infelizes; enquanto, ao permiti-las, ninguém poderá se queixar. O indivíduo que desejar uma ação qualquer, poderá entregar-se a ela em paz, enquanto aquele que não se preocupa com tal ação permanece em uma espécie de indiferença, que não é de forma alguma dolorosa, ou compensa a lesão que sofreu por meio de várias outras lesões que irá impor, por sua vez, àqueles que lhe deram motivos para se lamentar. Então todos, em uma sociedade criminosa, encontram-se ou muito felizes, ou em um estado de indiferença que nada tem de penoso, e, por conseguinte, nada de bom, nada de respeitável, nada que na verdade possa proporcionar a felicidade naquilo que se costuma chamar de virtude. Que aqueles que a seguem não se orgulhem, pois, dessa espécie de homenagem que o tipo de constituição de nossas sociedades nos obriga a prestar-lhe; trata-se de um acordo puramente circunstancial, de convenção; mas, na verdade, esse culto é quimérico, e a virtude que o domina por um instante não será, por esse motivo, a mais bela.”

Tal era a lógica infernal das desgraçadas paixões de Rodin; mas

Rosalie, mais doce e bem menos corrompida, Rosalie, que detestava os horrores aos quais estava submetida, entregava-se mais docilmente a meus conselhos: eu desejava com ardor que ela cumprisse seus primeiros deveres da religião. Para isso, era preciso colocar um padre no confessionário e Rodin não aceitaria nenhum dentro de sua casa; tinha horror a eles, assim como ao culto por eles professados: por nada neste mundo ele teria tolerado um deles próximo à filha. Levar essa jovem a um confessor também se mostrava uma tarefa impossível: Rodin nunca deixava Rosalie sair sem que estivesse acompanhada; era preciso então esperar que alguma ocasião se apresentasse, e, durante esse intervalo, eu instruía a jovem menina. Ao transmitir-lhe o gosto das virtudes, eu lhe inspirava o da religião, revelava-lhe os santos dogmas e os mais sublimes mistérios; relacionava de tal forma esses dois sentimentos em seu coraçãozinho que eles se tornaram indispensáveis para sua felicidade.

— Ó, senhorita — disse-lhe um dia, enxugando-lhe as lágrimas de seu arrependimento —, pode o homem cegar-se a ponto de acreditar que não merece um destino melhor? Não basta que seja dotado do poder e da capacidade de reconhecer seu Deus para se assegurar de que esse favor lhe fora concedido com a única intenção de confirmar os deveres que foram impostos por ele? Ora, qual pode ser a base do culto do Eterno, senão a virtude da qual ele mesmo é o exemplo? Poderia o criador de tantas maravilhas ter outras leis senão o bem? E os corações, como eles poderiam satisfazer esse homem se não for o bem o seu principal elemento? Parece-me que com as almas sensíveis não seria necessário empregar outras razões para amar o Ser Supremo do que aquelas que inspiram o reconhecimento. Não será um favor ter nos feito gozar as belezas deste universo? E não lhe devemos então algum tipo de gratidão por tal benefício? Mas um motivo ainda maior estabelece e afirma a cadeia universal de nossos deveres; por que iríamos nos recusar a cumprir aqueles deveres que são exigidos pela lei, já que eles são os mesmos que consolidam nossa felicidade perante os homens? Não é reconfortante saber que nos tornamos dignos do Ser Supremo por termos exercido somente as virtudes responsáveis pela felicidade sobre a terra? E que os meios que nos permitem conviver com nossos semelhantes são os mesmos que nos dão, após essa vida, a garantia de renascer perto do trono de Deus? Ah, Rosalie, como são cegos os que pretendem nos privar dessa esperança! Enganados, seduzidos por suas miseráveis paixões, eles preferem negar as

verdades eternas a abandonar o que poderia torná-los digno delas. Eles preferem dizer “Estão nos enganando” a assumir que eles próprios se enganam; a ideia de danos que eles formulam para si atrapalharia suas indignas volúpias; por acaso lhes parece menos terrível aniquilar a esperança do céu do que se privar daquilo que devem conquistar para eles? Mas quando essas tirânicas paixões se enfraquecerem dentro deles, quando a venda estiver rasgada, quando mais nada, em seus corações corrompidos, balançar aquela voz imperiosa do Deus que desconhecia seus delírios, como deverá ser, ó Rosalie, esse cruel retorno a eles mesmos! E como o remorso que acompanha esse homem fará com que ele pague caro pelos momentos de erro que o cegaram! Esse é o estado em que se deve julgar o homem para decidir sua própria conduta: não é nem na embriaguez, nem no transporte de uma febre ardente que devemos ouvir o que ele diz, mas sim quando, com sua razão mais tranquila, desfrutando de toda sua energia, ele for procurar a verdade, adivinhá-la e vê-la. Pois nós mesmos desejamos esse Ser outrora desconhecido; imploramos por ele, e ele nos consola; rezamos por ele, e ele nos escuta. Não é? Por que então irei recusá-lo, por que irei ignorar esse argumento tão necessário à felicidade? Por que preferirei dizer, assim como diria o homem transviado, “Não se trata de Deus”, enquanto o coração do homem sensato oferece-me, o tempo todo, provas da existência desse Ser divino? É então preferível sonhar com os loucos a pensar sensatamente na companhia dos sábios? Tudo, portanto, resulta desse primeiro princípio: desde que exista um Deus, esse Deus merece um culto, e a primeira base desse culto é, incontestavelmente, a virtude.

A partir dessas verdades, eu podia facilmente deduzir as outras, e Rosalie, antes deísta, logo passava a cristã. Mas, de que forma, pergunto-me novamente, ela iria acrescentar um pouco de prática à moral? Rosalie, vendo-se obrigada a obedecer ao pai, poderia no máximo demonstrar-lhe desgosto, mas, tratando-se de um homem como Rodin, isso não seria perigoso? Ele era intratável; nenhuma das minhas táticas era suficiente contra ele; no entanto, caso eu viesse a falhar em minha missão de convencê-lo, pelo menos eu não estaria sendo molestada por ele.

No entanto, uma escola como aquela, com perigos tão permanentes, tão reais, fizera-me temer por Rosalie, a ponto de não me julgar de modo algum culpada por incentivá-la a fugir daquela casa perversa. Parecia-me que havia menos mal em arrancá-la do seio de seu

incestuoso pai do que deixá-la ali, exposta a todo tipo de risco. Eu já havia abordado levemente esse assunto, e talvez não estivesse muito longe muito longe de concluí-lo, quando subitamente Rosalie desapareceu da casa sem que eu soubesse para onde ela tinha ido. Eu interrogava as mulheres da casa de Rodin, e até mesmo o próprio Rodin, e todos diziam que ela fora passar a bela estação na casa de uma parenta, a dez léguas dali. Eu tentava me informar na vizinhança e a princípio se assustavam com uma pergunta como aquela, feita por alguém da casa, depois me respondiam como Rodin e seus empregados: tinham-na visto, deram-lhe um abraço na véspera, no dia de sua partida; e por toda parte eu obtinha as mesmas respostas. Quando perguntei a Rodin por que aquela partida me fora omitida, por que motivo eu não pude acompanhar minha ama, ele me assegurou que a única razão era a de prevenir uma cena dolorosa tanto para uma quanto para outra, e que certamente eu logo tornaria a ver aquela que tanto amava. Eu tinha que me contentar com essas respostas, mas me convencer delas era mais difícil. Seria possível que Rosalie, Rosalie, que tanto me amava, tivesse consentido em me deixar sem nada dizer? E, a partir do que conhecia do caráter de Rodin, não teria eu motivo para temer pelo destino dessa infeliz? Resolvi então fazer de tudo para saber o que havia acontecido com ela e, para alcançar esse objetivo, todos os meios pareceram-me bons.

No dia seguinte, encontrando-me sozinha na casa, percorri cuidadosamente todos os seus recantos; pensei ter ouvido alguns gemidos no fundo de um porão muito escuro... Aproximo-me, alguns pedaços de madeira emperravam uma porta estreita e recuada; avanço, separando os obstáculos... ouço novos sons e acredito distinguir a direção... Afino meus ouvidos... E então não me restam mais dúvidas.

— Thérèse — ouço, finalmente. — Ó Thérèse, és tu?

— Sim, querida e terna amiga — exclamei, ao reconhecer a voz de Rosalie... — Sim, é Thérèse que o céu envia para vos socorrer...

E minhas inúmeras questões mal deixam tempo para que essa inteligente jovem me responda. Enfim, fico sabendo que, algumas horas antes de seu sumiço, Rombeau, amigo e comparsa de Rodin, examinou-a nua; ela recebera de seu pai a ordem de se entregar, com esse Rombeau, aos mesmos horrores que Rodin lhe exigia diariamente. Ela resistira, mas Rodin, furioso, agarrou-a e entregou-lhe ele próprio aos ataques desmesurados de seu comparsa; em seguida, ambos os

amigos conversaram durante muito tempo falando baixo. Deixaram-na nua, e vinham, em intervalos, examiná-la novamente, aproveitando-se dela sempre do mesmo modo criminoso, ou maltratando-a de várias formas diferentes; e, finalmente, depois de quatro ou cinco horas de sessões como aquela, Rodin lhe avisara que a enviaria ao campo, para a casa de uma de suas parentes, mas que ela deveria partir imediatamente e sem avisar Thérèse, por razões que explicaria no dia seguinte, àquela casa de campo onde ele logo iria reencontrá-la. Dera a entender a Rosalie que se tratava de um casamento para ela e que seu amigo Rombeau a examinara a fim de verificar se ela tinha condições para se tornar mãe. Rosalie partira na companhia de uma velha senhora; atravessou a vila, despediu-se ao cruzar vários conhecidos; mas tão logo caiu a noite, sua condutora trouxe-a para a casa do pai, onde ela chegou à meia-noite. Rodin, que a aguardava, agarrou-a, interceptou com a mão sua boca, e, sem nada dizer, enfiou-a naquele porão, onde, aliás, ela estava sendo muito bem alimentada e cuidada desde que ali chegara.

— Tenho medo de tudo — acrescentou aquela pobre moça. — Desde então, o comportamento de meu pai, seus discursos, o que aconteceu antes do exame de Rombeau, tudo, Thérèse, tudo prova que esses monstros vão me usar para algumas de suas experiências e então será o fim de tua pobre Rosalie.

Depois das lágrimas que correram abundantemente de meus olhos, perguntei àquela pobre moça se ela sabia onde guardavam a chave do porão. Ela não sabia, mas não pensava, no entanto, que costumavam levá-la embora. Procurei em vão por todas as partes; e o momento em que eles deveriam reaparecer chegou sem que eu pudesse dar àquela querida amiga outro tipo de ajuda senão meu consolo, algumas esperanças e lágrimas. Ela me fez prometer que voltaria no dia seguinte; eu lhe prometi, garantindo que se até então eu não descobrisse nada de satisfatório sobre o que a fazia ficar ali, eu deixaria a casa imediatamente para levar minhas queixas à Justiça, e a libertaria, custasse o que custasse, do terrível destino que a ameaçava.

Subi novamente; Rombeau, aquela noite, jantava com Rodin. Decidida a fazer de tudo para esclarecer o destino de minha ama, escondendo-me perto do cômodo onde os dois amigos se encontravam e a conversa deles dão-me total certeza do terrível plano que estavam a delinear.

— Nunca — diz Rodin — a anatomia vai atingir um maior grau de

perfeição do que quando o exame das veias for feito em uma criança de catorze ou quinze anos, morta por uma morte cruel; é apenas por meio dessa contração que poderemos obter uma análise completa de uma parte tão interessante.

— É o mesmo que acontece — retoma Rombeau — com a membrana que assegura a virgindade; precisamos, obrigatoriamente, de uma moça para esse exame. O que se observa na fase da puberdade? Nada; as menstruações desgastam o hímen, e, por causa disso, todas as pesquisas são imprecisas; tua filha corresponde exatamente ao que precisamos. Embora ela tenha apenas quinze anos, ela ainda não teve as regras. O modo como nos aproveitamos dela não provoca nenhum mal a essa membrana e podemos tratá-la como bem entendermos. Fico feliz que estejas finalmente determinado.

— Sim, eu estou — retomou Rodin —; é odioso que considerações fúteis como essas consigam interromper de tal forma o progresso das ciências; os grandes homens teriam deixado prender-se por grilhões tão miseráveis? E quando Michelangelo quis reproduzir um Cristo ao natural, ele por acaso sofreu alguma crise de consciência ao crucificar um rapaz e copiá-lo durante sua agonia? Mas, quando se trata dos progressos de nossa arte, nossas necessidades não seriam dessa mesma ordem? E que mal pode haver em permiti-las? Uma pessoa somente é sacrificada para se salvar um milhão; devemos ainda hesitar diante desse número? O assassinato, cometido dentro das leis, será de alguma espécie diferente dessa que vamos praticar? E o objeto dessas leis, que acreditamos ser tão sábias, não seria o sacrifício de um para salvar outros mil?

— É o único modo de instruir-se — disse Rombeau —, e nos hospitais, onde trabalhei durante toda minha juventude, presenciei mil experiências como essas; por causa dos laços que te ligam a essa criatura, eu temia, confesso, que ficasses balançado.

— Como? Só porque ela é minha filha? Que grande motivo! — exclamou Rodin. — E que posição pensas que esse título ocupa em meu coração? Considero o sêmen desabrochado do mesmo modo (de certa forma) do que aquele que desperdiço em meus prazeres. Nunca preferi um a outro. Temos o poder de recolher aquilo que cedemos; o direito de fazer uso dos próprios filhos nunca foi contestado em nenhum outro povo da terra. Os persas, os medas, os armênios, os gregos, fizeram uso deles em toda sua amplitude. As leis de Licurgo, o modelo dos legisladores, não somente dão aos pais todos os direitos

sob seus filhos, como até mesmo condenam à morte aqueles que os pais não quiseram criar, ou os que nasceram defeituosos. Uma grande parte dos selvagens os seus filhos assim que eles nascem. Quase todas as mulheres da Ásia, da África e da América abortam sem se sentirem culpadas; Cook descobriu esse costume em quase todas as ilhas dos mares do Sul. Rômulo permitiu o infanticídio; a Lei das Doze Tábuas também o tolerou, e até mesmo Constantino; os romanos simplesmente abandonavam ou então matavam impunemente seus filhos. Aristóteles aconselhava esse pretenso crime; a seita dos estoicos o via como louvável; ele continua a ser uma prática comum na China. A cada dia encontramos nas ruas e nos canais de Pequim mais de dez mil indivíduos imolados ou abandonados por seus pais, e, nesse sábio império, não importa a idade dessa criança, para que um pai possa livrar-se dela, ele precisa apenas entregá-la às mãos de um juiz. De acordo com as leis dos partos, matavam-se seus filhos, sua filha ou seu irmão até mesmo na idade núbil; César descobriu esse costume generalizado entre os gauleses; várias passagens do Pentateuco provam que era permitido matar os filhos num povo filho de Deus; e o próprio Deus, finalmente, exigiu que Abraão o fizesse. Por muito tempo se acreditou, disse um célebre moderno, que a prosperidade dos impérios dependia da escravidão das crianças; essa opinião tinha por base os princípios da mais sensata razão. Quê? um monarca acredita ter autorização para sacrificar vinte ou trinta mil sujeitos em apenas um dia por motivos exclusivamente pessoais, e um pai não pode, quando julgar conveniente, tornar-se o senhor da vida de seus próprios filhos? Que absurdo! Que inconsequência, e que fraqueza desses que encontram impedimentos nesses grilhões! A autoridade do pai sobre os filhos, a única que é verdadeira, a única que serviu de base para todas as outras, nos foi ditada pela voz da própria natureza, e o estudo minucioso de tais operações nos dá o tempo todo novos exemplos. O tzar Pedro não tinha nenhuma dúvida sobre esse direito; praticou-o, e dirigiu uma declaração pública a todas as ordens de seu império, por meio da qual ele defendia que, de acordo com as leis divinas e humanas, um pai tinha todo e absoluto direito de condenar os filhos à morte, sem apelação e sem pedir qualquer tipo de conselho. É somente nesta nossa França bárbara que uma falsa e ridícula piedade julgou dever aprisionar esse direito. Não — prosseguiu Rodin com fervor —, não, meu amigo, eu nunca poderia entender que um pai que se dispôs a conceder a vida não esteja livre para conceder a

morte. É o preço ridículo que atribuímos a essa vida que nos faz delirar eternamente sobre o tipo de ação que leva um homem a livrar-se de seu semelhante. Acreditando que a existência é o maior dos bens, imaginamo-nos, estupidamente, estar cometendo um crime ao eliminar aqueles que a gozam; mas a interrupção dessa existência, ou pelo menos o que se segue a ela, não seria um mal, assim como a vida também não é um bem; ou melhor, se nada morre, se nada é destruído, nem se perde na natureza, se cada uma das partes decompostas de um corpo qualquer não faz senão aguardar pela dissolução para reaparecer imediatamente sob novas formas, que indiferença existiria no ato do assassino, e como alguém é capaz de ver mal nesse ato? Se se tratasse aqui apenas de minha própria fantasia apenas, eu veria a coisa como muito simples, sobretudo quando ela se torna necessária a uma arte tão útil aos homens... Quando ela pode contribuir com luzes tão esclarecedoras, então, meu amigo, ela já não é um mal, já não é mais um delito, mas sim a melhor, a mais sábia, a mais útil de todas as ações, e somente recusando-a um crime poderia existir.

—Ah — diz Rombeau, cheio de entusiasmo por tão assustadoras sentenças —, concordo contigo, meu caro; tua sabedoria me encanta, mas tua indiferença me surpreende, eu te julgava apaixonado.

—Eu? Seduzido por uma mocinha?... Ah! Rombeau, pensava que me conhecesses mais. Sirvo-me desse tipo de criatura quando nada tenho de melhor: a extrema inclinação pelo tipo de prazer que me vês desfrutar faz com sejam preciosos todos os templos em que essa espécie de incenso possa se ofertar, e, para multiplicá-los, às vezes comparo uma jovem garota a um belo rapaz. Mas, pelo pouco que um desses indivíduos do sexo feminino tenha, infelizmente, alimentado por muito tempo minha ilusão, a aversão reaparece com toda força, e eu só conheço um modo de satisfazê-la com deleite... Compreendes-me, Rombeau? Chilperico, o rei mais voluptuoso da França, pensava a mesma coisa. Ele dizia em alto e bom som que, se fosse preciso, podia se servir de uma mulher, mas com a condição de exterminá-la logo após ter se aproveitado dela. Faz cinco anos que essa putinha serve aos meus prazeres: já está na hora de ela pagar o fim de minha embriaguez com o fim de sua existência.

A refeição estava terminando; pela abordagem daqueles dois homens furiosos, pelas suas intenções, suas ações, seus preparativos, pelo estado como, enfim, aproximavam-se do delírio, logo percebi que

não havia tempo a perder, e que o aniquilamento daquela infeliz Rosalie estava previsto para aquela mesma noite. Corri para o porão, decidida a morrer ou a salvá-la.

— Ó querida amiga — gritei-lhe. — Não temos um minuto sequer... aqueles monstros!... Não passa desta noite... eles vão chegar...

Ao dizer isso, esforçava-me com todas as forças para empurrar a porta. Um dos meus empurrões fez cair alguma coisa; estendo a minha mão e descubro ter sido a chave; apanho-a e me apresso a abrir a porta... beijo Rosalie, incito-a a fugir, digo-lhe para seguir meus passos, e ela sai correndo... Justo céu! Ainda estava escrito que a virtude deveria sucumbir, e que os sentimentos da mais terna compaixão seriam duramente punidos... Rodin e Rombeau, avisados pela governanta, apareceram subitamente; o primeiro agarrou a filha no momento em que ela atravessava o limiar da porta; alguns passos a mais e ela estaria livre.

— Aonde pensas que vais, infeliz? — exclamou Rodin, detendo-a, enquanto Rombeau encarregava-se de mim... — Ah! — continuou ele, olhando-me — é esta atrevida que está facilitando tua fuga! Eis então, Thérèse, os efeitos de teus grandes princípios de virtudes... tirar uma filha do pai!

— Certamente — respondi, com firmeza —, e tenho obrigação de fazê-lo quando esse pai for bárbaro o suficiente para conspirar contra a vida da filha.

— Ah! Espionagem e sedução — continuou Rodin. — Todos os vícios mais perigosos que se pode encontrar em uma criada! Vamos subir, vamos subir, temos que avaliar o que acaba de acontecer.

Rosalie e eu, arrastadas por aqueles dois celerados, subimos até os quartos; as portas são fechadas. A desventurada filha de Rodin é amarrada às colunas de uma cama e toda a raiva daquele homem furioso volta-se contra mim. Enche-me das mais duras invectivas e os mais aterrorizantes julgamentos são pronunciados; trata-se nada menos do que me dissecar viva para examinar os batimentos de meu coração e fazer, nesse órgão, observações que seriam impraticáveis em um cadáver. Enquanto isso, eles me despem, e eu me torno vítima das mais despudoradas manipulações.

— Antes de mais nada — disse Rombeau —, sou da opinião de atacar energicamente a fortaleza que tuas boas procedências respeitam... Como ela é incrível! Admira a maciez, a brancura dessas duas meias-luas que protegem a entrada: nenhuma virgem foi tão

cheia de frescor.

— Virgem? Mas ela é quase virgem — disse Rodin. — Somente uma vez, contra sua vontade, ela foi violentada, e nada houve depois disso. Cede-me o lugar por um momento...

E o perverso alterna a homenagem de suas grosseiras e ferozes carícias que degradam o ídolo em vez de honrá-lo. Se houvesse varas ali, eu seria cruelmente chicoteada. Eles chegaram a cogitar isso, mas, não encontrando nenhuma, contentaram-se com o que a mão podia fazer; bolinaram-me... Quanto mais me defendia, com mais força eles me imobilizavam. No entanto, ao perceber que passariam a coisas mais sérias, precipitei-me aos pés de meus carrascos, ofereci-lhes minha vida e implorei a eles para que me poupassem a honra.

— Mas a partir do momento em que não és mais virgem — perguntou Rombeau —, o que isso importa? Não terás culpa de nada, iremos te violentar como já o foste, e, a partir de então, não existe pecado para a tua consciência; será a força que terá te seduzido...

E o infame, consolando-me desse modo tão cruel, já ia me pondo sobre um sofá.

— Não — disse Rodin, impedindo a efervescência de seu confrade de quem eu estava prestes a me tornar vítima. — Não, não vamos desperdiçar nossas forças com essa criatura, lembra que não devemos adiar ainda mais as operações previstas em Rosalie; nossa energia é indispensável para efetuá-las: vamos punir essa infeliz de outra forma — e, ao dizer isso, Rodin põe uma barra de ferro no fogo. — Sim — continua ele —, vamos puni-la milhares de vezes mais do que se lhe tirássemos a vida, vamos marcá-la, vamos corrompê-la: tal castigo, somado a todas as marcas ruins que ela leva no corpo, fará com que padeça ou morra de fome. Pelo menos ela irá sofrer, e nossa vingança, ao se prolongar, será ainda mais deliciosa.

Dito isso, Rombeau agarra-me e o abominável Rodin aplica em meu ombro o ferro ardente com que se marcam os ladrões.

— Que esta puta se atreva a aparecer agora — continua aquele monstro —, que ela se atreva a fazer isso — e, apontando esta letra ignominiosa: — Terei razões suficientemente legítimas para explicar por que a mandei embora tão rápida e misteriosamente.

Vendam-me, vestem-me outra vez, fortalecem-me com algumas gotas de licor, e, aproveitando a escuridão da noite, os dois amigos conduzem-me à orla da floresta e me abandonam ali, cruelmente, depois de ainda ter me feito adivinhar o perigo de uma acusação, caso

eu me atrevesse a pronunciá-la no estado degradante em que me encontrava.

Qualquer outra pessoa estaria menos preocupada do que eu com tal ameaça; tão logo provasse que o castigo que acabara de sofrer não era obra de nenhum tribunal, o que eu tinha a temer? Mas meu abatimento, minha timidez natural, os horrores de minhas desgraças em Paris e daquelas no castelo de Bressac, tudo isso me assombrava. Eu só pensava em fugir, muito mais comovida com a dor de abandonar uma vítima inocente nas mãos daqueles dois celerados, que sem dúvida estavam prestes a imolá-la, do que com meus próprios males. Muito mais irritada, muito mais atormentada do que fisicamente maltratada, pus-me a andar imediatamente; mas, sem conseguir me orientar, sem pedir qualquer informação, não fiz mais do que dar voltas em torno de Paris, e no quarto dia de minha viagem ainda me encontrava em Lieusaint. Sabendo que essa rota poderia me conduzir na direção das províncias do Sul, decido então segui-la, para assim alcançar terras longínquas, acreditando que a paz e o descanso, que me eram tão cruelmente recusados em minha própria terra, pudessem ser encontrados nos confins da França. Mas que erro fatal! Por quanto desgosto eu ainda tinha que passar!

Quaisquer que tenham sido minhas punições até aquele instante, ao menos me restava a inocência. Vítima apenas de atentados de alguns monstros, eu, no entanto, quase podia pertencer à classe das moças honestas. Na verdade, eu só tinha sido desonrada por um estupro consumado em um momento em que meus sentidos, de tão entorpecidos, não me permitiram nem mesmo a faculdade de senti-lo. Além disso, que motivo teria eu para me censurar? Nenhum, ó! nenhum, sem dúvida, e meu coração continuava puro; eu estava muito orgulhosa a respeito disso, minha presunção devia ser punida, e os insultos que me aguardavam seriam tais que logo não me seria mais possível, por pouco que participasse deles, encontrar, no fundo do meu coração, os mesmos motivos de consolo.

Dessa vez, eu levava toda minha fortuna comigo: ou seja, quase cem escudos, soma resultante do que havia conseguido salvar da casa de Bressac e do que havia recebido na casa de Rodin. No auge de minha desgraça, eu continuava feliz por ainda não me terem levado esses recursos; iludia-me, acreditando que, com a frugalidade, a temperança, as economias com as quais eu estava acostumada, aquele dinheiro seria suficiente pelo menos até eu estar em condições de

poder encontrar algum lugar. A execração que me acometia não era visível, eu acreditei que poderia disfarçá-la e que essa marca nunca iria impedir-me de ganhar a vida. Eu tinha vinte e dois anos, uma boa saúde, uma aparência que, para minha infelicidade, recebia muitos elogios, algumas virtudes, que, apesar de sempre me causarem danos, todavia me consolavam, como acabei de vos dizer, e faziam-me esperar que o Céu finalmente lhes concedesse, se não recompensas, pelo menos alguma trégua aos males que elas atraíram contra mim. Cheia de esperança e coragem, continuei meu caminho até Sens, onde descansi por alguns dias. Em uma semana, pude me recuperar por completo; talvez eu pudesse ter encontrado algum lugar naquela cidade, mas, tomada por uma necessidade de afastar-me dali, retomei meu caminho com a intenção de procurar fortuna em Dauphiné. Eu ouvira muito falar dessa terra, e vislumbrava encontrar aí a felicidade. Vejamos o que consegui.

Em nenhuma circunstância de minha vida, os sentimentos da religião me abandonaram. Desprezando os vãos sofismas dos grandes espíritos, acreditando que eles eram emanados muito mais da libertinagem do que de uma persuasão consolidada, eu resistia com minha consciência e meu coração, e encontrava, aos modos de um e de outro, tudo o que precisava para responder a eles. Sempre obrigada pelas minhas desventuras a negligenciar meus deveres de devoção, eu reparava esses erros tão logo encontrava uma ocasião para isso.

Eu acabara de partir de Auxerre no dia 7 de agosto, e nunca irei me esquecer dessa data; eu havia percorrido duas léguas, e o calor começava a me incomodar; subi em uma pequena elevação coberta por um bosque e um pouco afastada da estrada, com o desejo de aí refrescar-me e dormir por umas duas horas, por um valor mais baixo do que em uma pousada, e mais segura do que na estrada principal. Abri-me ao pé de uma árvore e, após uma refeição frugal, entreguei-me aos encantos do sono. Durante muito tempo, aproveitei-me dele com tranquilidade; ao voltar a abrir os olhos, passo a contemplar a paisagem que se apresentava ao longe. Do meio de uma floresta que se estendia à direita, pensei ter avistado, a umas três ou quatro léguas, um pequeno campanário elevando-se modestamente para o alto... “Adorável solidão”, digo a mim mesma, “como vossa estadia me causa inveja! Deveis ser o abrigo de algumas doces e virtuosas reclusas que se ocupam apenas de Deus e de seus deveres; ou de alguns santos ermitões que se dedicam unicamente à religião... Afastados dessa

sociedade perniciosa em que o crime está o tempo todo à espreita da inocência, degradando-a, aniquilando-a... Ah! Todas as virtudes devem se encontrar aí, estou certa disso, e quando os crimes do homem os exilam da terra, é aí, nesse esconderijo solitário, que elas se vão enterrar junto a esses seres afortunados que a cada dia as acalentam e as cultivam.”

Eu estava absorvida nesses pensamentos quando uma moça da minha idade, que cuidava de uns carneiros nessa colina, surgiu subitamente diante de meus olhos. Eu a interrogo sobre aquela habitação, ela me diz que aquilo que estou vendo é um convento de Beneditinos ocupado por quatro homens reclusos aos quais nada se compara à religião, à castidade e à sobriedade.

— Vai-se até lá — diz-me a jovem —, uma vez por ano, em peregrinação, para visitar uma Virgem milagrosa, de quem as pessoas de fé recebem tudo o que desejam.

Especialmente emocionada pelo desejo de ir imediatamente implorar ajuda aos pés daquela santa Mãe de Deus, pergunto à moça se ela quer ir até lá para rezar comigo; ela me responde que isso lhe seria impossível, que sua mãe a está esperando, mas que o caminho não é difícil. Orienta-me sobre como ir, garantindo que o superior daquele mosteiro, o homem mais santo e respeitável que se pode encontrar, irá me receber perfeitamente bem e ajudar-me no que for preciso.

— Chama-se dom Severino — prosseguiu aquela moça —, ele é italiano, parente próximo do papa, que o cobre de benefícios. É um homem meigo, honesto, prestativo, e tem cinquenta e cinco anos, dos quais passou mais de dois terços na França... Ficareis contente com isso, senhorita — continuou a pastora —, ireis vos fortificar naquela santa solidão, e voltareis sentindo-se melhor.

Com aquele relato inflamando ainda mais meu zelo, fica-me impossível resistir à vontade arrebatadora de visitar aquela santa igreja e de reparar, aí, por meio de algumas devotas demonstrações, as negligências que me faziam sentir culpada. Embora eu mesma estivesse precisando de caridade, dou um escudo àquela moça e tomo o caminho de Sainte-Marie-des-Bois: tal era o nome do convento para onde me dirigia.

Depois que desci até a planície, não pude mais enxergar o campanário e tinha apenas a floresta para me guiar; começava então a acreditar que a distância, sobre a qual eu esquecera de me informar,

era muito diferente do que estimava. Mas como nada podia me desencorajar, alcanço a orla da floresta. Ao perceber que ainda me resta alguma luz do dia, decido entrar aí, sempre acreditando que poderia chegar ao convento antes do anoitecer. Entretanto, nenhum traço humano apresenta-se aos meus olhos... Nenhuma casa, e o único caminho é um atalho pouco percorrido que eu seguia completamente ao acaso. Eu já havia caminhado cinco léguas e continuava sem nada avistar, quando, tendo o astro deixado de iluminar o universo, ouço o som de um sino... Escuto, ando em direção ao barulho e me apresso; o caminho se torna um pouco mais largo e finalmente posso avistar algumas cercas e logo depois o convento. Nada podia ser mais rústico do que uma solidão como aquela, nenhuma outra casa fazia-lhe vizinhança, a mais próxima ficava a seis léguas e árvores imensas rodeavam a casa por todos os lados; ela se situava em uma parte mais baixa do terreno e tive que descer muito para chegar até lá; era exatamente por isso que eu perdera o campanário de vista ao alcançar a planície. A cabana de um jardineiro ficava encostada nas paredes do convento; era preciso apresentar-se ali antes de entrar. Pergunto àquela espécie de porteiro se poderia falar com o superior; ele pergunta o que eu quero com ele; digo-lhe que um dever de religião me traz àquele santo retiro e que serei bem consolada por todos os castigos que passei até chegar ali, caso eu pudesse me oferecer por um momento aos pés da Virgem miraculosa e dos santos eclesiásticos na casa de quem aquela divina imagem era mantida. O jardineiro toca a campainha e entra no convento; mas, como é tarde e os padres estão jantando, ele demora certo tempo para voltar, mas reaparece, finalmente, com um dos religiosos:

— Senhorita — diz-me —, este é dom Clément, o ecônomo da casa; ele vem verificar se o que desejas merece incomodar o superior.

Clément, cujo nome em nada se assemelhava à aparência, era um homem de quarenta e oito anos, de uma corpulência sem igual, uma estatura gigantesca, o olhar sombrio e feroz, exprimindo-se apenas com palavras duras e lançadas por um órgão rouco, a legítima aparência de um sátiro, o exterior de um tirano; ele me faz estremecer... Então, sem que eu pudesse me defender, as lembranças de minhas desgraças de outrora vieram se oferecer por meio de letras sangrentas em minha memória perturbada.

— O que queres? — diz-me aquele monge, com um tom muito ameaçador. — Isso é hora de chegar a uma igreja?... Tens o ar de uma

aventureira.

— Santo homem — digo, humilhando-me —, pensei que não houvesse hora certa para visitar a casa de Deus. Venho de muito longe até chegar aqui, cheia de fervor e devoção; peço para confessar-me se isso for possível e quando o interior de minha consciência for por vós conhecido, vereis se sou ou não digna de me prosternar aos pés da santa imagem.

— Mas não é hora de se confessar — diz o monge, mais ameno —, onde passarás a noite? Não temos hospedagem... seria melhor vir durante o dia.

Digo-lhe quais foram as razões que me impediram de fazer isso e, sem me responder, Clément vai informar o superior. Alguns minutos depois, a igreja abre; o próprio dom Sévérino vem me encontrar perto da cabana do jardineiro e me convida a ingressar no templo em sua companhia.

Dom Sévérino, sobre quem é bom dar-vos uma ideia logo de início, era um homem de cinquenta e cinco anos, assim como me haviam dito, mas tinha o rosto bonito, uma aparência ainda jovial, um físico vigoroso, musculoso como Hércules, e tudo isso sem qualquer rigidez. Um tipo de elegância e de flexibilidade dominava o conjunto, e confirmava que ele devia ter possuído, em sua juventude, todos os atrativos que compõem um belo homem. Ele tinha os olhos mais lindos do mundo, certa nobreza nos traços e o mais honesto, gracioso e educado tom de voz. Um tipo de sotaque agradável que não alterava nenhuma de suas palavras permitia, contudo, reconhecer sua região e, confesso, todos os encantos externos desse religioso fizeram com que eu recuperasse um pouco do receio que o outro me causara.

— Minha querida — disse-me ele, graciosamente —, mesmo que esse horário não seja conveniente e que não temos o hábito de receber tão tarde, ouvirei, no entanto, tua confissão, e depois pensaremos em um meio para passar a noite decentemente até o momento em que, amanhã, poderás saudar a santa imagem que te trás até aqui.

Entramos na igreja; as portas se fecham; acendem uma lâmpada perto do confessionário. Sévérino diz para eu me acomodar; ele se senta e me incita a confiar nele sem medo.

Completamente tranquilizada com um homem que me parecia tão meigo, depois de ter sido humilhada, eu nada lhe escondo. Confesso-lhe todos os meus erros: compartilho com ele minhas desgraças; revelo até a marca vergonhosa com que o bárbaro Rodin me desonrara.

Sévérino escuta tudo com a maior atenção e faz-me até mesmo repetir alguns detalhes com ar de piedade e interesse; mas alguns movimentos, algumas falas, no entanto, o traíram: ai de mim! Foi só mais tarde que pude pensar melhor sobre isso. Quando me acalmei a respeito desse acontecimento, foi impossível não me lembrar de que o monge, por inúmeras vezes, permitira-se vários gestos que provavam que a paixão atravessava muitas das perguntas que ele me fazia e que essas perguntas não apenas se detinham com complacência sobre os detalhes obscenos, mas ponderavam até mesmo com alguma afetação sobre os cinco itens seguintes:

1º Se era verdade que eu era órfã e nascera em Paris. 2º Se era mesmo certo que eu não tinha mais meus pais, nem amigos, nem proteção, nem ninguém, enfim, para quem eu pudesse escrever. 3º Se eu não havia contado à pastora que me informara do convento sobre o projeto que eu tinha de ir até ali e se não havia marcado um encontro com ela na volta. 4º Se era certo que eu não vira ninguém depois de meu estupro e se eu tinha certeza de que o homem que abusara de mim o havia feito tanto do lado que a natureza condena quanto do lado que ela permite. 5º Se acreditava não ter sido seguida e que ninguém me havia visto entrar no convento.

Depois de se dar por satisfeito com essas perguntas, com o ar mais modesto, mais sincero e mais ingênuo:

— Pois bem! — diz-me o monge, levantando-se e tomando-me pela mão — venha, minha menina; amanhã irei providenciar a doce satisfação de comungar aos pés da imagem que vens visitar: começemos atendendo às tuas primeiras necessidades. E ele me conduz em direção ao fundo da igreja...

— Como? — digo-lhe então com um tipo de inquietude que não podia esconder... — Como, meu pai? Dentro do convento?

— E onde então, encantadora peregrina? — responde-me o monge, introduzindo-me na sacristia... — Como?! Tens medo de passar a noite com os quatro santos eremitas?!... Ó! Verás que encontraremos meios de te acalmar, meu anjo; e se não providenciarmos grandes prazeres, pelo menos vais servir aos nossos em sua mais ampla extensão.

Tais palavras fizeram-me recuar; um suor frio toma conta de mim, eu cambaleio; era noite, nenhuma luz guiava nossos passos, minha imaginação amedrontada faz-me ver o espectro da morte balançando sua foice sobre minha cabeça; meus joelhos se dobram... Então a linguagem do monge muda subitamente, ele me segura, invectivando-

me:

— Puta — diz ele —, tens que andar; agora não adianta reclamar nem resistir, qualquer tentativa será inútil.

Essas palavras cruéis me devolvem as forças, sinto que estarei perdida se enfraquecer; e me levanto...

— Ó Céu! — digo àquele tratante. — Então será preciso que, mais uma vez, eu seja vítima de meus bons sentimentos, e que o desejo de aproximar-me disso que a religião tem de mais respeitável ainda será punido como se fosse um crime!...

Continuamos andando e nos embrenhamos nesses contornos escuros em que nada me permite reconhecer o local, nem suas saídas. Eu ia à frente de Sévérino; sua respiração era apressada e ele pronunciava frases descontínuas; parecia estar embriagado; de tempos em tempos, ele me detinha com o braço esquerdo, enlaçando meu corpo, enquanto sua mão direita, deslizando, por trás, sob minha saia, percorria com impudência essa parte desonesta que, assemelhando-nos aos homens, faz o único objeto das homenagens daqueles que, em seus prazeres indecentes, preferem esse sexo. Várias vezes, até mesmo a boca daquele libertino ousava percorrer esse local em seus mais secretos redutos; em seguida, recomeçamos a andar. Uma escada se apresenta; ao cabo de trinta ou quarenta degraus, abre-se uma porta, os raios de luz atingem meus olhos e entramos em uma sala encantadora e magnificamente iluminada; vejo aí três monges e quatro moças em torno de uma mesa servida por quatro outras mulheres completamente nuas: esse espetáculo me faz tremer. Sévérino me empurra e eis que me vejo na sala junto com ele.

— Senhores — diz ele ao entrar —, permiti que eu vos apresente um verdadeiro fenômeno: temos aqui uma Lucrécia, que tem, ao mesmo tempo, a marca das prostitutas nas costas e toda a candura na consciência, toda a inocência de uma virgem... Um único estupro, meus amigos, e isso há seis anos; ela é, portanto, quase uma vestal... na verdade, eu a apresento desse modo... aliás, o mais belo... Ó Clément, como vais te reconfortar sobre esses belos volumes... que elasticidade, meu amigo! Que carnação!

—Ah! S... — diz Clément, meio bêbado, levantando-se e vindo em minha direção —, o encontro é atraente e eu gostaria de confirmar os fatos.

Vou fazer com que fiquéis o mínimo possível à espera de saber sobre minha situação, senhora, diz Thérèse, mas a necessidade de

pintar as pessoas novas com as quais eu me encontro obriga-me a cortar o fio da narrativa por um momento. Conheceis dom Sévérino, já podeis desconfiar de seus gostos; ai de mim! Sua depravação nesse gênero era tal que ele nunca experimentara outros prazeres; e que inconsequência, no entanto, nessas operações da natureza, porque com a bizarra fantasia de escolher apenas os desvios, aquele monstro era dotado de faculdades tão gigantescas que mesmo os caminhos mais comuns pareciam-lhe demasiado estreitos!

De Clément já vos tracei o esboço. Acrescentai, às descrições exteriores que fiz, a violência, a malícia, a mais perigosa dissimulação, a intemperança sob todos os aspectos, o espírito satírico e mordaz, o coração corrompido, os gostos cruéis de Rodin com seus alunos, nenhum sentimento, nenhuma delicadeza, nenhuma religião, um temperamento tão desgastado que, havia cinco anos, ele não estava em condições de ir atrás de prazeres outros além daqueles cujas barbáries lhe davam o gosto; tereis, então, desse homem vilão, a mais perfeita imagem.

Antonin, o terceiro ator dessas detestáveis orgias, tinha quarenta anos; era pequeno, magro, muito vigoroso, tão terrivelmente bem-dotado quanto Sévérino e quase tão mau quanto Clément; era entusiasta de prazeres deste confrade, mas se entregava a eles com uma intenção menos feroz; pois se Clément, fazendo uso dessa estranha mania, não tinha outro objetivo senão incomodar e tyrannizar uma mulher, sem poder gozá-la de outra maneira, Antonin, servindo-se com deleite com toda a pureza da natureza, colocava em prática o flagelante acessório apenas para oferecer mais ardor e mais energia àquela a quem ele honrava com seus favores. Em suma, um era brutal por gosto, e o outro, por refinamento.

Jérôme, o mais velho daqueles quatro solitários, era também o mais devasso; todos os gostos, todas as paixões, todas as mais monstruosas irregularidades encontravam-se reunidas na alma daquele monge; ele acrescentava aos caprichos dos outros o gosto de receber em si o que seus comparsas distribuíam às garotas, e se ele oferecia (o que lhe acontecia frequentemente), era sempre com a condição de ser tratado da mesma forma quando fosse sua vez; aliás, todos os templos de Vênus lhe eram iguais, mas ele começava a perder as forças, ele preferia, portanto, desde então, aquele que, sem exigir nada do agente, deixava ao outro o cuidado de despertar as sensações e produzir o êxtase. A boca era seu templo preferido, e, enquanto ele se

entregava a esses prazeres escolhidos, tomava uma segunda mulher para aquecê-lo com o auxílio das varas. O caráter daquele homem era, aliás, tão sombrio, tão malvado como o dos outros, e não importava o aspecto com que o vício se apresentasse, era certo que logo encontraria seguidores e templos naquela casa infernal. Compreendereis mais facilmente, senhora, quando eu vos explicar como ela era formada. Fundos prestigiosos tinham sido obtidos para garantir a ordem naquele retiro obscuro existente há mais de cem anos, e sempre ocupado pelos quatro mais ricos religiosos, os mais avançados dentro da ordem, os mais bem-criados, e de uma libertinagem notavelmente importante para exigir serem sepultados naquela toca obscura, da qual o segredo nunca saía, assim como vereis pela sequência de fatos que me restam a oferecer. Voltemos às descrições.

As oito garotas que então se encontravam no jantar tinham idades tão distantes uma da outra que me seria impossível descrevê-las juntas; sou obrigada a entrar em alguns detalhes. Essa singularidade me surpreendeu. Começamos pela mais jovem, irei descrevê-las nessa ordem.

A mais jovem das moças mal tinha dez anos: o rosto cansado, belos traços, o ar humilhado, desgostoso e trêmulo, devido ao seu destino.

A segunda tinha quinze anos: o mesmo embaraço na aparência, o ar de pudor aviltado, mas um rosto encantador, muito interessante no conjunto.

A terceira tinha vinte anos: fácil de descrever, loira, os mais lindos cabelos, traços finos, regulares e meigos; parecia mais domesticada.

A quarta tinha trinta anos: uma das mais belas mulheres possíveis de se encontrar; uma candura, uma honestidade, uma decência na atitude e todas as virtudes de uma alma terna.

A quinta era uma garota de uns trinta e seis anos, grávida de três meses, morena, muito ativa, de belos olhos, mas, pelo visto, perdera todo tipo de remorso, de decência, toda restrição.

A sexta tinha a mesma idade: gorda como uma pilastra, proporcionalmente grande, de belos traços, um verdadeiro gigante cujas formas foram degradadas pela opulência; ela estava nua quando a vi, e pude distinguir facilmente que não havia uma parte de seu corpo obeso que não levasse a marca da brutalidade dos celerados a quem seu destino infeliz servia os prazeres.

A sétima e a oitava eram duas belas mulheres de cerca de quarenta

anos.

Prossigamos agora a história de minha chegada nesse local impuro.

Como vos disse, eu mal havia entrado e cada um deles avançou em minha direção; Clément foi o mais audacioso, sua boca infecta logo se colou à minha; desvio-me com horror, mas me advertem de que todas essas resistências não passam de afetações que se tornam inúteis e o que de melhor me resta a fazer é imitar minhas companheiras.

— Podes muito bem imaginar — diz-me dom Sévérino — que de nada adianta oferecer resistência neste retiro inacessível em que te encontras. Como disseste, já experimentaste muitas desventuras; no entanto, na lista de teus tormentos, ainda falta a maior delas. Não estaria na hora dessa orgulhosa virtude ir pelos ares, já que, aos vinte e dois anos, não se pode continuar sendo uma moça praticamente virgem? Encontrarás companheiras que, ao entrarem aqui, assim como tu, quiseram resistir, e que, como irás prudentemente fazer, deixaram-se entregar ao perceberem que suas recusas só iriam conduzi-las apenas a terríveis tratamentos. Porque é bom te informar, Thérèse — continuou o superior, mostrando-me os açoites, as varas, as férulas, os mourões, as cordas e milhares de outros instrumentos de suplício... —, sim, é bom que o saibas: fazemos uso desses instrumentos com as moças rebeldes; pensa bem se tens vontade de ser convencida com eles. De resto, o que terias para pedir aqui? A equidade? Não a conhecemos. A humanidade? Nosso único prazer é o de violar suas leis. A religião? Ela não significa nada para nós, nosso desprezo por ela cresce à medida que mais bem a conhecemos; os pais... os amigos... os juízes? Nada disso existe nestes lugares, minha filha; encontrarás aqui apenas egoísmo, crueldade, devassidão e a mais declarada impiedade. A mais completa submissão é, então, teu único destino; olha bem para o impenetrável refúgio em que te encontras; nunca nenhum mortal apareceu nestes recônditos; o convento seria tomado, vasculhado, queimado, e ainda assim este retiro não seria descoberto; trata-se de um pavilhão isolado, enterrado, circundado por todos os lados por seis paredes de uma inacreditável espessura, e tu te encontras dentro dele, minha querida, entre quatro libertinos que não estão de forma alguma dispostos a te poupar, e a quem tuas súplicas, lágrimas, declarações, genuflexões ou gritos irão apenas inflamá-los ainda mais. Então, a quem pedirás ajuda? A Deus, a quem acabas de implorar com tanto zelo, e que, para te recompensar desse favor, só te precipitas com ainda mais convicção nesta armadilha? A esse Deus

quimérico que até aqui nós insultamos diariamente, ofendendo suas leis vãs?... Então entende, Thérèse, que ele não tem poder algum, de qualquer natureza que possas conceber, de te tirar de nossas mãos, e não há, na classe das coisas possíveis, nem naquela dos milagres, nenhum modo com que possas conservar por mais tempo essa virtude da qual tanto te orgulha; que possas, enfim, impedir que te transforme em todos os sentidos, de todas as maneiras, na presa dos excessos libidinosos aos quais nós quatro iremos nos entregar contigo... Então tira logo a roupa, puta, oferece teu corpo a nossas luxúrias; ele deve ser imediatamente maculado, ou as mais cruéis decisões te provarão os riscos que corre uma miserável como tu ao tentar nos desobedecer.

Aquele discurso... aquela ordem tão terrível não me oferecia nenhuma alternativa, eu estava pressentindo isso; mas seria eu culpada em empregar a alternativa que meu coração apontava e que a minha condição ainda permitia? Atiro-me então aos pés de dom Sévérino, lanço mão de toda eloquência de uma alma em desespero para pedir que não abuse de meu estado; os mais amargos prantos inundam-lhe os pés e atrevo-me a tentar com aquele homem tudo o que acredito ser o mais forte, mais patético... Para que aquilo tudo iria servir, meu bom Deus? Deveria eu ter ignorado que as lágrimas são um atrativo a mais aos olhos do libertino? Deveria eu ter suspeitado que todas as minhas estratégias de convencimento para com aqueles bárbaros servia apenas para inflamá-los ainda mais?

— Pega essa p... — ordena Sévérino, furioso —, agarra-a, Clément, despe-a imediatamente para que aprenda que não é na casa de pessoas como nós que a compaixão vai reprimir a natureza.

Clément espumava; minhas resistências o excitam ainda mais; ele me segura com um gesto duro e nervoso, e, misturando blasfêmias apavorantes a suas intenções e ações, ele, em um minuto, arranca-me as roupas.

— Eis uma bela criatura — diz o superior, passando os dedos em meus quadris —, que um raio caia em minha cabeça se, por acaso, eu tenha visto uma mais bem-feita do que essa! Amigos, sigam esse monge, vamos colocar um pouco de ordem em nosso método; conheceis nossas fórmulas de recepção, ela deve conhecer todas, sem exceção; e durante esse tempo as outras oito mulheres devem continuar à nossa volta para garantir nossas necessidades, ou para excitá-las ainda mais.

Logo um círculo se forma, colocam-me no meio, e ali, durante mais

de duas horas, sou examinada, avaliada, bolinada por cada um daqueles quatro monges, recebendo elogios ou críticas de cada um deles.

— Permitti-me, senhora — diz nossa bela prisioneira, enrubescendo-se —, que eu omita uma parte dos detalhes obscenos dessa cerimônia odiosa; que vossa imaginação sacie tudo o que a devassidão, nesse caso específico, possa ditar a celerados; que ela os veja passando, sucessivamente, de minhas companheiras a mim, comparando, aproximando, confrontando, discursando, e ela não terá mais do que uma pequena amostra do que acontece nessas primeiras orgias, que são sem dúvida bem leves se comparadas a todos os horrores que logo eu iria experimentar.

— Vamos — diz Sévérino, cujos desejos prodigiosamente exaltados não podem mais se conter, e que, naquele estado atroz, dá a ideia de um tigre pronto a devorar sua vítima —, que cada um de nós experimente seu gozo favorito.

E o infame, pondo-me em cima de um sofá em uma altura propícia para suas execráveis intenções, e fazendo com que dois monges me segurem, tenta se satisfazer comigo, daquele modo criminoso e perverso que nos assemelha ao sexo que não possuímos, degradando apenas aquele que temos. Mas ou esse impudico é demasiado avantajado, ou a natureza se revolta em mim à mínima desconfiança desses prazeres: ele não quer vencer os obstáculos; ele mal se apresenta e é imediatamente repellido... Ele afasta, comprime, rasga, todos esses esforços são em vão; o furor desse monstro alcança o altar pelo qual seus desejos não podem esperar; ele o acerta, belisca-o, morde-o; novas provas nascem dessas brutalidades; a carne enfraquecida repousa, o caminho fica aberto, o aríete penetra; solto gritos abomináveis; logo, a massa inteira é engolida, e a serpente, após lançar um veneno que lhe anima as forças, cede, finalmente, chorando de raiva, enquanto eu me movimento na tentativa de me livrar. Nunca sofri tanto em toda minha vida.

Clément avança; ele está armado com varas; seus pérfidos projetos esboçam-se em seus olhos:

— Sou eu — diz ele a Sévérino —, sou eu quem irá te vingar, meu pai; sou eu quem irá corrigir esta estúpida por ter resistido a teus prazeres.

Ele não precisa de ajuda para me segurar; enlaça-me com um de seus braços e aperta-me sobre um de seus joelhos que, ao empurrar

meu ventre, faz com que se exponha ainda mais o que vai servir aos seus caprichos. A princípio, ele ensaia seus golpes, parece que sua intenção é apenas a de improvisar; logo, inflamado de luxúria, o malvado bate até onde suportam suas forças; nada passa ileso de sua ferocidade; a partir do meio das costas até a panturrilha, tudo é percorrido por aquele tratante; ousando misturar o amor a esses momentos cruéis, sua boca se cola à minha, tentando respirar os suspiros provocados pelas dores... Minhas lágrimas correm, ele as devora, algumas vezes ele beija, outras ameaça, uma de suas mulheres o excita; de joelhos diante dele, cada uma de suas mãos trabalha de forma diferente; quanto melhor ela o faz, mais violentos são os golpes que me aguardam; estou prestes a ser despedaçada e nada indica o fim de meus males; esgotaram-se todos os tipos de esforços, de nada adianta; esse fim que aguardo será somente obra de seu delírio; uma nova crueldade é determinada: meu seio está à mercê daquele bruto, provocando sua irritação; então o antropófago leva seus dentes até ele e o morde: esse excesso determina a crise, o incenso escapa. Urros medonhos, blasfêmias abomináveis caracterizaram os acessos e o monge, muito nervoso, entrega-me a Jérôme.

— Não serei mais perigoso para tua virtude do que Clément — disse-me aquele libertino, acariciando o altar ensanguentado em que o monge acaba de me sacrificar —, mas quero beijar esse rego; sou igualmente digno de abri-lo, e lhe devo um pouco de honra; quero ainda mais — prosseguiu aquele velho sátiro, introduzindo um de seus dedos onde Sévérino havia estado —, quero que a galinha bote e quero devorar seu ovo... será que ele existe?... Sim, como não? Ó, minha menina, como é macio!...

Sua boca substitui os dedos... Dizem-me o que devo fazer, e obedeço com desgosto. Na situação em que me encontro, ai de mim!... Não tenho como recusar! O indigno se satisfaz... ele engole, e, depois, pondo-me de joelhos à sua frente, ele se cola em mim nessa postura; sua paixão indecente alivia-se em um lugar que me impede qualquer lamentação. Enquanto ele age dessa forma, a mulher corpulenta o chicoteia, outra, que se encontra à altura de sua boca, cumpre o mesmo dever ao qual acabo de me submeter.

— Isso não é suficiente — diz o infame —, é preciso que em cada uma de minhas mãos... Isso precisa se multiplicar para ficar melhor...

As duas moças mais bonitas se aproximam; elas obedecem: esse é o excesso ao qual a saciedade conduziu Jérôme. Seja como for, à força

de impurezas, ele se satisfaz, e ao cabo de uma meia hora minha boca recebe finalmente, com uma repugnância que podeis imaginar, a homenagem nojenta daquele homem perverso.

Antonin aparece.

— Vejamos então — diz ele —, essa virtude tão pura, deteriorada por um único ataque, e que mal deve ser notada.

Suas armas estão apontadas, ele vai se servir, voluntariamente, dos feitiços de Clément. Como eu vos disse, a enérgica fustigação o agrada, assim como ao monge, mas, como ele está apressado, o estado em que eu companheiro me deixou já lhe basta; ele examina minha condição, aproveita-se dela, deixando-me na postura preferida de todos eles; ele bolina por um instante as duas meias-luas que protegem a entrada; ele balança com furor os pórticos do templo e logo alcança o santuário; o ataque, ainda que tão violento quanto o de Sévérino, feito em uma passagem ainda mais estreita, não é, no entanto, tão difícil de suportar; o vigoroso atleta segura meus quadris e, substituindo os movimentos que não posso fazer, sacode-me sobre ele com vivacidade; dos esforços redobrados desse Hércules dir-se-ia que, não contente de ser o senhor daquele local, ele pretende reduzi-lo a pó. Esses terríveis ataques, tão novos para mim, fazem-me sucumbir; porém, sem qualquer preocupação com minhas dores, o cruel conquistador não pensa em outra coisa senão dobrar seus prazeres; tudo o seduz, tudo o excita, tudo concorre para suas voluptuosidades; diante dele, exausta sobre minhas costas, a moça de quinze anos, com as pernas abertas, oferece à sua boca o altar o qual ele sacrifica em mim; ele suga com prazer o suco precioso da natureza cuja emissão mal foi concedida àquela garota tão jovem; uma das mulheres velhas, ajoelhada diante das costas de meu conquistador, as agita e, com sua língua impura, animando seus desejos, ela lhe determina o êxtase, enquanto, para inflamar-se ainda mais, o depravado excita uma mulher com ambas as mãos; não há nenhuma parte que não seja apalpada, que não concorra à perfeição de seu delírio; ele a toca, mas meu ininterrupto horror por todas essas infâmias impede-me de partilhá-lo... Ele atinge o gozo sozinho, seus ataques, gritos, tudo o anuncia, e, apesar da relutância, fico inundada com provas de uma chama que sou apenas a sexta a acender; desabo, finalmente, sobre o trono em que acabo de ser imolada e desfruto da existência apenas por meio de minhas dores e lágrimas... por meio de meu desespero e de meus remorsos.

Dom Sévérino, no entanto, dá ordem às mulheres para me

alimentarem, mas, longe de atentar para esse serviço, um acesso de furioso desgosto invade-me a alma. Eu, que empregava toda minha glória, toda minha felicidade em minha virtude; eu, que me consolava com todos os males da fortuna, desde que continuasse tendo juízo, não pude suportar a terrível ideia de me ver aviltada de forma tão cruel por quem deveria esperar o máximo de consolo e de acolhimento: minhas lágrimas correm abundantes, meus gritos ecoam no ambiente; eu rolo pelo chão, machuco meus seios, arranco os cabelos, invoco meus carrascos e suplico-lhes para que me ofereçam a morte... Acreditei, senhora, esse espetáculo medonho deixa-os ainda mais excitados.

— Ah — diz Sévérino —, nunca participei de uma cena tão bela: vejam, meus amigos, o estado em que ela me deixa; é incrível o que as dores femininas são capazes de me provocar.

— Vamos agarrá-la novamente — diz Clément —, e para que aprenda a urrar contra o destino, a safada, nesse segundo ataque, deve ser tratada de forma ainda mais cruel.

Tão logo concebido, o plano foi imediatamente executado; Sévérino avança, mas não importa o que ele tenha dito; como seus desejos necessitam de um grau maior de excitação, é somente após ter posto em prática os métodos cruéis de Clément que ele encontra a força necessária para finalizar seu novo crime. Que excesso de ferocidade, meu Deus! Como pode ser possível que esses monstros a levassem a ponto de escolher o momento de uma crise de dor moral de violência que eu sentia para fazer-me sofrer uma dor física tão bárbara!

— Seria injusto que eu não utilizasse, ainda mais com essa noviça, o que nos serve tão bem de acessório — diz Clément, passando à ação —, e te digo que não a tratarei melhor do que a ti.

— Um instante — diz Antonin ao superior que ele via prestes a me agarrar —, enquanto teu cuidado vai se exalar na parte de trás desta bela moça, acho que posso homenagear o deus contrário; vamos posicioná-la entre nós dois.

A postura se organiza de tal modo que eu ainda posso oferecer minha boca a Jérôme; eles exigem que o faça; Clément coloca-se em minhas mãos; sou obrigada a excitá-lo; todas as sacerdotisas rodeiam esse grupo horrível; cada uma delas presta aos atores o que pensam excitá-los ainda mais; eu, no entanto, suporto tudo; todo o peso está sobre mim; Sévérino dá o sinal, os outros três seguem-no de perto, e ali me encontro, pela segunda vez, desonrada pelas provas das

luxúrias repugnantes daqueles indignos devassos.

— Isso já é suficiente para um primeiro dia — diz o superior —, agora temos que lhe mostrar que suas companheiras não são mais bem tratadas do que ela.

Colocam-me em uma poltrona alta, e, ali, sou obrigada a observar os novos horrores em que terminam as orgias.

Os monges estão em fila; todas as mulheres desfilam diante deles e recebem uma chicotada de cada um; em seguida, elas são obrigadas a excitar seus carrascos com a boca enquanto eles as molestam e as inectivam.

A mais nova, a de dez anos, está sobre o sofá, e cada religioso a submete a um suplício de sua escolha; perto dela está a menina de quinze anos, com a qual aquele que acaba de executar a punição deve se divertir imediatamente como melhor lhe convir; trata-se do bode expiatório: a mais velha deve seguir o monge em ação a fim de servi-lo nessa operação ou no ato final. Sévérino usa somente a mão para molestar a garota que se oferece a ele e corre para o santuário que o deleita e que lhe apresenta aquela que deixaram ali perto; armado com um punhado de urtigas, a velha retribui-lhe o que ele acaba de fazer; é no seio desses dolorosos formigamentos que nasce a embriaguez desse libertino... Consulte-o, será que ele confessará ser cruel? Não fez nada que ele mesmo não suportasse.

Clément belisca levemente a carne da menina: o prazer oferecido ao lado torna-se para ele proibido, mas tratam-no como combinado e ele deixa aos pés do ídolo o incenso que não tem mais força para lançar até o santuário.

Antonin se diverte em apertar com força as partes carnudas do corpo de sua vítima; incendiado pelos saltos que ela dá, ele se precipita na parte oferecida aos seus prazeres preferidos. Ele, por sua vez, é manipulado, fustigado, e sua embriaguez é fruto de tormentos.

O velho Jérôme não usa nada além dos dentes, mas cada mordida deixa uma marca da qual o sangue jorra imediatamente; depois de uma dúzia, o bode expiatório apresenta-lhe a boca; aí, ele acalma seu furor, enquanto recebe uma mordida tão forte quanto havia dado.

Os monges bebem e recuperam as forças.

A mulher de trinta e seis anos, grávida de três meses, como eu vos havia dito, é posta em cima de um pedestal de oito pés de altura; sem poder apoiar aí mais do que uma perna, ela é obrigada a manter a outra no ar; à sua volta estão colchões recheados de silvas, de

azevinhos, de espinhos com três pés de espessura. Uma vara flexível lhe foi dada para se apoiar: por um lado, é muito fácil perceber o interesse que ela tem em não cair, por outro, a impossibilidade de manter o equilíbrio; é essa alternativa que diverte os monges. Todos os quatro, organizados em torno dela, têm, cada um, uma ou duas mulheres que os excitam de diferentes formas durante esse espetáculo; de tão gorda que está, a infeliz mantém a posição por quinze minutos mais ou menos; as forças finalmente lhe faltam, ela cai sobre os espinhos e nossos celerados, embriagados de luxúria, vão oferecer pela última vez sobre seu corpo a abominável homenagem de sua barbaridade... Retiram-no dali.

O superior entrega-me às mãos de uma das moças, a de trinta anos, de quem eu já vos falei; chamavam-na de Omphale; ela ficou encarregada de me instruir, de me instalar em meu novo domicílio; mas não vi nem ouvi nada nessa primeira noite; esgotada, desesperada, eu só pensava em descansar um pouco. Percebi no quarto em que me instalaram outras mulheres que não estavam no jantar; adiei para o dia seguinte a análise de todos esses novos projetos e ocupei-me apenas em procurar um pouco de repouso. Omphale me tranquilizou; ela foi se deitar na cama, ao lado; quando estou em minha cama, todo o horror de meu destino revela-se ainda mais intenso para mim: eu não conseguia esquecer nem as execrações que havia sofrido, nem aquelas das quais me fizeram testemunha. Ai de mim! Se por acaso minha imaginação tivesse se desviado para esses prazeres, eu os julgaria castos como o Deus que os inspirava, oferecidos pela natureza para servir de consolo aos humanos, eu os supunha nascidos do amor e da delicadeza. Eu estava bem longe de acreditar que o homem, a exemplo dos animais ferozes, só pudesse gozar ao fazer sua companheira tremer... Depois, acordando para a fatalidade de meu destino... “Ó justo Céu!”, dizia a mim mesma, “quer dizer que é verdade que nenhum ato de virtude emanará de meu coração sem que seja imediatamente procedido de uma agrura! E que mal eu havia cometido, grande Deus, em desejar cumprir naquele convento alguns deveres de religião? Estava ofendendo o Céu ao querer rezar para ele? Incompreensíveis decretos da Providência”, eu prosseguia, “consentis então a se abrir aos meus olhos, se não desejais que eu me revolte contra vós!” Lágrimas amargas seguiram-se a essas reflexões e eu ainda estava encharcada quando o dia nasceu; Omphale então se aproximou de minha cama.

— Querida companheira — disse-me ela —, venho te encorajar; chorei assim nos primeiros dias, e agora me habituei; irás te acostumar como eu; os começos são terríveis, não é só a necessidade de satisfazer as paixões desses devassos que garante o suplício de nossa vida, é a perda da nossa liberdade, é a maneira cruel com a qual nos conduzem nesta casa abominável.

Os infelizes consolam-se ao ver outros por perto. Por mais amargas que fossem minhas dores, eu as acalmava por um instante para pedir que minha companheira me instruisse sobre os males que me aguardavam.

— Um momento — disse-me minha instrutora —, levanta-te, primeiro vamos percorrer nosso retiro, observa as novas companheiras; conversaremos em seguida.

Subscrevendo os conselhos de Omphale, percebi que me encontrava em um quarto muito grande, onde havia oito camas pequenas, de lençóis muito limpos; perto de cada cama havia um banheiro; mas todas as janelas que iluminavam os banheiros ou o quarto ficavam a cinco pés do chão e munidas de barras por dentro e por fora. No centro do quarto principal havia uma grande mesa presa ao solo, para comer ou para trabalhar; três outras portas revestidas de ferro fechavam esse quarto; não havia nenhuma dobradiça de nosso lado, mas trancas enormes do outro.

— Então é esta a nossa prisão? — perguntei a Omphale.

— Sim! Infelizmente, minha querida — respondeu-me —; este é nosso único quarto; as outras oito meninas têm um parecido perto daqui, e nós só nos comunicamos quando os monges têm vontade de nos reunir.

Entrei no banheiro que me era destinado; ele tinha em média oito pés quadrados; assim como no outro cômodo, a luz entrava aí por uma janela bem alta e toda gradeada de ferro. Os únicos móveis eram um bidê, um toucador e uma cadeira para a higiene. Voltei; minhas companheiras, apressadas em me ver, cercaram-me; elas eram sete: eu era a oitava. Omphale, que habitava o outro quarto, estava naquele apenas para me instruir; ela continuaria ali se eu quisesse, e uma daquelas que eu via a substituiria em seu quarto; exigi que isso acontecesse e assim aconteceu. No entanto, antes de voltar à história de Omphale, parece-me fundamental que vos descreva as sete novas companheiras que o destino me oferecia; irei proceder por ordem de idade, como fiz com as outras.

A mais jovem tinha doze anos, uma fisionomia bem viva e espirituosa, os mais belos cabelos e a boca mais linda.

A segunda tinha dezesseis anos; era uma das mais belas loiras possíveis de se ver, traços incrivelmente deliciosos e todos os charmes, toda a gentileza de sua idade, misturadas a um tipo de interesse, fruto de sua tristeza, que a deixava mil vezes ainda mais bela.

A terceira tinha vinte e três anos; muito bonita, mas bem insolente; a meu ver, o excesso de impudência degradava-lhe os charmes ofertados pela natureza.

A quarta tinha vinte e seis anos; ela era como Vênus; suas formas, no entanto, eram muito pronunciadas; tinha uma brancura fascinante; a fisionomia doce, serena e risonha, de belos olhos, a boca um pouco grande, mas admiravelmente constituída, e soberbos cabelos loiros.

A quinta tinha trinta e dois anos; ela estava grávida de quatro meses, um rosto oval, um pouco triste, de olhos grandes cheios de interesse, muito pálida, uma saúde delicada, uma voz tenra, um pouco de frescor, naturalmente libertina: ela sozinha já era suficiente.

A sexta tinha trinta e três anos; uma mulher grande, bem constituída, o mais belo rosto, boas carnes.

A sétima tinha trinta e oito anos; um verdadeiro modelo em tamanho e beleza; era a decana do meu quarto; Omphale me preveniu de sua maldade e principalmente do gosto que ela tinha por mulheres.

— Entregar-te a ela é o único modo de agradá-la — disse-me minha companheira —; oferecer-lhe resistência é reunir em sua cabeça todos os males que podem nos afligir nesta casa. Pensarás a esse respeito.

Omphale pediu a Ursule (este era o nome da decana) a permissão de me instruir; Ursule consentiu, sob a condição de que eu a beijassem. Aproximei-me dela: sua língua impura quis unir-se à minha enquanto seus dedos trabalhavam para obter determinadas sensações que ela estava bem longe de conseguir. Foi preciso, no entanto, apesar de minha resistência, aceitar tudo e quando ela acreditou ter triunfado, mandou-me de volta ao meu banheiro, onde Omphale dirigiu-se a mim do seguinte modo:

— Todas as mulheres que viste ontem, minha querida Thérèse, e essas que acabas de ver dividem-se em quatro classes de quatro garotas cada uma. A primeira é chamada classe da infância: ela é composta pelas garotas desde a mais tenra idade até aquela de dezesseis anos; uma roupa branca as distingue.

“A segunda classe, cuja cor é o verde, chama-se classe da

juventude; ela é composta pelas garotas de dezesseis anos até os vinte.

“A terceira classe é aquela da idade sensata, nela, veste-se azul; aí se encontram moças dos vinte e um aos trinta anos. É nesta em que nós duas estamos.

“A quarta classe, na qual vestem uma cor de estanho, destina-se à idade madura; ela é composta de todas as que têm mais de trinta anos.

“Ora essas garotas misturam-se indiferentemente às refeições dos Reverendos Padres, ora elas aparecem por classe: tudo depende do capricho dos monges; mas, fora dos jantares, todas são misturadas nos dois quartos, como tu podes perceber por aquelas que habitam o nosso.

“A instrução que tenho para ti — disse-me Omphale —, deve se restringir aos quatro artigos principais: no primeiro, trataremos daquilo que concerne à casa; no segundo, falaremos sobre a vestimenta das garotas, as suas punições, as suas alimentações etc. etc. etc.; o terceiro artigo te instruirá sobre a organização dos prazeres desses monges, sobre o modo com o qual as garotas devem servir; o quarto te relatará a história das aposentadorias e das mudanças.

“Não irei te descrever, Thérèse, os arredores desta abominável casa, tu os conheces tão bem quanto eu; falarei apenas sobre seu *interior*; apresentaram-me a fim de que eu pudesse oferecer sua imagem às recém-chegadas, de cuja educação me encarregaram e suprimir a partir desse quadro qualquer desejo de fuga. Ontem, Sévérino te falou um pouco sobre isso, ele não te escondeu nada, minha querida. A igreja e o pavilhão que estão aí formam o que se chama de convento; mas tu ignoras como está situado o corpo dos alojamentos que nós habitamos, como chegamos até aqui. No fundo da sacristia, atrás do altar, existe uma porta escondida no madeiramento, e ela é aberta por uma mola; essa porta é a entrada de uma galeria, tão obscura quanto comprida, cujas sinuosidades teu pavor, ao entrar, certamente impediu que notasses; inicialmente essa galeria desce, pois é preciso passar sob um fosso de trinta pés de profundidade, em seguida sobe novamente depois de passar pela abertura desse fosso, e não resta menos do que seis pés sob o solo; é desse modo que se alcança os subterrâneos de nosso pavilhão, afastado do outro por mais ou menos um quarto de légua. Seis grandes barreiras não permitem que este alojamento seja avistado, mesmo que subíssemos no sino da igreja. A razão disso é simples: o pavilhão é muito baixo; ele não chega a vinte e cinco pés, e as barreiras compostas, algumas como muralhas, outras em filas vivas,

bem apertadas umas sobre as outras, têm, cada uma, mais de cinquenta pés de altura: de qualquer lado que esta parte seja observada, ela só pode ser entendida como um matagal da floresta, mas nunca como um quarto; é assim, então, como eu acabo de te dizer, para uma fossa que dá aos subterrâneos, que se encontra a saída do corredor obscuro sobre o qual eu te falei, e do qual é impossível que te lembres, visto o estado em que devias estar ao atravessá-lo. Esse pavilhão, minha querida, tem, ao todo, apenas subterrâneos, uma planta baixa, um mezanino e um primeiro andar; sobre ele está uma arcada bem grossa, guarnecida de uma bacia de chumbo cheia de terra, na qual são plantados arbustos sempre verdes que, juntando-se com as barreiras que nos cercam, dão, ao final, um ar ainda mais real de massivo. Os subterrâneos formam uma grande sala no meio e oito banheiros em torno, dos quais dois servem de calabouços às garotas que mereceram tal punição, e os outros seis de depósitos; em cima, estão a sala de jantar, as cozinhas, os escritórios e dois banheiros onde os monges passam quando querem isolar seus prazeres e degustá-los conosco, longe dos olhos de seus confrades. Os mezaninos compõem oito quartos, dos quais quatro têm um banheiro; estas são as celas em que os monges dormem e para onde nos levam quando suas lubricidades nos destinam a dividir com eles suas camas; os outros quatro quartos são dos monges que servem, dos quais um é nosso carcereiro, o segundo é o camareiro dos monges, o terceiro, o cirurgião, que tem em sua cela tudo o que é preciso para as situações de urgência, e o quarto é o cozinheiro; esses quatro monges são surdos e mudos; então, como podes notar, dificilmente receberemos deles algum consolo ou socorro; eles, aliás, nunca têm um maior contato conosco, e é estritamente proibido dirigir-lhes a palavra. A parte superior desses mezaninos forma dois gineceus; eles se parecem perfeitamente um com o outro; é, como podes ver, um grande quarto onde se encontram oito banheiros. Assim, percebes, querida, que supondo que se rompesse as barreiras de nossos caminhos, e que se descesse pela janela, ainda assim estaríamos longe de conseguir escapar, porque, para atravessar, faltaria cinco cercas vivas, uma grande muralha e um largo fosso: aliás, se esses obstáculos fossem mesmo vencidos, onde iríamos sair, ao final? No pátio do convento que, também cuidadosamente fechado, ainda não ofereceria, já de início, uma saída segura. Um modo de fuga menos perigoso, talvez, seria, eu confesso, encontrar nos subterrâneos a boca da galeria que dá

ali; mas como chegar até esses subterrâneos se eles estão sempre trancados, assim como nós? E, mesmo que o fizéssemos, essa abertura ainda não seria encontrada, ela dá em um recanto perdido, ignorado por nós, e ele também cercado de grades das quais só os monges têm as chaves. Entretanto, se todos esses inconvenientes fossem vencidos, se alcançássemos a galeria, a estrada ainda não nos seria segura; ela está cheia de armadilhas que só eles conhecem e onde inevitavelmente cairiam as pessoas que pretendem percorrê-la sem eles. É preciso então renunciar à fuga, ela é impossível, Thérèse; pensas que se ela fosse praticável eu teria fugido há muito tempo dessa detestável estadia, mas isso é impossível. Aqueles que estão aqui só conseguem sair pela morte e esta é a origem da audácia, da crueldade, da tirania que os celerados usam contra nós; nada os abrasa tanto, nada lhes alimenta mais a imaginação quanto a impunidade que lhes garante este inacessível retiro; certos de nunca terem por testemunha de seus excessos suas próprias vítimas que os aliviam, muito seguros de que suas infrações nunca serão reveladas, eles as levam aos mais odiosos extremos; livres dos freios das leis, tendo já quebrado os da religião, desconhecendo os do remorso, não existe atrocidade que não lhes seja permitida e, nessa apatia criminoso, suas paixões abomináveis são ainda mais voluptuosamente excitadas, pois nada, segundo eles, os inflama como a solidão e o silêncio, como a fraqueza, de uma, e a impunidade, de outro. Normalmente, os monges dormem nesse pavilhão, eles vão pra lá às cinco da tarde e retornam ao convento na manhã seguinte por volta das nove horas, com exceção de um que, a cada vez, passa o dia inteiro aqui: chamam-no de chefe da guarda. Logo veremos sua função. Os quatro monges nunca se movimentam; nós temos em cada quarto uma campainha que comunica com a cela do carcereiro; apenas a decana tem o direito de tocá-la, mas quando ela o faz à razão de suas necessidades, ou das nossas, eles acorrem imediatamente. Todos os dias, ao acordar, os próprios monges trazem as provisões necessárias e as enviam ao cozinheiro, que as utiliza de acordo com as ordens deles; existe uma fonte nos subterrâneos e todos os tipos de vinhos em abundância nas adegas.

“Passemos ao segundo artigo, aquele que diz respeito ao comportamento das garotas, à alimentação delas, à punição etc.

“Temos sempre o mesmo número; tudo está organizado de tal modo que somos sempre dezesseis: oito em cada um dos quarto; e, como podes perceber, estamos sempre vestindo o uniforme de nossas

classes; antes de terminar o dia, vão te entregar as roupas da classe em que entras; diariamente, vestimos roupas da cor que nos pertence; à noite, somos vestidas dessa mesma cor e penteadas da melhor forma possível; a decana do quarto exerce todo o seu poder sobre nós, desobedecer-lhe é um crime; ela é encarregada de nos inspecionar antes que nos entreguemos às orgias, e se as coisas não estão como desejado, ela é punida do mesmo modo que nós. As infrações que podemos cometer são de vários tipos. Cada uma tem sua punição particular cujo valor está fixado nos dois quartos; o instrutor do dia, aquele que vem, como te elucidarei daqui a pouco, explicar-nos as ordens, nomear as garotas do jantar, visitar nossos quartos e receber as queixas da decana; esse monge, como estou te dizendo, é aquele que, à noite, distribui a punição que cada uma mereceu. Eis o estado das punições correspondentes aos crimes que nos cabem.

“Não levantar pela manhã à hora prescrita: trinta chicotadas (pois é quase sempre com esse instrumento que somos punidas; era muito simples que o acessório de prazer desses libertinos se tornasse a correção preferida deles); apresentar, seja por mal-entendido ou por não importa que motivo, outra parte do corpo, no ato dos prazeres, em vez daquela desejada: cinquenta chicotadas; estar malvestida ou mal penteadas: vinte chicotadas; não ter avisado sobre a chegada da menstruação: sessenta chicotadas; no dia em que o cirurgião constata a gravidez: cem chicotadas; negligência, impossibilidade ou recusa das proposições luxuriosas: duzentas chicotadas. E foram inúmeras as vezes que a crueldade infernal nos pegou em falta com algo, sem que nada tivéssemos feito! E quantas foram as vezes em que um deles pede, subitamente, aquilo que ele sabe muito bem que o outro acaba de fazer, e que não se pode restabelecer imediatamente! Não é permitido reduzir o castigo; nossas admoestações, nossas queixas, nunca são ouvidas; é preciso obedecer ou receber as correções. Problemas de conduta no quarto ou desobediência à decana: sessenta chicotadas; aspecto de pranto, de aflição, de remorsos e até mesmo o menor indício de retorno à religião: duzentas chicotadas. Se um monge te escolhe para experimentar contigo a última crise do prazer, e caso ele não conquiste o gozo, seja por culpa dele, o que é muito comum, seja por culpa tua: trezentas chicotadas. O menor ar de repugnância às proposições dos monges, qualquer que seja a natureza delas: duzentas chicotadas; uma tentativa de fuga, uma revolta: nove dias de solitária, completamente nua, e trezentas chicotadas por dia;

intrigas, maus conselhos, más conversas entre nós, a partir do momento em que ela é descoberta: trezentas chicotadas; projetos de suicídio, recusa de se alimentar como se deve: duzentas chicotadas; faltar com o respeito aos monges: cento e oitenta chicotadas. Esses são os nossos delitos; podemos, fora isso, fazer tudo o que nos dá prazer, dormir juntas, discutir, bater uma na outra, chegar aos últimos excessos de embriaguez e de gula, fazer promessas, blasfemar: tudo isso dá no mesmo, não nos dizem nada a respeito dessas infrações, somos punidas apenas por aquelas que acabo de mencionar, mas as decanas podem muito bem nos poupar dessas contrariedades se elas fizerem questão disso. Infelizmente, essa proteção só é comprada por conveniências sempre mais desagradáveis do que os incômodos garantidos por meio delas; elas têm o mesmo gosto tanto em uma como na outra sala, e é apenas aceitando seus favores que se consegue encadeá-los. Se os recusa, elas aumentam intempestivamente a soma de nossas infrações e os monges a quem servimos, ao duplicar o estado, longe de repreendê-las por suas injustiças, encoraja-as o tempo todo; elas mesmas estão submetidas a todas essas regras e são ainda mais severamente punidas se forem suspeitas de indulgentes. Não é que esses libertinos tenham necessidade de tudo isso para nos castigar, mas eles ficam muito satisfeitos ao encontrarem pretextos para isso; essa aparência natural empresta charme para sua volúpia, que se vê ainda maior. Cada uma de nós tem, ao entrar aqui, uma pequena provisão de roupas; dão-nos tudo em meia dúzia e a cada ano são renovadas, mas é preciso devolver o que nos trazem; não nos é permitido guardar a mais ínfima coisa; as queixas dos quatro monges de quem te falei são ouvidas como as da decana; somos punidas sob a mais simples de suas delações; mas pelo menos eles não nos pedem nada, e o que mais há de se temer são as decanas, que são muito exigentes e muito perigosas quando o capricho ou a vingança guia seus procedimentos. Nossa alimentação é muito boa e sempre abundante; se eles não acolhessem com isso ramos de volúpia, talvez esse item não seria tão bom, mas como suas abomináveis devassidões sempre ganham com isso, eles nada poupam para nos empanturrar de comida: os que gostam de nos chicotear nos mantêm mais gordinhas, mais corpulentas, e os que, como eu te dizia ontem sobre Jérôme, gostam de ver a galinha botar, contam, por meio de uma alimentação abundante, com uma maior quantidade de ovos. Assim, somos servidas quatro vezes por dia; sempre, no café da manhã, entre nove e

dez horas, oferecem-nos um frango com arroz, frutas naturais ou em compotas, chá, café ou chocolate; à uma hora o almoço é servido; cada mesa de oito é servida igualmente: uma deliciosa sopa, quatro entradas, um prato de assado e quatro docinhos; a sobremesa da estação. Às cinco e trinta, servem um lanche: bolos ou frutas; o jantar é sem dúvida excelente quando se trata do jantar dos monges; se nós não nos apresentamos, como não somos mais do que quatro em cada um dos quartos, servem-nos ao mesmo tempo três pratos de assados e quatro docinhos; diariamente, cada uma de nós tem direito a uma garrafa de vinho branco, uma de tinto e uma meia garrafa de licor; aquelas que não bebem têm a liberdade de dá-las às outras; entre nós, há algumas muito gulosas que bebem assustadoramente, que se embebedam, e tudo isso sem que sejam censuradas; existem também a quem essas quatro refeições ainda não são suficientes; basta que elas toquem a campainha, e trazem-lhes imediatamente o que pedirem.

“As decanas nos obrigam a comer nas refeições, e se pela terceira vez persistimos em não fazê-lo, qualquer que seja o motivo, seremos severamente punidas. A ceia dos monges é composta por três pratos de assados, seis entradas para cada prato frio e oito docinhos, frutas, três tipos de vinho, café e licores. às vezes, estamos em oito com eles à mesa; outras vezes eles obrigam quatro de nós a servi-los, e estas jantam depois; às vezes também acontece de vez em quando que eles não peguem apenas quatro moças para jantar; nesses casos, são frequentemente classes inteiras; quando somos oito, há sempre duas de cada classe. É inútil dizer-te que nunca recebemos visita; nenhum estrangeiro, sob qualquer tipo de pretexto, introduz-se nesse pavilhão. Se ficamos doentes, o único monge cirurgião cuida de nós, e se morremos é sem nenhum auxílio religioso; jogam-nos em um dos intervalos formados pelas valas e pronto, acabou-se; mas se, por um requinte de crueldade, a doença for muito grave ou se recearem o contágio, eles não esperam nossa morte para nos enterrar; levantam-nos e deixam-nos onde eu já te disse, ainda vivas; faz dezoito anos que estou aqui, vi mais de dez exemplos dessa mostra de ferocidade; sobre isso, eles dizem que vale mais a pena perder uma do que arriscar dezesseis; que, aliás, é uma perda tão leve, uma garota, tão facilmente substituída, que não se deve ter muitos remorsos.

“Passemos à organização dos prazeres dos monges e a tudo o que diz respeito a isso.

“Aqui, nós nos levantamos pontualmente às nove da manhã, em

todas as estações do ano; nós nos deitamos mais ou menos tarde, por causa do jantar dos monges. Tão logo nos levantamos, o responsável do dia vem fazer sua visita, ele se senta em uma grande poltrona, e, ali, cada uma de nós é obrigada a se posicionar diante dele com as saias erguidas do lado que ele gosta; ele toca, ele beija, ele examina, e quando todas cumpriram esse dever, ele nomeia as que devem estar no jantar; ele lhes prescreve o estado em que devem estar, ele toma as reclamações das mãos da decana e as punições são impostas. Ele raramente sai sem uma cena de luxúria para a qual nós oito somos frequentemente utilizadas. A decana dirige esses atos libidinosos e espera de nossa parte a mais completa submissão. Antes do café da manhã, um dos Reverendos Padres sempre pede para tirar uma de nós da cama; o monge carcereiro traz um cartão com o nome da desejada; e se o responsável a estiver ocupando, ele não tem o direito retê-la, ela sai e volta quando a quando a dispensam. Uma vez terminada essa primeira cerimônia, almoçamos; daí em diante, até a noite, não temos mais nada para fazer; mas às sete horas no verão, às seis no inverno, eles vêm procurar aquelas que foram nomeadas; o próprio monge carcereiro as conduz e, após o jantar, aquelas que não foram escolhidas para a noite voltam ao serralho. Normalmente, nenhuma delas fica, mandam buscar as novas para a noite; e elas são prevenidas do mesmo modo, com várias horas de antecedência, sobre o traje com que devem se apresentar. às vezes fica somente a garota de guarda no quarto.”

— A garota de guarda — interrompi —, então, que novo trabalho é esse?

— É o seguinte — respondeu minha historiadora. — Todo o primeiro dia do mês, cada monge adota uma garota que, durante esse intervalo, deve ocupar o posto de criada e de bode expiatório aos seus indignos desejos; apenas as decanas são exceção, por causa da tarefa que têm em seus quartos. Eles não podem nem trocá-las ao longo do mês, nem fazer uso delas por dois meses seguidos; nada é tão cruel, nada é tão duro quanto as tarefas desse serviço, e não sei como tu as executarás. Tão logo soa cinco da tarde, a moça de guarda desce para perto do monge a quem está servindo e não o deixa até o dia seguinte, à hora em que ele volta ao convento. Ela volta a acompanhá-lo quando ele retorna; esse pouco tempo é utilizado por ela para comer e descansar, porque depois precisa prestar vigília nas noites que passa junto de seu senhor; repito, essa infeliz está aí para servir de bode

expiatório a todos os caprichos que podem passar pela cabeça desse libertino: insultos, fustigações, propostas más, gozos, ela deve suportar tudo; deve ficar de pé a noite inteira no quarto de seu patrão e estar sempre preparada para abrir-se às paixões que podem provocar esse tirano; mas a mais cruel, a mais assustadora dessas submissões, é a terrível obrigação em que ela apresenta sua boca ou garganta a uma ou outra necessidade desse monstro; ele nunca se serve de um vaso: ela tem que receber de tudo, e a mais leve repugnância é imediatamente punida com os mais bárbaros tormentos. Em todas as cenas de luxúria, são essas moças que auxiliam os prazeres, cuidam deles e se apropriam de tudo o que pode suceder: um monge está sujo depois de se aproveitar de uma mulher? É na boca da mulher seguinte que se arruma essa desordem; ele consegue ficar excitado? Esse é o trabalho dessa infeliz; ela o acompanha por toda parte, veste-o, despe-o, serve-o, em suma, em todo o momento, está sempre enganada, e sempre apanha; nos jantares, seu lugar é, ou atrás da cadeira de seu senhor, ou como um cão, aos seus pés, debaixo da mesa, ou ajoelhada entre suas coxas, excitando-o com a boca; certas vezes ela serve de instrumentos que o auxiliem durante o jantar. E é isso mesmo: ou ele se senta nela ou ela deve ficar por perto segurando uma lâmpada; outras vezes, estarão todas as quatro em torno da mesa, nas atitudes mais luxuriosas, mas, ao mesmo tempo, as mais perversas. Se perdem o equilíbrio, correm o risco ou de cair sobre os espinhos postos ali perto, ou de quebrar um membro, ou mesmo se matar, e para isso não faltam exemplos; durante esse tempo, os celerados se divertem, são devassos e se embriagam com o prazer das comidas, dos vinhos, da luxúria e da crueldade.

— Ó céus! — disse eu à minha companheira, tremendo de horror.
— Como é possível alguém se guiar por tantos excessos! Que inferno!

— Escuta, Thérèse, escuta, minha criança, ainda estás longe de saber de tudo — disse Omphale. — O estado de gravidez, venerado no mundo inteiro, é uma certeza de reprovação entre esses infames, ele não dispensa nem as punições, nem as proteções; ele é, ao contrário, um modo de castigo, de humilhação, de sofrimento. Quantas vezes foi à força de golpes que eles fizeram abortar aquelas das quais eles decidem não recolher o fruto! E se eles o recolhem, é para se aproveitar dele: o que estou te dizendo até agora deve ser suficiente para te convencer a te proteger o máximo que puder.

— Mas isso é possível?

— Sem dúvida, existem certas esponjas... Mas se Antonin perceber isso, é impossível escapar de sua cólera; o mais seguro é abafar a impressão da natureza, distraindo a imaginação, o que, com celerados como esses, não é difícil.

“De resto — prosseguiu minha instrutora —, existem aqui ligações e parentescos que nem podes acreditar, e que é bom eu te explicar, mas aí entramos no quarto artigo, ou seja, aquele referente a nossas recrutas, a nossas aposentadorias e nossas substituições, vou introduzi-lo para demonstrar bem esse pequeno detalhe.

“Não ignores, Thérèse, que os quatro monges que compõem este convento são líderes da Ordem, todos os quatro são de famílias distintas, e todos os quatro são muito ricos por si próprios. Independentemente dos fundos consideráveis obtidos pela Ordem dos Beneditinos para a manutenção deste voluptuoso retiro, onde todos têm a esperança de passar um dia, os que aqui estão acrescentam ainda aos seus fundos uma parte considerável de seus bens; essas duas fortunas reunidas somam mais de cem mil escudos por ano, que servem apenas aos recrutas ou às despesas da casa; eles têm doze mulheres fiéis e de confiança, encarregadas unicamente do cuidado de lhes levar uma cobaia por mês, entre a idade de doze e trinta anos, nem mais, nem menos. A cobaia deve ser isenta de qualquer defeito e deve ser dotada do máximo de qualidades possível, mas principalmente de origem distinta. Esses raptos, bem pagos, e sempre feitos bem longe daqui, não representam nenhum inconveniente; eu nunca os vi resultar em queixas. Seus extremos cuidados deixam-nos protegidos de tudo; eles não se limitam às primícias; uma garota já seduzida, ou uma mulher casada, agrada-lhes da mesma forma; mas é preciso que o rapto se realize, ele deve ser constatado; essa circunstância irrita-os; eles querem estar certos de que seus crimes custam lágrimas; eles mandariam embora uma garota que a eles se entregasse voluntariamente; se tu não fosses prodigiosamente resguardada, se eles não tivessem reconhecido em ti um fundo real de virtude, e conseqüentemente a certeza de um crime, eles não te teriam prendido por vinte e quatro horas. Então tudo o que está aqui, Thérèse, é da melhor origem; tal como tu me vês, cara amiga, sou a filha única do conde de ***, raptada de Paris aos doze anos, e um dia destinada a receber cem mil escudos de dote; fui muito feliz nos braços de minha governanta que me levava, sozinha na carruagem, de uma fazenda do meu pai até o convento de Panthemont, onde fui

educada; minha governanta desapareceu; ela provavelmente foi subornada; fui trazida até aqui de postilhão. Todas as outras se encontram no mesmo caso. A moça de vinte anos pertence a uma das famílias mais distintas de Poitou. A de dezesseis é filha do barão de ***, um dos mais importantes senhores de Lorraine; condes, duques e marqueses são os pais daquela de vinte e três, da de doze, da de trinta e dois; enfim, não há uma que não possa reclamar os mais belos títulos, e não há uma que não seja tratada com a forma mais ignominiosa. Mas esses bandidos não se contentam com tais horrores; eles quiseram desonrar o seio da própria família. A jovem de vinte e seis, sem dúvida uma das mais belas, é a filha de Clément, a de trinta e seis é sobrinha de Jérôme.

“A partir do momento em que uma nova garota chega nesta cloaca impura, em que é para sempre subtraída do universo, outra é imediatamente aposentada, e aí está, cara amiga, o complemento de nossas dores; o mais cruel de nossos males é ignorar aquilo que vai nos acontecer nessas terríveis e inquietantes aposentadorias. É absolutamente impossível dizer o que nos tornamos ao deixarmos esses lugares. Temos a mesma quantidade de provas que nossa solidão nos permite adquirir, pois as moças aposentadas pelos monges nunca voltam; eles mesmo nos advertem sobre isso, não nos escondem que este retiro é nosso túmulo; mas seriam eles capazes de nos matar? Santo Céu! O assassinato, o mais execrável dos crimes, significaria, então, para eles, como para esse célebre marechal de Retz,⁴ um tipo de diversão cuja crueldade, exaltando sua pérfida imaginação, pudesse mergulhar seus sentidos em uma embriaguez mais viva? Acostumados a gozar apenas com a dor, a se deleitar apenas pelos tormentos e pelos suplícios, seria possível que eles se extrviassem a ponto de acreditar que, ao redobrar, ao aprimorar a causa primeira do delírio, torná-lo-ia inevitavelmente mais perfeito, e que então, sem princípios, assim como sem fé, sem moral e sem virtudes, os canalhas, abusando dos infortúnios em que fomos absorvidas em seus primeiros pacotes, pudessem se satisfazer com os segundos, que nos arrancam a vida? Eu não sei... Se são interrogados sobre isso, eles balbuciam, às vezes respondem negativamente, outras vezes são categóricos; o que há de certo é que nenhuma daquelas que saíram, não importa que promessas tenham feito de denunciarem essas pessoas e de trabalhar por nossa libertação, nenhuma manteve a palavra... Ainda uma vez, será que acalmam nosso pranto, ou põem-se no estado de não fazê-lo? Quando

pedimos àquelas que chegam novidades das que nos deixaram, elas nunca sabem dizer. O que acontece com essas infelizes? É isso o que nos atormenta, Thérèse, é essa a incerteza fatal que faz a desgraça de nossos dias. Estou nesta casa há dezoito anos, já vi sair daqui mais de duzentas garotas... Onde estão elas? Por que, tendo jurado nos servir, nenhuma manteve a palavra?

“Além disso, nada legitima nossa aposentadoria; a idade, a mudança dos traços, nada disso importa; o capricho é a única regra. Eles aposentam hoje aquela que ontem mais afagaram; e conservam por dez anos aquelas com as quais eles mais se fartaram; essa é a história da decana desta sala; faz doze anos que ela está na casa; ainda a agradam, e eu vi, para conservá-la, aposentarem crianças de quinze anos cuja beleza teria deixado as Graças ciumentas. A que partiu há oito dias não tinha nem dezesseis anos: bela como a própria Vênus, havia um ano que eles se divertiam com ela, mas ela engravidou, e, como já te disse, Thérèse, esse é um grande erro nesta casa. No mês passado, eles aposentaram uma de vinte anos, grávida de oito meses; e há poucos dias uma no momento em que sentia as primeiras dores do parto. Não penses que a conduta ajuda em alguma coisa; vi algumas que se adiantavam aos desejos deles, e que partiam ao cabo de seis meses; outras, mal-encaradas e temperamentais, que eles conservavam por muitos anos. Então é inútil prescrever a nossas recém-chegadas um tipo de conduta; a fantasia desses monstros arruínam todos os freios e torna-se a única lei de suas ações.

“Quando devemos ser corrigidas, somos informadas pela manhã, e nunca com antecedência, o responsável do dia aparece às nove horas, como de costume, e ele diz, imagino: ‘Omphale, o convento vai te aposentar, eu virei te buscar esta noite’. Depois ele continua sua tarefa. Mas, no exame, tu não te ofereces mais a ele, que, em seguida, sai; a aposentada beija suas companheiras, promete mil e uma vezes que vai lhes servir, que vai denunciá-los, espalhando o que acontece aqui; soa a hora prevista, o monge aparece, a garota parte, e não se escuta mais falar dela. No entanto, o jantar acontece como de costume, e as únicas observações que fazemos nesses dias é que os monges raramente chegam ao derradeiro momento de prazer, dir-se-ia que se poupam; contudo, eles bebem muito mais, algumas vezes até a embriaguez; eles nos liberam muito mais cedo, todas as mulheres vão se deitar, e as garotas de guarda se retiram para o serralho.”

— Pois bem — digo à minha companheira —, se ninguém a serviu

é porque tens casos somente com criaturas frágeis, intimidadas, ou com crianças que nada ousaram contigo. Não temo de forma alguma que nos matem, pelo menos não acredito nisso; é impossível que seres racionais possam levar o crime a esse ponto... Eu sei muito bem que... Depois do que vi, eu talvez não devesse justificar os homens como costume fazer, mas é impossível, minha querida, que eles possam executar horrores cuja mera ideia é inconcebível. Ó querida companheira, sigo com calor, queres fazer comigo essa promessa, a qual eu prometo cumprir?

— Sim.

— Pois bem! Juro-te em nome de tudo o que tenho de mais sagrado, em nome de Deus que me anima e a quem eu amo unicamente... eu te peço para morrer se for preciso, ou para destruir essas infâmias; tu me prometes o mesmo?

— Ainda tens dúvidas? — responde-me Omphale. — Mas saiba da inutilidade dessas promessas; as mais indignadas que tu, as mais firmes, as mais seguras, em uma palavra, as amigas perfeitas, que tenham dado seu sangue por nós, não cumpriram as mesmas promessas; permite, então, querida Thérèse, permite à minha cruel experiência de observar as nossas como vãs, e de não esperar nada além disso.

— E os monges — perguntei à minha companheira —, eles também se alternam, sempre aparecem outros novos?

— Não — respondeu-me —, faz dez anos que Antonin está aqui; dezoito que Clément mora aqui; Jérôme, trinta anos, e, Sévérino, vinte e cinco. Esse superior, nascido na Itália, é parente próximo do papa, com quem ele tem boas relações, foi só depois de seu ingresso que os pretensos milagres da Virgem garantiram a reputação do convento, impedindo as más-línguas de observar muito de perto o que acontece aqui; mas, quando ele chegou, a casa já estava montada como a vês; há mais de cem anos que ela existe sobre a mesma base, e todos os superiores que aqui chegaram conservaram uma ordem tão vantajosa para seus prazeres. Sévérino, o homem mais libertino de seu século, instalou-se aqui apenas para levar uma vida correspondente a seus gostos. Sua intenção é de manter os privilégios secretos deste monastério pelo máximo de tempo que conseguir. Nós somos da diocese de Auxerre, mas seja o papa informado ou não, nunca o vimos aparecer, ele nunca botou os pés neste convento. Em geral, vem muito pouca gente aqui, com exceção do período da festa de Nossa Senhora,

em agosto; só aparecem, segundo o que nos dizem os monges, dez pessoas por ano nesta casa; no entanto, faz sentido que, quando alguns estrangeiros aqui se apresentam, o superior tem o cuidado de recebê-los bem; ele se impõe pelas aparências da religião e da austeridade, e os outros voltam contentes, tecendo elogios sobre o monastério, e a impunidade desses celerados estabelece-se assim sobre a boa-fé do povo e a credulidade dos devotos.

Mal Omphale terminara de dar sua instrução, soou nove horas; a decana logo nos chamou, e o responsável do dia apareceu na mesma hora. Era Antonin, nós nos organizamos em fila como de costume. Ele lança um olhar ao conjunto, conta quantas somos, e depois se senta; então, uma após a outra, levantamos as saias diante dele, de um lado, até debaixo do umbigo, do outro até o quadril. Antonin recebeu essa homenagem com a indiferença da saciedade, ele não se emocionou com isso; depois, observando-me, perguntou como eu me sentia depois da aventura! Vendo-me responder somente com lágrimas:

— Ela vai se acostumar — disse ele rindo. — Não existe na França uma casa que forme melhor as moças do que esta aqui.

Ele tomou a lista dos culpados das mãos da decana, depois, ainda dirigindo-se a mim, ele me faz tremer; cada gesto, cada movimento, que parecia obrigar-me a submeter-me àqueles libertinos, significava para mim uma sentença de morte. Antonin ordena que eu me sente à beira da cama, e, nessa atitude, ele diz à decana para vir descobrir meu busto e levantar minhas saias até a parte debaixo do meu seio; ele mesmo faz com que minhas pernas se abram o máximo possível, e senta-se diante dessa perspectiva, uma de minhas companheiras vem se pôr sobre mim na mesma atitude, de modo que é o altar da criação que se oferece a Antonin em vez do meu rosto, e que, caso ele goze, terá esses atrativos à altura de sua boca. Uma terceira garota, de joelhos diante dele, vem excitá-lo com a mão, e uma quarta, completamente nua, mostra-lhe com os dedos o local em meu corpo em que ele deve bater. Sem qualquer sensibilidade, essa garota me excita, e Antonin, com cada uma das mãos, o faz do mesmo modo, à direita e à esquerda, em duas outras garota. Não se pode imaginar as más palavras, os discursos obscenos pelos quais esse debochado se excita; ele enfim se encontra no estado desejado e o conduzem até mim. Mas todas o acompanham, todas procuram inflamá-lo quando ele vai gozar, e desnudam todas suas partes posteriores. Omphale, que se encarrega disso, nada omite para atiçá-lo: fricções, beijos, poluções,

ela usa de tudo; Antonin, em fogo, precipita-se sobre mim...

— Quero que dessa vez ela saia grávida — disse, com furor.

Essas confusões morais determinam o físico. Antonin, que tinha o hábito de soltar gritos terríveis no último instante de sua embriaguez, lança urros abomináveis; tudo o cerca, tudo serve a ele, tudo colabora para dobrar seu êxtase, e o libertino goza em meio aos episódios mais bizarros da luxúria e da depravação.

Esses tipos de agrupamentos aconteciam com frequência; era regra que, quando um monge atingia o gozo, não importa de que modo, todas então o cercavam, a fim de incendiar seus sentidos por todas as partes e de fazer a volúpia, se for permitido que eu assim me exprima, penetrar nele com mais intensidade por cada um de seus poros.

Antonin saiu, trouxeram o café da manhã; minhas companheiras me forçaram a comer, eu o fiz para lhes agradecer. Nós mal havíamos terminado quando o superior entrou: vendo-nos ainda à mesa, ele nos dispensou das cerimônias que deviam ser para ele as mesmas que acabávamos de executar para Antonin.

— Temos que pensar em como ela vai se vestir — disse ele, observando-me.

Ao mesmo tempo, ele abre um armário e joga sobre minha cama várias roupas da cor reservada à minha classe e alguns embrulhos de roupa íntima.

— Experimenta tudo isso — disse-me — e entrega-me o que for seu.

Faço isso, mas, desconfiando-me do fato, eu tinha prudentemente tirado meu dinheiro durante a noite e o escondido em meus cabelos. A cada peça de roupa que tiro, os olhos ardentes de Sévérino se valem de uma atraente descoberta, suas mãos logo se põe a apalpar-me. Enfim, estou quase nua, e o monge me segura, ele me coloca em uma atitude útil a seus prazeres, ou seja, na posição absolutamente contrária àquela em que Antonin acabara de me pôr; quero lhe pedir piedade, mas já vendo o furor em seus olhos, acredito que o mais seguro é a obediência; posto-me no local indicado, cercam-no, ele vê ao seu entorno nada mais do que esse altar obsceno que o deleita; suas mãos o apertam, sua boca cola-se ali, seus olhares o devoram... ele atinge o auge do prazer.

— Se estiverdes de acordo, senhora — disse a bela Thérèse —, irei me limitar a vos explicar agora a história abreviada do primeiro mês que passei nesse convento, ou seja, as principais anedotas durante esse

intervalo; o resto seria uma repetição; a monotonia dessa estadia irá apossar-se de minhas narrativas, e, ao que me parece, devo imediatamente, depois, passar ao evento que me salvou, enfim, daquela cloaca impura.

Eu não estava incluída no jantar naquela noite, tinham simplesmente me nomeado para passar a noite com dom Clément; conforme o costume, apresentei-me em sua cela alguns instantes antes de sua hora de entrada, o monge carcereiro conduziu-me até lá e me trancou.

Ele chega, tão aquecido pelo vinho quanto pela luxúria, seguido da moça de vinte e seis anos que então se encontrava de guarda junto dele; instruída daquilo que eu deveria fazer, ponho-me de joelhos ao ouvi-lo chegar. Ele vem até mim, analisa-me naquela humilhação, depois ordena que me levantasse e o beijasse na boca; ele saboreia aquele beijo por vários minutos e imprime nele toda a intensidade... toda a extensão que se pode conceber. Enquanto isso, Armande (tal era o nome daquela que o servia) despia-me detalhadamente; quando a parte do dorso, embaixo, por onde ela havia começado, encontra-se descoberta, ela me vira rapidamente e mostra ao seu tio o lado preferido de seu gosto. Clément examina-o, toca-o, e, depois, sentando-se em um sofá, ordena que eu venha até ele para beijá-lo; Armande está aos seus joelhos, excitando-lhe com a boca. Clément posiciona a sua no santuário do templo que lhe ofereço, e sua língua se perde no caminho central; suas mãos pressionam os mesmos altares em Armande, porém, como as roupas que essa moça ainda está vestindo o atrapalham, ele lhe ordena que as tire, o que foi prontamente obedecido, e essa dócil criatura retoma junto de seu tio uma atitude em que, excitando-o somente com a mão, fica mais acessível à de Clément. O impuro monge, sempre ocupado em fazer o mesmo comigo, ordena-me soltar em sua boca a passagem dos ares que estivessem obstruindo minhas entranhas; essa fantasia pareceu-me revoltante, mas eu ainda estava longe de conhecer todas as irregularidades da libertinagem: obedeci, e logo senti o efeito daquela intemperança. O monge, muito excitado, torna-se ainda mais ardente; de súbito, ele morde em seis lugares os globos de carne que lhe apresento; solto um grito e dou um pulo para a frente; ele se levanta, aproxima-me de mim com cólera nos olhos e pergunta-me se eu tinha consciência do que arriscava ao incomodá-lo: peço-lhe mil desculpas, ele me agarra pelo corpete que então me cobria o peito e rasga-o junto

com minha camisa, em menos tempo do que levo para vos contar isso... Ele aperta meus seios com ferocidade, gritando insultos ao comprimi-los; Armande despe-o e eis que nós três nos encontramos nus. Por um momento, Armande o distrai; e ele lhe dá tapas furiosos; beija-lhe a boca, morde-lhe a língua e os lábios e ela grita; por vezes, a dor arranca lágrimas involuntárias dos olhos da ; ele faz com que ela suba sobre uma cadeira e exige-lhe o mesmo episódio que desejara comigo. Armande o satisfaz, eu o excito com uma das mãos; durante essa luxúria, chicoteio-o levemente com a outra, ele morde Armande do mesmo modo, mas ela se contém e nem sequer ousa se mexer. Ainda assim, os dentes daquele monstro ficam impressos na carne da bela moça. É possível ver as marcas em diversos lugares; em seguida, ele se vira bruscamente e me diz:

— Thérèse, vais sofrer de modo atroz (ele não precisava tê-lo dito, pois seus olhos já anunciavam suficientemente). — Serás fustigada por toda parte — reforçou —, não abrirei nenhuma exceção.

E, ao dizer isso, pegou novamente meus seios, manipulando-os com brutalidade; ele beliscava as extremidades com a ponta dos dedos, provocando-me uma intensa dor; eu não me atrevia a dizer nada, temendo irritá-lo ainda mais: o suor, porém, cobria meu rosto, e, meus olhos enchiam-se de lágrimas contra a minha vontade. Depois ele me vira, faz com que eu me ajoelhe à beira de uma cadeira, da qual devia segurar o espaldar com as mãos, e sem me mexer um minuto sequer, sob graves penas; vendo-me finalmente naquela posição, toda disponível, ele ordena que Armande lhe traga as varas, e ela lhe apresenta um punhado de varas finas e compridas; Clément toma-as nas mãos e, avisando-me para não me mexer, começa desferindo-me duas dezenas de golpes em meus ombros e em minhas costas; ele me deixa por um instante e se volta para Armande, coloca-a a seis pés de distância de mim, igualmente ajoelhada à beira de uma cadeira. Ele declara que vai chicotear ambas ao mesmo tempo e que a primeira de nós que largasse a cadeira, soltasse um grito ou derramasse uma lágrima, seria imediatamente submetida ao suplício que melhor lhe conviesse. Ele desferiu em Armande a mesma quantidade de golpes com que acabara de me castigar e exatamente nos mesmos lugares; ele me segura outra vez, beija tudo o que parece molestá-lo e, erguendo as varas, me diz:

— Segura-te bem, safada, serás tratada como a última das miseráveis.

Com essas palavras, recebo cinquenta golpes, mas que acertaram apenas do meio dos ombros até a parte debaixo das costas. Com pressa, ele passa à minha companheira, conferindo-lhe o mesmo tratamento; não pronunciamos nenhuma palavra; apenas alguns gemidos abafados e contidos, e tivemos força suficiente para segurar as lágrimas. Mesmo que as paixões do monge estivessem inflamadas, não percebíamos nenhum sinal disso; em intervalos, ele se excitava energicamente sem que ninguém se levantasse. Aproximando-se de mim, ele analisa por alguns minutos esses dois glóbulos de carne ainda intacta, que sofreriam, por sua vez, o suplício; ele os manipula, não consegue deixar de entreabri-los, de acariciá-los, de beijá-los mil e uma vezes.

— Vai — diz ele —, coragem...

Uma saraivada de golpes acerta imediatamente essas partes, ferindo-as até as coxas. Extremamente animado pelos saltos, pelos sobressaltos do corpo, pelos rangidos, pelas contorções que a dor me arranca, examinando-as, tocando-as com leite; ele vem expressar aí, em minha boca, que ele beija com ardor, as sensações que tanto o agitam...

— Essa garota me agrada — grita. — Nunca fustiguei uma que me desse tanto prazer!

E ele se volta para sua sobrinha, tratando-a com a mesma barbárie. Ainda faltava a parte debaixo, desde o alto das coxas até as panturrilhas, e tanto numa quanto na outra ele bate com o mesmo ardor.

— Vai! — disse outra vez, virando-me. — Mudemos de lado para visitar este aqui.

Aplica-me uns vinte golpes, desde o centro do ventre até a parte inferior das coxas, e, depois, fazendo-me separá-las, acerta brutalmente no interior da gruta que minha postura acaba por lhe expor.

— Aqui está — disse — uma pombinha que quero depenar.

Alguns golpes, graças a seus esforços, penetraram com muita força, e então não pude segurar meus gritos.

— Ah! Ah! — disse o celerado. — Encontrei o lugar sensível; em breve, iremos visitá-lo um pouco melhor.

Entretanto, sua sobrinha era posta na mesma posição e tratada do mesmo modo; ele também alcança os lugares mais delicados do corpo de uma mulher; mas, seja pelo hábito, seja pela coragem, seja pelo

pavor de se submeter aos mais brutais tratamentos, ela tem a força de se conter, e, dela, percebe-se apenas os tremores e algumas contorções involuntárias. Havia, no entanto, alguma mudança no estado físico daquele libertino, e embora as coisas ainda tivessem muito pouca consistência, elas, à força dos espasmos, anunciavam isso o tempo todo.

— Fica de joelhos — disse-me o monge —, irei açoitar teus seios.

— Os seios, padre?!

— Sim, essas duas massas lúbricas que só conseguem me excitar desse modo.

E ele os pressionava, comprimindo-os violentamente ao dizer isso.

— Ó padre! Essa parte é tão delicada, ides me matar.

— O que importa, contanto que eu me satisfaça?

E ele me aplica cinco ou seis golpes que felizmente consigo proteger com as mãos. Ao ver isso, ele amarra minhas mãos atrás das costas; eu só tinha minhas lágrimas e os movimentos de minha fisionomia para implorar sua graça, pois ele havia ordenado duramente que eu me calasse. Então tento comovê-lo... mas em vão. Ele desfere com força uma dúzia de golpes sobre meus seios completamente indefesos; os abomináveis açoites logo se imprimem em traços de sangue; a dor arrancava-me lágrimas que escorriam novamente sobre os vestígios da raiva daquele monstro, tornando-os, segundo ele, milhares de vezes ainda mais interessantes... Ele os beijava, os devorava, e de vez em quando voltava à minha boca, em meus olhos inundados de prantos, que ele também chupava com lubricidade.

Armande se posiciona, suas mãos são amarradas, ela oferece o seio de alabastro, redondo e belo; Clément finge que vai beijá-lo, mas na verdade sua intenção é mordê-lo... Ele o acerta finalmente e suas belas carnes tão alvas, tão rechonchudas, logo só apresentam arranhões e traços de sangue aos olhos de seu carrasco.

— Um instante — disse o monge, furioso —, quero fustigar ao mesmo tempo o mais belo traseiro e os mais suaves seios.

Põe-me de joelhos, e, colocando Armande sobre mim, ele faz com que ela abra as pernas de tal modo que minha boca se encontra à altura da parte debaixo de seu ventre e meus seios entre suas coxas, embaixo de seu traseiro. Desse modo, o monge tem à sua disposição o que deseja; sob o mesmo ponto de vista, ele tem as nádegas de Armande e meus mamilos; ele golpeia obstinadamente tanto um

quanto outro, mas minha companheira, para proteger-me dos golpes que se tornavam muito mais perigosos pra mim do que pra ela, tem a bondade de se abaixar e me proteger, recebendo ela mesma os golpes que inevitavelmente me deixavam ferida. Clément percebe o truque e modifica a posição.

— Ela não ganha nada com isso — disse ele, enfurecido —, e se hoje eu quiser poupar esta parte aqui, só vai ser para machucar outra pelo menos tão delicada quanto.

Ao levantar-me, percebi que todas aquelas infâmias não foram em vão: o depravado encontrava-se ainda mais excitado; só se enfurecera ainda mais; ele troca de arma, abre um armário onde se encontravam vários chicotes e tira daí um chicote com pontas de ferro que me fez tremer.

— Olha, Thérèse — disse-me ao mostrá-lo —, vê como é delicioso chicotear com este aqui... Vais sentir... vais sentir, megera, mas agora só quero usar este...

Ele tinha cordões com nós de doze pontas; embaixo de cada, havia um nó mais forte que o outro e da espessura de um caroço de uma ameixa.

— Vamos cavalgando!... cavalgando! — disse para a sobrinha.

Ela, sabendo do que se tratava, pôs-se imediatamente de quatro, com o lombo elevado o mais alto possível, incitando-me a imitá-la; eu o faço. Clément põe-se a cavalgar sobre minhas costas, com a cabeça ao lado de minhas nádegas; Armande, com as suas à mostra, encontra-se de frente para ele: então o celerado, vendo ambas a seu alcance, lança-nos golpes furiosos nos encantos que lhe oferecemos; mas como naquela postura abrimos o máximo possível aquela parte delicada que distingue nosso sexo do dos homens, o bárbaro dirige seus golpes nessa direção, os braços longos e flexíveis do chicote, penetrando no interior com muito mais facilidade que os fios das varas, deixam aí traços profundos de sua raiva; ora ele bate em uma, ora seus golpes são dirigidos à outra: tão bom cavaleiro quanto um intrépido fustigador, ele muda diversas vezes de montaria; ficamos exaustas, e o latejar da dor é de uma tal violência que é quase impossível suportá-lo.

— Levantem-se! — disse, então, pegando de volta as varas. — Isso, levantem-se e agora sim, podem ficar com medo.

Seus olhos brilham e ele espuma pela boca. Ameaçadas da mesma forma, no corpo inteiro, nós o evitamos... corremos como loucas por

todos os cantos do quarto, ele nos segue, batendo tanto em uma quanto na outra; o celerado deixa-nos ensanguentadas; finalmente, ele nos cerca no estreito caminho da cama. Os golpes são redobrados: a infeliz Armande recebe uma chicotada no seio que a faz vacilar; este último horror determina o êxtase, e, enquanto minhas costas recebem seus efeitos cruéis, minhas ancas enchem-se de provas de um delírio cujos resultados são muito perigosos.

— Deitemo-nos — disse-me, enfim, Clément —, talvez tenha sido demais para ti, Thérèse, e certamente não o suficiente para mim; nunca nos fartamos dessa mania, ainda que ela seja uma imagem bastante imperfeita disso que se queria realmente fazer. Ah! Querida menina, não podes imaginar até onde nos leva essa depravação, o estado de embriaguez em que ela nos deixa, a violenta comoção que acontece, no fluído elétrico, com a irritação produzida pela dor sobre o objeto que serve a nossas paixões; que excitação sentimos por teus males! O desejo de ampliá-los... eis o obstáculo dessa fantasia, eu sei, mas seria esse obstáculo algo a se temer para quem não se importa com nada?

Ainda que o espírito de Clément continuasse cheio de entusiasmo, quando percebi que seus sentidos haviam se acalmado, ousei, respondendo ao que ele acabara de dizer, repreender-lhe pela depravação de seus gostos; e, ao que me parece, o modo com que aquele libertino os justificou merece encontrar lugar nas confissões que vós exigis de mim.

— Sem dúvida, a coisa mais ridícula do mundo, minha querida Thérèse — disse-me Clément —, é querer interferir nos gostos de um homem, contrariá-los, culpá-los ou puni-los por não estarem de acordo com as leis ou com as convenções sociais do lugar em que se habita. Pois então! Os homens nunca irão compreender que não se trata do tipo de gosto, por mais estranho ou por mais criminoso que se possa imaginar, ou seja, que não depende do tipo de organização que recebemos da natureza! Isso posto, pergunto que direito tem um homem de exigir de outro que modifique ou adeque seus gostos de acordo com uma ordem social? Até mesmo as leis, que são estabelecidas exclusivamente para a felicidade do homem, que direito têm elas em ousar maltratar aquele que não pode se corrigir, ou que vencerá apenas à custa dessa felicidade que as leis devem lhe garantir? No entanto, ainda que se desejasse mudar os gostos, seria isso possível? Poderíamos fazê-lo? Conseguiríamos nos transformar em

homens diferentes? Irias desejar isso de um homem deficiente e essa discordância de nossos gostos não seria o mesmo para a moral, do que, em relação ao físico, a imperfeição de um homem deficiente?

“Entremos em alguns detalhes, consinto que devemos fazê-lo. A inteligência que reconheço em ti, Thérèse, permite que compreendas. Vejo que duas irregularidades te assustaram a nosso respeito: assustaste com a intensa sensação experimentada por alguns de nossos confrades por coisas vulgarmente reconhecidas como fétidas ou impuras, e te surpreendes também que nossas faculdades voluptuosas possam ser abaladas por ações que, segundo o que dizes, trazem apenas o emblema da crueldade. Analisemos cada um desses gostos e, se possível, tratemos de te convencer que não existe nada mais simples no mundo do que os prazeres que deles resultam.

“É estranho, pensa bem, que coisas sujas e crapulosas possam produzir em nossos sentidos a irritação essencial ao complemento de seu delírio, mas, antes de espantar-te com isso, seria preciso sentir, querida Thérèse, que os objetos, para nossos olhos, só têm o valor atribuído por nossa imaginação. Assim, de acordo com essa verdade permanente, é muito possível que não apenas as coisas mais estranhas, mas até mesmo as mais indignas e as mais assustadoras, possam nos afetar de modo muito sensível. A imaginação do homem é uma faculdade de seu espírito, na qual por meio do órgão dos sentidos, os objetos serão pintados e modificados, e seus pensamentos se formarão em seguida, em razão da primeira impressão desses objetos. Mas a própria imaginação, resultante de uma espécie de organização da qual o homem é dotado, só apreende os objetos recebidos de tal ou de tal maneira, criando, conseqüentemente, os pensamentos somente a partir dos efeitos produzidos pelo choque dos objetos percebidos: farei uma comparação para esclarecer isso que exponho. Já viste espelhos de diferentes formas, não é Thérèse? Alguns fazem com que os objetos fiquem menores, outros os aumentam de tamanho; estes não os deixariam terríveis, e aqueles não lhes atribuiriam encanto? Imagina agora que cada um desses espelhos una a faculdade criadora à faculdade objetiva: ele não daria um retrato completamente diferente do mesmo homem que nele se olhasse? E esse retrato não seria relativo ao modo com que ele teria percebido o objeto? Se às duas faculdades que acabamos de atribuir a esse espelho, aliasse-se agora a sensibilidade, ele não teria por esse homem, visto por ele de um modo ou de outro, a espécie de sentimento que lhe seria possível de

conceber pelo tipo de ser que ele teria contemplado? O espelho que o teria visto bonito o amaria; o que o teria visto horrível, o detestaria, e, no entanto, tratar-se-ia sempre do mesmo indivíduo.

“Assim é a imaginação do homem, Thérèse; o mesmo objeto é representado nela sob tantas formas quanto ela possui de diferentes modalidades, e, após o efeito recebido dessa imaginação pelo objeto, não importa qual seja ele, ela se determina a amá-lo ou a odiá-lo. Se o choque do objeto percebido a atinge de uma maneira agradável, ela passa a gostar dele, ela o elege, mesmo que esse objeto não tenha em si nada de efetivamente real; e se esse objeto, ainda que tenha certo preço aos olhos de um outro homem, tocou a imaginação de um modo desagradável, ela só irá se afastar dele, pois nossos sentimentos só se formam e se realizam em virtude do produto dos diferentes objetos na imaginação. A partir disso, não chega a surpreender que o que apraz intensamente alguns desagrade outros e, no sentido inverso, que a coisa mais espantosa encontre, no entanto, seus seguidores... Um homem deficiente também encontra espelhos que o tornam belo.

“Ora, se concordarmos que o gozo dos sentidos depende sempre da imaginação, que ele é sempre regulado por ela, não se deve mais se assustar com as numerosas variações que serão sugeridas pela imaginação em meio a esses gozos, com a variedade infinita de gostos e com as diferentes paixões que multiplicarão os variados desvios dessa imaginação. Tais gostos, ainda que luxuriosos, não deverão impressionar mais do que os de um gênero simples; não existe nenhum motivo para encontrar uma fantasia de mesa menos surpreendente do que uma fantasia de cama e, tanto em um gênero quanto em outro, não é menos espantoso idolatrar algo que o mais comum dos homens acha detestável do que gostar de algo normalmente conhecido como sendo bom. A unanimidade prova tua conformidade em relação aos órgãos, mas não dá nenhuma prova a favor da coisa amada. Três quartos do universo podem achar delicioso o odor de uma rosa, sem que isso sirva como prova, nem para condenar o um quarto que talvez o achasse horrível, nem para demonstrar que esse odor seja de fato agradável.

“Se existem, então, seres no mundo cujos gostos choquem todos os preconceitos aceitos, não só devemos não nos assustarmos com eles, não só não devemos repreendê-los, nem puni-los, como é preciso servi-los, contentá-los, suavizar todas as limitações que os incomodam, e dar-lhes, se quiseres ser justa, todos os meios de satisfazê-los sem

risco; porque não depende mais deles ter ou não esse gosto estranho, pois só depende de ti ser inteligente ou estúpida, bem constituída ou corcunda. É no seio da mãe que se fabricam os órgãos que devem nos deixar suscetíveis a tal ou tal fantasia; os primeiros objetos apresentados, os primeiros discursos escutados acabam determinando a competência; os gostos se formam, e não há nada no mundo capaz de destruí-los. Mesmo que a educação se esforce, ela não muda nada, e aquele que deve ser um celerado, certamente se tornará um, por melhor que seja a educação que lhe deram, assim como certamente vai de encontro à virtude aquele cujos órgãos estejam dispostos para o bem, ainda que lhe tenha faltado o senhor. Ambos agiram segundo sua própria organização, segundo impressões que receberam da natureza, e um não é mais digno de punição do que o outro o é de recompensa.

“O que é bastante estranho é que enquanto se trata apenas de coisas fúteis, não nos surpreendemos com a diferença dos gostos; mas desde que se trate de luxúria, eis todo um rumor; as mulheres sempre supervisionando seus direitos, as mulheres, de quem a fraqueza e o pouco valor incitam-nas a não perder nada, tremem a cada momento em que lhe retiram algo, e se, infelizmente, põe-se em prática durante o prazer procedimentos que chocam seus cultos, eis os crimes dignos da guilhotina. E, no entanto, quanta injustiça! Deve o prazer dos sentidos tornar um homem melhor do que outros prazeres da vida? Em suma, deve o templo da reprodução fixar melhor nossas afecções, despertar nossos desejos mais seguramente do que a parte do corpo mais contrária, ou mais distante dele, como emanção desse corpo mais fétida, ou mais repugnante? Ao que me parece, não deve parecer mais surpreendente ver um homem adotar hábitos estranhos em seus prazeres de libertinagem do que vê-lo adotar tais hábitos em outros aspectos da vida! Ainda uma vez, tanto em um caso quanto no outro, sua singularidade é o resultado de seus órgãos: será culpa dele se isso que te afeta nada representa para ele, ou se ele não se emocionar com aquilo que te repugna? Qual é o homem que deixaria de modificar imediatamente seus gostos, suas afecções, suas tendências, num plano geral, e que preferiria ser como todo mundo a singularizar-se, se ele não pudesse ser o senhor disso? Existe uma intolerância das mais estúpidas, e das mais bárbaras, em querer castigar um homem como esse; quaisquer que sejam seus desvios, ele não é mais culpado em relação à sociedade do que aquele que, como acabo de dizer, tivesse vindo ao mundo caolho ou coxo. E é igualmente injusto punir ou

zombar este como o seria atormentar o outro ou ridicularizá-lo. O homem dotado de gostos singulares é um doente; pode-se dizer, se preferires, que se trata de uma mulher com ataques histéricos. Nunca nos ocorreu punir ou contrariar um ou outro? Sejam os igualmente justos com o homem cujos caprichos nos surpreendem; de modo bem parecido ao doente ou à histérica, ele, como estes dois, digno de compaixão, e não de culpa. No contexto moral, esse é o pretexto das pessoas às quais nos referimos; no contexto físico, certamente poderia ser encontrada com a mesma facilidade e quando a anatomia estiver aperfeiçoada, demonstrar-se-á facilmente, através dela, a relação da organização do homem aos gostos que o teriam afetado. Pedantes, carrascos, carcereiros, legisladores, ralés tonsuradas, o que farás quando chegarmos a esse ponto? O que vai ser de tuas leis, tua moral, tua religião, tuas potências, teu paraíso, teus deuses, teu inferno, quando for demonstrado que esse ou aquele curso de fluidos, essa espécie de fibras, aquele grau de acrimônia no sangue ou nos espíritos animais são suficientes para fazer de um homem o objeto de tuas penas ou de tuas recompensas? Prossigamos: os gostos cruéis te assustam.

“Qual é o objetivo do homem ao desfrutar o prazer? Não seria o de proporcionar aos seus sentidos toda a excitação das quais eles são suscetíveis, a fim de atingir melhor e com mais ardor, em meio a isso, o último delírio?... Delírio precioso em razão da maior ou menor atividade em que se encontra esse delírio? Ora, não se trata de um sofisma insustentável atrever-se a dizer que, para aperfeiçoá-lo, é necessário que ele seja partilhado com uma mulher? Não é então evidente que a mulher nada pode partilhar conosco sem nos usar, e que tudo o que ela conquista é, obrigatoriamente, às nossas custas? E qual é a necessidade, te pergunto, de que uma mulher goze ao mesmo tempo que nós? Existe, nesse procedimento, um outro sentimento senão o orgulho que possa ser estimulado? E não encontrarás, de um modo bem mais intenso, a sensação desse sentimento orgulhoso, impondo, ao contrário, com rigidez, esta mulher a parar de gozar, a fim de que nada impeça de te ocupares com teu próprio gozo? Pois a tirania não ilude o orgulho de um modo bem mais intenso do que a benevolência? Em suma, não seria, aquele que ordena, um senhor mais seguro do que aquele que compartilha? Mas como um homem inteligente pôde supor que a delicadeza tivesse algum valor em termos de gozo? É absurdo querer defender tua necessidade; ela nunca

acrescentará nada ao prazer dos sentidos: e, digo mais, ela o afeta; trata-se de algo bem diferente do que gostar ou gozar; a prova disso é que se ama todos os dias sem gozar, e que se goza com ainda mais frequência sem amar. Tudo que se acrescenta de delicadeza nas volúpias de que falamos só será ofertado ao gozo de uma mulher à custa do gozo do homem, e desde que este se ocupe em proporcionar o prazer, ele certamente não o desfruta, ou seu gozo é somente intelectual, ou seja, quimérico, e muito inferior ao dos sentidos. Não, Thérèse, não, não me cansarei de repetir, é completamente inútil que um gozo seja compartilhado para que seja intenso; e para tornar esse tipo de prazer tão intenso quanto for possível, é fundamental, por outro lado, que o homem goze apenas à custa da mulher, que ele receba dela (não importa que tipo de sensação ela venha a experimentar) tudo o que pode aumentar a volúpia que ele pretende desfrutar, sem a mais leve consideração aos efeitos que podem resultar disso para a mulher, pois essas considerações o confundem: ou ele quer que a mulher compartilhe, e então ele deixa de gozar, ou ele terá receio que ela não sofra, e ei-lo, então, perturbado. Se o egoísmo é a primeira lei da natureza, é com toda certeza antes no âmbito dos prazeres da lascívia do que em outros que essa mãe celeste deseja que ele seja nosso único móvel. Trata-se de uma infelicidade bem ínfima que, para o aumento da volúpia do homem, seja preciso que ele negligencie ou perturbe a da mulher; pois se essa perturbação faz com que ele ganhe algo, isso que perde o objeto que o serve não o afeta em nada; ele deve ser indiferente se esse objeto é feliz ou infeliz, desde que possa se deliciar com ele; não existe, na verdade, nenhum tipo de relação entre esse objeto e ele. Então, ele seria louco em se ocupar das sensações desse objeto em detrimento das suas próprias; e absolutamente imbecil se, para modificar as sensações de um outro qualquer, renunciasse ao aperfeiçoamento de suas próprias. Posto isso, se, infelizmente, o indivíduo em questão está constituído de tal modo que só pode ser afetado ao produzir sensações dolorosas no objeto que lhe está servindo, tens que admitir que ele deve se entregar a isso sem remorsos, porque ele aí se encontra para desfrutar do prazer, abstraindo tudo o que pode resultar para o objeto por causa disso... Retomaremos esse ponto; agora vamos por ordem.

“Pois os gozos isolados têm seus encantos, aliás, eles podem ter mais encantos do que todos os outros; se não fosse assim, como gozariam tantos velhos, tanta gente deformada ou cheia de defeitos?

Por estarem muito certos de que não são amados, de que é impossível compartilhar suas experiências: teriam eles menos volúpia por isso? Desejariam eles a ilusão, apenas? Completamente egoístas em seus prazeres, estão ocupados somente em fazer uso deles, sacrificar tudo para recebê-los e, do objeto que lhes servem, nunca esperar senão propriedades outras que as propriedades passivas. De nada vale, então, oferecer prazeres para recebê-los; a situação feliz ou infeliz da vítima de nossa depravação é totalmente relativa à satisfação de nossos sentidos. Nunca se trata do estado em que seu coração e seu espírito possa se encontrar; esse objeto pode indiferentemente gostar ou sofrer com o que fazes a ele, te amar ou odiar: todas essas considerações de nada valem desde que se trate apenas dos sentidos. As mulheres, eu concordo, podem estabelecer sentenças contrárias; mas as mulheres, que não passam de máquinas da volúpia, que lhes servem apenas como bode expiatório, são refutáveis sempre que se deve estabelecer um sistema real sobre esse tipo de prazer. Existirá algum homem racional desejoso de partilhar seu gozo com as mulheres da vida? E, no entanto, não são milhares os homens que experimentam grandes prazeres com tais criaturas? Pois tratam-se de indivíduos convencidos do que estou defendendo, que praticam isso, sem hesitar, e que censuram ridiculamente aqueles que legitimam suas ações em nome de bons princípios, e isso porque o universo está cheio de estátuas organizadas que vão, que voltam, que agem, que comem, que digerem, sem nunca se darem conta de nada.

“Os prazeres isolados, comprovados tão deliciosos quanto os outros, e muito mais garantidos, tornam-se então simples, ao mesmo tempo que esse gozo, obtido independentemente do objeto que nos serve, seja não só muito distanciado do que lhe possa agradar, mas encontre-se até mesmo contrário a seus prazeres: irei ainda mais longe, ele pode se tornar uma dor imposta, um incômodo, um suplício, sem ter nada de extraordinário, sem que resulte disso apenas um aumento de prazer bem mais garantido para o déspota que atormenta ou que maltrata. Tentaremos demonstrar isso.

“A emoção da volúpia em nossa alma não passa de uma espécie de vibração produzida por abalos que a imaginação, inflamada pela lembrança de um objeto lúbrico, faz nossos sentidos experimentar, seja por meio da presença desse objeto, ou, melhor ainda, pela irritação que tal objeto sente no gênero que nos emociona com mais força. Assim, nossa volúpia, essa inexprimível titilação que nos

desorienta, que nos transporta ao mais alto grau de felicidade que o homem pode atingir, irá sempre se acender por duas causas apenas: ou percebendo real ou ficcionalmente no objeto que nos serve uma espécie de beleza que mais nos toca, ou vendo esse objeto experimentar a sensação mais forte possível. Ora, não existe sensação mais viva do que a da dor; suas impressões são certas, elas não traem como as do prazer, que são perpetuamente representadas pelas mulheres e que quase nunca são sentidas por elas; aliás, quanto amor-próprio, quanta jovialidade, quanta força, quanta saúde, seriam necessários para se ter a certeza de produzir em uma mulher essa duvidosa e pouco satisfatória impressão de prazer! A sensação da dor, ao contrário, não exige praticamente nada: quanto mais defeitos tiver um homem, quanto mais velho ele for, menos amável é e mais êxito terá. A respeito do objetivo, ele será mais certamente alcançado, porque está estabelecido que não será tocado, quero dizer, nada excita mais seus sentidos do que quando se produziu no objeto que nos serve a maior impressão possível, não importa por qual via. Aquele que fizer nascer em uma mulher a mais tumultuosa impressão, aquele que melhor perturbar toda a organização dessa mulher, certamente terá conseguido obter para si a mais alta dose de volúpia possível, porque o choque resultante das impressões dos outros sobre nós mesmos, devendo ser em razão da impressão produzida, será necessariamente mais ativa se essa impressão dos outros tiver sido penosa do que se tiver sido apenas doce ou suave; e, partindo disso, o egoísta voluptuoso que estiver persuadido de que seus prazeres não serão intensos se não forem completos, irá impor, ao dominá-los, a dose mais forte possível de dor ao objeto que lhe serve, muito seguro de que o que obterá de volúpia estará sempre de acordo com a mais intensa impressão que ele tiver produzido.”

— Essas teorias são monstruosas, meu pai — disse a Clément. — Elas conduzem a gostos cruéis, a gostos terríveis.

— E o que isso importa? — respondeu o bárbaro. — Mais uma vez: será que somos mesmo os senhores de nossos próprios gostos? Não devemos ceder ao império daquilo que recebemos da natureza, assim como faz a ponta altiva do carvalho ao se curvar com a agitação da tempestade? Se a natureza se ofendesse com tais gostos, ela não nos inspiraria com eles; seria impossível recebermos dela um sentimento concebido para ultrajá-la, e com essa mesma certeza, podemos nos entregar a nossas paixões, não importando seu gênero ou violência,

muito seguros de que todos os inconvenientes que acarretam o choque delas não passam de projetos da natureza da qual somos os órgãos involuntários. E quais são as consequências dessas paixões? Ora, quando se pretende deliciar-se com uma ação qualquer, não se trata, de modo algum, de consequências.

— Não me refiro às consequências — interrompi bruscamente. — A questão é o ato em si; sem dúvida, se fordes o mais forte, e por princípios atrozes de crueldade só gostardes de desfrutar o prazer pela dor, tendo em vista aumentar vossas sensações, chegareis insensivelmente a produzi-las sobre o objeto que vos serve, no grau de violência capaz de vos roubar a vida.

— Que seja; quer dizer que para gostos oferecidos pela natureza, terei servido os projetos da natureza que só opera suas criações por meio da destruição, e, assim, só me inspira a ideia destas quando tem necessidade das outras; ou seja, para uma porção de matéria oblonga terei formado três ou quatro mil círculos ou quadrados. Ó Thérèse, seria isso um crime? É possível dar esse nome ao que serve à natureza? Tem o homem o poder de cometer crimes? E se, ao privilegiar sua própria felicidade à dos outros, ele altera ou destrói tudo o que encontra pela frente, terá feito outra coisa que não servir à natureza, cujas primeiras e mais seguras inspirações ditam-lhe para que seja feliz, não importa à custa de quem? As teorias do amor ao próximo é uma quimera que devemos ao cristianismo e não à natureza; o seguidor de Nazareno, atormentado, infeliz e, por conseguinte, no estado de fraqueza que devia fazer clamar por tolerância, por humanidade, teve, forçosamente, que estabelecer essa relação fabulosa de um ser a outro; preservava sua vida fazendo com que ela prevalecesse. Mas o filósofo não admite relações gigantescas como essas; vendo e considerando apenas a si mesmo no universo, é apenas a si próprio que irá considerar tudo. Se por um instante cuida ou acaricia os outros, é somente de acordo com o proveito que ele acredita tirar disso. Quando não tem mais necessidade deles, predominaria ele por meio de sua força? Então ele abjura para sempre todas essas belas teorias da humanidade e de caridade às quais se submetia apenas pela política; ele deixa de temer relacionar tudo para si, recolher tudo o que o rodeia, e não importa o que possa custar aos outros os seus gozos, ele os sacia sem reflexão, do mesmo modo que sem remorsos.

— Mas o homem descrito por vos é um monstro!

— O homem de quem estou falando é o homem da natureza.

— É um animal selvagem!

— E então, o tigre, o leopardo, de quem esse homem é a imagem, não seria, pois, como ele, criado pela natureza e criado para cumprir as intenções dessa natureza? O lobo que devora o cordeiro cumpre as visões dessa mãe comum, assim como o malfeitor que destrói o objeto de sua vingança ou de sua lubricidade.

— Podeis falar o quanto quiserdes, ó padre, nunca aceitarei essa lascívia destrutiva.

— Isso acontece porque temes se tornar objeto dela: eis o egoísmo; mudemos de papel e irás compreender; pergunte ao cordeiro, ele também não entenderá por que o lobo quer devorá-lo; pergunte ao lobo para que serve o cordeiro: “para alimentar-me”, ele vai responder. Lobos que comem cordeiros, cordeiros devorados por lobos, o forte que sacrifica o fraco; o fraco, eis a vítima do forte, essa é a natureza, essa é sua teoria; perpétuas ação e reação, uma multidão de vícios e de virtudes, em suma, um perfeito equilíbrio, resultando da igualdade do bem e do mal sobre a terra; equilíbrio essencial para a manutenção dos astros, para a vegetação, e sem o qual tudo seria imediatamente destruído. Ó Thérèse, essa natureza ficaria bastante admirada se por um momento ela pudesse raciocinar conosco, e se nos ouvisse dizer que esses crimes que a servem, que esses crimes que ela exige e que ela nos inspira são punidos pelas leis que nos afirma ser a imagem de suas leis. “Imbecil”, ela nos responderia, “durme, bebe, come e comete sem medo esses crimes que te aprazem: todas essas pretensas infâmias me agradam, e eu as quero porque as inspiro. Cabe a ti regular o que me irrita ou o que me deleita! Sabe que não há nada em ti que não me pertença, nada que eu não tenha te apresentado por razões que não te convém conhecer; a mais abominável das tuas ações, assim como a mais virtuosa de um outro qualquer, não passa de uma das maneiras de me servir. Então, não te contenhas, desafia tuas leis, tuas convenções sociais e teus deuses; ouve a mim apenas, e sabe que se a meus olhos existe um crime, ele é a oposição que fizeres ao que te inspiro, por tua resistência ou por teus sofismas.”

— Ó justo Céu — eu gritava —, vós me fazeis tremer. Se não houvesse crime contra a natureza, de onde viria então essa repugnância invencível que nós provamos por certos delitos?

— Essa repugnância não seria ditada pela natureza — respondeu imediatamente o celerado. — Ela tem origem unicamente no defeito

do hábito; e não é o mesmo que acontece com certas comidas? Embora excelentes, elas não nos repugna somente por defeito de hábito? Depois, seríamos capazes de dizer que esses pratos não são bons? Tratamos de nos convencer e logo gostamos do sabor delas; sentimos repugnância pelos medicamentos, ainda que nos sejam salutares; acostumamo-nos da mesma forma com o mal, logo, só encontramos encantos nele; essa repugnância momentânea é mais uma aptidão, uma graça da natureza, do que um aviso de que algo a insulta: ela nos prepara, assim, os prazeres do triunfo; ela aumenta aqueles da própria ação: existe algo ainda melhor, Thérèse, existe algo ainda melhor; é que, quanto mais a ação nos parece atroz, mais ela contraria nossos hábitos e nossos princípios, quanto mais ela rompe os limites, mais ela choca todas as nossas convenções sociais, mais ela fere aquilo que acreditamos ser as leis da natureza, e, muito pelo contrário, mais útil ela é a essa mesma natureza. É sempre pelos crimes que ela volta aos direitos que a virtude lhe rouba incessantemente. Se o crime for leve, diferindo menos da virtude, ele estabelecerá mais lentamente o equilíbrio indispensável à natureza; quanto mais grave for, mais igualará os pesos, mais equilibrará o império da virtude que a tudo destruiria sem isso. Que aquele que premedita um crime, ou aquele que acaba de cometê-lo, deixe então de se assustar: quanto maior for a extensão de seu crime, melhor ele terá servido à natureza.

Essas terríveis teorias logo levam minhas ideias às opiniões de Omphale sobre a maneira pela qual sairíamos dessa casa assombrosa. Foi a partir daí que, então, concebi os projetos que serão executados na sequência. Contudo, para concluir meus esclarecimentos, não posso impedir-me de ainda fazer algumas perguntas ao padre Clément.

— Pelo menos — perguntei-lhe —, não conservais eternamente as vítimas infelizes de vossas paixões, não é? Imagino que, sem dúvida, as mandai embora assim que vos sentirdes cansado delas.

— Certamente, Thérèse — respondeu-me o monge. — Só entraste nesta casa para sair quando nós quatro estivermos convencidos de te conceder a aposentadoria. E tu a terás, com certeza.

— Mas não temeis — prossegui — que as moças mais jovens e menos discretas possam revelar algum dia o que se passa por aqui?

— É impossível.

— Impossível?

— Absolutamente.

— Podeis me explicar?...

— Não, é o nosso segredo; mas tudo o que posso te garantir é que, discretamente ou não, será praticamente impossível, quando te encontrares do lado de fora, contar qualquer coisa do que se passa aqui. Vês, também, Thérèse, que eu não te recomendo nenhuma discrição; uma política constrangedora não instiga de modo algum meus desejos...

E o monge adormeceu após proferir tais palavras. A partir daí não me foi mais possível deixar de ver que só os mais violentos princípios se voltavam contra aquelas infelizes reformadas e que aquela terrível segurança da qual ele se gabava não passava do fruto de suas mortes. E eu só reforçava ainda mais minha resolução; logo veremos o efeito disso.

Assim que Clément adormeceu, Armande se aproximou de mim.

— Logo ele vai acordar, como um furioso — disse-me ela. — A natureza só adormece seus sentidos para lhe emprestar, depois de um pouco de repouso, uma grande dose de energia; mais uma cena e estaremos tranquilas até amanhã.

— E quanto a ti — perguntei a minha companheira —, por que não dormes por alguns instantes?

— E posso eu fazer isso? — respondeu-me Armande. — Se não estiver de pé fazendo vigília em volta de seu leito, e se minha negligência for percebida, ele será o primeiro a me apunhalar.

— Céus! — exclamei. — Mas como? Até mesmo dormindo esse celerado quer que o que o cerca esteja em tal estado de sofrimento?

— Sim — respondeu-me minha companheira —, é a barbárie dessa ideia que lhe garante esse despertar furioso que logo vais presenciar; a esse respeito, ele é como esses escritores perversos cuja corrupção é tão perigosa, tão ativa, que eles não têm outra finalidade ao imprimir suas assustadoras teorias senão estender para além de suas vidas a soma de seus crimes; eles nada mais podem fazer, mas seus escritos malditos levarão a cometê-los, e essa doce ideia que carregam para o túmulo consola-os da obrigação em que os impõe a morte de renunciar ao mal.

— Monstros! — gritei.

Armande, que era uma criatura muito calma, me beijou, vertendo algumas lágrimas, depois voltou a fazer a ronda em torno da cama daquele devasso.

Ao cabo de duas horas, o monge de fato despertou em uma

agitação prodigiosa e me agarrou com tanta força que pensei que ia me sufocar; sua respiração estava intensa e apressada; seus olhos faiscavam, ele pronunciava frases desconexas que não passavam de blasfêmias ou de palavras libertinas. Ele chama Armande, pede-lhe as varas e recomeça a fustigar nós duas, mas de uma maneira ainda mais vigorosa do que a que fizera antes de dormir. É por mim que parece querer finalizar; solto gritos lancinantes; para amenizar meus sofrimentos, Armande o excita violentamente, ele perde a cabeça, e o monstro, enfim decidido pelas mais violentas sensações, perde, junto com as ondas ardentes de seu sêmen, seu ardor e seus desejos.

Tudo se acalmou durante o resto da noite. Ao se levantar, o monge contentou-se em tocar e examinar nós duas; e, como ele ia rezar sua missa, voltamos ao serralho. A decana não se conteve em sentir desejo por mim, no estado de inflamação no qual ela imaginava me encontrar; enfraquecida como estava, como poderia me defender? Ela fez o que quis, o suficiente para me convencer de que até mesmo uma mulher, em uma escola como aquela, logo perdendo toda sua delicadeza e todo o recato de seu sexo, podia, a exemplo de seus tiranos, tornar-se obscena ou cruel.

Duas noites depois, eu dormia no quarto de Jérôme; não irei vos descrever seus horrores, eles foram ainda mais assustadores. Que escola, grande Deus! Enfim, ao cabo de uma semana, todos meus turnos tinham sido feitos. Então Omphale me perguntou se não era verdade que, de todos, Clément era o que mais tinha a me queixar.

— Ai de mim! — respondi —, em meio a uma massa de horrores e de imundícies que tanto me repugnaram e me revoltaram, é bem difícil para mim pronunciar algo sobre o mais odioso desses celerados; estou farta de todos e já gostaria de me encontrar fora disso, qualquer que fosse o destino que me espera.

— É possível que logo sejas satisfeita — respondeu-me minha companheira —, aproximamo-nos da época da festa: raramente ela acontece sem que lhes sejam trazidas vítimas: ou eles seduzem as moças por meio da confissão, ou as roubam, se puderem; como são tantas as novas recrutas sempre ocorrem novas reformas...

Finalmente chegou a famosa festa... Podeis imaginar, senhora, a monstruosa impiedade com que os monges se comportaram nesse evento? Convenceram-se de que um milagre visível duplicaria o fulgor de suas reputações; por conseguinte, vestiram Florette, a mais nova das moças, com todos os ornamentos da Virgem; por meio de cordões

escondidos, amarraram-na na parede do nicho e ordenaram-lhe que levantasse imediatamente os braços para o alto, em sinal de penitência, quando a hóstia lhe fosse oferecida. Como aquela criaturinha estava ameaçada com os mais cruéis castigos se viesse a dizer uma só palavra, ou se não representasse bem seu papel, ela se saiu maravilhosamente, e a dissimulação alcançou todo o sucesso esperado. O povo se extasiou com o milagre, deixou ricas oferendas para a Virgem, e partiu dali mais convencido do que nunca da eficácia das graças daquela mãe celeste. Para aumentar ainda mais a blasfêmia, nossos libertinos quiseram que Florette se apresentasse nas orgias da noite com as mesmas vestes que lhes cativaram tantas homenagens, e cada um deles despertou seus odiosos desejos, obrigando-a a submeter-se, com aquela roupa, à irregularidade de seus caprichos. Excitados por aquele primeiro crime, os sacrilégios não param por aí; despem a criança, deitam-na de bruços sobre uma grande mesa, acendem círios, colocam a imagem de nosso Salvador no meio de suas costas e atrevem-se a consumir em suas nádegas o mais atroz dos nossos mistérios. Desfaleci-me com aquele espetáculo horrendo, não pude suportar. Sévérino, vendo-me naquele estado, disse que eu, para me domesticar, também deveria servir de altar. Agarram-me, colocam-me no mesmo lugar de Florette; o sacrifício é consumado, e a hóstia... esse símbolo sagrado de nossa augusta religião... Sévérino apanha-a, enfia-a no local obsceno de suas sodomitas diversões... torce-a com insultos... empurra-a com infâmia sob os ímpetos redobrados de seu monstruoso dardo, e lança, blasfemando, sobre o próprio corpo de seu Salvador, os jatos impuros da torrente de sua lubricidade!

Eu estava imóvel quando me tiraram de suas mãos; precisei recuperar-me em meu quarto, onde chorei por oito dias seguidos devido ao crime horrível que sofri, apesar de minha resistência. Essa lembrança ainda dilacera minha alma, não consigo me lembrar dela sem me estremecer toda... A religião é, para mim, o efeito do sentimento; tudo o que a ofende ou a insulta faz jorrar sangue de meu coração.

A época da renovação mensal se aproximava, quando Sévérino entrou em nosso quarto, certa manhã, por volta das nove horas. Ele parecia muito excitado; um tipo de desvario anunciava-se em seus olhos; ele nos examina, coloca-nos uma a uma em sua posição preferida, e detêm-se especialmente em Omphale. Ele passa muitos

minutos contemplando-a naquela postura, excita-se secretamente, beija o que lhe é apresentado, deixa ver o que está em condição de consumir e nada consome. Em seguida, fazendo-a pôr-se de pé, lança-lhe olhares em que a raiva e a maldade se anunciam; depois, com um impulso, aplica-lhe um chute vigoroso na parte inferior do abdome, derrubando-a a uma distância de vinte passos.

— A sociedade te reforma, vagabunda — diz-lhe. — Ela está farta de ti; fica pronta ao cair da noite, eu mesmo virei te buscar.

E sai. Assim que ele parte, Omphale se levanta; em prantos, ela se atira em meus braços.

— Pois bem! — diz-me. — Pela infâmia, pela crueldade das preliminares, ainda consegue deixar de imaginar o que vem a seguir? O que vai acontecer comigo, ó grande Deus?

— Acalma-te — digo àquela infeliz —, agora estou decidida a tudo; aguardo apenas uma ocasião oportuna; talvez ela se apresente mais cedo do que imaginas; irei denunciar esses horrores; se for mesmo verdade que seus procedimentos são tão cruéis como pensamos, trata de conseguir alguma prorrogação e eu te livrarei das mãos deles.

No caso de Omphale ser libertada, ela também jurou servir-me; e choramos ambas. O dia passou sem muitos acontecimentos; por volta das cinco horas, o próprio Sévérino subiu.

— Vamos — diz bruscamente a Omphale —, estás pronta?

— Sim, meu pai — responde ela aos soluços. — Permita-me dar um beijo em minhas companheiras.

— Isso é inútil — diz o monge —, não temos mais tempo para uma cena de prantos; estão nos esperando, vamos.

Então ela perguntou se deveria levar suas trouxas.

— Não — diz o superior —, tudo o que tens pertence à casa, não é? Pois não necessitas mais disso.

Depois, contendo-se, como quem havia dito demais:

— Essas trouxas não servirão para nada; contenta-te então em levar apenas o que tens no corpo.

Perguntei ao monge se poderia me permitir acompanhar Omphale só até a porta da casa... Ele respondeu com um olhar que me fez recuar de pavor... Omphale sai, lança-nos olhos cheios de inquietação e lágrimas, e, assim que ela parte, precipito-me sobre minha cama em desespero.

Acostumadas a tais acontecimentos, ou fechando os olhos para seus desfechos, minhas companheiras envolvem-se menos com eles do que

eu; o superior entra ao cabo de uma hora, ele vinha buscar as garotas do jantar. Eu era uma das escolhidas; devia haver no máximo quatro mulheres, a moça de doze anos, a de dezesseis, a de vinte e três e eu. Tudo acontecia mais ou menos como nos outros dias; notei apenas que as garotas de guarda não se encontravam ali, que os monges só conversavam aos cochichos, que haviam bebido demais, que se contentavam em excitar violentamente seus desejos, sem nunca se permitirem consumá-los, e que eles nos dispensaram muito mais cedo, sem guardar nenhuma de nós para dormir... Que conclusão poderia tirar de tais observações? Eu as fiz porque é preciso ficar atento a tudo em circunstâncias como aquela, mas o que esperar daquilo? Ah, minha perplexidade era tanta que não havia pensamento que se apresentasse em meu espírito que não fosse logo combatido por outro; ao me lembrar das expressões de Clément eu devia, sem dúvida, temer tudo; e depois, a esperança... Aquela variedade de horrores estava tão distante de mim que eu não era capaz de imaginá-los. Deitei-me nesse estado terrível; às vezes, persuadia-me de que Omphale não descumpriria o juramento; no próximo instante, convencia-me de que os métodos cruéis que seriam usados contra ela iriam privá-la da possibilidade de nos ser útil. E foi essa minha última constatação quando vi passar o terceiro dia sem de nada ter ouvido falar.

No quarto dia, vi-me participando novamente do jantar; ele era variado e selecionado. Nesse dia, as oito mais belas moças encontravam-se aí; haviam tido a gentileza de me incluir; as garotas de guarda também participavam. Ao entrarmos, avistamos nossa nova companheira.

— Eis aquela que a sociedade destinou a substituir Omphale, senhoritas — disse-nos Sévérino.

E, ao dizer isso, ele arrancou os mantos do busto da moça, os véus com os quais ela se cobria, e vimos uma jovem mulher de quinze anos, com o mais charmoso e delicado rosto: ela levantou os belos olhos com graça para cada uma de nós; eles ainda estavam úmidos de lágrimas, mas com o mais vivo interesse; seu corpo era ágil e esguio, sua pele era de uma alvura deslumbrante, tinha os cabelos mais lindos do mundo, e algo de tão sedutor no conjunto que era impossível vê-la sem se sentir involuntariamente atraída por ela. Chamavam-na de Octavie; logo soubemos que ela era uma moça da mais alta qualidade, nascida em Paris, e que deixara o convento para vir se casar com o conde de ***: fora raptada de sua carruagem, onde duas governantas e

três lacaios a acompanhavam; ela ignorava o que se passara na sequência; pegaram-na sozinha no início da noite e, após vendarem-lhe os olhos, conduziram-na para onde a víamos, sem que lhe fosse possível saber mais sobre o que havia acontecido.

Até ali, ninguém lhe dirigira a palavra. Nossos quatro libertinos, por um instante em êxtase diante de tanto encanto, só tiveram forças para admirá-la. O império da beleza impõe respeito, o celerado mais corrompido rende-lhe, apesar de seu sentimento, uma espécie de culto que nunca irá transgredir sem remorsos; mas monstros como aqueles com os quais estávamos lidando entregam-se muito pouco a tais impedimentos.

— Vamos, linda menina — diz o superior, puxando-a energicamente para a poltrona na qual estava sentado. — Vamos, mostra-nos se teus outros encantos respondem ao que a natureza colocou em profusão em tua fisionomia.

E, como a bela moça começou a tremer, a enrubescer, a tentar se distanciar, Sévérino agarrou-a bruscamente pela cintura e disse:

— Compreende, pequena Agnes, compreende que o que queremos é que fiques imediatamente nua.

E o libertino, com tais palavras, desliza uma mão sob suas saias, contendo-a com a outra; Clément se aproxima, ele levanta as roupas de Octavie até o meio das costas, e expõe, por meio dessa manobra, os mais doces, os mais apetitosos atrativos que se pode encontrar; Sévérino, que apalpa mas não vê, curva-se para olhar, e eis que estão todos os quatro a concordar que nunca haviam visto algo de tão belo. No entanto, a modesta Octavie, pouco preparada para insultos como aqueles, derrama lágrimas e se defende.

— Tiremos-lhe a roupa, tiremos-lhe a roupa — diz Antonin. — Assim não conseguimos ver nada.

Ele ajuda Sévérino, e, imediatamente, os atrativos da moça, sem o véu, aparecem sob seus olhos. Não há dúvida de que nunca houve uma pele tão branca, nem formas tão afortunadas... Deus, que crime!... Tanta beleza, tanto frescor, tanta inocência e delicadeza iriam se transformar em presa para aqueles bárbaros! Octavie, envergonhada, não sabe para onde fugir a fim de ocultar seus encantos, por todo lado ela depara com olhos que a devoram, com mãos brutais que a espreitam; um círculo forma-se à sua volta, e, assim como eu, ela o percorre por todos os lados. O brutal Antonin não tem forças para resistir; um atentado cruel determina a

homenagem e o incenso é queimado aos pés do deus. Jérôme compara-a à nossa jovem companheira de dezesseis anos, sem dúvida a mais bonita do serralho; põe lado a lado os dois altares de seu culto.

— Ah! Quanta alvura e graça! — diz ele, apalpando Octavie. — Mas quanta gentileza e frescor também se encontram nesta aqui! Na verdade — prossegue o monge, enraivecido —, ainda não me decidi entre as duas.

Depois, pressionando sua boca nos atrativos que seus olhos confrontam:

— Octavie! — exclama. — Serás a escolhida, depende apenas de ti, dá-me o fruto precioso dessa árvore adorada pelo meu coração... Ó! Sim, sim, dá-me, ambas e garanto para sempre o preço da beleza a quem primeiro me servir.

Sévérino percebe que está na hora de pensar em coisas mais sérias: sem ter como esperar, ele se encarrega daquela infeliz, posicionando-a conforme seus desejos; depois, não muito seguro quanto às providências que tomou, chama Clément para ajudá-lo. Octavie chora, mas não é ouvida; o fogo brilha nos olhos do monge impudico; senhor da praça, dir-se-ia que ele considera as vias que lhe dão acesso somente para atacá-la com mais segurança; não faz uso de nenhum artifício, de nenhum preparativo; colheria rosas com tantos encantos se lhes tirasse os espinhos? Que enorme desproporção é encontrada entre a conquista e o conquistador, mas este nem por isso deixa de empreender o combate; um grito agudo anuncia a vitória, mas nada é capaz de enternecer o inimigo; quanto mais a capturada implora sua misericórdia, com mais vigor é atacada, e a infeliz, por mais que tenha se debatido, logo é sacrificada.

— Os louros nunca foram tão difíceis — diz Sévérino, retirando-se. — Pensei que pela primeira vez na vida fosse morrer na praia... Ah! Como é estreito e quente! É o Ganimedes dos deuses.

— É preciso que eu a traga ao sexo que acabas de desonrar — diz Antonin, tirando-a dali, sem deixá-la se levantar. — Existe mais do que uma brecha na muralha.

E, aproximando-se com altivez, ele alcança rapidamente o santuário. Novos gritos são ouvidos.

— Deus seja louvado! — diz o desonesto homem. — Eu deveria ter duvidado de meus sucessos sem os lamentos da vítima, mas meu triunfo está assegurado, pois aí se encontram o sangue e o pranto.

— Na verdade — diz Clément, avançando com as varas na mão —,

também não vou mudar essa doce posição, ela favorece muito meus desejos.

A garota de guarda de Jérôme e a de trinta anos seguravam Octavie; Clément analisa, apalpa; a moça, aterrorizada, suplica, mas não o comove.

— Ó meus amigos — diz o monge, exaltado —, como deixar de fustigar a estudante que nos apresenta uma bunda tão linda?

Logo o ar ecoou com o silvar das varas e com o barulho surdo de seus açoites naquela carne tão linda; a isso, misturam-se os gritos de Octavie, respondidos pelas blasfêmias do monge; que cena para aqueles libertinos entregues, em meio a todas nós, a mil obscenidades! Aplaudiram-no, encorajaram-no: entretanto, a pele de Octavie muda de cor, tons do mais intenso encarnado misturam-se ao brilho do lírio: mas o que por um momento divertiria o Amor, caso a moderação conduzisse o sacrifício, torna-se, à força do rigor, um crime medonho para com suas leis; nada pode deter o pérfido monge; quanto mais a jovem aluna reclama, mais explode a violência do regente; a partir do meio das costas até a parte baixa das coxas, tudo é tratado da mesma forma, e, por fim, é sobre os vestígios sangrentos de seus prazeres que o pérfido acalma seu fogo.

— Serei menos selvagem do que ele — diz Jérôme, abraçando a bela jovem e se adaptando aos lábios de coral dela. — Eis o templo que vou sacrificar... e nessa boca encantadora...

Calo-me... É o réptil impuro deturpando uma rosa, minha comparação vos diz tudo.

O resto da noite assemelha-se a tudo o que já sabeis, a idade comovente daquela moça inflamava ainda mais os celerados, todas aquelas infâmias foram redobradas, e a saciedade, muito mais do que a comiseração, devolveu aquela infeliz a seu quarto, propiciando-lhe, ao menos por algumas horas, a calma de que precisava.

Eu bem gostaria de poder consolá-la naquela primeira noite, mas, obrigada a passá-la com Sévérino, encontrei-me, ao contrário, necessitando de muita ajuda. Tive a infelicidade, não de agradecer, o termo não seria conveniente, mas de excitar com mais intensidade que outra garota os desejos infames daquele sodomita; agora ele me desejava quase todas as noites; esgotado daquela situação, resolveu procurar artifícios diferentes; temendo ainda, sem dúvida, não me maltratar o suficiente com o sabre de que era dotado, ele cogitou perfurar-me, dessa vez, com um desses móveis religiosos que a

decência não permite nomear e que tinha uma grossura desmesurada; foi preciso prestar-se a tudo. Ele próprio fazia penetrar a arma em seu templo preferido; à força de solavancos, ele entra firme pela frente; eu grito: o monge diverte-se com isso; após algumas idas e vindas, ele retira subitamente o instrumento com violência e se enfia na fenda que ele acaba de entreabrir... Que capricho! Isso não seria exatamente o contrário de tudo o que os homens podem desejar? Mas quem pode definir a alma de um libertino? Sabe-se há muito tempo que reside aí o enigma da natureza, da qual ela ainda não nos deu a senha.

Pela manhã, encontrando-se mais descansado, ele quis experimentar outro suplício, mostrando-me um aparelho ainda mais grosso, oco e guarnecido de uma inacreditável rigidez por uma abertura que dava ao jato mais de três polegadas de circunferência; esse enorme instrumento tinha por sua vez nove de largura por doze de comprimento. Sévérino encheu-o de água escaldante e quis enfiá-lo em mim pela frente; apavorada com a ideia, atiro-me a seus joelhos para implorar-lhe graça, mas ele está em uma dessas malditas situações em que não mais se ouve a piedade, em que as paixões, muito mais eloquentes, substituem, abafando-as, uma crueldade normalmente muito perigosa. O monge ameaça-me com toda sua cólera, caso eu não me submeta; tenho que obedecer. O pérfido aparelho penetra dois terços, e o dilaceramento que me provoca, somado ao extremo calor de que é feito, estão prestes a fazer-me perder os sentidos; durante esse tempo, o superior, que não para de invectivar as partes que molesta, excita-se com a camareira; passado um quarto de hora dessa fricção que me lacera, ele solta o êmbolo, que esguicha água fervente bem no fundo do meu útero... Desmaio. Sévérino vai ao êxtase... Ele havia alcançado um delírio equivalente à minha dor.

— Isso não é nada — diz o perverso, quando recuperei os sentidos —, aqui, algumas vezes, tratamos esses atrativos com muito mais severidade... Uma salada de espinhos, entendes? Com bastante pimenta, bastante vinagre, enfiada pra dentro com a ponta de uma faca, é disso que precisam para se reanimarem; ao primeiro erro que cometeres, condenar-te-ei a isso — diz o celerado, ainda manejando o único objeto de seu culto.

Mas duas ou três homenagens, após os excessos da véspera, deixaram-no esgotado e fui dispensada.

Ao entrar, reencontro minha nova companheira em prantos; fiz o

que pude para acalmá-la, mas não é fácil tomar partido após uma mudança de situação tão terrível; aquela moça tinha, aliás, uma grande base de religião, de virtude e de sensibilidade; sua situação só lhe afigurava ainda mais terrível. Omphale tinha razão ao me dizer que a senilidade não influenciava em nada as aposentadorias; que, ditadas simplesmente pela fantasia dos monges, ou pelo receio de algumas pesquisas posteriores, era possível aposentar-se tanto ao fim de oito dias quanto ao fim de vinte anos. Não fazia mais do que quatro meses que Octavie estava conosco quando Jérôme anunciou sua partida; ainda que tenha sido ele quem mais se aproveitara dela durante sua estadia no convento, que a desejara e a procurara, a pobre criança partiu, fazendo-nos as mesmas promessas que Omphale, e também deixando de cumpri-las do mesmo modo.

A partir de então, não me ocupei de mais nada senão do plano que, desde a partida de Omphale, eu havia concebido; decidida a fazer de tudo para fugir daquele antro selvagem, nada era capaz de me desencorajar. O que eu poderia temer executando aquele plano? A morte. E do que eu teria certeza ficando ali? Da morte. Se conseguisse escapar, estaria salva. Não havia, então, nada a hesitar, mas, antes dessa tentativa, era preciso que os funestos exemplos do vício recompensado ainda fossem reproduzidos sob meus olhos; estava escrito no grande livro dos destinos, nesse livro obscuro sobre o qual nenhum mortal tem conhecimento, estava gravado ali, estou dizendo, que todos aqueles que me haviam atormentado, humilhado, acorrentado, receberiam incessantemente diante de meus olhos o preço de seus crimes, como se a Providência tivesse assumido a função de me mostrar a inutilidade da virtude... Funestas lições que, no entanto, em nada me corrigiram, e, se ainda conseguisse escapar à espada suspensa sobre minha cabeça, não me impediriam de ser sempre escrava dessa divindade de meu coração.

Certa manhã, sem que esperássemos, Antonin apareceu em nosso quarto anunciando-nos que o Reverendo Padre Sévérino, parente e protegido do papa, acabava de ser nomeado por Sua Santidade superior geral da Ordem dos Beneditinos. A partir do dia seguinte, esse religioso efetivamente partiu, sem nos ver: esperavam, disseram-nos, outro superior muito melhor na devassidão do que os que ali restavam; novos motivos para apressar meus preparativos.

No dia seguinte à partida de Sévérino, os monges ainda decidiram a aposentar mais uma de minhas companheiras; para minha fuga,

escolhi o mesmo dia em que vieram anunciar a detenção daquela miserável, para que assim os monges, mais ocupados, prestassem menos atenção em mim.

Estávamos no começo da primavera; o prolongamento das noites favorecia um pouco meus preparativos. Havia alguns dias, eu os planejava sem que ninguém desconfiasse; aos poucos, com uma tesoura velha que eu encontrara, comecei a serrar as grades do meu banheiro; minha cabeça já passava facilmente pela abertura, e com a roupa de cama que me serviam, eu havia elaborado uma corda mais do que suficiente para percorrer os vinte ou vinte e cinco pés de altura que Omphale dissera-me ter o prédio. Quando tomaram minhas roupas, tive o cuidado, como dissera, de tirar minha pequena fortuna, que somava quase seis luíses, e que eu sempre havia guardado cuidadosamente; depois, voltei a escondê-la em meus cabelos, e como quase todo nosso quarto se encontrava no jantar naquela noite, e eu estava sozinha com uma de minhas companheiras, que se deitara assim que as outras desceram, passei para o meu banheiro; ali, desobstruindo o buraco que tive o cuidado de tapar diariamente, amarrei minha corda em uma das barras que não estava danificada e, deixando-me escorregar desse modo, logo alcancei o chão. Mas não era isso o que mais me inquietava: as seis paredes de muros ou de cerca viva, dos quais me falara minha companheira, intrigavam-me de modo diferente.

Uma vez ali, percebo que cada espaço ou aleia circular entre uma cerca e outra não possuía mais do que oito pés de largura; e era essa proximidade que dava a impressão, ao olhar rapidamente, que tudo o que se encontrava naquela parte não passava de um maciço de árvores. A noite estava muito escura; ao dobrar essa primeira aleia circular, para descobrir se não encontraria uma abertura na cerca, passei sob a sala dos jantares. Não havia mais ninguém ali; minha preocupação redobrou; no entanto, continuei minhas buscas: cheguei, assim, à altura da janela da grande sala subterrânea que se encontrava debaixo daquela das orgias comuns. Percebi muita luz ali e fui suficientemente audaz para me aproximar, pois eu conseguia ver tudo na posição em que me encontrava. Minha infeliz companheira estava estendida sobre um cavalete, com os cabelos espalhados, destinada, sem dúvida, a algum suplício assustador, no qual iria encontrar, como liberdade, o fim de suas desventuras... Estremeço, mas o que meus olhos acabam de flagrar deixam-me ainda mais

surpresa: ou Omphale não sabia de nada ou ela não me dissera tudo; naquele subterrâneo, avisto quatro garotas nuas que me pareceram muito bonitas e jovens e que certamente não eram uma das nossas; havia, então, naquele terrível refúgio, outras vítimas da lubricidade daqueles monstros... outras infelizes por nós desconhecidas... Eu me apressava para fugir e continuei a dar voltas até alcançar o lado oposto do subterrâneo: como não encontrei nenhuma brecha, decido criar uma; sem que ninguém percebesse, munida de uma longa faca, iniciei meu trabalho; apesar de minhas luvas, minhas mãos ficaram rapidamente feridas; mas nada podia me deter; a cerca tinha mais de dois pés de espessura, eu a abri e passei para a segunda aleia; ali, espantei-me ao sentir sob os meus pés apenas uma terra mole e maleável, na qual eu afundava até o tornozelo: quanto mais avançava naqueles matagais, mais profunda a escuridão se tornava. Curiosa para saber de onde provinha a mudança do solo, tateio-o com minhas mãos... “Ó justo céu! Seguro a cabeça de um cadáver! Grande Deus!”, pensei aterrorizada. “Aqui é, sem dúvida, o cemitério onde esses algozes despejam suas vítimas; eles nem tomam o cuidado de cobri-las com terra! Esse crânio é, sem dúvida, o de minha querida Omphale, ou o daquela infeliz Octavie, tão bela, tão doce, e que surgiu no mundo como as rosas de que seus encantos eram a pura imagem! Até eu, ai de mim!, poderia ter sido o meu lugar, por que não seguir o meu destino! O que ganharei indo procurar novos contratemplos? Já não havia cometido mal suficiente? Eu não teria sido o motivo de um número suficiente de crimes? Ah! cumpramos meu destino! Ó, terra, abre-te para me engolir! Será certo sentir-se tão exausta, tão miserável, tão abandonada como me encontro agora, e ainda continuar esforçando-se tanto para vegetar alguns instantes a mais entre os monstros!... Mas não, devo vingar a Virtude acorrentada... É isso o que ela espera de minha coragem... Não nos deixemos abater... avancemos: é fundamental que o universo fique livre de celerados tão perigosos como esses. Devo temer perder três ou quatro homens para salvar milhões de indivíduos que sua política ou sua ferocidade sacrifica?”

Pois atravesso a sebe em que me encontro; esta era mais espessa do que a outra: quanto mais avançava, mais as achava resistentes. No entanto, consigo fazer um furo e encontro um solo firme do outro lado... nada que não anunciasse os mesmos horrores que eu acabara de encontrar; assim, alcanço a borda do fosso sem ter encontrado a

muralha de que Omphale me advertira; certamente, não havia nenhuma, e é coerente que os monges dissessem aquilo apenas para assustar-nos ainda mais. Menos encerrada dentro desse sexto invólucro, eu podia distinguir melhor os objetos; a igreja e o corpo do prédio que imediatamente se apresentavam a meus olhos; o fosso margeava tanto uma quanto o outro; evitei atravessá-lo por esse lado; fui passando pelas bordas e, vendo-me finalmente diante de um dos caminhos da floresta, resolvo atravessá-lo naquele ponto e segui-lo quando subisse na outra borda. Esse fosso era muito profundo, mas seco, para minha felicidade; como o revestimento era de tijolo, não havia como escorregar, então eu me precipitei: um pouco atordoada por causa da queda, fico ali por um momento antes de me levantar... Prossigo, alcanço a outra borda sem obstáculo, mas como iria fazer para transpô-la? À força de procurar por um lugar cômodo, encontro um finalmente, em que alguns tijolos demolidos me proporcionavam ao mesmo tempo a facilidade de fazer uso dos outros como degraus e de firmar, para apoiar-me, a ponta do pé na terra; eu já estava quase no alto quando tudo se desmoronou sob meus pés e caí novamente no fosso por cima dos destroços que eu havia deslocado; pensei ter morrido; essa queda, involuntária, foi mais rude que a outra; eu estava, aliás, completamente coberta do material que desabara sobre mim; como alguns atingiram minha cabeça, eu me encontrava totalmente fracassada... “Ó, Deus!”, digo a mim mesma, desesperada, “não devo avançar, devo continuar aqui, é um aviso do Céu; ele não quer que eu prossiga: meus pensamentos me enganam, sem dúvida; talvez o mal tenha sua utilidade na terra, e quando a mão de Deus desejar, talvez seja um erro opor-se a ele!” Mas logo, revoltada com uma teoria demasiado infeliz, fruto da corrupção que me havia rondado, livro-me dos destroços que me cobrem e, achando mais fácil subir pela brecha que acabo de fazer, por causa dos novos buracos que aí se formaram, tento novamente, encorajo-me, e, por um momento, encontro-me no ápice. Tudo isso me afastara do atalho que eu havia notado, mas, como me lembrava de sua localização, alcanço-o e começo a fugir a passos largos. Antes do fim do dia, encontro-me fora da floresta, e logo sobre o montículo do qual há seis meses eu avistara o convento. Descanso ali por alguns minutos, estava encharcada de suor; meu primeiro cuidado é o de me ajoelhar e pedir a Deus novos perdões pelos erros involuntários que eu havia cometido naquele odioso receptáculo do crime e da impureza; as lágrimas de

arrependimento começaram a escorrer de meus olhos. “Ai de mim!”, digo a mim mesma. “Eu era bem menos criminosa no ano passado, quando deixei este mesmo atalho, guiada por um princípio de devoção tão funestamente enganado! Ó Deus! Em que estado via-me agora!” Com essas funestas reflexões um pouco mais tranquilizadas pelo prazer de encontrar-me livre, retomo meu caminho em direção a Dijon, acreditando que somente nessa capital minhas queixas seriam legitimamente recebidas...

Aqui a sra. de Lorsange quis convencer Thérèse a tomar fôlego, pelo menos por alguns minutos; ela precisava disso; o ardor que dedicava à sua narrativa, as feridas que aqueles funestos relatos reabriam em sua alma, tudo, enfim, obrigavam-na a alguns momentos de trégua. O sr. de Corville pediu para trazerem refrescos, e depois de um pouco de repouso, nossa heroína prosseguiu, como iremos ver, com os detalhes de suas deploráveis aventuras.

1 No original, “prêtresses de Vénus”, o mesmo que cortesãs, prostitutas. (N.T.)

2 Existe uma relação de poder fundamental no critério de tradução com os pronomes “tu” e “vós”. Thérèse trata os libertinos por “vós”. Para manter certa distância, enquanto que os libertino a tratam por “tu”, configurando assim um primeiro toque, produzindo um sintagma que passa do perene ao verbo, do a língua à ação. Manteremos assim a hierarquia para manter atualizada as leituras feitas de Sade por Roland Barthes e Michel Foucault.

3 O marquês de Bièvre nunca conseguiu fazer um que se comparasse àquele de Nazaré a seu discípulo: “Tu és Pedro, e sobre essa pedra construirei a minha Igreja”. E depois vêm dizer-nos que os trocadilhos são de nosso século! [Em francês, o trocadilho está em “pierre”, que, em português, pode ser tanto o nome próprio (Pedro) como o substantivo (pedra). (N.T.)]

4 Ver a *História da Bretanha*, de dom Lobineau.

Segunda parte

Era o segundo dia da minha jornada, eu estava muito mais calma a respeito dos temores que a princípio tinha em ser perseguida; fazia um calor extremo, e, obedecendo meu hábito econômico, afastei-me do caminho para encontrar um abrigo em que pudesse fazer uma refeição leve que me deixasse em condições de esperar até à noite. Um pequeno bosque de árvores à direita do caminho, no meio do qual serpenteava um riacho límpido, pareceu-me próprio para me refrescar. Saciada daquela água pura e fresca, alimentada com um pouco de pão, as costas apoiadas contra uma árvore, eu deixava circular em minhas veias um ar puro e sereno que me repousava, que tranquilizava meus sentidos. Ali, pus-me a refletir sobre aquela fatalidade sem tamanho que, apesar dos espinhos que me rondavam na carreira da virtude, conduzia-me em direção ao Ser Supremo do qual ela emana e do qual ela é a imagem. Um tipo de entusiasmo me invadia: “Ai de mim!”, digo. “Ele não me abandona, esse bom Deus que eu tanto adoro, pois, neste mesmo instante, acabo de encontrar os meios de recuperar minhas forças. Não é só a ele que eu devo esse favor? Não existe, na terra, seres a quem ele seja recusado? Então não sou a única infeliz, pois existem outros que têm mais a se queixar do que eu... Ah! Não seria eu menos infeliz do que essas infortunadas que estou deixando nesse antro do vício, cuja vontade de Deus me fez sair como por uma espécie de milagre?...” E, cheia de reconhecimento, ajoelhei-me, fitando o sol como a mais bela obra da divindade, como aquele que melhor manifesta sua grandeza e retirava da sublimidade desse astro novos motivos de rezas e de ações de graça, quando, de repente, vejo-me agarrada por dois homens que, tendo-me encoberto a cabeça para impedir-me de ver e de gritar, amarram-me como uma criminosa e arrastam-me sem pronunciar uma palavra.

Andávamos, assim, durante quase duas horas, sem que me fosse possível ver por qual caminho seguíamos, quando um de meus condutores, ouvindo-me respirar com dificuldade, propôs a seu camarada que soltasse o pano que cobria minha cabeça; ele obedece, respiro e percebo finalmente que estamos no meio de uma floresta da qual seguimos um caminho muito largo, ainda que pouco frequentado. Milhares de ideias funestas apresentam-se então a meu espírito, temo ser capturada pelos agentes daqueles monges indignos... temo ser novamente levada ao odioso convento.

— Ah! — digo a um de meus guias. — Senhor, suplico que me digais para onde estou sendo conduzida! Posso perguntar o que

pretendeis fazer comigo?

— Fica calma, minha menina — diz-me aquele homem —, as precauções que somos obrigados a tomar não devem te causar nenhum medo; estamos te levando para um bom senhor; motivos importantes o levam a empregar criadas para sua esposa com esse ar de mistério, mas, uma vez lá, ficarás bem.

— Ai de mim, senhores! — respondi. — Se é para minha felicidade que estais me levando, é inútil me prenderdes: sou uma pobre órfã, certamente digna de compaixão; só peço um lugar para ficar; já que me levais até ele, por que temeis que eu escape?

— Ela tem razão — disse um dos guias —, vamos deixá-la mais à vontade, segurando-a somente pelas mãos.

Isso feito, prosseguimos a caminhada. Vendo-me mais tranquila, eles até respondem às minhas perguntas, e consigo finalmente descobrir que o senhor ao qual me destinam chama-se conde de Gernande; nasceu em Paris, mas é proprietário de bens bastante consideráveis naquela região e de uma riqueza que soma mais de quinhentas mil libras de renda, que ele consome sozinho, informa-me um de seus guias.

— Sozinho?

— Sim, é um homem solitário, um filósofo: ele nunca encontra ninguém; por outro lado, é um dos maiores gluttons da Europa; não existe um comilão no mundo que seja páreo para ele. Não vou te dizer mais nada, o verás.

— Mas o que significam essas precauções, senhor?

— É o seguinte. Nosso patrão tem a infelicidade de ter uma mulher que enlouqueceu; é preciso ser mantida sob vigília, ela não sai do quarto, ninguém quer servi-la; de nada adiantaria propor-te esse trabalho, nunca o terias aceitado. Somos obrigados a capturar moças à força para exercer esse funesto emprego.

— Como? Serei prisioneira para ficar ao lado dessa senhora?

— Na verdade sim, é por isso que te detemos dessa maneira: ficarás bem, muito bem... fica tranquila; fora isso, nada te faltará.

— Ah! Justo céu! Quanta opressão!

— Vamos, vamos, minha menina, coragem, uma dia sairás daqui e tua fortuna será feita!

Mal meu condutor terminara de dizer tais palavras e avistamos o castelo. Era uma magnífica e vasta construção no meio da floresta, mas faltava muito para que estivesse suficientemente ocupada como

parecia ter sido feita para estar. Percebi algum rumor, alguma movimentação apenas na direção das cozinhas situadas nas arcadas, no meio da estrutura do edifício. Todo o resto estava tão solitário quanto a localização do castelo: ao entrarmos, ninguém tomou conhecimento de nós; um dos meus guias seguiu em direção às cozinhas, o outro apresentou-me ao conde. Ele estava no fundo de um vasto e magnífico aposento, envolto num roupão de quarto feito de cetim das Índias, deitado sobre uma otomana e tinha a seu lado dois jovens tão indecentes, ou melhor, tão ridiculamente vestidos, penteados com tanta elegância e tanta arte que a princípio os tomei por moças; analisando um pouco mais, finalmente os reconheci como sendo dois meninos, dos quais um podia ter quinze anos e, o outro, dezesseis. Achei-os de uma aparência encantadora, mas em tão grande estado de moleza e de abatimento que no início pensei estarem doentes.

— Eis aqui uma jovem, senhor — diz meu guia. — Ela parece ser o que vos convém: é doce, honesta, e só quer um lugar para ficar; esperamos que fiqueis contente.

— Está bem — diz o conde mal olhando para mim. — Fecha as portas ao sair, Saint-Louis, e diz para que ninguém entre até que eu toque a campainha.

Em seguida, o conde levantou-se e veio me examinar. Enquanto me observa detalhadamente, posso descrevê-lo para vós: a singularidade do retrato merece vossa atenção por um instante. O sr. de Gernande era, pois, um homem de cinquenta anos, de aproximadamente seis pés de altura e de uma monstruosa opulência. Nada pode ser mais assustador que seu aspecto, o comprimento de seu nariz, a grossa escuridão de suas sobrancelhas, seus olhos negros e maldosos, sua enorme boca com dentes ruins, sua fronte tenebrosa e careca, o som de sua voz assustadora e rouca, seus braços e mãos enormes; tudo contribuía para fazer dele um indivíduo gigantesco, cuja impressão inspirava muito mais medo do que confiança. Logo veremos se a moral e as ações desse tipo de centauro respondiam à sua espantosa caricatura. Após um exame dos mais bruscos e rudes, o conde perguntou minha idade.

— Vinte e três anos, senhor — respondi.

E acrescentou a essa primeira pergunta algumas perguntas pessoais. Eu o coloquei a par de tudo o que me dizia respeito. Não me esqueci nem mesmo da marca que recebi de Rodin; e quando lhe descrevi

minha miséria, quando lhe provei que a desgraça havia me perseguido sem tréguas, aquele homem malvado disse-me duramente:

— Melhor assim! Melhor assim! Estarás mais dócil em minha casa; trata-se de um pequeno inconveniente que a infelicidade persiga essa raça abjeta de pessoas que a natureza condena a arrastar-se perto de nós sobre o mesmo solo: com isso, torna-se mais ativa e menos insolente, e cumpre muito melhor seus deveres para conosco.

— Mas, senhor, contei-vos minha origem, ela não é de modo algum abjeta.

— Sim, sim, eu conheço tudo isso, sempre querem se passar por um monte de coisa quando não se é nada ou quando se está na miséria. É preciso que as ilusões do orgulho venham consolar as falhas da fortuna; depois, nos resta acreditar no que nos apraz sobre essas circunstâncias abatidas pelos golpes dos destinos. Nada disso me importa e, além do mais, apareces para mim com a aparência e até com os hábitos de uma criada; e é assim que irei considera-te, se concordares. No entanto — continuou aquele homem rude —, tua felicidade depende apenas de ti; com um pouco de paciência e discrição, livrar-te-ei daqui em condições de mudar de trabalho.

Então, pegou um dos meus braços, depois o outro e, encolhendo minhas mangas até o cotovelo, examinou-os com atenção, perguntando-me quantas vezes haviam me feito sangrias.

— Duas vezes, senhor — respondi-lhe, muito surpresa com aquela pergunta; e citei-lhes as ocasiões, remetendo-o às circunstâncias de minha vida em que aquilo se passara.

Ele pressiona seus dedos em minhas veias, como quando se quer dilatá-las para proceder a tal operação e quando elas atingem o ponto desejado, ele leva sua boca até aí, põe-se a chupá-las. A partir de então, eu não tinha mais dúvida de que a libertinagem misturava-se aos planos daquele homem malvado e tormentos de grande inquietude foram despertados em meu coração.

— Preciso saber como é teu corpo — continuou o conde, olhando-me fixamente com uma aparência que me fez tremer; é preciso que não tenhas nenhum defeito corporal para o cargo que irás ocupar; então me mostra tudo o que tens.

Defendi-me; mas o conde, valendo-se com a raiva de todos os músculos de sua terrificante aparência, anuncia-me duramente que não me aconselha a fingir de pudica, uma vez que ele domina métodos seguros de trazer uma mulher à razão.

— O que acabas de contar — diz-me — não prova uma grande virtude; assim, qualquer tipo de resistência seria tão descolada quanto ridícula.

Com tais palavras, ele faz um gesto para seus rapazes, que logo se aproximam de mim e começam a tirar minha roupa. Com indivíduos tão fracos, tão sensíveis como aqueles que me circundam, minha defesa encontra muita resistência, mas de que isso adiantaria? O antropófago que os estimulava, se quisesse, teria me pulverizado com apenas um soco. Compreendo então que só me resta ceder: fui despida em um instante; mal o fizeram, percebo que excito ainda mais as risadas daqueles dois Ganimedes.

— Meu amigo — diz o mais jovem ao outro —, que coisa linda é uma moça!... Mas que pena que aqui esteja vazio!

— Ó! — disse o outro. — Não há nada de mais infame do que esse vazio; eu só tocaria em uma mulher se levasse alguma vantagem nisso.

E enquanto minha parte dianteira era tão ridiculamente assunto de seus sarcasmos, o conde, íntimo adepto da parte traseira (infelizmente, como todos os libertinos, ai de mim!), examinava a minha com a maior atenção; ele a manipulava duramente, apalpava-a com força; e, beliscando a carne com seus cinco dedos, ele a amassava até machucá-la. Em seguida, ele me fez dar alguns passos à frente e voltar em sua direção; ele me fazia curvar, ficar ereta, fechar e afastar as pernas. Frequentemente, ajoelhava-se em frente àquela parte por ele preferida. Beijava em vários locais diferentes, várias vezes até mesmo no mais secreto orifício; mas todos esses beijos assemelhavam-se a chupadas, ele não dava um que não tivesse essa intenção: parecia mamar em cada uma das partes onde levava os lábios. Foi durante esse exame que ele me perguntou muitos detalhes sobre o que fizeram comigo no convento de Sainte-Marie-des-Bois, e, sem me dar conta de que eu o excitava em dobro com tais relatos, tive a candura de descrevê-los com toda a ingenuidade. Ele fez com que um de seus rapazes se aproximasse, e, colocando-o ao meu lado, soltou o nó de um laço rosa, que segurava uma calça de gaze branco, expondo, assim, todos os recantos encobertos por essas roupas. Após algumas leves carícias sobre o mesmo altar onde o conde me sacrificava, ele muda subitamente de objetivo e passa a chupar aquela criança na parte que caracterizava seu sexo. Continuava tocando-me: seja por hábito do rapaz, seja por destreza por parte daquele sátiro, em poucos minutos a natureza conquistada fez escorrer na boca de um o que ela lançava do

membro do outro. Era daquele modo que aquele libertino esgotava esses infelizes meninos que ele mantinha em casa, dos quais logo saberemos o número; era daquele modo que ele os esgotava e era por isso que estavam no estado de languidez que eu os havia encontrado. Vejamos agora como ele procedia para deixar as mulheres no mesmo estado e qual era a verdadeira razão pela qual ele deixava a mulher trancada.

A homenagem que o conde me oferecera tinha sido longa, mas não houvera a menor infidelidade ao templo que ele escolhera para si: nem suas mãos, nem seus beijos, nem seus desejos afastaram-se dele um só instante. Depois de ter chupado da mesma forma o outro rapaz e de ter recolhido e engolido seu sêmen, ele me disse, atirando-me em um banheiro ao lado, sem permitir que eu pegasse minhas roupas:

— Venha, venha, vou te mostrar do que se trata.

Não consegui dissimular minha inquietação, foi terrível; mas não havia como tentar modificar meu destino, eu precisava engolir até a última gota do cálice a mim apresentado.

Dois outros rapazes de dezesseis anos, tão belos e magros quanto os primeiros que deixamos na sala, trabalhavam com tapeçaria nesse gabinete. Eles se levantaram quando entramos.

— Narcisse — diz o conde a um deles —, eis a nova criada da condessa, preciso aprová-la; dá-me as lancetas.

Narcisse abre um armário e logo tira dele todo o necessário para a sangria. Deixo-vos imaginar minha reação; meu carrasco, percebendo minha insegurança, limita-se a rir.

— Prepara-a, Zéphire — diz sr. de Gernande ao outro rapaz.

E o menino, aproximando-se de mim, diz, sorrindo:

— Não tenhas medo, senhorita; isso só te fará bem. Fica assim.

Eu tinha que ficar levemente apoiada nos joelhos, à borda de um tamborete colocado no meio do quarto, os braços suspensos por dois laços negros amarrados no teto.

Mal me posiciono e o conde se aproxima de mim com o bisturi na mão; ele respirava com dificuldade, seus olhos estavam brilhando, seu rosto dava medo; ele prende meus braços e, em menos de um piscar de olhos, perfura meus dois braços. Ao ver o sangue, ele solta um grito acompanhado de duas ou três blasfêmias; depois, senta-se a seis pés de distância, de frente para mim. A roupa leve que o cobre logo se desdobra: Zéphire ajoelha-se entre suas pernas e o chupa; Narcisse, com os dois pés em cima da poltrona de seu amo, apresenta-lhe para

sugar o mesmo objeto que ele próprio oferece ao outro. Gernande segurava as nádegas de Zéphire, apertando-as e comprimindo-as contra ele, mas as soltava, todavia, para dirigir-me seus olhos inflamados. Enquanto isso, meu sangue esvaía-se em grande quantidade e caía em dois potes brancos colocados sob meus braços. Senti-me imediatamente enfraquecida.

— Senhor! Senhor! — gritei. — Tenhais piedade de mim, estou quase desmaiando...

E eu cambaleava: presa pelas cordas, não pude cair; mas meus braços bambeavam, e, como minha cabeça oscilava entre meus ombros, meu rosto inundou-se de sangue. O conde estava embriagado... No entanto, não vi o fim de sua operação e desmaiei antes que ele atingisse seu objetivo; será que ele não esperava ver-me naquele estado? Será que seu êxtase supremo dependia dessa cena de morte? Seja o que for, quando retomei meus sentidos, encontrei-me em uma cama excelente com duas senhoras ao meu lado. Ao verem-me com os olhos abertos, deram-me uma canja e, a cada três horas, deliciosas sopas até o dia seguinte. Nessa época, o sr. de Gernande pediu que me levantassem para conversar com ele na mesma sala em que me recebera quando cheguei. Conduziram-me: eu continuava um pouco fraca mas ainda conseguia me manter de pé: cheguei.

— Thérèse — disse-me o conde, sentando-me —, raramente repetirei contigo provas semelhantes; tu serás útil para outros assuntos; mas é fundamental que eu te apresente meus gostos e o modo como terminarás um dia nesta casa, se me traíres, ou se infelizmente permitires ser subornada pela mulher ao lado da qual serás colocada.

“Essa mulher é a minha esposa, Thérèse, e esse título é sem dúvida o mais funesto que ela poderia ter, porque ele a obriga a prestar-se a essa estranha paixão da qual acabas de ser a vítima. Não penses que eu a trate assim por vingança, por desprezo, ou por algum sentimento de ódio: trata-se apenas da história das paixões. Nada se iguala ao prazer que provo em fazer correr o sangue dela... sinto-me embriagado quando ele escorre; nunca gozei com essa mulher de outra maneira. Faz três anos que nos casamos e que ela sofre, exatamente a cada quatro dias, o tratamento que provaste. Sua grande juventude (ela ainda não completou vinte anos), os cuidados especiais que temos com ela, tudo isso a favorece; e como tudo nela é reparado em razão do que foi forçada a perder, ela se porta muito bem desde então. Com

uma sujeição dessa, deves imaginar que não posso deixá-la sair, nem permitir que encontre alguém. Então faço com que passe por louca, e como sua mãe, que é o único parente que lhe resta, mora em seu castelo há seis léguas daqui e está convencida disso, ela nem sequer se atreve a vir visitá-la. A condessa frequentemente implora sua graça, não há nada que deixe de fazer para me sensibilizar; mas ela nunca vai conseguir. Minha luxúria ditou sua sentença, invariável, e ela vai continuar desse modo o quanto suportar: nada vai lhe faltar durante a vida e, como eu adoro levá-la à exaustão, irei mantê-la o máximo de tempo possível; quando finalmente ela não puder mais suportar, melhor ainda! É a minha quarta mulher; logo, terei uma quinta, e nada me preocupa menos do que o destino de uma mulher; existem tantas no mundo, e é tão bom substituí-las!

“Não importa o que aconteça, Thérèse, tua função é cuidar dela: ela perde regularmente duas pipetas de sangue a cada quatro dias e agora ela não desmaia mais; o hábito empresta-lhe forças, seu esgotamento dura vinte e quatro horas, e ela fica bem durante os outros três dias. Não é difícil compreender que essa vida a desagrade; não há nada que ela deixe de fazer para se salvar, nada que não empreenda para informar sua mãe sobre seu verdadeiro estado. Ela já seduziu duas de suas mulheres, cujas manobras foram descobertas a tempo suficiente para interromper o êxito da ação: ela foi a causa da perda dessas duas infelizes, hoje ela se arrepende e reconhece a inflexibilidade de sua sorte, se resigna e promete não mais tentar seduzir as pessoas que ponho à sua volta. Mas esse segredo, o que acontece se alguém me trair, tudo isso, Thérèse, faz com que eu deixe perto dela apenas pessoas bem-criadas como tu, para assim evitar perseguições. Se fores pega conversando com qualquer pessoa, ou dando informações sobre ti a quem quer que seja, eu mesmo irei te punir, se mereceres, e de modo que, ainda que te recupere durante o dia, não consigas, no entanto, nem atrair suspeitas sobre mim, nem qualquer tipo de maus negócios. Quando isso acontecer, não pertencerás mais a este mundo, porque podes desaparecer ao mais leve ato da minha vontade: vê, minha criança, tal é tua sorte: feliz se te comportares bem, morta se tentares me trair. Em outra ocasião, eu te pediria uma resposta, mas não tenho nenhuma necessidade dela na situação em que te encontras; tu és minha, tens que me obedecer, Thérèse... Vamos ver minha mulher.”

Sem ter o que responder a um discurso tão preciso, sigo meu amo.

Atravessamos uma longa galeria, tão escura, tão solitária quanto o resto daquele castelo; uma porta se abre, entramos em uma antecâmara onde reconheço as duas velhas que me ajudaram durante meu desmaio. Elas se levantaram e nos introduziram em um apartamento soberbo, onde encontramos a infeliz condessa bordando a mão sobre uma espreguiçadeira; ela se levanta ao avistar o marido:

— Sentai — disse-lhe o conde —, eu permito que senteis para me escutar. Eis, enfim, uma criada que encontrei para vós, senhora — prosseguiu. — Espero que vos lembre do destino que fizestes as outras provarem para que não tenteis mergulhar esta nos mesmos infortúnios.

— Isso seria inútil — digo então, cheia de vontade de servir aquela infortunada e querendo disfarçar minhas intenções. — Sim, senhora, atrevo-me a confirmar à vossa frente que isso seria inútil, não me direis uma palavra sem que o senhor vosso marido não saiba imediatamente e, com certeza, eu não arriscaria minha vida para vos servir.

— Não farei nada que possa deixar-te nessa situação, senhorita — disse aquela pobre mulher, que ainda não compreendia os motivos que me levavam a falar daquele modo. — Fica tranquila: eu não pedirei nada além de teus cuidados.

— Eles serão todos para vós, senhora — respondi —, mas não peçais nada além disso.

E o conde, encantado comigo, aperta-me a mão e diz-me ao ouvido:

— Muito bem, Thérèse, tua fortuna está feita se te comportares como dizes.

Em seguida, o conde mostrou-me meu quarto, contíguo ao da condessa, e fez-me observar que o conjunto daquele apartamento, fechado por excelentes portas e cercado por grades em todas as aberturas, não deixava nenhuma esperança de fuga.

— Tens aqui também um terraço — prosseguiu o sr. de Gernande, levando-me a um pequeno jardim que se encontrava ao mesmo nível daquele apartamento —, mas sua altura não encoraja a calcular o tamanho das paredes; a condessa pode vir respirar o frescor quantas vezes quiser, farás companhia a ela... Adeus.

Volto para perto de minha ama, e como nos examinássemos sem nada dizer, eu a registrei muito bem nesse primeiro instante para poder descrevê-la.

A sra. de Gernande, de dezenove anos e meio, tinha a mais bela e

majestosa silhueta possível de se encontrar; não havia um gesto, um movimento seu, que não tivesse graça, não havia um olhar seu que não exprimisse um sentimento. Seus olhos eram do mais belo negro: mesmo que ela fosse loira, nada se igualava à expressão dos olhos; mas um tipo de langor, consequente de seus infortúnios, suavizava o brilho, deixando-os mil vezes mais interessantes; ela tinha a pele muito branca e os mais lindos cabelos, a boca talvez demasiado pequena, e fiquei um pouco surpresa em encontrar esse defeito nela: era uma linda rosa que não desabrochava o suficiente, mas seus dentes eram de um frescor... Os lábios de um escarlata... poder-se-ia dizer que o Amor a coloriu com tintas emprestadas da deusa das flores. Seu nariz era aquilino, estreito, fino no alto e coroado por duas sobrancelhas de ébano; o queixo perfeitamente bonito; um rosto, em uma palavra, do mais belo oval, no conjunto do qual reinava um tipo de amabilidade, de inocência, de candura, que tornavam mais fácil tomar essa figura de encantamento por um anjo do que pela fisionomia de uma mortal. Seus braços, seus seios, suas nádegas, eram de um esplendor... de uma curvatura, feitos para servir de modelo aos artistas; uma espuma leve e escura cobria o templo de Vênus, sustentado por duas coxas modeladas; e o que me espantou, apesar da leveza da silhueta da condessa, apesar de seus infortúnios, era que nada alterava sua opulência: suas nádegas roliças e rechonchudas eram tão carnudas, tão gordas, tão firmes como se sua silhueta nada tivesse sofrido e como se ela sempre tivesse vivido no seio da felicidade. Havia, no entanto, em tudo isso, vestígios atrozes da libertinagem de seu esposo, mas, repito, nada estava alterado... a imagem de um belo lis onde uma abelha deixara algumas manchas. A tantos dons, a sra. de Gernande acrescentava um caráter doce, um espírito romanesco e tenro, um coração de uma sensibilidade!... Instruída, com talentos... uma arte natural para a sedução, contra a qual apenas seu infame esposo podia resistir, um timbre de voz charmoso e cheio de piedade. Eis a infeliz esposa do conde de Gernande, eis a criatura angélica contra a qual ele havia conspirado; parecia que quanto mais ela inspirasse sentimentos, mais inflamava sua ferocidade, e que a afluência dos dons que ela recebera da natureza não passaria de motivos a mais para as crueldades daquele celerado.

— Quando fostes sangrada, senhora? — perguntei-lhe, para mostrar que estava a par de tudo.

— Faz três dias — disse-me — e vai ser amanhã... — Depois, com um suspiro: — Sim, amanhã... senhorita, amanhã... serás testemunha dessa bela cena.

— E a senhora não estais se sentindo muito fraca?

— Ó justo céu! Não tenho nem vinte anos e estou certa de que nem aos setenta se pode estar mais fraca. Mas isso vai acabar, estou feliz por isso; é completamente impossível que eu viva por muito tempo assim: encontrarei meu pai. Irei procurar nos braços do Ser Supremo um repouso que os homens tão cruelmente me recusaram neste mundo.

Tais palavras partiram meu coração; querendo manter minha personagem, disfarcei meu embaraço, mas prometi para mim mesma que, desde então, seria preferível perder a vida, se fosse preciso, do que deixar no infortúnio aquela vítima infeliz da depravação de um monstro.

Estava na hora do jantar da condessa. As duas velhas vieram me avisar para levá-la ao seu gabinete; eu a avisei; como ela estava acostumada a tudo isso, saiu prontamente e as duas velhas, auxiliadas pelos dois criados que me haviam detido, serviram um suntuoso jantar em uma mesa onde meus talheres foram colocados em frente aos de minha ama. Os criados se retiraram e as duas velhas me preveniram que não deixariam a antecâmara a fim de estarem de prontidão para receber as ordens da senhora, caso ela viesse a desejar algo. Avisei a condessa, ela se sentou e me convidou a fazer o mesmo com um ar amigável e meigo que acabou de conquistar minha alma. Havia pelo menos uns vinte tipos de pratos sobre a mesa.

— No que diz respeito a esta parte, podes perceber que cuidam de mim, senhorita — disse-me.

— Sim, senhora — respondi —, e sei que a vontade do senhor conde é de que nada vos falte.

— Ó! Sim, mas como os motivos dessas atenções não passam de crueldades, elas pouco me tocam.

A sra. de Gernande, esgotada e extremamente solicitada pela natureza para as perpétuas reparações, come muito. Ela quis perdizes e um patinho de Rouen, que lhe foram imediatamente servidos. Após a refeição, ela foi tomar ar no terraço, mas dando-me a mão: era-lhe impossível dar dez passos sem esse apoio. Foi nesse momento que ela me mostrou todas as partes do seu corpo que acabo de vos descrever; ela me mostrou os braços, eles estavam cheios de cicatrizes.

— Ah! E não para por aqui — disse-me ela —, não existe um só lugar de minha infeliz pessoa em que ele não sinta prazer em ver escorrer o sangue.

E ela me fez ver seus pés, seu pescoço, a parte debaixo de seu seio e várias outras partes carnudas igualmente cobertas de cicatrizes. No primeiro dia, limitei-me a algumas queixas leves e nos deitamos.

O dia seguinte era o dia fatal para a condessa. O sr. de Gernande, que só dava início a essa operação ao sair do jantar, sempre feito antes do da mulher, pediu para eu me sentar à mesa junto dele: foi ali, senhora, que vi aquele ogro agir de uma maneira tão assustadora que tive dificuldade em acreditar, mesmo vendo com os meus próprios olhos,. Quatro empregados, dentre os quais os dois que me conduziram ao castelo, serviram aquela espantosa refeição. É preciso detalhá-la: irei descrevê-la sem exageros; certamente, não acrescentaram nada para me impressionar. Isso que vi acontecia todos os dias.

Serviram duas sopas, uma de massa com açafrão, e outra com purê de presunto; como prato principal uma alcatra à inglesa, oito tipos de aperitivos, cinco enormes entradas, cinco pratos mais leves, uma cabeça de javali entre os oito pratos de assados, que serviram antes de duas sobremesas, e dezesseis pratos de frutas; sorvetes, seis tipos de vinhos e quatro de licor, e café. O sr. de Gernande experimentou todos os pratos, alguns foram completamente devorados por ele; ele bebeu doze garrafas de vinho, quatro da Bourgogne, para começar; quatro de Champagne com os assados; o Tokaji, o Mulseau, o Hermitage e o Madeira foram tomados com frutas. Ele termina com duas garrafas de licor das Ilhas e dez xícaras de café.

O sr. de Gernande sai muito revigorado ao terminar o jantar, como se tivesse acabado de se levantar. Ele me diz:

— Vamos sangrar tua ama: peço-te que me digas se eu lido tão bem com ela quanto contigo.

Dois jovens rapazes que eu ainda não tinha visto, da mesma idade que os anteriores, nos esperavam na porta do apartamento da condessa: foi aí que o conde me contou que fazia doze anos que, a cada ano, eles eram substituídos. Aqueles me pareceram ainda mais belos do que todos os que eu vira anteriormente: eles eram menos aflitos do que os outros: nós entramos... Todas as cerimônias que vos detalharei aqui, senhora, eram exigidas pelo conde: elas podiam ser observadas exatamente todos os dias, e alteravam, no máximo, o local

dos sangramentos.

A condessa, simplesmente envolta em um vestido leve de musselina, ajoelhou assim que o conde entrou.

— Estais pronta? — perguntou-lhe o marido.

— Para qualquer coisa, senhor — respondeu ela humildemente: sabeis bem que sou vossa vítima e que só cabeis a vós dar as ordens.

Então o sr. de Gernande disse-me para despir sua mulher e em seguida conduzi-la. Não importa que tipo de repugnância eu experimentasse diante de todos esses horrores, como bem sabeis, senhora, eu só podia demonstrar minha resignação. Imploro-vos para que me vejais apenas como uma escrava a respeito de tudo isso que contei e ainda em tudo o que me resta dizer: eu só me prestava a isso porque não podia fazer de outra forma, mas eu não agia de boa vontade, não importa o que aquilo viria a ser.

Tirei então a bata de minha ama e a conduzi nua para perto de seu marido, que já estava sentado em uma grande poltrona: por causa da cerimônia, ela sobe nessa poltrona e vai espontaneamente lhe oferecer para que beije essa parte favorita que ele tanto celebrara em mim, e que parecia afetá-lo da mesma forma que a todos os outros seres e a todos os sexos.

— Abri para mim, senhora — disse-lhe brutalmente o conde...

E ele celebrou durante muito tempo o que desejava ver, pondo-o sucessivamente em diferentes posições. Ele abria, fechava; com a ponta do dedo ou da língua, fazia cócegas no estreito orifício; e, logo em seguida, conduzido pela ferocidade de suas paixões, pinçava uma quantidade de carne, comprimindo-a e arranhando-a. À medida que a leve ferida se abria, sua boca se dirigia imediatamente até ela. Durante essas preliminares tão cruéis, eu segurava sua vítima infeliz e os dois jovens rapazes despidos se revezavam a seu lado; de joelhos, eles se alternavam entre suas pernas, servindo-se de suas bocas para excitá-lo. Foi então que vi, não sem uma espantosa surpresa, que esse gigante, essa espécie de monstro, de quem só o aspecto já assustava, mal chegava a ser um homem: a mais fina, a mais leve protuberância de carne, ou, para que a comparação seja mais precisa, isso que se vê em uma criança de três anos, era o máximo o que se percebia naquele indivíduo tão grande e, além disso, tão grandemente encorpado; mas suas sensações não eram menos vivas por isso, e cada vibração de prazer resultava-lhe um ataque de espasmo. Após essa primeira sessão, ele se estirou sobre o sofá e quis que sua mulher, montada a cavalo

sobre ele, mantivesse as nádegas sobre seu rosto, enquanto, com a boca, ela lhe oferecia, por meio da sucção, os mesmos serviços que ele acabava de receber dos jovens Ganimedes, que, com as mãos, estavam sendo excitados por ele, à sua esquerda e à sua direita; enquanto isso, minhas mãos trabalhavam em seu traseiro; eu fazia cócegas nele, eu o profanava em todas as direções. Essa atitude, empregada por mais de quinze minutos, ainda não surtia efeitos, então foi preciso mudá-la; por ordens de seu marido, estendi a condessa em uma espreguiçadeira, deitada de costas, com suas coxas bem abertas. Ao vê-la se abrir, o conde ficou com uma espécie de fúria; ele analisa... seus olhares soltam chamas, ele blasfema; lança-se como um furioso para cima de sua mulher, fura-a com seu bisturi em cinco ou seis lugares do corpo; mas seus ferimentos eram leves; mal saíam uma ou duas gotas de sangue. Essas primeiras crueldades acabaram, enfim, para dar lugar a outras. O conde se endireita, deixa a mulher respirar novamente e, ocupando-se de seus dois rapazinhos, obriga-os a se chuparem ao mesmo tempo, ou então ele os organizava de modo que, enquanto ele chupava um, o outro o chupava, e aquele que ele chupava voltava para sua boca, oferecendo o mesmo serviço àquele que ele havia chupado: o conde recebia muito, mas nada oferecia. Sua saciedade e sua impotência eram tão grandes que os maiores esforços não chegavam nem mesmo a lhe tirar de sua letargia: ele parecia sentir tremores muito violentos, mas nada se manifestava; algumas vezes ele me ordenava a chupar seus efegos e a levar, imediatamente, para sua boca o incenso que eu havia recolhido. Enfim, ele envia um após o outro à infeliz condessa. Esses jovens aproximam-se dela, insultam-na, chegam à insolência de lhe bater, inclusive esbofeteando-a, pois quanto mais eles a molestam, mais são elogiados, mais são encorajados pelo conde.

Gernande então ocupava-se de mim; eu estava à sua frente, minhas nádegas à altura do seu rosto, e ele prestava homenagem ao seu deus, mas de modo algum me molestava; eu não entendia por que ele havia deixado de castigar seus Ganimedes: ele queria apenas a condessa. Talvez a honra de lhe pertencer significava para ela um motivo para ser maltratada; talvez ele só se comovesse de fato com a crueldade em razão dos laços que emprestavam força aos ultrajes. Pode-se esperar de tudo de mentes como aquelas e quase sempre apostar que o que mais se assemelha ao crime será o que mais os deixará excitados. Ele nos coloca, enfim, seus rapazes e eu, ao lado de sua mulher,

misturados uns com os outros: aqui um homem, ali uma mulher, e todos os quatro lhe apresentam o traseiro; primeiro ele examina de frente, um pouco distanciado, em seguida se aproxima, toca, compara, acaricia; eu e os rapazes nada sofremos, mas cada vez que chega a sua mulher, ele a castiga, molestando-a de uma forma ou de outra. A cena ainda muda outra vez: ele põe a condessa de bruços em cima de um sofá, e, pegando cada um dos rapazes, um após o outro, ele mesmo os introduz no caminho estreito oferecido pela postura da sra. de Gernande: ele deixa que se aqueçam aí, mas é em sua boca que o sacrifício deve ser consumado; ele chupa ambos, à medida que saem dali. Enquanto um se movimenta, ele faz com que o outro o chupe e sua língua percorre o trono da volúpia que lhe apresenta o agente. Aquele ato é demorado, o conde se irrita, ele se levanta e quer que eu substitua a condessa; eu lhe rogo insistentemente para que não exija aquilo, é impossível. Ele põe sua mulher de bruços ao longo do sofá, faz-me colar sobre ela, as nádegas voltadas para ele, e, uma vez ali, ele ordena que seus rapazinhos me examinem o caminho protegido: sou apresentada a eles; e eles se introduzem apenas guiados por suas mãos; é preciso então que eu excite a condessa com meus dedos e que eu a beije na boca. Para ele, sua oferenda é a mesma; como cada um de seus rapazinhos só pode agir mostrando-lhe um dos mais doces objetos de seu culto, ele se aproveita deles o máximo que pode, e, assim como a condessa, aquele que me penetra, depois de algumas idas e vindas, deve fazer escorrer em sua boca o incenso aceso por mim. Quando os jovens terminam, ele se cola em minhas nádegas e parece querer substituí-los.

— Esses esforços são desnecessários! — grita ele. — Não é disso que eu preciso!... A propósito... Por mais deplorável que meu estado pareça... Eu não aguento mais... Vamos, condessa, dai-me os braços!

Ele a segura com ferocidade, posiciona-a como havia feito comigo, seus braços presos no assoalho por duas fitas escuras: fico encarregada de amarrá-la; ele analisa as ligaduras: achando que elas não estão bem presas, aperta-as, com a intenção, segundo ele, de que o sangue saia com mais força; ele tateia as veias, e fura ambas ao mesmo tempo. O sangue jorra bem longe: ele vai ao êxtase; e, voltando a se postar diante dela enquanto escorrem essas duas fontes, ele me põe de joelhos entre suas pernas, para chupá-lo; fez o mesmo com cada um de seus efebos, alternadamente, sem tirar os olhos dos jatos de sangue que o inflamam. Quanto a mim, certa de que o instante da crise que

ele espera será a interrupção de todos os tormentos da condessa, empenho todos os meus esforços para determinar essa crise e me torno, como podeis ver, senhora, vadia por caridade e libertina por virtude. O desfecho tão esperado finalmente se consuma, e dele eu não conhecia nem os perigos, nem a violência; a última vez que isso aconteceu, eu estava desacordada... Ó senhora, que perdição! Gernande estava há quase dez minutos delirando, debatia-se como um homem que cai, epilético, soltando gritos que poderiam ser ouvidos a uma légua de distância; seus juramentos eram demasiados e, batendo em tudo o que estava ao seu redor, ele fazia esforços assustadores. Os dois rapazinhos caem bruscamente; ele quer avançar para cima de sua mulher, mas eu o contenho; acabo de lhe chupar: a necessidade que ele tem de mim faz com que me respeite; finalmente, faço-o voltar à razão, liberando-o desse fluido abrasador, cujo calor, densidade e, sobretudo, abundância, deixam-no em tal estado de frenesi que pensei que ele fosse morrer; sete ou oito colheres não teriam sequer comportado a dose e o mais espesso ensopado não serviria para descrever sua consistência; além disso, mais nenhuma ereção e a própria aparência de esgotamento: eis aí as contrariedades que explicarão melhor que eu as pessoas desse tipo de arte. O conde comia excessivamente e só eliminava isso a cada vez que sangrava a esposa, ou seja, a cada quatro dias. Seria essa a causa do fenômeno? Ignoro a resposta para isso, e como não me atrevia a dar razão ao que não ouço, irei me contentar em dizer o que vi.

Ainda assim, corro para ajudar a condessa, estanco seu sangue, desamarro-a e a coloco no sofá em um grande estado de fraqueza; mas o conde, sem se preocupar com isso, sem se permitir nem mesmo lançar um olhar sobre aquela vítima infeliz de sua raiva, sai bruscamente com seus rapazinhos, deixando-me pôr tudo em ordem, como eu bem entendesse. Tal é a fatal indiferença que mais caracteriza a alma de um verdadeiro libertino: não seria ele levado somente pela impetuosidade das paixões? O remorso estará estampado em seu rosto, quando ele perceber, em um estado mais calmo, os funestos efeitos do delírio; sua alma, totalmente corrompida pelas sequências dos acontecimentos, não mais o amedrontará; ele os observará sem dó e sem arrependimento, talvez com alguma emoção, as infames volúpias que as provocaram.

Pus a sra. de Gernande para dormir. Segundo o que ela me dissera, perdera mais sangue do que o habitual; mas foram tantos os cuidados,

tantas foram as refeições gastas com ela que nada transpareceu no dia seguinte. Na mesma noite, já que eu não tinha mais nada para fazer ao lado da condessa, Gernande pediu-me para ir conversar com ele. O conde estava jantando; era eu quem deveria servir aquele jantar, preparado para ele com ainda muito mais intemperança do que o almoço; quatro de seus rapazinhos colocavam-se à mesa com ele, e ali, sistematicamente todas as noites, o libertino bebia até a embriaguez: mais de vinte garrafas dos mais excelentes vinhos não eram suficientes para satisfazê-lo, e o vi, com certa frequência, esvaziar trinta delas. Sustentado por seus rapazinhos, o devasso ia em seguida se deitar toda noite com dois deles. Mas ele não se empenhava nessas ocasiões, e tudo aquilo não passava de meios que o dispunham para a grande cena.

No entanto, eu encontrara o segredo de me apresentar da melhor forma possível ao espírito daquele homem: ele confessou espontaneamente que poucas mulheres tinham-no agradado tanto. Adquiri assim os direitos de sua confiança, que só aproveitava para servir minha ama.

Em uma manhã em que Gernande me chamara em seu gabinete para me inteirar de novos projetos de libertinagem, depois de tê-lo muito escutado, muito aplaudido, eu quis, percebendo que ele estava bastante calmo, tentar comovê-lo sobre o destino de sua infeliz esposa:

— Como é possível, senhor — perguntei-lhe —, que possais tratar uma mulher dessa maneira, independente de todos os laços que ela tem convosco? Pensai então nas graças relativas ao sexo dela.

— Ó! Thèrese! Se pensarmos bem — respondeu-me o conde —, como é possível provocar-me por motivos da calma, aqueles que mais me irritam? Escuta-me, minha filha — prosseguiu ele, pedindo-me para sentar ao seu lado —, e quaisquer que sejam as injúrias que vais escutar-me proferir contra teu sexo, não deves perder o controle; eu me renderia às explicações, se elas fossem boas.

“Eu te pergunto, Thérèse, com que direito acreditas que um marido deve ser obrigado a fazer a felicidade de sua mulher? E que motivos ousa alegar essa mulher para exigir isso de seu marido? A necessidade de se satisfazerem um ao outro só pode existir legalmente entre dois seres igualmente dotados da faculdade de se prejudicar e, por consequência, entre dois seres de uma mesma força. Uma associação como essa só poderia acontecer quando se estabelece imediatamente um pacto entre esses dois seres para que um, diante do outro, não

empregue suas forças de moo a prejudicar um dos dois; mas essa ridícula convenção não poderia de fato existir entre o forte e o fraco. Com que direito este último poderia exigir que o outro o poupasse? E por que tipo de imbecilidade o primeiro se comprometeria com essa proposta? Posso consentir em não usar minhas forças com aquele que pode fazer me intimidar com as suas; mas por que motivo eu suavizaria os efeitos com o ser que a natureza me sujeitou? Responde-me: por piedade? Esse sentimento só é compatível com o ser a mim que se assemelha, e, como ele é egoísta, seu efeito só pode ocorrer nas condições tácitas que o indivíduo que me inspirar a comiseração a terá do mesmo modo a meu respeito: mas se a dirijo constantemente a ele por meio de minha superioridade, sua comiseração me será inútil, assim, eu nunca devo, para possuí-lo, consentir com qualquer sacrifício. Não seria eu um idiota se tivesse piedade do frango que é degolado para o meu jantar? Esse indivíduo bem inferior a mim, privado de qualquer relação comigo, nunca irá me inspirar nenhum tipo de sentimento. Ora, as relações da esposa com seu marido envolvem consequências muito diferentes do que a do frango em relação a mim; um e outro são animais domésticos de casa dos quais é preciso se servir, que devem ser empregados de acordo com o uso indicado pela natureza, sem diferenciá-los no que quer que seja. Mas, eu me pergunto: se a intenção da natureza era a de que teu sexo fosse criado para a alegria do nosso, e vice-versa, teria ela, essa natureza cega, feito tantas bobagens na construção tanto de um quanto do outro? Não teria ela cometido enganos tão graves que o distanciamento e a mútua antipatia não devessem infalivelmente resultar disso? Sem precisar buscar exemplos alhures, com a organização que sabes que tenho, responde-me, por favor, Thérèse, qual é a mulher que eu poderia tornar feliz e, do modo inverso, que homem poderia achar doce o gozo de uma mulher quando ele não for dotado das tão gigantescas proporções necessárias para contentá-la? Para ti, seriam as qualidades morais que compensam os defeitos físicos? E, conhecendo profundamente uma mulher, qual é o ser dotado de razão que não teria gritado com Eurípedes: ‘O deus que colocou a mulher no mundo pode se vangloriar por ter produzido a pior de todas as criaturas e a mais entediante para o homem?’ Se está provado que os dois sexos absolutamente não se combinam mutuamente, e que não é uma reclamação feita por um que será imediatamente conveniente ao outro, então, seria falso, a partir desse

momento, que a natureza os tenha criado para a sua recíproca felicidade. Ela pode ter lhes permitido o desejo de aproximarem-se para competir com o objetivo da propagação, mas nunca com o objetivo de se unirem com a intenção de encontrar suas felicidades um no outro. O mais fraco, então sem qualquer motivo para reclamar, a fim de obter a piedade do mais forte, não podendo mais discordar que sua felicidade pode ser encontrada nele, não tem outra escolha senão a submissão; mas, apesar da dificuldade dessa felicidade mútua, está nos indivíduos de ambos os sexos a obrigação de seguir buscando-a, o mais fraco deve reunir em si, por meio da submissão, a única dose de felicidade possível de ser recolhida, e o mais forte deve trabalhar pela sua, por meio do caminho da opressão que dará prazer ou empregá-la, porque está provado que a única felicidade da força está no exercício das faculdades do forte, quer dizer, na mais completa opressão. Assim, essa felicidade que os dois sexos não podem encontrar um no outro, eles a encontrarão, um por sua obediência cega, o outro pela mais completa energia de sua dominação. Pois bem! Se não fosse intenção da natureza que um dos sexos tiranizasse o outro, ela não os teria criado com uma força igual? Tornando um inferior ao outro em todos os aspectos, ela não estaria indicando que sua vontade era que o mais forte usasse os direitos que ela lhe dava? Quanto mais ele expandir sua autoridade, mais deixa infeliz, por meio disso, a mulher presa ao seu destino, e melhor cumpre os objetivos da natureza. Não é pelas queixas do mais fraco que se deve julgar o procedimento; julgamentos assim só poderiam ser viciosos, porque, ao fazê-los, só se lhes atribui as ideias do fraco: é preciso julgar a ação a partir da potência do forte, a partir do alcance que ele deu a sua potência, e quando os efeitos dessa força se propagam em uma mulher, deve-se examinar então o que é uma mulher, a maneira como esse sexo desprezível foi visto, seja na Antiguidade, seja em nossos dias, pelos três quartos da população da terra.

“Ora, o que eu vejo ao proceder o exame a sangue-frio? Uma criatura frágil, sempre inferior ao homem, infinitamente menos bela do que ele, menos engenhosa, menos sábia, constituída de modo repugnante, completamente contrário ao que pode agradar o homem, àquilo que deve deleitá-lo... um ser malsão durante três quartos de sua vida, incapaz de satisfazer seu esposo durante o tempo em que a natureza a compele à gravidez, com um humor amargo, ranzinza, autoritário; tirano, se lhe são permitidos seus direitos, vil e submisso

se forem cativados; mas sempre falso, sempre malvado, sempre perigoso; uma criatura tão perversa, enfim, que foi seriamente perturbada no Concílio de Mâcon, durante diversas sessões, se esse indivíduo bizarro tão diferente do homem, como é o homem em relação ao macaco das florestas, poderia aspirar ao título de criatura humana, e se seria possível conceder-lhe sensatamente. Mas seria esse um erro do século e a mulher seria vista melhor por aqueles que nos precederam? Os persas, os medas, os babilônicos, os gregos, os romanos teriam honrado esse sexo odioso que hoje nós ousamos idolatrar? Ai de mim! Eu o vejo oprimido por todo lado, por todo lado rigorosamente afastado dos negócios, por todo lado desprezado, aviltado, confinado; as mulheres, em uma palavra, por todo lado tratadas como animais dos quais nos servimos no instante da necessidade, e que logo são trancadas no calabouço. Detenho-me por um momento em Roma, ouço Catão, o sábio, dizer-me do auge da antiga capital do mundo: ‘Se os homens não tivessem as mulheres, eles ainda conversariam com os deuses’. Ouço um censor romano começar sua arenga nos seguintes termos: ‘Senhores, se nos fosse possível viver sem mulher, nós então conheceríamos a verdadeira alegria’. Ouço os poetas cantarem nos teatros da Grécia: ‘Ó Júpiter! Por que razão vos obrigaram a criar as mulheres? Não poderíeis dar o ser aos humanos por vias melhores e mais sábias, por meios, em uma palavra, que nos tivessem evitado o flagelo das mulheres?’ Vejo esses mesmos povos, os gregos, considerar esse sexo com tanto desprezo que é preciso ter leis para obrigar um espartano à propagação, e que um dos castigos desses sábios republicanos é obrigar um malfeitor a se vestir de mulher, ou seja, vestir-se como o ser mais vil e mais desprezível que eles conhecem.

“Mas sem buscar exemplos nos séculos tão distantes de nós, com que olhos esse sexo infeliz ainda é visto no resto da superfície do planeta? Como ele é tratado aí? Vejo-o encerrado em toda a Ásia, servindo de escravo aos caprichos bárbaros de um déspota que o molesta, que o tormenta e faz de suas dores um jogo. Na América, vejo povos naturalmente humanos, os esquimós, praticar entre homens todos os atos possíveis de caridade e tratar as mulheres com toda a dureza possível de se imaginar; vejo-as humilhadas, prostituídas aos estrangeiros de uma parte do universo, servindo de moeda em outra. Na África, sem dúvida bem mais degradadas, vejo-as exercendo a função de animais de carga, trabalhando na terra, semeando-a e só

servindo seus maridos ajoelhadas. Seguirei o capitão Cook em suas novas descobertas? A encantadora ilha do Haiti, onde a gravidez é um crime que algumas vezes vale a morte da mãe, e quase sempre a da criança, tem mulheres mais felizes a me oferecer? Em outras ilhas descobertas por esse mesmo marinheiro, vejo-as abatidas, humilhadas pelos próprios filhos, e o próprio marido junta-se à sua família para atormentar-lhes com mais rigor.

“Ó Thérèse! Não te assustes com tudo isso, não te surpreendes ainda mais com o direito geral que exerceram, em todos os tempos, os esposos sobre suas mulheres: quanto mais os povos se aproximam da natureza, melhor eles seguem suas leis; a mulher não pode ter com o seu marido outras relações senão aquela da escrava com seu senhor; certamente, ela não tem nenhum direito para almejar títulos mais altos. Não se deve confundir com direitos os abusos ridículos que, degradando o nosso sexo, elevaram por um instante o teu: é preciso buscar a causa desses abusos, dizê-la, e voltar constantemente aos sábios conselhos da razão. Ora, ei-la aqui, Thérèse, essa causa do respeito momentâneo que outrora conquistou teu sexo, e que ainda hoje abusa, sem que aqueles que prolongam esse respeito tenham ideia disso.

“O outrora na Gália, ou seja, na única parte do mundo que não tratava totalmente as mulheres como escravas, elas tinham o costume de profetizar, de ler o futuro: o povo pensava que elas só conseguiam esse vício em razão do comércio íntimo que, sem dúvida, praticavam com os deuses; a partir daí elas foram, por assim dizer, associadas ao sacerdócio e gozaram de uma parte da consideração relativa aos padres. A Cavalaria estabeleceu-se na França sob esses preconceitos e, encontrando-os favoráveis à sua conduta, adota-os; mas não era sempre assim: as causas se extinguiram e os efeitos se conservaram; a Cavalaria desapareceu, e os preconceitos que ela havia nutrido cresceram. Esse antigo respeito acordado por títulos quiméricos não pôde nem mesmo se dizimar quando se dissipou o que instituíra os títulos: deixaram de respeitar as bruxas, e passaram a venerar as vadias, e, o que foi pior, continuaram a enforcar por elas. Que tais banalidades deixem de influenciar o espírito dos filósofos e, devolvendo as mulheres para seus verdadeiros lugares, que eles só a vejam assim como indica a natureza, assim como admitem os povos mais sábios, os indivíduos criados para seus prazeres, submissos aos seus caprichos, cujas fraqueza e maldade só devem merecer deles o

desprezo.

“Mas não para aí, Thérèse, todos os povos da terra gozaram dos mais vastos direitos sobre suas mulheres, houve até mesmo aqueles que as condenaram à morte assim que elas chegavam ao mundo, conservando apenas um pequeno número necessário para a reprodução da espécie. Os árabes, conhecidos pelo nome de coraixitas, enterravam suas filhas a partir da idade de sete anos em uma montanha ao lado da Meca, porque um sexo tão vil lhes parecia, segundo eles, indigno de ter nascido. No harém do rei de Achém, diante de qualquer sombra de infidelidade, da mais leve desobediência nos serviços de voluptuosidade do príncipe, ou tão logo que elas lhes inspirasse o desgosto, os mais assustadores suplícios lhe serviam no momento de punição. Às margens do Ganges, elas são obrigadas a se sacrificarem sobre as cinzas de seus esposos, por serem inúteis ao mundo, a partir do momento que seus senhores não podem mais gozar delas. Em outros lugares são caçadas como animais selvagens, é uma honra matar várias; no Egito, sacrificam-nas aos deuses; em Formosa, são pisoteadas, caso engravidem. As leis germânicas condenavam a apenas dez escudos de multa aquele que matava uma mulher estrangeira, e a nada se fosse sua própria mulher ou uma cortesã. Por todos os lados, resumindo, repito, por todos os lados vejo mulheres humilhadas, molestadas, por todos os lados, sacrificadas pela superstição dos padres, pela barbárie dos esposos ou pelos caprichos dos libertinos. E porque tenho a infelicidade de viver em um povo ainda tão rude que não ousa abolir o mais ridículo dos preconceitos, eu me privaria dos direitos que a natureza assegura sobre esse sexo?! Renunciaria a todos os prazeres que nascem desses direitos?!... Não, não, Thérèse, isso não é justo: eu violaria minha conduta, porque é preciso, mas me repararia em silêncio, no retiro onde me exilo, as cadeias absurdas em que a legislação me condena, e, aí, tratarei minha mulher como encontro em todos os códigos do universo, no meu coração e na natureza.”

— Ó senhor — disse-lhe —, vossa conversa é impossível.

— Também não te aconselho a tentar me convencer, Thérèse — respondeu-me Gernande. — A árvore é muito velha para ser dobrada; em minha idade, pode-se dar alguns passos na carreira do mal, mas nenhum em direção à carreira do bem. Meus princípios e meus gostos garantiram minha alegria desde minha infância, eles sempre foram a única base da minha conduta e das minhas ações: talvez eu vá um

pouco mais longe, sinto que isso é possível, mas, para voltar, não; tenho muito horror aos preconceitos dos homens, detesto o suficiente a sua civilização, suas virtudes e seus deuses, para nunca sacrificar aí minhas preferências.

A partir desse momento, percebi muito bem que eu não tinha mais nenhum outro partido a tomar, seja para sair dessa casa, seja para liberar a condessa, senão me valer de artifícios e me contentar com eles.

Fazia um ano que estava em sua casa, e eu a havia deixado ler demasiado o meu coração para que ela não se convencesse do desejo que eu tinha em servi-la, e para que não adivinhasse o que me fizera a princípio agir de outra forma. Expus-me ainda mais, e ela confiou em mim: colocamo-nos de acordo em nossos planos. Tratava-se de informar sua mãe, abrir-lhe os olhos sobre as infâmias do conde. A sra. de Gernande não duvidava que aquela infeliz senhora não hesitaria em imediatamente quebrar os grilhões da filha; mas como conseguir isso? Estávamos tão bem aprisionadas e vigiadas! Acostumada a transpor muros, eu media com os olhos aqueles da varanda: eles mal tinham trinta pés; nenhum cercado se mostrou a meus olhos; penso que, uma vez embaixo dessas muralhas, encontraria os caminhos da floresta; mas a condessa, que chegara à noite naquele apartamento e nunca saíra dele, não pôde corrigir meus pensamentos. Consentí em tentar a escalada. A sra. de Gernande escreveu para sua mãe a melhor carta do mundo para comovê-la e deixá-la determinada a vir socorrer uma garota tão infeliz; enfiei a carta em meus seios, beijei aquela mulher querida e interessante, e depois, com a ajuda de nossos lençóis, a partir do momento em que caísse a noite, deslizaria para a parte debaixo daquela fortaleza. O que iria acontecer comigo, ó céus! Logo percebi o quanto faltava para me livrar daquele recinto! Eu ainda estava no parque, um parque cercado de muros dos quais a vista me foram furtadas pela espessura das árvores e pela quantidade delas: esses muros tinham mais de quarenta pés de altura e era todo guarnecido de pedaços de vidro no alto... O que iria acontecer comigo? O dia estava prestes a nascer: o que pensariam de mim ao me encontrarem em um lugar onde eu só poderia estar com o projeto certo de uma fuga? Como poderia evitar a fúria do conde? Qual a chance daquele ogro não beber do meu sangue para me punir por tal erro? Voltar era impossível, a condessa havia retirado os lençóis; bater à porta, certamente seria trair-se ainda mais: pouco faltava para que

eu não enlouquecesse por completo e cedesse violentamente aos efeitos do meu desespero. Se tivesse reconhecido alguma piedade na alma do conde, talvez a esperança tivesse se apossado de mim por um momento, mas um tirano, um bárbaro, um homem que detestava as mulheres e que, segundo ele, procurava havia muito tempo a ocasião para sacrificar uma, fazendo-lhe perder seu sangue, gota a gota, para ver quantas horas ela poderia viver assim... Eu incontestavelmente serviria para a prova. Sem saber o que iria acontecer, encontrando perigos por todos os lados, atirei-me aos pés de uma árvore, decidida a esperar o meu destino, e resignando-me em silêncio às vontades do Eterno... Finalmente amanheceu: justo céu! O primeiro objeto que se apresenta para mim... é o próprio conde: havia feito um calor horrível durante a noite, ele saíra para tomar um ar. Acreditando estar enganado, ele pensou ter visto um espectro, e recua: raramente a sorte é a virtude dos traidores. Levanto-me tremendo, precipito-me aos seus joelhos.

— Que fazes aqui, Thérèse? — pergunta-me.

— Ó senhor, podeis punir a mim — respondi —, sou culpada e não há nada a dizer.

Infelizmente, como estava apavorada, eu havia esquecido de rasgar a carta da condessa: ele desconfia da existência dela e pede para eu lhe entregar, quero recusar; mas Gernande, vendo essa carta fatal saindo pelo xale que tinha no pescoço, pega-a, devora-a e ordena que eu o siga.

Voltamos ao castelo por uma escada recuada que dava para as arcadas; o maior silêncio ainda reinava ali; após algumas voltas, o conde abre um calabouço e me atira lá dentro.

— Menina imprudente — diz-me então —, eu havia te prevenido que aqui o crime que acabas de cometer seria punido com a morte: prepara-te então para sofrer o castigo ao que acaba de te expor. Amanhã, ao sair da mesa, virei te liquidar.

Precipito-me novamente a seus pés, mas, puxando-me pelos cabelos, ele me arrasta pelo chão, obrigando-me, desse modo, a dar duas ou três voltas em minha prisão; por fim, ele me atira contra as paredes, quase me despedaçando ali.

— Merecias que eu te abrisse agora as quatro veias — diz ele, fechando a porta —, e se estou prorrogando teu suplício, é só para torná-lo ainda mais terrível.

Ele está lá fora, e eu na mais violenta agitação. Não irei vos

descrever a noite que tive; os tormentos da imaginação, somados aos males físicos que as primeiras crueldades daquele monstro acabavam de me fazer experimentar, tornaram aquela noite uma das mais terríveis de minha vida. Ninguém poderia imaginar as angústias de um infortunado que aguarda a qualquer momento seu suplício, a quem a esperança foi roubada e que não sabe se o minuto em que respira será o último de seus dias. Incerto quanto a seu suplício, imagina-o de mil formas, uma mais terrível que a outra; o menor barulho que escuta parece ser o de seus carrascos; seu sangue para de correr nas veias, seu coração paralisa e a lâmina que vai pôr fim a seus dias é menos cruel do que esses funestos instantes em que a morte o ameaça.

É provável que o conde tenha começado a se vingar por sua mulher; o fato que me salvou irá vos convencer disso, do mesmo modo como me convenceu: fazia trinta e seis horas que eu vivia a crise que acabo de vos descrever, sem que me tivessem trazido qualquer ajuda, quando minha porta abriu e o conde apareceu; ele estava sozinho, e a fúria reluzia em seus olhos.

— Conheces muito bem — diz-me — o tipo de morte à qual serás submetida; esse sangue perverso deve escorrer até a última gota: serás sangrada três vezes por dia, quero ver quanto tempo é capaz de viver dessa forma. É um experimento que desejo fazer, sabes disso, e agradeço por proporcionar os meios para que ele aconteça.

E o monstro, que no momento não tinha preocupações outras senão a de sua vingança, fez-me estender um braço, furou-me, e colocou um curativo após duas pipetas de sangue. Ele acabava de fazer isso, quando se escutaram gritos.

— Senhor!... Senhor!... — disse-lhe, sobressaltada, uma das velhas que nos servia. — Vinde o mais rápido possível! A senhora está morrendo, ela quer falar-vos antes de entregar a alma a Deus.

E a velha volta correndo para perto de sua ama.

Por mais que alguém esteja acostumado ao crime, é muito raro que a notícia de sua consumação não assuste a pessoa que acaba de cometê-lo. Um terror como esse vinga a virtude: é nesse instante que seus direitos são recuperados. Gernande sai desvairado e esquece de fechar as portas. Aproveito a oportunidade, mesmo me sentindo enfraquecida por um jejum de mais de quarenta horas e uma sangria: atiro-me para fora do calabouço e, como encontro tudo aberto, atravesso os pátios e, sem que me percebam, chego a uma floresta. “Andemos”, digo para mim mesma, “andemos com coragem; se o forte

menospreza o fraco, existe um Deus poderoso que protege este, e que nunca o abandona.” Cheia desses pensamentos, avanço vigorosamente, e, antes que a noite caia, encontro-me em uma cabana a quatro léguas do castelo. Restava-me ainda um pouco de dinheiro e fiz o melhor que pude para me tratar: precisei apenas de algumas horas para me recompor. Parti ao raiar do dia; eu havia aprendido o caminho, renunciei a todas os ímpetus de queixas, fossem elas antigas ou recentes, e tomei a direção de Lyon, onde cheguei no oitavo dia, muito enfraquecida, muito doente, mas feliz por não ter sido seguida. Ali, eu só queria me recuperar antes de prosseguir em direção a Grenoble, onde estava certa de que a felicidade me aguardava.

Certo dia, em que por acaso olhava um jornal estrangeiro, qual foi minha surpresa ao reconhecer aí, mais uma vez, o crime coroado, ao ver que o principal autor de meus males havia atingido o ápice de sua carreira! Rodin, aquele cirurgião de Saint-Marcel, aquele infame que me punira tão cruelmente por eu ter tentado evitar a morte de sua filha, tinha pretensões, segundo o jornal, de ser nomeado o primeiro cirurgião da imperatriz da Rússia, com consideráveis recompensas. “Que ele se torne milionário”, disse a mim mesma, “que assim seja, se for essa a vontade da Providência! E tu deves sofrer, infortunada criatura, sofrer sem te queixar, porque está escrito que os sofrimentos e as dores devem ser o terrível quinhão da virtude: não importa, nunca irei me cansar dela.”

Mal havia concluído esses notáveis exemplos de triunfo do vício, exemplos tão desanimadores para a virtude e a prosperidade do personagem que eu então estava para encontrar iria aborrecer-me e surpreender-me ainda mais do que qualquer outra, sem dúvida porque vinha de um dos homens de quem eu recebera as mais cruéis ofensas. Estava ocupada apenas com minha partida, quando certa noite recebi um bilhete que me foi entregue por um lacaios vestido de cinza, completamente desconhecido por mim; ao entregá-lo, ele me disse que recebera de seu amo a ordem de obter, impreterivelmente, uma resposta de minha parte. Tais eram as palavras da carta:

Um homem que cometeu alguns enganos contigo, e que pensa ter te reconhecido na praça de Bellecour, não pode esperar mais para te encontrar e reparar sua conduta: apressa-te em vir encontrá-lo; ele tem coisas para te dizer e que talvez o absolvam de todas as dívidas que tem contigo.

O bilhete não estava assinado, e o lacaios não se explicava. Declarei-

lhe que estava decidida a não dizer nada se não soubesse quem era seu amo:

— É o sr. de Saint-Florent, senhorita — disse-me. — Ele teve a honra de vos conhecer outrora na região de Paris, e, segundo ele, oferecestes-lhe serviços pelos quais está ansioso por recompensar. Agora, como é um dos principais comerciantes desta cidade, ele goza ao mesmo tempo de uma consideração e de uma posição financeira que lhe permite provar-vos sua gratidão. Ele vos está esperando.

Refleti rapidamente sobre o assunto. Se aquele homem não tivesse boas intenções comigo — eu me perguntava —, será que me escreveria, será que pediria para que falassem comigo daquela forma? Pode ser que sente remorso por suas infâmias do passado, que se lembre com pavor de ter me tirado o que tenho de mais caro, e de ter me reduzido, pela sequência de seus horrores, ao estado mais cruel a que uma mulher pode chegar... Sim, sim, não duvidemos disso, são remorsos, eu me sentiria culpada diante do Ser Supremo caso não me prestasse a acalmá-los. Aliás, estaria eu em situação de recusar a ajuda que se apresentava? Não seria melhor que eu agarrasse rapidamente tudo o que se oferecesse para me consolar? É em sua própria casa que esse homem quer me encontrar; sua fortuna deve cercá-lo de pessoas pelas quais ele deve ser muito respeitado para ousar desapontar-me mais uma vez, e, no estado em que me encontro, ó bom Deus!, posso inspirar algo além da comiseração? Prometi então ao laçao de Saint-Florent que no dia seguinte, pelas onze horas, teria a honra de cumprimentar seu amo, que o cumprimentaria pelas bênçãos que ele recebera da Fortuna, já que nem de longe ela me tratara como a ele.

Voltei para minha casa, mas tão preocupada sobre o que aquele homem queria me dizer que não preguei o olho durante a noite. Finalmente, chego ao endereço indicado: uma casa esplendorosa, uma multidão de criados e os olhares humilhantes dessa gente rica e canalha para os infortunados que menospreza; tudo pesa sobre mim e estou prestes a me retirar quando o mesmo laçao que na véspera falara comigo abordou-me, conduzindo-me, tranquilizando-me, em direção a um aposento suntuoso onde posso perfeitamente reconhecer meu carrasco, embora ele aparentasse ser mais velho que seus quarenta e cinco anos, mesmo que tenham se passado nove anos sem que eu o tivesse visto. Ele não se levanta, mas ordena que nos deixassem a sós; com um gesto, fez-me um sinal para que me sentasse em uma cadeira ao lado de sua suntuosa poltrona.

— Eu quis te rever, minha querida — diz ele, com o tom humilhante da superioridade —, não que eu pense ter te causado um grande mal, não que uma lembrança incômoda obrigue-me a reparações além das quais acredito serem devidas; mas lembro-me de que no pouco tempo em que nos conhecemos deste provas de inteligência; é exatamente isso o que preciso para o que tenho a te propor, e, caso aceites, a necessidade que terei de ti fará com que eu encontre em minha fortuna os recursos que te são necessários, e com os quais não poderias contar sem minha ajuda.

Eu quis responder censurando-o pelo modo leviano desse início de conversa, mas Saint-Florent impôs-me silêncio.

— Deixemos de lado o que aconteceu — disse-me. — Trata-se da história das paixões e meus princípios levam-me a acreditar que nenhum freio deve pôr limite à impetuosidade; quando elas falam, é preciso servir-lhes, e essa é a minha lei. Quando fui apanhado pelos ladrões com que estavas, por acaso viste-me queixando sobre meu destino? Minha teoria é que se deve resignar e agir com habilidade quando se é o mais fraco e gozar com todos os seus direitos, quando se é o mais forte. Eras jovem e bela, Thérèse, nós a encontramos no fundo de uma floresta, não existe voluptuosidade no mundo que abraze tanto meus sentidos quanto a violação de uma moça virgem: tu o eras, e te violei; talvez eu tivesse feito pior se o que me propus a arriscar não obtivesse êxito e se me tivesses oferecido resistência. Mas eu te violei, deixei-te sem qualquer recurso no meio da noite, em uma estrada perigosa; dois motivos provocaram esse novo delito: eu precisava de dinheiro e não tinha; quanto à outra razão que me levou a fazer isso, seria inútil te explicar, Thérèse, não compreenderás. Somente os únicos seres que conhecem o coração do homem, que estudaram seus meandros, que decifraram os mais impenetráveis recantos desse obscuro dédalo, poderiam explicar-te esse tipo de desvario.

— Como, senhor? O dinheiro que eu vos ofereci... o serviço que eu acabava de vos prestar... ser paga pelo que eu fiz por vós com uma traição tão suja... acreditais que isso é simples de ser compreendido, que isso pode ser legitimado?

— É claro, Thérèse, é claro! A prova de que isso pode se explicar é que ao terminar de te saquear, de te molestar... (porque eu te bati, Thérèse), pois bem! a vinte passos dali, pensando no estado em que eu te deixara, encontrei imediatamente nessas ideias a força para novos

ultrajes, os quais talvez nunca teria realizado se isso não tivesse acontecido. Perdeste apenas uma de tuas primícias... eu estava prestes a partir e voltei sobre meus passos, fiz com que perdeste a outra... Então é verdade que em algumas almas a volúpia pode nascer no seio do crime! O que eu pretendo dizer? Então é verdade que apenas o crime é capaz de despertá-la e de determiná-la, e que não existe uma única volúpia no mundo que ela não possa acender e aperfeiçoar...

— Ó senhor, que horror!

— E eu não poderia ter cometido um horror ainda maior?... Faltou muito pouco para isso, eu te confesso; mas eu tinha minhas dúvidas de que fosses levada às extremas consequências: essa ideia me agradou, e assim te deixei. Abandonemos isso, Thérèse, e voltemos ao objeto que me fez querer te encontrar.

“Esse gosto incrível que tenho pela virgindade de uma mocinha nunca me abandonou, Thérèse” — prosseguiu Saint-Florent. “É isso o que acontece, como em todos os outros desvios de libertinagem: quanto mais se envelhece, mais eles se fortalecem; os antigos delitos nascem de novos desejos e de novos crimes desses desejos. Tudo isso de nada valeria, minha querida, se o que se utiliza para alcançá-los não fosse em si também culpável. Mas como a necessidade do mal é o primeiro impulso de nossos caprichos, quanto mais criminoso for o que nos atrai, mais nos excitamos. Uma vez aí, a única queixa que se tem é a da mediocridade dos meios: quanto mais cresce sua atrocidade, mais nossa volúpia se ativa, afundando-se, assim, no pântano, sem a menor vontade de sair dele.

“Esta é a minha história, Thérèse; necessito, por dia, de duas jovens crianças para meus sacrifícios. Se me satisfaço com elas? Não apenas quero deixar de ver os objetos, como é imprescindível, para a completa satisfação de minhas fantasias, que esses objetos partam imediatamente da cidade: eu mal experimentaria os prazeres do dia seguinte se imaginasse que as vítimas da véspera continuassem respirando o mesmo ar que eu. Livro-me disso de modo bem fácil. Acreditas, Thérèse? São minhas devassidões que povoam o Languedoc e a Provença com a multidão de objetos de libertinagem compreendida em seus seios:1 uma hora depois dessas meninas terem me servido, emissários de confiança embarcam-nas e vendem-nas às prostitutas de Nîmes, de Montpellier, de Toulouse, de Aix e de Marselha. Esse comércio, do qual recebo um terço do benefício, recompensa-me em muito o custo das vítimas, e assim me satisfaço

com duas das minhas mais caras paixões, a luxúria e a cupidez. Mas as descobertas, as seduções, me dão muito trabalho; aliás, a espécie das vítimas tem grande importância para minha lubricidade: quero que todas sejam capturadas nesses refúgios da miséria em que a necessidade de viver e a impossibilidade de conseguir isso, absorvendo a coragem, o orgulho, a delicadeza, perturbando a alma até esgotá-la, determina, na esperança de uma indispensável subsistência, tudo o que pareça vir garanti-la. Mando, impiedosamente, vasculhar todos esses redutos; ninguém pode imaginar o que eles me proporcionam. E vou muito além disso, Thérèse: a atividade, a destreza, um pouco de habilidade, lutando contra minhas subordinações, arrebatam-me uma grande parte das vítimas; oponho a esses obstáculos o crédito de que gozo nesta cidade, provooco *oscilações* no comércio, ou no custo de vida, que, ao multiplicar as classes de pobres, roubam-lhes, de um lado, os meios de trabalho, e, de outro, dificultando os meios de sobrevivência, aumentam proporcionalmente a quantidade de vítimas que a miséria me oferece. A falácia é conhecida, Thérèse: essa escassez de madeira, de trigo e de outros comestíveis, dos quais Paris padece há tanto tempo, não têm outros objetivos senão os que me excitam: a avareza, a libertinagem, eis as paixões que, no seio do luxo, estendem uma multidão de redes até o humilde teto do pobre. Mas, pouco importando a habilidade que utilize para pressionar de um lado, se não houver mãos ágeis para colher isso do outro, eu estarei perdido, e a conspiração vai por água abaixo, como se eu não estivesse esgotando minha imaginação em recursos e meu crédito em operações. Por isso preciso de uma mulher ativa, jovem, inteligente, e que, tendo ela própria passado pelos espinhosos caminhos da miséria, conheça melhor do que ninguém os meios de corromper aquelas que aí se encontram; uma mulher cujos olhos penetrantes adivinhem a adversidade em seus mais tenebrosos esconderijos, e cujo espírito subornador determine neles as vítimas a serem tiradas da opressão pelos meios que lhes estou apresentando; uma mulher espirituosa, enfim, sem escrúpulo e sem piedade, que nada negligencie para chegar aonde quer, disposta até mesmo a cortar o pouco de recurso que, ainda sustentando a esperança dessas infelizes, as impeça de tomarem decisões. Tive uma dessas, excelente e confiável, mas ela acaba de falecer. Ninguém pode imaginar o quanto essa inteligente criatura era audaciosa; ela não apenas isolava essas miseráveis a ponto de obrigá-las a vir implorar de joelhos, mas se esses meios não fossem

suficientes para acelerar suas quedas, a celerada chegava ao ponto de roubá-las. Era um tesouro: eu precisava apenas de duas por dia, e ela me teria dado dez, se assim eu quisesse. O resultado disso era que eu fazia escolhas melhores, e a superabundância da matéria-prima das minhas atividades então recompensavam a mão de obra. É essa mulher que precisa ser substituída, minha cara; terás outras quatro sob tuas ordens, e dois mil escudos de recompensa; esta é minha proposta, responde, Thérèse, e, lembra, sobretudo, que as quimeras não devem te impedir de aceitar a felicidade quando esta for oferecida pelo acaso e por minha mão.”

— Ó senhor! — eu disse, tremendo com o discurso daquele homem desonesto. — Como é possível que possais conceber tais volúpias e que ouseis propor-me servi-las? É terrível o que acabais de me dizer! Homem cruel, se fôsseis um miserável por apenas dois dias saberíeis como esses sistemas de barbaridade logo se extinguiriam em meu coração: é a prosperidade que vos cega e que vos endurece; continuais insensível ao espetáculo de maldades do qual acreditais estar protegido, e como esperais nunca senti-los, supondes estar no direito de infligi-los; que a felicidade nunca se aproxime de mim se eu tiver que trapacear desse modo! Ó justo céu! Não se contentar em abusar do infortúnio; induzir a audácia e a violência a aumentá-lo, a prolongá-lo, com a única intenção de satisfazer vossos desejos! Que crueldade, senhor! Nem os animais mais ferozes poderiam nos dar exemplos de tal barbaridade.

— Enganas-te, Thérèse, não existe trapaça que o lobo não seja capaz de inventar para seduzir o cordeiro até suas armadilhas: esses truques pertencem à natureza, enquanto a caridade não; ela não passa de uma característica da fraqueza, preconizada pelo escravo para comover seu amo e dispô-lo a uma ternura maior; ela só transparece no homem em dois casos: quando ele é o mais fraco ou quando ele teme tornar-se o mais fraco. A prova de que essa pretensa virtude não pertence à natureza é que ela é ignorada pelo homem que está mais próximo dela. O selvagem, ao menosprezá-la, mata sem piedade seu semelhante, ou por vingança ou por ganância... Ele não respeitaria essa virtude caso ela estivesse escrita em seu coração? Mas ela nunca esteve presente nele, ela nunca será encontrada onde os homens forem iguais. A civilização, ao aperfeiçoar os indivíduos, ao dispô-los em classes, ao apresentar um pobre aos olhos do rico, ao provocar neste o medo de uma inversão que o precipite para a desgraça do outro,

imprimiu desde cedo em seu espírito o desejo de consolar o infortunado para, por sua vez, ser consolado por sua vez, caso viesse a perder suas riquezas. Então surgiu a caridade, fruto da civilização e do medo: ela não passa de uma virtude de circunstância, mas nunca de um sentimento da natureza que tenha nos deixado desejo outro senão o de nos satisfazer, não importando o preço que isso venha a ter. É confundindo assim os sentimentos, sem nunca analisar nada, que nos cegamos sobre tudo e nos privamos de todos os gozos.

— Ah! Senhor — interrompi com ardor —, pode existir um prazer mais doce do que aliviar um tomento? Deixemos de lado o medo do próprio sofrimento: pode existir satisfação mais legítima do que a de prestar um favor?... Gozar das lágrimas da gratidão, partilhar a alegria que acaba de disseminar entre os infortunados que, assim como vós, necessitavam apenas das coisas que representam para vós as primeiras necessidades, ouvi-los cantar vossos louvores e chamar-vos de pai, substituir a serenidade nas frentes escurecidas pela derrota, pelo abandono e pelo desespero, não, senhor, nenhuma volúpia do mundo pode se comparar a isto: é da própria divindade, e a felicidade que ela promete àqueles que a servirem na terra não será senão a possibilidade de ver ou de fazer algumas almas felizes no céu. Todas as virtudes nascem dessa, meu senhor; tornamo-nos melhor parceiro, melhor filho, melhor esposo, quando conhecemos o encanto de suavizar o infortúnio. Assim como os raios do sol, pode-se dizer que a presença do homem caridoso dissemina, sobre tudo o que o rodeia, a fertilidade, a doçura e a alegria; e o milagre da natureza, depois desse abrigo luminoso, é a alma honesta, delicada e sensível cuja felicidade suprema é trabalhar para a felicidade dos outros.

— Isso tudo é bobagem, Thérèse! Os prazeres do homem se devem ao tipo de órgão que ele recebeu da natureza; os do indivíduo frágil e, conseqüentemente de todas as mulheres, devem levar às volúpias morais, mais ardentes, para esses seres, do aquelas que só influenciariam em um físico completamente desprovido de energia: no caso das almas fortes acontece o contrário, já que, mais deleitadas com os choques vigorosos marcados naqueles que as rodeiam, elas não passariam de marcas delicadas sentidas pelos menos mesmos seres mais próximos, preferindo ainda inevitavelmente o que afeta os outros no sentido doloroso, àquilo que toca de modo suave. Essa é a única diferença entre as pessoas cruéis e as pessoas bondosas; tanto umas quanto as outras são dotadas de sensibilidade, mas cada pessoa tem

seu modo de sê-lo. Não nego que haja gozos em ambas as classes, mas, assim como muitos outros filósofos, defendo, sem dúvida, que a classe do indivíduo organizado da maneira mais vigorosa seja incontestavelmente mais viva do que todas as de seu adversário; e, uma vez esses sistemas estabelecidos, pode e deve haver uma espécie de homens que encontre a mesma quantidade de prazer em tudo o que inspira a crueldade, enquanto os outros o sentem apenas na caridade. Mas esses serão prazeres suaves, enquanto os outros prazeres serão bem mais vivos: uns serão os mais seguros, sem dúvida os mais verdadeiros, pois caracterizam as inclinações de todos os homens ainda no berço da natureza, e até mesmo das crianças, antes que tenham conhecido o império da civilização; os outros serão somente o efeito dessa civilização, e, por conseguinte, volúpias enganosas e sem qualquer sabor. De resto, minha querida, como estamos aqui menos para filosofar do que para consolidar um acordo, tenhas a bondade de dar-me a última palavra... Aceitas ou não o que te proponho?

— Certamente não, senhor — respondi, levantando-me... — Sou muito pobre... Ó! Sim, muito pobre, senhor; mas muito mais rica pelos sentimentos de meu coração do que de todos os dotes da Fortuna; nunca sacrificaria uns em troca dos outros: se pudesse morreria na indulgência, mas nunca trairia a virtude.

— Sai — disse-me friamente aquele homem detestável —, e que eu não tenha que recear de ti algumas indiscrições: serias imediatamente atirada em um lugar onde eu não deveria mais tê-la.

Nada pode encorajar mais a virtude quanto os medos do vício: muito menos tímido do que eu teria pensado, me atrevia, com a promessa de que ele não teria nada a recear a meu respeito, a lembrar-lhe o roubo que havia cometido na floresta de Bondy, para mostrar-lhe que, na condição em que me encontrava, aquele dinheiro me seria indispensável. O monstro respondeu-me duramente que só dependia de mim ganhá-lo, e que no entanto eu me recusava a isso.

— Não, senhor — respondi com firmeza. — Não, repito, prefiro mil vezes morrer a salvar a vida por esse preço.

— E quanto a mim — disse Saint-Florent —, não há nada pior que o desgosto de dar meu dinheiro sem que o tenham merecido: apesar da recusa que insolentemente me propões, eu ainda gostaria muito de passar um quarto de hora contigo; então vamos para essa alcova e alguns minutos de obediência deixarão tuas finanças em melhor ordem.

— Não tenho nenhuma vontade de servir vossa devassidão, nem de um modo nem de outro, senhor — respondi, orgulhosa. — Não peço caridades, homem cruel; não, não quero vos proporcionar esse prazer; reivindico apenas o que tenho direito; é o que roubastes de mim da forma mais indigna... Guardai isso para vós, homem cruel, guardai isso, se pensais que deveis proceder assim: vede sem piedade minhas lágrimas, escutai, se puderdes, sem vos comoverdes, os tristes tons da necessidade, mas lembrai-vos de que se cometerdes uma nova infâmia, eu terei, não importa o preço que isso me custe, comprado o direito de vos ignorar para sempre.

Furioso, Saint-Florent pede para que eu saia e posso ler em seu semblante atroz que, sem as confidências que me fizera, confidências das quais ele temia a repercussão, eu talvez tivesse pagado com algumas brutalidades a ousadia de ter lhe falado tão sinceramente... Saí. Naquele exato momento, conduziam à devassidão uma das vítimas infelizes daquele sórdido crápula. Uma das mulheres, de quem ele me propunha compartilhar o horrível estado, trazia-lhe uma pobre mocinha de mais ou menos nove anos, com todos os atributos do infortúnio e da apatia: ela mal parecia ter forças para ficar de pé... “Ó céu!”, eu pensava, ao ver aquilo. “Como tais objetos podem inspirar outros sentimentos senão os da piedade? Maldito seja o depravado que consiga imaginar prazeres em um seio consumido pela necessidade; que queira colher os beijos em uma boca ressecada pela fome e que só se abre para maldizê-lo.”

Minhas lágrimas corriam: eu queria salvar aquela vítima do tigre que a aguardava, mas não me atrevi a fazê-lo. Teria eu conseguido? Voltei rapidamente para a hospedaria, tão humilhada por um infortúnio que me atraía tais propostas quanto revoltada contra a opulência que se arriscava a cumpri-las.

Parti de Lyon no dia seguinte, seguindo o caminho de Dauphiné, sempre tomada por uma louca esperança de que um pouco de felicidade me aguardaria naquela província. Mal havia me distanciado duas léguas de Lyon, a pé, como costumava fazer, com uma troca de blusas e alguns lenços na bolsa, quando encontrei uma velha mulher que me abordou com um ar de dor, pedindo esmola. Longe da rispidez que eu acabava de receber de tão cruéis exemplos, sem conhecer outra felicidade senão a de ajudar um infortunado, pego imediatamente minha bolsa com a intenção de entregar um escudo àquela mulher; mas a indigna criatura, muito mais ágil do que eu, por mais que eu a

tenha julgado velha e debilitada, salta rapidamente para cima de minha bolsa, agarra-a, derruba-me com um forte golpe no ventre, e só volta a reaparecer diante de meus olhos a cem passos dali, rodeada por quatro malandros que me ameaçam caso me atrevesse a avançar.

— Grande Deus! — eu exclamava, amargurada. — Então é impossível que minha alma se abra para uma ação mais virtuosa sem que eu seja punida imediatamente com os mais severos castigos!

Nesse momento fatal, toda minha coragem me abandonou; hoje peço ao Céu os mais sinceros perdões; mas naquele momento encontrava-me cega de desespero. Quase deixei o caminho que tantos espinhos me oferecia: duas opções apresentavam-se a mim, juntar-me aos patifes que acabavam de me roubar ou voltar a Lyon e aceitar a proposta de Saint-Florent. Deus me deu a graça de não sucumbir, e, ainda que fosse enganosa a esperança que ele acendera novamente em mim, já que tantas adversidades ainda me aguardavam, agradeço-o por ter me amparado: para mim, a estrela fatal que me conduz ao cadafalso, mesmo que inocente, só tem o valor da morte; qualquer outra alternativa ter-me-ia custado a infâmia e a primeira opção é bem menos cruel do que o restante.

Continuo orientando meus passos na direção da cidade de Viena, decidida a vender aí tudo o que me restava para conseguir chegar a Grenoble. Eu andava tristemente, quando, a um quarto de légua dessa cidade, em uma planície à direita do caminho, avisto dois cavaleiros pisoteando um homem com as patas de seus cavalos; após tê-lo deixado às portas da morte, os homens salvaram-se a todo galope; o espetáculo, de tão atroz, deixou-me comovida e levou-me às lágrimas. “Ai de mim!”, disse para mim mesma. “Um homem que tem mais a se queixar do que eu; pelo menos ainda me resta a saúde e a força, e posso ganhar minha vida, mas, caso esse infeliz não seja rico, o que pode lhe acontecer?”

Ainda que eu devesse evitar gestos de comiseração e que soubesse quão funesto seria entregar-me à situação, não pude dominar o desejo extremo de aproximar-me daquele homem e prestar-lhe socorro. Corro para cima dele; com minha ajuda, respira um pouco de amoníaco que eu trazia comigo: ele finalmente abre os olhos e suas primeiras frases são de gratidão; mais apressada ainda em lhe ser útil, rasgo uma de minhas blusas para curar suas feridas e estancar-lhe o sangue: sacrificio por aquele infeliz uma das únicas posses que me restavam. Tomados os primeiros cuidados, dou-lhe um pouco de vinho; o infeliz

recupera imediatamente os sentidos; observo-o e posso distingui-lo melhor. Mesmo que estivesse a pé, e com um equipamento insuficiente, ele, no entanto, não parecia encontrar-se na mediocridade, tinha algumas posses valiosas, anéis, um relógio, algumas caixas, mas tudo isso estava muito danificado por sua aventura. Ao retomar a fala, pergunta-me que tipo de anjo benfeitor lhe estaria trazendo aquele socorro, e o que ele poderia fazer para lhe demonstrar sua gratidão. Tendo ainda a simplicidade de acreditar que uma alma tomada de reconhecimento deveria ater-se a mim para sempre, acreditei que poderia gozar em segurança do doce prazer de compartilhar meus prantos com quem eu acabava de segurar em meus braços: instruo-o sobre minhas derrotas, ele as escuta com interesse, e quando termino de contar a última catástrofe que me ocorrera, narrativa que lhe prova o estado de miséria em que me encontro, ele exclama:

— Como ficarei feliz em pelo menos poder agradecer tudo o que fizestes por mim! Chamo-me Roland — continua o aventureiro —, tenho um lindo e imenso castelo na montanha, a quinze léguas daqui, e vos convido a acompanhar-me; e para que essa proposição não assuste vossa delicadeza, explico imediatamente como me sereis útil. Sou solteiro, mas tenho uma irmã a quem amo de paixão, que se dedica à minha solidão, compartilhando-a comigo: preciso de alguém para servi-la; acabamos de perder a pessoa que cumpria essa função e ofereço-vos a vaga.

Agradei meu protetor e tomei a liberdade de lhe perguntar o que fazia um homem como ele expondo-se a viagens sem destino e a acontecimentos como o que acabara de acontecer, ao ser molestado por bandidos.

— Como sou um pouco gordo, jovem e vigoroso — disse-me Roland —, tenho, há muito tempo, o costume de vir de minha casa até Viena dessa forma. Minha saúde e meu bolso ganham com isso: não que eu precise prestar atenção em minhas despesas, porque sou rico; logo vereis isso, se me provardes a amizade vindo comigo até minha casa; mas um pouco de economia não faz mal a ninguém. Quanto aos dois homens que acabam de me insultar, são dois fazendeiros de quem ganhei cem luíses na semana passada, em uma casa, em Viena; eu me contentava com a palavra deles, encontro-os hoje, e vedes como eles me tratam.

Eu lamentava com aquele homem a dupla desgraça da qual eu fora

vítima, quando ele me propôs que retomássemos o caminho ele me disse:

— Sinto-me melhor, graças aos seus cuidados. A noite se aproxima, vamos para uma casa que deve estar a duas léguas daqui; se pegarmos os cavalos que ali estão, chegamos à minha casa na mesma noite.

Totalmente decidida a aproveitar o auxílio que o Céu parecia enviar-me, ajudo Roland a pôr-se em marcha, sirvo-lhe de apoio durante o caminho, e, de fato, encontramos a duas léguas dali a hospedaria que ele havia indicado. Jantamos juntos ali, decentemente; depois da refeição, Roland recomenda-me à hospedeira e, no dia seguinte, sobre duas mulas de aluguel que um criado da estalagem escoltava, ganhamos a fronteira de Dauphiné, sempre nos dirigindo às montanhas. Como o trajeto era muito longo para ser cumprido em um dia, paramos em Virieu, onde desfrutei dos mesmos cuidados e dos mesmos gestos de respeito de meu patrão; um dia depois, continuamos nossa marcha na mesma direção. Às quatro da tarde, chegamos ao pé das montanhas: lá, como o caminho se tornava quase impraticável, Roland, temendo acidentes, recomendou ao arrieiro para que não me deixasse, e penetramos nos desfiladeiros. O que fizemos foi dar voltas, subir e descer durante mais de quatro léguas, e tínhamos nos afastado tanto de qualquer tipo de habitação e de caminho traçado que pensei ter alcançado o fim do universo. Um pouco de inquietação apoderou-se de mim, a contragosto; Roland não pôde evitar perceber isso, mas ele nada disse e seu silêncio fazia com que eu sentisse ainda mais medo. Avistamos finalmente um castelo localizado no pico de uma montanha, à beira de um precipício atroz, dentro do qual parecia estar prestes a despencar, nenhum caminho parecia levar até lá; aquele que seguíamos, percorrido apenas pelas cabras, cheio de pedregulhos de todos os lados, levava, no entanto, àquele terrível refúgio, que se assemelhava muito mais a um covil de ladrões do que a uma habitação de pessoas virtuosas.

— É aquela a minha casa — disse-me Roland, ao perceber que o castelo havia me impressionado.

Quando eu lhe demonstrei surpresa ao saber que habitava em meio a tanta solidão ele me respondeu, bruscamente:

— É o que me convém.

Tal resposta redobrou minhas angústias, nada escapa ao infortúnio; uma palavra, uma inflexão mais ou menos pronunciada por aqueles de quem dependemos sufoca ou reaviva as esperanças; mas, sem mais

condições de tomar um partido diferente, precisei me conter. Quando demos a volta, aquela antiga masmorra mostrou-se de repente diante de nós: um quarto de légua, no máximo, nos separava dela; Roland desceu de sua mula e, dizendo-me para fazer o mesmo, entregou ambas as mulas ao criado, pagou-lhe e ordenou que voltasse. Esse novo procedimento desagradou-me ainda mais e Roland percebeu isso.

— O que houve, Thérèse? — perguntou, ao dirigirmo-nos à sua habitação. — Não estais de modo algum fora da França; esse castelo se encontra nas fronteiras de Dauphiné, ele pertence a Grenoble.

— Que seja, senhor — respondi. — Mas como tivestes a ideia de vos fixar em um fim de mundo como este?

— É que as pessoas que moram aqui não são muito honestas — disse Roland. — É bem possível que não fiques muito satisfeita com o comportamento delas.

— Ah! Senhor — disse-lhe, titubeando —, fazei-me tremer, afinal: para onde estais me levando?

— Levo-te para servir a criminosos dos quais sou o chefe — disse-me Roland, segurando-me pelo braço e, obrigando-me, à força, a atravessar o pontilhão que se baixou para nossa chegada e que se ergueu imediatamente depois. — Vês este fosso? — continuou ele, ao entrarmos, apontando-me uma grande e profunda gruta situada ao fundo do pátio, onde quatro mulheres nuas e acorrentadas faziam uma roda girar. — Aí estão tuas companheiras e esta é tua função; trabalharás diariamente dez horas movendo essa roda e irás satisfazer, assim como essas mulheres, todos os caprichos que me agradarem submeter-te, receberás seis fatias de pão preto e um prato de favas por dia; quanto à tua liberdade, podes renunciar a ela; nunca a terás. Quando estiveres prestes a morrer, serás atirada nesse buraco que podes ver ao lado do fosso, com seiscentas ou oitenta outras megeras de tua espécie que estarão esperando por ti e serás substituída por outra.

— Ó grande Deus — exclamei, atirando-me aos pés de Roland —, tratai de lembrar, senhor, que vos salvei a vida; que por um instante comovido pela gratidão, pareceríeis oferecer-me a felicidade, e que é precipitando-me em um eterno abismo de males que pretendeis retribuir meus serviços. O que fazei comigo é justo? E o remorso já não está me vingando no fundo de vosso coração?

— Por favor, o que entendes desse sentimento de gratidão com o qual acreditas ter me capturado? — pergunta Roland. — Pensa bem,

débil criatura; o que fazias quando veio prestar-me socorro? Entre a possibilidade de seguir teu caminho e de me acompanhar, não escolheras esta última como um gesto inspirado do teu coração? Entregavas-te então a um prazer? Por que diabo pensas que sou obrigado a te recompensar pelos prazeres que me ofereceste? E como nunca te veio ao espírito que um homem que, como eu, nada em ouro e em opulência, aceitaria resignar-se a dever alguma coisa a uma miserável da tua espécie? Se tivesses me devolvido a vida, eu não estaria te devendo nada, uma vez que agira para ti apenas: ao trabalho, escrava, ao trabalho! Aprende que a civilização, ao alterar os princípios da natureza, não elimina de forma alguma seus direitos; ela cria, desde o princípio, seres fortes e seres fracos, com a intenção de que estes sempre estejam subordinados àqueles; a destreza, a inteligência do homem, modificaram a posição dos indivíduos, não é mais a força física que determina as classificações, mas a do ouro; o homem mais rico torna-se o mais forte, o mais pobre torna-se o mais fraco; a isso, alguns motivos fundavam a força, a prioridade do forte sempre esteve nas leis da natureza, diante da qual pouco importava se a corrente que capturava estivesse nas mãos do mais rico ou do mais vigoroso, ou se ela abatia o mais fraco ou então o mais pobre. Mas esses gestos de gratidão aos quais pretendes vincular-me, ela os desconhece, Thérèse; nunca esteve em suas leis que o prazer que uma pessoa experimenta ao impor se torna o motivo para aquele que é forçado liberar seus direitos sobre o outro. Será que podes reconhecer, entre os animais que nos servem de exemplo, esses sentimentos que estás a reivindicar? Enquanto exerço domínio sobre ti com minhas riquezas ou com minha força, seria natural que eu abandonasse por ti meus direitos, ou porque gozaste ao obrigar-me a isso, ou porque, sendo uma miserável, imaginaste ganhar algo em troca de teu procedimento? O serviço é prestado de igual para igual, o orgulho de uma alma elevada nunca se deixaria curvar pela gratidão; não estaria sempre humilhado aquele que recebe? E essa humilhação que ele recebe não seria suficiente para pagar o benfeitor que, apenas por isso, encontra-se acima do outro? Não seria antes um prazer por orgulho do que se elevar acima do seu semelhante? E é preciso alguma outra coisa àquele que obriga? E se a obrigação, ao humilhar aquele que recebe, se tornar um fardo para ele, com que direito se deve forçar a carregá-lo? Por que eu deveria consentir em deixar-me humilhar a cada vez que me atinge o olhar daquele que me obrigou? Então a

ingratidão, em vez de ser um vício, é uma virtude das almas orgulhosas, assim como a gratidão é uma virtude das almas fracas: que me obriguem o quanto quizerem, caso encontrem nisso algum tipo de prazer nisso, mas que não exijam nada de mim.

Ditas essas palavras, as quais Roland não me deu tempo de responder, dois criados acorrentam-me às minhas companheiras e sou imediatamente forçada a ajudá-las, sem me deixarem sequer descansar da marcha exaustiva que acabo de fazer. Roland então se aproxima de mim, manipula-me brutalmente por todas as partes que o pudor não permite nomear, enche-me de sarcasmos e de gestos audaciosos na marca infame e desmerecida que Rodin me imprimira; e depois, armando-se de um chicote de cavalo que ainda trazia consigo, aplica-me vinte chicotadas nas nádegas.

— É assim que serás tratada, megera — disse-me ele —, se não cumprires o teu dever; não estou fazendo isso por algum erro já cometido, mas só para te mostrar como ajo com aquelas que se comportam dessa forma.

Solto gritos altos, debatendo-me sob os ferros que me prendem; minhas contorções, meus berros, minhas lágrimas, as expressões cruéis de minha dor, não servem senão para divertir meu carrasco...

— Ah! Ainda te mostrarei outros, puta — diz Roland. — Ainda não atingiste o limite de teus castigos, e quero que conheças até os mais bárbaros requintes da desgraça.

Ele me deixa. Seis redutos obscuros, situados sob uma gruta em torno daquele vasto fosso, e que se fechavam como calabouços, serviam-nos de dormitório durante a noite. Como ela chegou pouco depois que eu adentrara naquela funesta prisão, vieram desamarrar-me, assim como minhas companheiras e trancaram-nos após ter-nos dado a porção de água, de favas e de pão sobre as quais Roland havia me falado a respeito.

Assim que fiquei sozinha, abandonei-me ao horror de minha situação. “Será possível”, perguntava-me, “que exista homens tão duros capazes de abafar dentro de si o sentimento de gratidão?”... Essa virtude à qual eu me entregava com tanto encanto, se por acaso uma alma honesta me colocasse em situação de senti-la, como ela poderia ser desconhecida por certos seres? E aqueles que a abafam com tanta barbaridade seriam outra coisa senão monstros?

Eu estava mergulhada nessas reflexões, quando de repente escuto abrir a porta de meu calabouço: é Roland; o celerado vem terminar a

difamação, fazendo-me servir a seus odiosos caprichos; podeis supor, senhora, que eles deveriam ser tão ferozes quanto suas ações e que os prazeres do amor para um homem como aquele levavam, necessariamente, as cores de seu odioso caráter. Mas como abusar de vossa paciência para vos contar esses novos horrores? Já não tenho maculado o suficiente vossa imaginação com histórias tão infames? Devo tentar isso novamente?

— Sim, Thérèse — disse o sr. de Corville —, sim, exigimos de ti esses detalhes, tu os expões com uma essência que ameniza todo o horror que eles possuem, e o que resta disso é o que é útil a quem queira conhecer o homem. Não se pode imaginar o quanto esses cenários são úteis para o desenvolvimento de sua alma; talvez só não somos tão ignorantes nessa ciência por causa do estúpido comedimento daqueles que quiseram escrever sobre tais assuntos. Presos por medos absurdos, eles só nos falam sobre puerilidades conhecidas por todos os imbecis, e atrevem-se apenas, levando uma mão audaciosa ao coração humano, a oferecer a nossos olhos os mais gigantescos desvarios.

— Pois bem, senhor, obedecê-lo-eis — retomou Thérèse, comovida —, e, comportando-me como outrora, tratarei de vos oferecer meus esboços com cores menos revoltantes.

Roland, que a princípio devo descrever, era um homem baixo, corpulento, com trinta e cinco anos, de um vigor inimaginável, peludo como um urso, a pele escura, o olhar feroz, muito moreno, com traços masculinos, um nariz longo, a barba até os olhos, sobrancelhas negras e grossas, e com o órgão que distingue os homens de nosso sexo de tal comprimento e de tão descomunal espessura que não apenas nada de parecido oferecera-se aos meus olhos, como era praticamente certo que a natureza nunca fizera nada de tão prodigioso: mal eu o segurava com minhas duas mãos e seu comprimento continuava a ser o de meu antebraço. A esse físico, Roland acrescentava todos os vícios que podem ser os frutos de um temperamento fogoso, com muita imaginação e uma desenvoltura sempre muito considerável para não deixá-lo mergulhar em grandes enganos. Roland acabava com sua fortuna; seu pai, que a havia iniciado, deixara-a muito abastada, e graças a ela esse rapaz já havia vivido muito: indiferente aos prazeres ordinários, ele só tinha acesso aos horrores; apenas eles conseguiam render-lhe desejos consumidos pelo excesso de prazer; as mulheres que o serviam eram todas usadas para suas mais secretas devassidões,

e para satisfazer os prazeres um pouco menos desonestos com os quais esse libertino pôde encontrar o tempero do crime que o deleitava mais do que tudo, Roland tinha sua própria irmã como amante, e era com ela que ele terminava de apagar as paixões que vinha acender conosco.

Ele estava quase nu quando entrou pela porta; seu rosto, muito incendiado, trazia ao mesmo tempo provas da intemperança de mesa à qual ele acabava de se entregar, e da abominável luxúria que o devorava. Por um instante, ele me observou com seus olhos que me fizeram tremer.

— Tira a roupa — disse-me, arrancando ele mesmo o que eu havia pegado para me cobrir durante a noite. — Isso, tira tudo e me acompanha; farei com que sintas quase o mesmo que arriscarias entregando-te à preguiça; mas se tiveres vontade de nos trair, como o crime será muito maior, é necessário que a punição seja proporcional a isso; vem então conhecer como ela seria.

Eu me encontrava em um estado difícil de descrever, mas Roland, sem dar a minha alma o tempo de extravasar, agarra-me imediatamente pelo braço, arrastando-me; ele me conduzia com a mão direita, com a esquerda, carregava uma pequena lanterna que nos iluminava um pouco; depois de várias voltas, encontramos-nos à porta de um porão; ele o abre, e, fazendo-me passar primeiro, ordena que eu desça, enquanto volta para fechar aquela primeira passagem; obedeço. A cem passos, abrimos uma segunda porta, que abre e fecha do mesmo modo; depois desta, não havia mais escada, mas um pequeno caminho talhado na rocha, cheio de sinuosidades e cuja descida era extremamente íngreme. Roland não dizia palavra, aquele silêncio me deixava ainda mais assustada; ele nos iluminava com sua lanterna, e andamos assim por quase quinze minutos; o estado no qual eu me encontrava fazia-me sentir com ainda mais intensidade a terrível umidade daqueles subterrâneos. Havíamos descido tão profundamente que não temo estar exagerando em afirmar que o local onde chegamos deveria ficar a mais de oitocentos pés no interior das entranhas da terra; à esquerda e à direita do caminho que percorremos havia vários nichos, onde avistei cofres que guardavam a riqueza daqueles agressores. Uma última porta de bronze finalmente apareceu, Roland a abriu e quase caí de costas ao perceber o local atroz para onde aquele indecente me conduzia; ao ver-me titubear, ele me empurrou violentamente, e eu me encontrava assim, sem querer, no meio

daquele horrível sepulcro. Imaginai, senhora, um porão redondo, de vinte e cinco pés de diâmetro, cujas paredes forradas de preto eram decoradas apenas com os mais lúgubres objetos, esqueletos de todos os tamanhos, ossadas de bustos, cabeças de mortos, maços de varas e de chicotes, sabres, punhais, pistolas: tais eram os horrores que se via nas paredes iluminadas por uma lâmpada de três pavios; da abóbada descia uma longa corda de oito a dez pés do chão no meio daquele cárcere, e que, como logo vereis, estava ali só para servir a atrozes expedições; à direita havia um caixão que deixava entrever o espectro da Morte armado de uma falsa aparência ameaçadora; um genuflexório estava ao lado; via-se um crucifixo sobre ele, colocado entre duas velas negras; à esquerda, a efígie em cera de uma mulher nua, tão natural que fiquei em dúvida por muito tempo: ela estava amarrada a uma cruz e posta de bruços, de forma que se podia ver amplamente todas as suas partes posteriores, que estavam cruelmente maltratadas; o sangue parecia sair de várias feridas e escorrer ao longo de suas coxas; ela tinha os cabelos mais lindos do mundo, sua bela cabeça voltava-se para nossa direção e parecia implorar sua graça: era possível identificar todas as contorções da dor imprimidas em seu lindo rosto, e até mesmo as lágrimas que o inundavam. Diante do aspecto daquela terrível imagem, pensei ter perdido uma segunda vez minhas forças; o fundo do calabouço estava ocupado por um grande sofá negro, onde, diante dos olhares, aconteciam todas as atrocidades daquele local lúgubre.

— Eis o lugar em que irás perecer — disse-me Roland — se cogitares a ideia fatal de deixar minha casa; sim, é aqui que eu mesmo virei entregar-te à morte, que te farei sentir todas as angústias por meio de tudo o que eu puder inventar de pior.

Ao pronunciar essa ameaça, Roland se inflamou; sua agitação, sua desordem, deixavam-no parecido a um tigre prestes a devorar sua presa: foi aí que ele apresentou o abominável membro do qual era dotado; fez-me tocá-lo, perguntando-me se eu já vira algum parecido.

— Do jeito que ele está, vagabunda — disse-me ele, furioso —, ele precisa ser introduzido na parte mais estreita de teu corpo, quero te partir em duas; minha irmã, muito mais nova que tu, suporta que ele entre nessa mesma parte; eu nunca gozo de outra forma com as mulheres: então será preciso que ele te perfure também.

E para não me deixar com dúvidas sobre o local que insinuava, ele introduziu aí três dedos munidos de unhas muito compridas, dizendo-

me:

— Sim, é aí, Thérèse, é aí que daqui a pouco vou enfiar esse membro que tanto te assusta; ele vai entrar com todo seu comprimento, ele vai te rasgar, te arrancar sangue, só então eu atingirei o êxtase.

Ele espumava ao dizer tais palavras, misturadas com insultos e odiosas blasfêmias. A mão com a qual arranhava o templo que ele parecia querer atacar percorreu todas as partes próximas, ele as arranhava; fez o mesmo em meus seios, ferindo-os de tal forma que sofri durante quinze dias de dores atrozes. Em seguida, colocou-me à beira do sofá, esfregou com álcool a esponja com que a natureza orna o altar em que nossa espécie se regenera; pôs fogo, queimando-a. Seus dedos seguraram a protuberância de carne que coroa esse mesmo altar, friccionando-o com violência; ele introduziu seus dedos no interior e suas unhas machucaram a membrana que o reveste. Sem mais poder se contentar, ele me disse que já que me sustentava em seu refúgio, era melhor eu não sair, que isso evitaria para ele o esforço de descer novamente. Precipitei-me aos seus joelhos, e ainda tentei lembrá-lo dos serviços que lhe havia prestado... Percebi que o deixava mais irritado ao relembrar os direitos que eu julgava serem dignos de sua compaixão; ele pediu para que eu me calasse e derrubou-me no chão com uma joelhada desferida com toda a força na boca do meu estômago.

— Vamos! — disse-me, levantando-me pelos cabelos. — Vamos! Prepara-te; não restam dúvidas de que irei te sacrificar.

— Ó senhor!

— Não, não, tens que perecer; não quero mais ouvir acusações sobre as pequenas bondades que fizeste; gosto de não dever nada a ninguém, são os outros que me devem alguma coisa... Irás morrer, estou te avisando, entra no caixão, que quero ver se suportarás.

Ele me leva até lá, fecha-me ali dentro e depois sai do porão, fingindo me deixar ali. Acho que nunca estive tão próxima da morte, ai de mim! Ela, no entanto, ia se oferecer a mim sob um aspecto ainda mais real. Roland voltou e me retirou do caixão.

— Vais ficar melhor ali dentro — disse-me ele. — Digamos que ele foi feito para ti; mas deixar com que pereças tranquilamente vai ser uma morte muito bonita; te farei sentir uma morte diferente, que não deixa de ter seus encantos. Vai! Implora por teu Deus, vagabunda, pede que ele acorra para te proteger se for verdade que ele tem poder

para isso...

Atiro-me sobre o genuflexório e, enquanto abro meu coração em alta voz para o Eterno, Roland redobra, nas partes posteriores que eu lhe exponho, suas vexações e suplícios de um modo ainda mais cruel; ele flagelava essas partes com toda sua força e com um chicote armado de pontas de aço, dos quais cada golpe fazia esguichar meu sangue até a abóbada.

— Pois bem! — continuava ele, blasfemando. — Ele não te socorre, teu bom Deus; ele deixa sofrer assim a infeliz virtude, ele te abandona nas mãos da vilania; ah! que Deus é esse, Thérèse, que Deus é esse? Vem — disse ele em seguida — vem, vagabunda, tua prece deve ser feita (colocando-me de bruços, à beira do sofá que estava no fundo daquele cômodo); eu te disse, Thérèse, tens que morrer!

Ele segurou meus braços, amarrou-os às minhas costas, depois passou em volta de meu pescoço um cordão negro de seda cujas duas pontas, o tempo todo seguradas por ele, podem, à sua vontade, comprimir minha respiração e me enviar a outro mundo, em mais ou menos tempo.

— Esse tormento é mais doce do que podes imaginar, Thérèse — disse-me Roland. — Sentirás a morte apenas por indescritíveis sensações de prazer; a compressão que essa corda realizará no conjunto de teus nervos irá incendiar os órgãos da volúpia; podes ter certeza desse efeito. Se todas as pessoas condenadas a esse suplício soubessem em que estado de embriaguez ele leva à morte, elas o cometeriam com mais frequência e com muito mais segurança; essa operação tão deliciosa, Thérèse, ao comprimir o mesmo local em que irei colocar-me — acrescentou ele, apresentando-se ao caminho criminoso, tão digno de um celerado como aquele —, isso também vai redobrar meus prazeres.

Mas é em vão que ele tenta abrir caminho; ele fracassa ao preparar as vias de entrada, monstruosamente embora tentasse obstinadamente obter êxito, suas tentativas são sempre repelidas. É então que seu furor não encontra mais obstáculos; suas unhas, suas mãos, seus pés serviram para vingá-lo das resistências que a natureza lhe oferecia. Ele se apresenta novamente, a espada em brasa desliza para as bordas do canal vizinho, e, com um golpe vigoroso, ele penetra aí quase pela metade; solto um grito; Roland, furioso por ter se enganado, retira-se com raiva e dessa vez golpeia a outra porta com tanto vigor que o dardo umedecido afunda aí, rasgando-me. Roland aproveita os êxitos

desse primeiro golpe; seus esforços tornam-se mais violentos; ele ganha terreno; à medida que avança, o cordão fatal que ele havia passado em volta do meu pescoço aperta-se ainda mais, solto gritos abomináveis; o feroz Roland, a quem eles divertem, estimula-me a aumentá-los, muito seguro da insuficiência deles, sabendo que pode cessá-los quando bem entender; ele se inflama com seus sons agudos. No entanto, a embriaguez está prestes a possuí-lo, as contrações do cordão se modulam com a intensidade de seu prazer; pouco a pouco, meu órgão se rende; os beliscões então se tornam tão vivos que meus sentidos esvaecem sem perder a sensibilidade; violentamente sacudida pelo enorme membro com que Roland rasga minhas entranhas, apesar do estado atroz em que me encontro, sinto-me inundada por jatos de sua luxúria; ainda hoje posso escutar os gritos que ele solta ao expulsá-los. Um instante de estupidez se seguiu, não sei o que se passou comigo, mas logo meus olhos se abriram novamente para a luz, e encontrei-me livre, liberta, meus olhos pareciam renascer.

— Pois bem, Thérèse — disse meu carrasco —, aposto que, se fores sincera, irás me dizer que tudo o que sentiste foi prazer.

— Não senti nada além de horror, senhor, senti apenas repugnância, angústia e desespero!

— Mentas para mim, conheço os efeitos que acabas de provar; mas quaisquer que sejam eles, o que me importa? Acredito que me conheces o suficiente para estar muito segura de que tua volúpia me preocupa infinitamente menos do que a minha nisso que fizemos juntos, e essa volúpia que procuro foi tão viva que irei providenciar mais alguns instantes dela. Agora é apenas de ti, Thérèse — disse-me aquele notável libertino —, é apenas de ti que teus dias vão depender.

Ele passa então em torno do meu pescoço a corda que estava pendurada no teto; assim que ela está bem presa, ele amarra, no banco sobre o qual eu apoiava o pé, e que me havia levantado até ali, uma cordinha da qual ele segura a ponta, e vai se sentar em uma poltrona à minha frente: seguro em minhas mãos uma foice cortante que devo usar para cortar a corda no momento em que, por meio da cordinha que ele está segurando, ele fizer tombar o banco sob meus pés.

— Estás vendo, Thérèse? — disse-me ele então. — Se tu falhares, eu, por minha vez, não falharei; não estou enganado ao dizer que tua vida depende de ti.

Ele se excita; é no momento de sua embriaguez que ele deve tirar o banco cuja falta deve me deixar presa ao teto; ele faz o possível para

simular esse momento; ele ficaria extasiado se me faltasse habilidade; mas ele falha, eu adivinho, a violência de seu êxtase o trai, eu o vejo fazendo o movimento fatal, o banco escapa, corto a corda e caio no chão, completamente livre; ali, mesmo que a doze pés dele, acreditais, senhora? Sinto meu corpo inundado das provas de seu delírio e de seu frenesi.

Qualquer outra pessoa, aproveitando a arma que tinha nas mãos, teria certamente se atirado sobre aquele monstro; mas de que me adiantaria essa prova de coragem? Sem ter as chaves do subterrâneo, sem conhecer os esconderijos, eu estaria morta antes de conseguir sair dali; Roland, aliás, estava armado; levantei-me então, deixando a arma no chão, para que ele não levantasse a mínima suspeita a meu respeito; e, de fato, ele não teve nenhuma; ele havia saboreado o prazer em toda sua magnitude, e, satisfeito com minha brandura, com minha resignação, talvez muito mais do que com minha atitude, ele me faz um sinal para sair e subimos novamente.

No dia seguinte, examinei melhor minhas companheiras. Essas quatro garotas tinham entre vinte e cinco e trinta anos; apesar de embrutecidas pela miséria e deformadas pelo excesso de trabalho, elas ainda tinham resquícios de beleza; seus corpos eram lindos, e a mais jovem, chamada Suzanne, de olhos encantadores, tinha, ainda, cabelos muito bonitos; Roland a capturara em Lyon, tivera suas primícias e, depois de tê-la retirado da família, com a promessa de se casar com ela, a conduziu para aquele castelo atroz; ela estava ali havia três anos, e, ainda mais particularmente do que suas companheiras, era o objeto da ferocidade daquele monstro: de tantas chicotadas, suas nádegas se tornaram calejadas e duras como se fosse uma pele dessecada ao sol; ela tinha um tumor no seio esquerdo e um abscesso no útero que lhe causavam dores constantes. Tudo aquilo era obra do pérfido Roland; cada um daqueles horrores era fruto de suas lubricidades.

Foi ela que me disse que Roland estava prestes a ir a Veneza, caso as consideráveis quantias que ele acabava de passar à Espanha lhe rendessem as letras de câmbio que aguardava para a Itália, já que ele não queria, absolutamente, levar seu ouro para além dos morros; Roland nunca enviava nada para lá: era em um país diferente como aquele que se propunha morar que ele passava suas notas falsas; desse modo, encontrando-se rico no local onde queria se fixar, e com posse apenas dos documentos de um outro reinado, seus roubos nunca

poderiam ser descobertos. Mas tudo poderia faltar em um instante, e a aposentadoria que ele planejava dependia completamente daquela última negociação, na qual maior parte de seus tesouros estava comprometida. Se Cádiz aceitasse seu dinheiro, seus sequins, seus falsos luíses, e lhe enviasse sobre isso as letras de câmbio de Veneza, Roland estaria feliz para o resto da vida; se a fraude fosse descoberta, apenas um dia seria suficiente para pôr abaixo o frágil edifício de sua fortuna.

— Ai de mim! — eu disse, ao saber desses detalhes. — A Providência será justa pelo menos uma vez, ela não irá permitir os êxitos de um monstro como esse e seremos todos vingados...

Grande Deus! Depois da experiência que havia adquirido, isso era a única coisa que eu poderia deduzir!

Ao meio-dia, aproximadamente, davam-nos duas horas de repouso que aproveitávamos sempre para ir separadamente respirar e jantar em nossos quartos; às duas horas, amarravam-nos e faziam-nos trabalhar até a noite, sem que nunca nos fosse permitido entrar no castelo. Se estivéssemos nuas, era não apenas por causa do calor, mas sobretudo por estarmos preparadas para receber as chicotadas que, de vez em quando, nosso rude amo vinha nos desferir. Durante o inverno, entregavam-nos uma calça e um casaquinho que, de tão apertados, nossos corpos não ficavam menos expostos às chicotadas de um celerado cujo único prazer era nos flagelar.

Oito dias se passaram sem que eu visse Roland; no nono, ele apareceu em nosso trabalho, e, querendo que eu e Suzanne girássemos a roda com muita lentidão, ele distribuiu trinta chicotadas em cada uma de nós, desde o meio das costas até o alto da coxa.

À meia-noite desse mesmo dia, o vilão veio me encontrar em meu calabouço, e, inflamando-se com o espetáculo de suas crueldades, ainda introduziu seu terrível bastão no antro tenebroso que eu lhe deixava exposto com a postura com a qual me protegia ao imaginar os vestígios de sua cólera. Quando suas paixões foram satisfeitas, eu quis aproveitar o instante de calma para implorá-lo para aliviar meu destino. Ai de mim! Eu não sabia que em almas como aquelas o momento do delírio ataçava ainda mais suas inclinações para a crueldade, a calma não os conduz, nem por isso, às mais doces virtudes do homem honesto; é uma chama mais ou menos alimentada pelo o que a nutre e que continua ativo mesmo sob as cinzas.

— E com que direito — respondeu-me Roland — pretendes que eu

alívio as correntes que te prendem? Seria em razão das fantasias que quero realizar contigo? E eu por acaso estou indo a teus pés implorar por favores, baseados nos quais tu possas implorar algumas recompensas? Não estou te pedindo nada, eu, simplesmente pego e não vejo por que, ao me valer desse direito sobre ti, ele deve resultar em uma abstinência da minha parte em um segundo. Não existe nenhum amor em minha atitude: o amor é um sentimento cavalheiresco que eu menosprezo imensamente, e do qual meu coração nunca sentiu as conquistas; faço uso de uma mulher por necessidade, assim como se usa um recipiente redondo e oco para outro tipo de necessidade, mas sem nunca conceder a esse indivíduo, que nada além do que o meu dinheiro e a minha autoridade oferecem aos meus desejos, nem estima nem afeição; o que ganho em troca diz respeito apenas a mim, e disso não exijo nada além do que a submissão; depois, não posso me dispor a oferecer-lhe nenhuma gratidão. Pergunto àqueles que queriam me coagir se um ladrão que arranca a bolsa de um homem no bosque, por ser mais forte do que este, deve algum reconhecimento àquele homem pelo erro que acaba de lhe cometer? O mesmo acontece com o insulto desferido a uma mulher: isso pode ser um título para fazer-lhe um segundo, mas nunca uma razão satisfatória para acordar-lhe recompensas.

— Ó senhor — digo-lhe —, a que ponto estais levando a vilania!

— Nos últimos tempos — respondeu-me Roland —, não existe um único desvio ao qual eu não tenha me permitido, um único crime que não tenha cometido, e nenhum que meus princípios não perdoem ou não legitimem. Durante todo o tempo, senti pelo mal um tipo de atração que sempre gravitava de acordo com minha volúpia; o crime acende minha luxúria, mas quanto mais ele é atroz, mais me excita; divirto-me ao cometê-lo do mesmo modo que o prazer que as pessoas comuns só experimentam na libidinagem, e encontrei-me centenas de vezes pensando no crime, entregando-me a ele, ou acabando de cometê-lo, completamente no mesmo estado em que nos encontramos quando estamos próximos de uma bela mulher nua; ele provocava meus sentidos do mesmo modo, e eu o cometia para me despertar, como nos aproximamos de um belo objeto com as intenções mais desavergonhadas.

— Ó senhor, o que estais a dizer é terrível, mas já vi exemplos disso.

— Existem milhares, Thérèse. Não se deve pensar que é a beleza de

uma mulher que mais incita o espírito de um libertino: é sobretudo a espécie de crime que as leis relacionam a sua possessão. A prova disso é que, quanto mais essa possessão for criminosa, mais uma pessoa se sente incendiada por ela; o homem que desfruta de uma mulher que ele rouba do marido, de uma moça que subtrai dos pais, se satisfaz sem dúvida muito mais do que o marido que desfruta apenas de sua mulher; e quanto mais os laços rompidos parecerem respeitáveis, mais a volúpia aumenta. Se se tratar de sua mãe, de sua irmã, de sua filha, novas seduições aos prazeres são provadas; e será que já experimentamos tudo? Seria preferível que os obstáculos fossem ainda maiores para serem mais difíceis e mais sedutores a se ultrapassar. Ora, se o crime tempera um prazer, destacando-se deste, ele pode ser o próprio prazer, encontrando, então, um prazer garantido apenas no crime. Afinal, é impossível que aquele que produza o sol não o tenha para si. Desse modo, eu suponho que o rapto de uma moça a seu próprio favor garantirá um prazer muito intenso, mas o rapto a favor de um outro garantirá todo o prazer cujo usufruto dessa moça estiver aprimorado por causa do rapto; o roubo de um relógio, de uma bolsa, também irão provocar o mesmo, e se eu tiver acostumado meus sentidos a se afetarem com alguma volúpia diante do rapto de uma moça, por ser rapto, esse mesmo prazer, essa mesma volúpia, serão encontrados no roubo do relógio, no da bolsa etc. E é isso o que explica a fantasia de tantas pessoas honestas que roubavam sem ter necessidade. Nada pode ser mais simples a partir desse momento; é preciso experimentar os maiores prazeres com tudo o que for criminoso; com tudo o que for possível imaginar, é preciso tornar os simples prazeres os mais criminosos possíveis; comportando-se assim, o que se faz é temperar com a dose faltante de sal e que é indispensável para a perfeição da felicidade. Esses sistemas levam longe, sei disso, talvez até mesmo irei te provar isso um pouco, Thérèse, mas o que importa, contanto que nos divertimos? Poderia existir, por exemplo, minha querida, algo de mais simples, de mais natural do que me ver gozar contigo? Mas te opões a isso, pedes para que isso não aconteça; parecia, pelas obrigações que tenho contigo, que eu deveria concordar com tuas exigências. No entanto, não me rendo a nada, não escuto nada, rompo todos os laços que capturam os imbecis, eu te submeto a meus desejos, e, com o mais simples, com o mais monótono prazer, promovo um fato delicioso. Rende-te, Thérèse, rende-te; e se vieres ao mundo com o caráter do mais forte, abusa dos

teus direitos, e conhecerás, de todos os prazeres, o mais intenso e o mais picante.

Roland saiu dizendo essas palavras, deixando-me com as reflexões que, como podeis imaginar, não eram vantajosas.

Fazia seis meses que eu estava naquela casa, servindo, de vez em quando, às notáveis devassidões daquele celerado, quando o vi entrar uma noite na prisão com Suzanne.

— Vem, Thérèse — disse-me ele —, acho que faz muito tempo que não te faço descer no porão que tanto te assustou. Venham as duas comigo, mas também não esperem voltar, tenho, absolutamente, que deixar uma lá embaixo, veremos sobre quem cairá a sorte.

Levanto-me, lanço olhos alarmados na direção de minha companheira e vejo as lágrimas rolares em seus olhos... andamos.

Assim que somos trancadas no subsolo, Roland nos examina com olhos ferozes; ele se diverte repetindo-nos que estamos presas e convencendo-nos, tanto uma quanto a outra, de que ele certamente ficaria com uma das duas.

— Vamos — disse ele, sentando-se e fazendo-nos posicionar a sua frente —, trabalhem, uma de cada vez, até o esgotamento, e pobre daquela que perder a energia primeiro.

— É uma injustiça — disse Suzanne. — Aquela que mais vos provocar será quem obterá vossa graça.

— Nada disso — disse Roland. — Assim que for provado que é ela a que mais me provoca, é normal que sua morte me dê mais prazer. Aliás, ao conceder a graça àquela que mais cedo me provocará, tanto uma quanto a outra irá proceder com tal ardor que talvez mergulhará meus sentidos no êxtase antes de o sacrifício ser consumado, e é isso que não deve ser feito.

— Isso é querer o mal pelo mal, senhor — disse eu a Roland. — O complemento de vosso êxtase deve ser a única coisa que deveríeis desejar e se o atingirdes sem crime, por que desejais cometê-lo?

— Porque só gozarei deliciosamente desse modo, e porque só desço nesse calabouço para cometer um crime. Sei muito bem que poderia gozar sem fazer isso, mas quero gozar assim.

E, durante esse diálogo, tendo-me escolhido para começar, eu o excito com uma mão pela frente, com a outra por trás, enquanto ele toca à vontade todas as partes de meu corpo que minha nudez lhe oferece.

— Ainda falta muito, Thérèse — disse-me ele, tocando minhas

nádegas —, essas belas carnes devem chegar ao estado de calosidade, de mortificação, assim como as de Suzanne; vamos queimar as dessa querida moça de modo que ela deixe de senti-las; mas tu, Thérèse, mas tu... ainda tens rosas que entrelaçam os lírios: vamos chegar lá, vamos chegar lá.

Não podeis imaginar, senhora, o quanto essa ameaça me tranquilizou: certamente, Roland não tinha dúvidas, ao fazer isso, da calma que ela propagara em mim, mas não estaria claro que, já que planejava submeter-me a novas crueldades, ele queria me molestar ainda mais? Eu vos disse, senhora, como tudo assusta na desgraça, então me tranquilizei. Enfim, mais um golpe de sorte! Eu não fazia nada, e aquela massa enorme, preguiçosamente dobrada sobre si, resistia a todos os meus solavancos; Suzanne, com a mesma atitude, era apalpada nos mesmos lugares; mas como as carnes eram enrijecidas de forma diferente, Roland manipulava muito menos; Suzanne, além disso, era mais jovem.

— Estou persuadido — dizia nosso carrasco — de que todos os chicotes mais assustadores não conseguiriam, agora, arrancar uma gota de sangue dessa bunda.

Ele fez nós duas nos curvamos, oferecendo-lhe com nossa inclinação os quatro caminhos do prazer, sua língua se movimentava nos mais estreitos; o vilão cuspiu nos outros. Ele nos pegou pela frente, fez-nos ajoelhar entre suas coxas, de forma que ambos os seios ficassem à altura daquilo que nele excitávamos.

— Ó, quanto ao seio — diz Roland —, debes ceder o posto a Suzanne; nunca viste tão belas tetas; vê como são volumosas!

Ao dizer isso, ele apertava o seio daquela infeliz até machucá-lo com seus dedos. Agora, não era eu que o excitava, Suzanne havia me substituído; ele mal havia se colocado entre suas mãos, e o dardo, lançando-se da aljava, já ameaçava agitadamente tudo o que o rodeava.

— Suzanne — disse Roland —, aí estão os terríveis êxitos... É tua sentença, Suzanne, temo por isso — continuava aquele homem feroz, apertando e arranhando as tetas.

Quanto às minhas, ele só chupava e mordiscava. Roland finalmente posiciona Suzanne de joelhos à beira do sofá. Ele lhe faz inclinar a cabeça e se aproveita dela naquela posição, do modo atroz que lhe é natural: despertada por novas dores, Suzanne se debate, e Roland, que só pensa em atacar, satisfeito com alguns movimentos, vem se refugiar

em mim, no mesmo templo em que sacrifica minha companheira, que, enquanto isso, ele não para de ferir e de molestar.

— Esta sim é uma vagabunda que me excita cruelmente — disse-me ele —, não sei o que gostaria de fazer com ela.

— Ó senhor! — disse eu —, tendes piedade dela; é impossível que essas dores sejam mais intensas.

— Ó claro que sim — disse o celerado. — Poderíamos... Ah! Se eu tivesse aqui aquele famoso imperador Kie, ² um dos maiores celerados que a China já viu em seu trono, faríamos, na verdade, algo completamente diferente. Dizem que ele e a mulher, assassinando vítimas diariamente, as faziam viver todos os dias nas mais cruéis angústias da morte — e em tal estado de dor que elas sempre estavam prestes a entregar a alma, já que não podiam mais resistir — pelos cuidados cruéis desses monstros, que, fazendo-as passar de tratamentos a tormentos, só as chamavam naquele momento para oferecer-lhes a morte no minuto seguinte... Sou muito amável, Thérèse, não pretendo fazer nada disso, não passo de um aprendiz.

Roland se retira sem finalizar o sacrifício, e provoca-me quase a mesma dor com essa interrupção precipitada do que faria se introduzisse. Ele se atira nos braços de Suzanne, acrescentando sarcasmo à ofensa:

— Criatura amável — disse-lhe —, lembro-me com prazer dos primeiros instantes de nossa união! Nunca mulher alguma me ofereceu prazeres mais intensos; eu nunca ameí uma como amo a ti!... Beijemo-nos, Suzanne, vamos nos separar, talvez por muito tempo.

— Monstro — disse-lhe minha companheira, empurrando-o com horror. — Afastai-vos de mim; não acrescento aos tormentos que me infligis o desespero de ouvir vossas horríveis elocuções; tigre, satisfazei vossos desejos, mas ao menos respeitai minhas desgraças.

Roland a segurou, ele a deitou no sofá, com as coxas muito abertas, e com o atelier da propagação totalmente ao seu alcance.

— Templo de meus antigos prazeres — exclamou aquele infame —, tu que me forneceste sensações tão agradáveis quando colhi tuas primeiras rosas, também é necessário que eu me despeça de ti...

O celerado introduziu ali suas unhas, e remexia com elas, no interior, por muitos minutos, durante os quais Suzana gritava; ele só as retirou cobertas de sangue. Farto com esses horrores e sentindo que não seria mais possível se conter, ele disse:

— Vamos, Thérèse, vamos, queridinha, vamos desvendar tudo isso

com uma pequena cena do jogo de corta-corda.³

Esse era o nome daquela funesta brincadeira que vos descrevi na primeira vez em que vos falei sobre o porão de Roland. Subo no tripé, o vilão amarra a corda em meu pescoço e fica de frente para mim; Suzanne, ainda que num estado terrível, excita-o com as mãos; ao cabo de alguns instantes, ele tira o tamborete em que meus pés estão apoiados, mas, de posse de uma foice, corta a corda e caio no chão sem me machucar.

— Muito bem, muito bem — disse Roland. — A ti, Suzanne, tudo está dito e te dispenso se saíres dessa com tanta destreza.

Suzanne é posta em meu lugar. Ó senhora, permita-me que eu vos poupe dos detalhes dessa cena medonha... A infeliz não escapou dessa vez.

— Vamos embora, Thérèse — disse-me Roland. — Só voltarás a entrar aqui quando chegar a tua hora.

— Quando quiserdes, senhor, quando quiserdes — respondi. — Prefiro a morte à vida terrível que me fazeis levar. Não seria para desgraçadas como nós que a vida ainda pode ser cara?...

E Roland trancou-me novamente em meu calabouço. Minhas companheiras me perguntaram no dia seguinte o que aconteceu com Suzanne, e eu lhes contei; elas não se assustaram; todas aguardavam o mesmo destino, e todas, assim como eu, vendo aí o fim de seus males, o desejavam com pressa.

Dois anos assim se passaram, Roland em suas devassidões de sempre, eu na horrível perspectiva de uma morte cruel, quando a novidade finalmente se espalhou pelo castelo: que não apenas os desejos de nosso senhor tinham sido satisfeitos, que ele não apenas recebia por meio de Veneza a imensa quantidade de escrituras que desejava, como lhe pediam até seis milhões de notas falsas das quais lhe faziam passar o quanto bem entendesse para a Itália; era impossível que aquele celerado fizesse uma fortuna maior; ele saía com mais de dois milhões de renda, sem a esperança que havia imaginado; tal era o novo exemplo que a Providência me preparava, tal era a nova maneira com que ela ainda queria me convencer de que a prosperidade estava para o crime assim como o infortúnio estava para a virtude.

As coisas estavam nesse estado quando Roland veio me procurar para descermos uma terceira vez ao porão. Eu tremi ao me lembrar das ameaças que ele me fizera na última vez em que tínhamos ido ali.

— Fica tranquila — disse-me ele —, não tens nada a temer, trata-se de algo que só diz respeito a mim... Uma volúpia peculiar da qual quero gozar e que não te fará correr nenhum risco.

Eu o acompanho. Assim que todas as portas se encontram fechadas, Roland me disse:

—Thérèse — disse-me Roland —, tu és a única pessoa nesta casa em quem posso confiar para o que pretendo fazer; eu precisava de uma mulher muito honesta... E só te encontrei; eu confesso, prefiro até mesmo a ti que a minha irmã...

Muito surpresa, peço para que ele se explique.

— Escuta — disse-me —, minha fortuna está garantida, mas alguns favores que recebi do destino podem me abandonar de um instante para o outro; posso ser perseguido, posso ser pego no transporte que farei das minhas riquezas, e se essa infelicidade me acontecer, Thérèse, serei enforcado; é o mesmo prazer que me divirto em fazer as mulheres experimentarem que me servirá de punição. Estou convencido, na medida do possível, que essa morte é infinitamente mais doce que cruel; mas, como as mulheres que faço experimentar as primeiras angústias nunca quizeram ser verdadeiras comigo, quero sentir essa sensação em minha própria pele. Quero descobrir por minha própria experiência se é verdade que, naquele que a experimenta, essa compressão leva o nervo eretor à ejaculação; uma vez persuadido de que essa morte não passa de um jogo, eu a desafiarei ainda mais corajosamente, porque não é a extinção de minha existência que me dá medo: meus princípios são sólidos e, muito persuadido de que a matéria só pode se tornar matéria, não temo mais o inferno do que espero pelo paraíso; mas apreendo os tormentos de uma morte cruel; eu não queria sofrer morrendo: vamos tentar. Farás comigo tudo o que eu já lhe fiz; ficarei nu, subirei no tamborete, amarrarás a corda, e irei me excitar por um momento, depois, ao veres as coisas tomarem um tipo de consistência, irás retirar o tamborete e ficarei suspenso; me deixarás aí suspenso até que vejas ou a emissão de meu sêmen ou os sintomas de dores; no segundo caso, irás me desamarrar imediatamente; no outro, irás deixar a natureza agir e só depois irás me desamarrar. Vê, Thérèse, colocarei minha vida em tuas mãos: tua liberdade, tua fortuna, esse será o preço da tua boa conduta.

— Ah! Senhor — respondi —, que proposta mais absurda!

— Não, Thérèse, estou exigindo isso — respondeu ele, despidendo-se —, mas comporta-te bem; vê a prova que estou dando de minha confiança e de minha estima!

Do que me adiantaria hesitar? Não seria ele o meu senhor? Aliás, eu tinha a impressão de que o mal que estava prestes a fazer seria logo reparado pelo extremo cuidado que eu tomaria para lhe conservar a vida; mas não importa quais eram suas intenções para comigo, só tinha por fim, certamente, que eu lha devolvesse.

Nós nos preparamos: Roland se aquece com algumas de suas carícias habituais; ele sobe no tamborete, eu o amarro; enquanto isso,

quer que o maltrate, que o repreenda por todos os horrores de sua vida: eu faço o que ele pede; logo seu dardo aponta para o céu, ele próprio me faz um sinal para retirar o tamborete, obedeço. Acreditais, senhora, nada pode ser tão verdade quanto o que acreditara Roland: foram só sintomas de prazer que se despertaram em seu rosto, e quase ao mesmo tempo jatos rápidos de sêmen foram lançados na abóboda. Quando tudo se espalhou, sem que eu tivesse ajudado em absolutamente nada, corro para soltá-lo, ele cai desfalecido, mas, com meus cuidados, logo faço com que retome os sentidos.

— Ó Thérèse! — disse-me ele, reabrindo os olhos. — Não somos capazes de imaginar essas sensações; elas estão além de tudo o que pudermos dizer: podem fazer comigo tudo o que bem entenderem, eu desafio a espada de Têmis. Vais encontrar-me ainda muito culpado para com o reconhecimento. Thérèse — disse-me Roland, amarrando minhas mãos atrás das costas —, mas o que queres, minha querida, não há como se corrigir na idade que tenho... Querida criatura, vens me devolver a vida, e nunca conspirei tanto contra a tua; lamentaste o destino de Suzanne, pois bem! Vou te levar junto a ela; te enfiarei viva no mesmo porão em que ela morreu.

Não vos descreverei meu estado, senhora, imaginai; chorei em vão, gemi em vão, ninguém me escutou. Roland abre o calabouço fatal, ele leva um lampião para que eu possa discernir melhor os cadáveres de que está repleto, em seguida passa uma corda por baixo de meus braços, amarrados, como já vos disse, atrás das minhas costas, e, por meio dessa corda, ele desce a vinte pés do fundo desse calabouço e a mais ou menos trinta pés daquele em que se encontra: eu sofria terrivelmente naquela posição, ele parecia me arrancar os braços. Era tanto o pavor que me tomava e tamanha a perspectiva que se oferecia para mim! Pilhas de corpos em meio aos quais eu ia terminar meus dias e cujo odor já me infectava! Roland para a corda em uma estaca presa através do buraco, e depois, armado de uma faca, eu o ouço se excitar.

— Vamos, Thérèse — disse-me ele —, envia tua alma a Deus, o momento do meu delírio será aquele em que te lançarei neste sepulcro, em que te mergulharei neste abismo eterno que está te esperando; ah!... ah!... Thérèse, ah!...

Eu senti minha cabeça coberta das provas de seu êxtase sem que, felizmente, ele tivesse cortado a corda: ele me retira.

— Pois bem! Sentes medo?

— Ah, senhor!

— É assim que vais morrer, Thérèse, podes ter certeza, e estou muito satisfeito em te acostumar a isso.

Subimos novamente... Deveria eu me queixar? Deveria eu me louvar? Que recompensa era essa que eu acabava de fazer para ele! E não é que aquele monstro seria capaz de coisas ainda piores? E não é que ele seria capaz de me fazer perder a vida? Ó, que tipo de homem era aquele!

Finalmente, Roland preparou sua partida. Ele veio me visitar na véspera, à meia-noite; atiro-me a seus pés, suplico-lhe com as mais enérgicas instâncias para me devolver a liberdade e para somar a isso o pouco que ele queria de dinheiro para me levar a Grenoble.

— A Grenoble! Claro que não, Thérèse, uma vez aí, irás nos denunciar.

— Pois bem, senhor — disse-lhe, molhando seus joelhos com minhas lágrimas —, prometo nunca ir até lá e, para vos convencer disso, aceitais me conduzir convosco até Veneza; talvez não encontrarei lá corações tão duros como na minha pátria, e uma vez que quiserdes ir até lá, prometo, por tudo o que há de mais sagrado, que não vos importunarei.

— Não te darei nenhum socorro, nenhum dinheiro — respondeu-me duramente aquele enorme bandido. — Tudo o que diz respeito à tua piedade, à comiseração, ao reconhecimento, está tão distante de meu coração que, mesmo que eu fosse três vezes mais rico do que sou, não me veriam doar nenhum escudo a um pobre: o espetáculo do infortúnio me provoca, ele me diverte, e quando não posso fazer o mal com minhas próprias mãos, gozo com as delícias daquilo que faz as mãos do destino. Tenho princípios sobre esse assunto e não os abandonarei, Thérèse; o pobre está na ordem da natureza: ao criar os homens com forças desiguais, ela nos convenceu do desejo que tinha de que essa desigualdade se mantivesse, mesmo nas mudanças que nossa civilização trouxesse com suas leis; salvar o indigente é interromper a ordem estabelecida; é opor-se à ordem da natureza, é inverter o equilíbrio, que é a base das mais sublimes estruturas; é trabalhar para uma desigualdade perigosa para a sociedade; é encorajar a indolência e a ociosidade; é ensinar o pobre a roubar o rico, quando satisfizer a este a recusa de socorro, e isso acontece por causa do hábito em que essas ajudas terão colocado o pobre para obtê-los sem trabalho.

— Ó, senhor! Como esses princípios são duros! Será que falaríeis dessa maneira se não tivésseis sido sempre rico?

— Pode ser, Thérèse; cada um tem sua forma de ver, essa é a minha, e não irei mudá-la. Reclamamos dos mendigos da França: se quisermos, logo não haveria mais nenhum; se tivéssemos enforcado sete ou oito mil deles, essa raça infame teria logo desaparecido. O corpo político deve ter sobre isso as mesmas regras que o corpo físico. Um homem devorado por vermes não teria sobrevivido sobre eles por comisseração? Em nossos jardins, não tiramos a raiz da planta parasita que prejudica o vegetal útil? Por que, então, nesse caso, querer agir de outra forma?

— Mas e a religião — eu exclamava —, senhor, a caridade, a humanidade!...

— Não passam de pedras que estorvam tudo o que a felicidade almeja — disse Roland. — Se consolidei a minha, foi sobre as ruínas de todos esses infames preconceitos dos homens; foi zombando das leis divinas e humanas; foi sempre sacrificando o fraco quando eu o encontrei em meu caminho; foi abusando da boa-fé pública; foi arruinando o pobre e roubando o rico que alcancei o templo íngreme da divindade que escalei; por que não segues meu exemplo? O caminho estreito desse templo se oferecia a teus olhos como aos meus; as virtudes quiméricas que preferias te consolaram de teus sacrifícios? Não há mais tempo, infeliz, não há mais tempo, chora por teus erros, sofre e trata de encontrar, se puderes, entre teus fantasmas que tanto reverencias, isso que o culto que ofereceu a eles te fizeram perder.

O cruel Roland, diante de tais palavras, precipitou-se sobre mim e ainda fui obrigada a servir às desprezíveis volúpias de um monstro que eu tinha tanta razão em abominar; pensei que dessa vez ele fosse me estrangular. Quando sua paixão foi satisfeita, ele pegou o pedaço de couro e me deu mais de cem chicotadas no corpo inteiro, garantindo-me que eu deveria estar muito feliz pelo que não tivera tempo de fazer.

No dia seguinte, antes de partir, aquele infeliz nos ofereceu uma nova cena de crueldade e de barbárie cujos anais dos Andrônics, dos Neros, dos Tibérios, dos Venceslaus não têm nenhum exemplo parecido. Todos no castelo pensaram que a irmã de Roland iria partir com ele. Consequentemente, ele fez com que ela se vestisse; no momento de montar no cavalo, ele a conduziu em nossa direção.

— Aqui é o teu lugar, criatura horrível — disse-lhe, ordenando que

ficasse nua. — Quero que meus camaradas se lembrem de mim por deixar-lhes como garantia a mulher pela qual eles pensam que tenho o maior afeto; mas como preciso de certo número delas aqui, e como farei um caminho perigoso, no qual minhas armas talvez me sejam úteis, tenho que testar minhas pistolas em uma dessas descaradas.

Ao dizer isso, ele engatilha uma delas, aponta-a para o peito de cada uma de nós, e, voltando-se finalmente para sua irmã:

— Vai, vagabunda — disse-lhe, atirando no cérebro —, vai dizer ao diabo que Roland, o mais rico dos celerados da terra, é aquele que mais insolentemente o desafia, tanto o Céu quanto o Inferno!

Essa infortunada não morreu imediatamente, ela se debateu por muito tempo em seus grilhões: um espetáculo terrível que aquele infame insolente observa a sangue-frio e do qual ele só se livra afastando-se para sempre de nós.

Tudo mudou no dia seguinte após a partida de Roland. Seu sucessor, um homem meigo e muito sensato, fez com que relaxássemos por um instante.

— Não se trata, absolutamente, de um sexo frágil e delicado — disse-nos com bondade. — São animais que devem servir essa máquina; o trabalho que fazemos é muito criminoso, sem ofender ainda mais o Ser Supremo por essas atrocidades gratuitas.

Ele nos organizou no castelo, e, sem nada exigir, colocou-me nos cuidados que eram da irmã de Roland; as outras moças ficaram ocupadas com as moedas, ofício, sem dúvida, bem menos cansativo e do qual elas, no entanto, eram recompensadas, assim como eu, com bons quartos e excelentes refeições.

Ao cabo de dois meses, Dalville, sucessor de Roland, nos informou sobre a feliz chegada de seu colega em Veneza: lá ele se estabeleceu, fez sua fortuna e estava gozando de todo o repouso, de toda a felicidade de que poderia se gabar. O destino daquele que o substituísse deveria ser o mesmo. O infeliz Dalville era honesto em sua profissão: mais do que o suficiente para ser rapidamente derrotado.

Um dia em que tudo estava tranquilo no castelo e que, sob as leis desse bom senhor, o trabalho, ainda que criminoso, era no entanto feito com alegria, as portas foram forçadas, as valas escaladas, e a casa, antes que nosso pessoal tivesse tempo de considerar uma defesa, encontrou-se com mais de sessenta cavalheiros da gendarmaria. Foi preciso se render; não foi possível acontecer de outro modo. Acorrentaram-nos como animais; amarraram-nos aos cavalos e nos

conduziram a Grenoble.

— Ó Céus! — disse ao entrar. — Então é o cadafalso que fará o meu destino nessa cidade em que tive a loucura de acreditar que a felicidade devia nascer para mim... Ó, os pressentimentos do homem, como são enganosos!

O processo dos criminosos foi logo julgado; todos foram condenados ao enforcamento. Quando viram minha marca, evitaram quase com pesar interrogar-me, e eu seria tratada como os outros, quando tentei obter enfim alguma piedade do famoso magistrado de honra daquele tribunal, um magistrado íntegro, cidadão querido, filósofo esclarecido, cujas sabedoria e benevolência gravarão para sempre, no templo de Têmis, o célebre nome em letras de ouro. Ele me escutou; convencido de minha boa-fé e da verdade dos meus infortúnios, dignou-se a dar ao meu processo um pouco mais de atenção do que seus colegas... Ó grande homem, devo-vos minha homenagem, o reconhecimento de uma infeliz não será absolutamente oneroso para vós, e a proteção que ela vos oferece ao fazer conhecer seu coração será sempre o mais doce gozo do vosso.

O sr. S*** se tornou meu advogado; minhas preces foram atendidas e sua eloquência masculina iluminou os espíritos. As deposições gerais dos criminosos que iam executar vieram apoiar o zelo daquele que queria se interessar por mim: fui declarada seduzida, inocente, completamente livre de acusação, com uma inteira liberdade de me tornar aquilo que eu quisesse. Meu protetor juntou aos seus serviços o de fazer obter uma investigação que me valesse mais de cinquenta luíses; enfim, eu via brilhar em meus olhos a aurora da felicidade; meus pressentimentos pareciam finalmente se realizar, e acreditava que meus males haviam chegado ao fim, quando a Providência tratou de convencer-me de que eu ainda estava bem longe disso.

Ao sair da prisão, alojei-me em um albergue em frente à ponte de Isère, ao lado dos subúrbios, onde me asseguraram que eu estaria hospedada honestamente. Minha intenção, após o conselho do sr. S***, era ficar algum tempo para tentar integrar-me à cidade ou retornar a Lyon, caso não tivesse êxito com as cartas de recomendação que o sr. S*** teve a bondade de me oferecer. Nesse albergue, eu comia o que se costuma chamar de prato feito, quando, no segundo dia, percebi que estava sendo minuciosamente observada por uma opulenta senhora bem vestida que se dava o título de baronesa: ao ser obrigada a examiná-la, por minha vez, acreditei reconhecê-la,

avancamos simultaneamente uma em direção à outra, como duas pessoas que se reconhecem, mas não se lembram de onde.

A baronesa, enfim, me chamou de lado:

— Thérèse — disse-me ela —, por acaso estou enganada? Não serias aquela que salvei há dez anos da prisão? Será que ainda te recordas da Dubois?

Um pouco aterrada por essa descoberta, respondi, no entanto, educadamente, mas estava lidando com a mulher mais fina e inteligente que já existiu na França: não havia como escapar. Dubois cobriu-me de delicadezas, disse-me que estava interessada em meu destino pela cidade, mas que se ela soubesse que aquilo me dizia respeito, tomaria todo tipo de atitude junto aos magistrados, entre os quais vários eram, segundo ela, seus amigos. Fraca, como de costume, deixei-me conduzir ao quarto daquela mulher para contar meus infortúnios.

— Minha querida amiga — disse-me ela, beijando-me novamente —, se desejei te ver mais reservadamente é para te dizer que fiz minha fortuna e que tudo que tenho está a teu serviço; olha — disse-me, abrindo caixas cheias de ouro e de diamantes —, eis os frutos de meu empreendimento; se eu tivesse estimulado minha virtude como fizeste, hoje estaria presa ou enforcada.

— Ó senhora — disse-lhe —, se deveis tudo isso aos crimes, a Providência, que termina sempre sendo justa, não permitirá que aproveiteis por muito tempo.

— Errado — disse-me Dubois —, não imagine que a Providência sempre favorece a virtude; um rápido instante de prosperidade não deve te cegar a esse ponto. O mesmo acontece no procedimento das leis da Providência, Paulo deve seguir o mal, enquanto Pedro deve se entregar ao bem; para a natureza, é preciso uma parte igual de um e de outro, e o exercício do crime, mais do que o da virtude, é a coisa mais indiferente do mundo. Escuta, Thérèse, escuta-me com um pouco de atenção — prosseguiu essa corrupta sentando-se e colocando-me ao seu lado. — Tu és perspicaz, minha criança, e eu gostaria, finalmente, de te convencer.

“Não é a escolha que o homem faz pela virtude que garante sua felicidade, minha querida, pois a virtude, como o vício, é apenas uma das maneiras de se conduzir no mundo; então, não se trata de seguir uma, em vez do outro; não se trata de caminhar pela estrada geral; aquele que se afasta dela está sempre errado. Em um mundo

completamente virtuoso, eu te aconselharia a virtude, porque as recompensas estão ligadas a ela, a felicidade depende disso, obrigatoriamente: em um mundo inteiramente corrompido, eu só te aconselharei o vício. Aquele que não segue a estrada dos outros perecerá inevitavelmente; tudo o que ele encontra o prejudica, e, como ele é o mais fraco, ele precisa necessariamente ser arruinado. É em vão que as leis querem restabelecer a ordem e conduzir os homens à virtude; muito prevaricadoras para empreendê-las, muito insuficientes para vencê-los, elas podem até se afastar por um instante do caminho trilhado, mas nunca o deixarão. Quando o interesse geral dos homens os levarem à corrupção, aquele que não quiser se corromper com eles lutará então contra o interesse geral; ora, que felicidade pode esperar aquele que contraria perpetuamente o interesse dos outros? Tu me dirás que é o vício que contraria o interesse dos homens? Admito essa ideia num mundo composto de partes equivalentes de bons e maus, porque então o interesse de uns choca visivelmente o de outros; mas isso não é muito diferente em uma sociedade totalmente corrompida; meus vícios, então, ultrajam apenas o que é perverso, determinando nele outros vícios que o recompensam, e encontraremos-nos ambos felizes. A vibração será geral; trata-se de uma variedade de choques e de lesões mútuas em que cada um, logo recuperando o que acaba de perder, encontra-se incessantemente em uma posição favorável. O vício não é tão perigoso quanto a virtude, que, fraca e tímida, nunca se atreve a realizar coisa alguma; mas quando ela deixa de existir sobre a terra, quando seu fastidioso reino terminar, o vício, então, ultrajando apenas o vicioso, fará desabrochar outros vícios, mas sem alterar as virtudes. Não terias falhado mil vezes em tua vida, Thérèse, tomando sempre a via oposta que todos seguiam? Se te entregasses à correnteza, terias encontrado o porto, como eu encontrei. Será que aquele que almeja subir o rio irá percorrer em um mesmo dia tantos caminhos quanto aquele que desce? Estás sempre a me falar sobre Providência! Quem pode provar que essa Providência ama a ordem e, conseqüentemente, a virtude? Não estaria ela oferecendo, incessantemente, exemplos de suas injustiças e de suas irregularidades? Seria enviando aos homens a guerra, a peste, a fome, seria tendo formado um universo vicioso em todas as partes que ela mostra aos teus olhos seu amor extremo pelo bem? Por que queres que os indivíduos viciosos a detestem, uma vez que ela mesma só age pelos vícios; uma vez que tudo é vício e

corrupção em suas obras; que tudo é crime e desordem em suas vontades? Aliás, de quem herdamos esses movimentos que nos instigam para o mal? Não seriam suas mãos que os estão oferecendo? Haveria uma só sensação que não viesse dela? Um de nossos desejos que não fosse obra sua? Seria sensato dizer que ela nos deixaria ou nos daria predisposições para uma coisa que a prejudicasse ou que lhe fosse inútil? Se os vícios lhe servem, por que desejaríamos resistir a eles? Com que direito nos empenharíamos em destruí-los? E de onde vem a ideia de abafarmos sua voz? Um pouco mais de filosofia no mundo colocaria imediatamente tudo em ordem, e mostraria aos magistrados, aos legisladores, que os crimes que eles julgam e punem com tanto rigor têm, certas vezes, um grau de utilidade bem maior do que essas virtudes que pregam sem que eles próprios os pratiquem, e sem nunca serem recompensados por elas.”

— Mas, quando eu estiver fraca o suficiente, senhora — respondi —, para abraçar vossos terríveis projetos, como irei conseguir abafar o remorso que eles farão surgir o tempo todo em meu coração?

— O remorso é uma quimera — disse-me Dubois. — Ele não passa, minha querida Thérèse, de um murmúrio bem tímido e imbecil da alma para não ousar aniquilá-la.

— Aniquilá-la! Seria possível fazer isso?

— Nada pode ser mais fácil; uma pessoa só se arrepende do que não está acostumada a fazer; refaças sempre o que te traz remorsos e rapidamente irás se livrar deles; compara-os à tocha das paixões, às leis potentes do interesse, e logo irás eliminá-los. O remorso não prova o crime, ele apenas indica uma alma fácil de ser subjugada; se uma ordem absurda vier te impedir de sair neste instante do quarto, só irás sair daqui com remorso, certo estejas de que não fará nenhum mal em dares o fora. Então não é verdade que só o crime produz remorsos. Convencendo-te da invalidade dos crimes, da necessidade que eles têm no plano geral da natureza, será então possível vencer facilmente os remorsos que sentirias logo após tê-los cometido, como aconteceria ao abafar o que viesse da tua saída deste quarto após a ordem ilegal que terias recebido para continuar aqui. É preciso começar por uma análise exata de tudo o que os homens chamam de crime; para se convencer de que eles não passam de infração a suas leis e a seus costumes nacionais que assim se caracterizam; de que isso que se chama de crime na França deixa de ser crime a duzentas léguas daqui; de que não existe nenhuma ação que seja realmente considerada como

crime universal sobre a terra; nenhuma que, viciosa ou criminosa aqui, não seja louvável e virtuosa a algumas milhas; de que tudo é uma questão de opinião, de geografia e que, então, é um absurdo se a praticar virtudes que são vícios alhures, e fugir dos crimes que são excelentes ações em outro contexto. Eu te pergunto se agora, a partir dessas reflexões, ainda posso guardar remorsos, para ter, seja por prazer, seja por interesse, cometido um crime na França que não passa de uma virtude na China? E se eu deveria muito infeliz ou me incomodar prodigiosamente, a fim de praticar na França ações que me levariam à fogueira em Siam? Ora, se o remorso só está relacionado com a defesa, se ele só nasce dos restos do freio e nunca da ação cometida, seria esse um movimento sábio para deixar existir por si próprio? Não seria uma estupidez abafá-lo imediatamente? Deve-se acostumar com indiferença à ação que vem dar remorsos; deve-se julgá-la, tal como é, pela reflexão dos hábitos e costumes de todas as nações da terra; como consequência desse trabalho, deve-se renovar essa ação, tal como ela é, tão logo seja possível; ou, melhor ainda, que a tornemos mais obstinada que a anterior, a fim de nos acostumarmos melhor a ela, e o hábito e a razão logo irão destruir os remorsos; eles arruinarão imediatamente esse movimento tenebroso, único fruto da ignorância e da educação. Sentir-se-á, a partir de então, que, desde que ele não seja um crime real com finalidade, existe estupidez para se arrepender e pusilanimidade para não se atrever a fazer tudo o que nos pode ser útil ou agradável, não importa quais sejam as barreiras que se deve ultrapassar para alcançá-lo. Tenho quarenta e cinco anos, Thérèse, e cometi meu primeiro crime aos catorze. Esse crime me libertou de todos os laços que me incomodavam; desde então, não parei de correr atrás da fortuna por uma carreira que estivesse semeada por ela, não existe nenhum crime que não tenha feito ou que não tenha feito fazer... e nunca conheci o remorso. Não importa o que acontecer, vou até o fim, mais dois ou três golpes favoráveis, e passo do estado da mediocridade em que deveria terminar meus dias a mais de cinquenta mil de renda. Repito para ti, minha querida, felizmente, nunca, nesse caminho percorrido, o remorso me fez conhecer seus espinhos; uma derrota atroz me lançaria imediatamente do cume ao abismo, seria o máximo que eu iria experimentar, posso me queixar dos homens ou de minha inabilidade, mas sempre estarei em paz com minha consciência.

— Que seja, senhora — respondi —, mas vamos pensar um pouco

sobre vossos próprios princípios; com que direito pretendeis exigir que minha consciência seja tão firme quanto a vossa, uma vez que ela não foi condicionada desde a infância a superar os mesmos preconceitos? Com que direito exigis que meu espírito, que não é organizado como o vosso, possa adotar os mesmos sistemas? Admitistes que existe uma soma de bem e de mal na natureza e que é preciso, consequentemente, uma certa quantidade de seres que pratiquem o bem e uma outra que se entrega ao mal. O partido que adoto está, então, na natureza; e, a partir disso, por que exigir que eu me distancie das regras que ela está me prescrevendo? Vós encontrais, como bem o disse, a felicidade no caminho que percorrei: muito bem, senhora! Por que eu também não a encontraria no caminho em que me encontro? Não imaginais, aliás, que a vigilância das leis deixa repousar por muito tempo aquele que as infringe; acabai de ver um exemplo surpreendente disso, dos quinze canalhas entre os quais eu vivia, apenas um se salvou, catorze estão perecendo vergonhosamente...

— Então é isso o que chamas de tormento? — retomou Dubois. — Mas o que essa infâmia significa para aquele que não tem mais princípios? Quando não se tem nada a perder, quando a honra, aos nossos olhos, não passa de um preconceito, a reputação é algo indiferente, a religião, uma quimera, a morte, um completo esvaziamento, então não se morreria do mesmo modo em um cadafalso ou em sua própria cama? Existem dois tipos de celerados no mundo, Thérèse: aquele que uma fortuna poderosa, um crédito prodigioso, protege desse fim trágico, e aquele que não irá evitá-lo se for pego. Se este último, nascido sem bens, for perspicaz, ele deve ter somente um desejo: tornar-se rico a qualquer preço, custe o que custar; se ele conseguir, terá o que desejou, será feliz; se ele for crapuloso, de que pode se arrepender, uma vez que não tem nada a perder? Então, diante dos celerados, as leis são nulas, desde que não prejudiquem quem é poderoso, e que seja impossível ao infeliz temê-las, pois sua lâmina é seu único recurso.

— E acreditais — retomei — que a justiça celeste espera em um outro mundo aquele que o crime apavorou neste aqui?

— Acredito — respondeu aquela mulher perigosa — que se existisse um Deus haveria menos mal sobre a terra; acredito que se o mal aqui existe, ou essas desordens são regidas por esse Deus, então eis um ser bárbaro, ou ele é incapaz de impedi-las, e eis então um Deus fraco e, em todos os casos, um ser abominável, um ser de quem

eu devo desafiar as forças e desprezar as leis. Ah! Thérèse, o ateísmo não valeria mais do qualquer um desses extremos? Eis minha teoria, querida garotinha, ela me acompanha desde a infância e com certeza nunca irei renunciar a ela.

— Fazei-me estremecer, senhora — disse, levantando-me —, perdoai-me não poder escutar mais do que isso, nem vossos sofismas, nem vossas blasfêmias.

— Um momento, Thérèse — disse Dubois, segurando-me —, se não posso vencer tua razão, que eu pelo menos atinja teu coração. Preciso de ti, não recuses o teu socorro; aqui estão mil luíses, eles te pertencerão a partir do momento em que o golpe for dado.

Escutando apenas minha predisposição a fazer o bem, perguntei imediatamente a Dubois do que se tratava, com o intuito de prevenir, caso pudesse, o crime que ela estava prestes a cometer.

— Então — disse-me —, por acaso notaste esse jovem negociante de Lyon que está comendo aqui há quatro ou cinco dias?

— Quem? Dubreuil?

— Exatamente.

— O que tem ele?

— Ele está apaixonado por ti, confidenciou-me; teu ar modesto e meigo o agrada muito, ele gosta da tua candura e tua virtude o encanta. Esse amante romanesco tem oitocentos mil francos em ouro ou em títulos em uma pequena caixinha perto de sua cama; deixa-me convencer este homem de que consentirias escutá-lo: se isso acontecer ou não, o que importa? Farei com que ele te proponha um passeio fora da cidade, irei persuadi-lo de que conseguirá alguma coisa contigo durante o passeio; irá diverti-lo, irá mantê-lo fora o máximo de tempo possível, eu o roubarei neste intervalo, mas não vou fugir; suas letras já estarão em Turim enquanto eu ainda estarei em Grenoble. Nós empregaremos todo o talento possível para dissuadi-lo a olhar para nós, fingiremos ajudá-lo em suas buscas; no entanto, minha partida será anunciada, ele não vai se assustar em nada; tu vais me seguir e os mil luíses te serão entregues ao chegar às terras do Piemonte.

— Aceito, senhora — disse eu a Dubois, bastante decidida a prevenir Dubreuil do roubo que lhe queriam fazer —, mas pensai que — acrescentei, para melhor enganar aquela celerada —, se Dubreuil está apaixonado por mim, posso, prevenindo-o ou encontrando-o, tirar dele muito mais do que estais me oferecendo para traí-lo?

— Bravo! — disse-me Dubois. — É isso o que chamo de uma boa

aprendiz; começo a acreditar que o céu te deu mais talento do que a mim para o crime. Pois bem! — continuou ela, enquanto escrevia. — Eis minha cédula de vinte mil escudos: atreva-te a recusá-la agora.

— Não vou fazê-lo, senhora — disse, pegando a cédula —, mas atribuí esse meu infeliz estado apenas à minha fraqueza e ao erro que cometo ao me entregar a vossas seduções.

— Eu queria oferecer um mérito ao teu espírito — disse-me Dubois: ou preferes que eu acuse teu tormento, pode ser como tu quiseses; sirva-me sempre e serás feliz.

As coisas melhoraram; a partir da mesma noite, comecei a ser mais acessível a Dubreuil, e reconheci que, de fato, ele tinha algum gosto por mim.

Nada podia ser mais embaraçoso do que minha situação: eu estava sem dúvida bem distante de prestar-me ao crime proposto, mesmo que se tratasse de dez mil vezes mais de ouro; mas denunciar essa mulher era outro desgosto para mim; repugnava-me extremamente a ideia de expor ao perigo uma criatura a quem devia minha liberdade havia dez anos. Quisera encontrar um meio de impedir o crime sem puni-la, e com ninguém menos de que uma celerada consumada como a Dubois, eu estaria garantida. Então determinei-me a isso, ignorando que as manobras surdas dessa mulher horrível não apenas atrapalhava todo o edifício de meus projetos honestos, mas também me puniam até mesmo por lhes ter concebido.

No dia previsto para o passeio planejado, Dubois nos convidou para jantar em seu quarto; aceitamos, e, uma vez a refeição terminada, Dubreuil e eu descemos para apressar a carruagem que nos preparavam; como Dubois não nos acompanhava, só nesse momento encontrei-me sozinha com Dubreuil antes de partir.

— Senhor — disse-lhe bem rápido —, escutai-me com atenção; discretamente, observai sobretudo isso que eu irei vos recomendar; tendes um amigo de confiança neste albergue?

— Sim, tenho um jovem sócio em quem posso confiar como a mim mesmo.

— Pois bem, senhor, ide imediatamente ordenar-lhe para não sair de vosso quarto um minuto sequer enquanto estivermos passeando.

— Mas tenho a chave desse quarto; o que significa esse excesso de precaução?

— É mais importante do que imaginais, senhor: use-a, eu vos imploro, ou não saio contigo; a mulher na casa de quem jantamos é

uma celerada: ela só organizou isso que vamos fazer juntos para vos roubar à vontade durante esse tempo; apressai-vos, senhor, ela está nos observando, ela é perigosa; devolve a chave ao vosso amigo para que ele fique no vosso quarto, sem se mover daí até voltarmos. Eu vos explicarei todo o resto assim que estivermos na carruagem.

Dubreuil me escuta e aperta minha mão como agradecimento, depois corre para dar as ordens relativas ao conselho que havia recebido e volta. Partimos; enquanto percorríamos o caminho, detalhei toda a aventura, contei-lhe as minhas e o deixei a par das piores circunstâncias da minha vida que uma mulher como aquela me fizera conhecer. Aquele jovem honesto testemunhou o mais vivo reconhecimento do serviço que eu quis lhe prestar; ele se interessa pelos meus infortúnios e me propõe suavizá-los concedendo-me sua mão.

— Estou muito contente em poder reparar esses erros que a Fortuna vos verteu, senhorita, disse-me. — Sou o meu próprio senhor, não dependo de ninguém; vou passar em Genebra para um investimento considerável das somas que vossos bons conselhos me salvaram, segui-me; ao chegar lá, torno-me vosso esposo, e em Lyon só tereis esse título, ou, se preferirdes, senhorita, se ainda tiverdes alguma desconfiança, será somente em minha própria pátria que vos darei o meu nome.

Uma proposta como aquela me atraía muito para que eu me atrevesse a recusá-la; mas também não me convinha muito aceitá-la sem mostrar a Dubreuil tudo o que poderia fazê-lo se arrepender; ele agradeceu por minha delicadeza e me apressou com ainda mais insistência... Que criatura infeliz eu era! A felicidade se oferecia a mim apenas para me introduzir mais intensamente no desgosto em nunca podê-la apreender! Assim, não existia virtude capaz de nascer em meu coração sem me preparar tormentos!

Nossa conversa nos conduziu a duas milhas da cidade, e íamos descer para gozar do frescor de algumas vias às margens do Isère, onde desejávamos passear, quando de repente Dubreuil me disse que se sentia muito mal... Ele desce, vômitos assustadores o assomam; eu o coloco imediatamente na carruagem e voltamos apressados para a cidade. Dubreuil se sente tão mal que é preciso carregá-lo para seu quarto; seu estado surpreende seu sócio, que ali encontramos, e que, por ordens suas, não havia saído de lá; um médico chega: santo céu! Dubreuil estava envenenado! Eu mal havia recebido essa notícia fatal,

e corri para o apartamento de Dubois; aquela infame! Ela tinha partido; passo no meu quarto, meu armário estava arrombado, o pouco de farrapos e de dinheiro que eu possuía tinham sido roubados; Dubois, asseguraram-me, fugiu há três horas para os lados de Turim. Não havia dúvida de que ela era a autora daquela quantidade de crimes; ela tinha se apresentado ao quarto de Dubreuil; irritada por encontrar gente no local, vingou-se de mim; envenenando-o durante o jantar, para que, ao voltar, se ela tivesse conseguido roubá-lo, aquele infeliz rapaz, mais ocupado com sua própria vida do que em perseguir quem lhe roubava a fortuna, a deixasse fugir em segurança, e para que o acidente de sua morte, por assim dizer, em meus braços, pudesse pôr-me provavelmente em uma situação na qual seria mais suspeita do que ela; ninguém nos contou suas maquinações, mas seria possível que elas fossem diferentes?

Voltei rapidamente ao quarto de Dubreuil: não me deixam mais aproximar-me dele; queixo-me dessas interdições, explicam-me o motivo disso. O infeliz está morrendo e só pode se dedicar a Deus. Entretanto, ele me perdoa; sou inocente, assegurou; ele afirma enfaticamente que estão me perseguindo, e morre. Dubreuil mal fecha os olhos, e seu sócio vem me dar a notícia, pedindo para que eu me tranquilizasse. Ai de mim! Como poderia me tranquilizar? Poderia eu não deixar de chorar com amargura a perda de um homem que tão gentilmente se oferecera a me tirar do tormento? Seria eu capaz de não lamentar um roubo que me colocava novamente na miséria, da qual eu acabava de sair?

— Criatura terrível! — eu exclamava. — Se é até aqui que teus princípios me conduzem, é de surpreender que eles são abominados, e que as pessoas honestas os punam.

Mas eu raciocinava como a parte ofendida, e Dubois, que só pensava em sua própria felicidade, em seu próprio interesse, nas coisas com as quais ela havia se comprometido, concluiria, sem dúvida, de modo bem diferente.

Contei tudo ao sócio de Dubreuil, que se chamava Valbois, sobre o que fora combinado contra o falecido, sobre o que havia acontecido comigo mesma. Ele se solidarizou comigo, lamentou sinceramente a morte de Dubreuil e repreendeu o excesso de delicadeza que me impediu de denunciar imediatamente o que sabia sobre os projetos da Dubois. Estávamos de acordo de que aquele monstro, a quem não faltava mais do que quatro horas para se instalar em um local de

segurança, chegaria mais cedo lá do que teríamos tempo de avisar para que a perseguissem; que isso nos sairia muito caro; que o dono do albergue, muito comprometido com a queixa que faríamos e se defendendo com ardor, talvez terminasse me destruindo, a mim... que só parecia poder respirar em Grenoble como fugitiva do patíbulo. Essas razões me convenceram e também me assustaram de tal modo que decidi partir daquela cidade sem despedir-me do sr. S***, meu protetor. O amigo de Dubreuil aprovou essa decisão; ele não me escondeu, absolutamente, que, se toda essa aventura fosse descoberta, os depoimentos que ele seria obrigado a fazer iriam me comprometer, não importa quais fossem suas precauções, seja por minha intimidade com Dubois, seja por motivo de minha última caminhada com seu amigo; assim, ele me aconselhava a partir imediatamente sem ver ninguém, bem confiante de que, de sua parte, ele nunca agiria contra mim, que acreditava na minha inocência, e que só podia acusar de fraqueza tudo o que acabara de acontecer.

Refletindo sobre os conselhos de Valbois, tive de reconhecer que eles eram ainda melhores devido ao fato de tudo indicar que estava em uma espécie de atmosfera culpada, embora fosse certo que não o era; que a única coisa que depunha a meu favor, a recomendação feita a Dubreuil durante o passeio, história mal explicada por ele em seu leito de morte, disseram-me, não seria uma prova tão triunfante assim como eu pensava; mediante tudo isso, decidi-me imediatamente. Comuniquei minha decisão a Valbois.

— Gostaria — disse-me — que meu amigo tivesse me encarregado de alguns acordos favoráveis para vós, eu os cumpriria com o maior prazer, gostaria até que ele tivesse me dito que era vosso o conselho de vigiar o seu quarto; mas ele não fez isso; limito-me apenas à execução de suas ordens. Os tormentos que provastes por ele me determinariam a fazer algo por minha própria conta, se eu pudesse, senhorita, mas estou começando no comércio, sou jovem, minha fortuna é restrita, e sou obrigado a prestar contas de Dubreuil à sua família; permiti-me então que me limite a um único pequeno serviço que eu insisto que aceiteis: eis aqui cinco luíses, e eis aqui uma honesta comerciante de minha terra, Chalon-sur-Saône; ela irá retornar para lá após uma parada de vinte e quatro horas em Lyon, onde tem alguns negócios; entrego-vos às mãos dela. Sra. Bertrand — continuou Valbois, conduzindo-me àquela mulher —, eis a jovem pessoa de quem vos falei; eu a recomendo, ela precisa de um emprego.

Insisto, com a mesma veemência, como se tratasse de minha própria irmã, que façais tudo o que for possível para encontrar para ela em nossa cidade algo que convenha ao seu pessoal, ao seu nascimento e à sua educação; nada vos custará até encontrar, eu irei arcar com tudo nesse primeiro momento. Adeus, senhorita — continuou Valbois, pedindo permissão para me abraçar. — A sra. Bertrand parte amanhã ao amanhecer; segui-a, e que um pouco mais de felicidade possa vos acompanhar em uma cidade onde terei a satisfação de vos rever dentro em breve.

A honestidade daquele rapaz, que em princípio não me devia nada, fez-me verter lágrimas. As boas condutas são muito agradáveis quando as experimentamos depois de tanto tempo de desgosto. Aceitei sua doação com a promessa de que só iria trabalhar para conseguir lhe devolver tudo um dia. “Ai de mim!”, pensei, retirando-me. “Se o exercício de uma nova virtude acaba de me atirar no tormento, ao menos, pela primeira vez em minha vida, a esperança de uma consolação aparece nesse abismo espantoso de males em que a virtude insiste em me atirar.”

Ainda era cedo: a necessidade de respirar fez com que eu descesse ao cais de Isère, com vontade de passear alguns instantes por aí; e, como quase sempre acontece em um caso como esse, minhas reflexões conduziram-me para muito longe. Encontrando-me em um local isolado, sentei-me para pensar com mais tranquilidade. No entanto, a noite chegava sem que eu pensasse em me retirar, quando de repente me senti agarrada por três homens. Um deles tapa a minha boca com a mão e os outros dois me atiram imediatamente dentro de uma carruagem, eles sobem comigo e fomos a toda velocidade durante três intermináveis horas sem que nenhum dos bandidos me dirigisse a palavra ou respondesse às minhas perguntas. As cortinas estavam abaixadas e eu nada via. A carruagem se aproxima de uma casa, as portas se abrem para recebê-la e logo em seguida se fecham. Meus guias me levam, fazem com que eu atravessasse vários apartamentos muito escuros e me deixam, por fim, em um deles, perto do qual está um cômodo em que avisto um pouco de luz.

— Fica aí — disse-me um de meus sequestradores, retirando-se com seus camaradas —, logo encontrarás pessoas conhecidas.

Eles desaparecem, fechando com cuidado todas as portas. Quase ao mesmo tempo, a porta do quarto onde eu avistava a claridade se abre e eu vejo sair alguém com uma vela na mão... Ó senhora, advínheis

quem podia ser... Dubois!... Ela mesma, esse monstro assustador, sem dúvida devorada pelo mais ardente desejo de vingança.

— Vem, moça encantadora — disse-me com arrogância —, vem receber a recompensa das virtudes às quais tu te entregaste às minhas custas...

E fechando a mão com raiva:

— Celerada! Vou te ensinar a me trair!

— Não, não, senhora — disse-lhe, precipitadamente —, não, não vos traí, de modo algum: informai-vos, não fiz a menor queixa que possa vos preocupar, não disse nenhuma palavra que possa vos comprometer.

— Mas tu não és contra o crime que eu cogitava? Não o impediste, criatura indigna? Mereces ser punida...

E, como entrávamos, ela não teve tempo para falar mais do que isso. O apartamento para o qual me levaram era tão suntuoso quanto magnificamente iluminado; no fundo, sobre um sofá, estava um homem vestido com um roupão de tafetá muito leve; ele tinha em média quarenta anos e o descreverei logo em seguida.

— Senhor — disse Dubois, apresentando-me a ele —, eis a jovem que desejastes, esta por quem toda Grenoble se sente interessada... a célebre Thérèse, condenada com uma palavra a ser enforcada com os falsários e desde então liberada por sua inocência e virtude. Reconheci a destreza em vos servir, senhor; há quatro dias me destes provas do extremo desejo que tínheis para imolá-la a vossas paixões; e hoje a entrego a vós. Talvez a preferíreis à bela pensionária do convento dos Beneditinos de Lyon, que também desejastes e que está para chegar: esta última tem virtude física e moral, esta aqui tem apenas a virtude dos sentimentos; mas faz parte da existência dela, e não encontrareis em lugar algum uma criatura mais repleta de candura e de honestidade. Tanto uma quanto a outra é para vós, senhor: as duas vos serão entregues esta noite, ou, então, uma hoje e outra, amanhã. Por minha parte, eu vos deixo: as bondades que tendes por mim me comprometeram a compartilhar convosco minha aventura de Grenoble. Um homem morto, senhor, um homem morto! Preciso me salvar.

— É?! Não, não, tu és encantadora — exclamou o senhor do local —, não, fica aqui e não temas nada enquanto eu estiver te protegendo: tu és a alma dos meus prazeres; apenas tu possuis a arte de excitá-los e de satisfazê-los, e quanto mais aumentares teus crimes, mais meu

sangue sobe à cabeça por ti... Mas como és bonita essa Thérèse...

E, dirigindo-se a mim:

— Qual é a tua idade, minha criança?

— Vinte e seis anos, senhor — respondi —, vividos com muitas tristezas.

— Sim, problemas, tormentos; conheço tudo isso, é o que me diverte, é o que quero; iremos colocar tudo em ordem, iremos pôr fim a todas as tuas desventuras; afirmo que em vinte e quatro horas deixarás de ser essa infeliz...

E, com assustadoras gargalhadas:

— Não é verdade, Dubois, que tenho um meio seguro para acabar com os tormentos de uma moça?

— Certamente — disse aquela odiosa criatura —, e se Thérèse não fosse uma de minhas amigas, eu não a teria trazido; mas é justo que eu a recompense pelo o que ela fez por mim. Nunca imagináreis, senhor, o quanto esta cara criatura me foi útil em meu último negócio em Grenoble; vós bem querieis se responsabilizar por meu reconhecimento, e eu imploro que me absolva completamente.

A obscuridade dessas propostas, o que a Dubois me havia dito ao entrar, a espécie do homem com a qual eu estava lidando, aquela moça que ainda era anunciada, tudo preencheu imediatamente minha imaginação com uma perturbação que seria difícil de descrever. Um suor frio exala dos meus poros e eu me sento prestes a desmaiar: tal é o instante em que as condutas daquele homem terminam por me iluminar. Ele me chama, começa por dois ou três beijos em que nossas bocas são forçadas a se unir; ele pega minha língua, chupa-a, e a sua, no fundo da minha garganta, parece aspirar até mesmo a minha respiração. Ele faz mergulhar minha cabeça sobre seu tórax e, levantando meus cabelos, observa atentamente minha nuca.

— Ó! É delicioso — exclama ao pressionar com muita força essa parte —, nunca vi nada tão firme: vai ser divino arrebenhá-lo.

Esta última proposta respondeu todas as minhas dúvidas: percebi que estava na casa de um desses libertinos movidos a paixões cruéis, de quem as mais caras volúpias consistem em gozar das dores ou da morte de vítimas infelizes que os procuram por dinheiro, e que eu corria o risco de perder a vida.

Nesse instante, batem à porta; Dubois sai e logo traz a jovem lionesa de quem acabara de falar.

Tratemos de esboçar agora os dois novos personagens na

companhia de quem eu serei vista. O senhor, de quem nunca soube o nome nem o estado, como vos disse, um homem de quarenta anos, esguio, magro, mas vigorosamente constituído; os músculos quase sempre latentes, crescendo sobre seus braços cobertos com um pelo grosseiro e escuro, anunciavam nele a força com a saúde; seu rosto estava em chamas, seus olhos pequenos, escuros e maldosos, seus belos dentes e a inteligência a transparecer-lhe em todos os traços; sua silhueta bem constituída estava acima da média, e o agulhão do amor que eu tive várias ocasiões de ver e de sentir fazia o comprimento de um pé, e tinha mais de oito polegadas de circunferência. Esse instrumento seco, nervoso, sempre espumando, e sobre o qual se viam grossas veias que o tornavam ainda mais assustador, manteve-se erguido durante as cinco ou seis horas que durou a sessão, sem baixar nem um minuto sequer. Eu ainda não havia encontrado um homem tão peludo: ele parecia aqueles faunos descritos pelas fábulas. Suas mãos secas e duras terminavam com dedos cuja força era a de um torno; quanto ao seu caráter, ele me pareceu duro, brusco, cruel, seu espírito orientado para um tipo de sarcasmo e de zombaria utilizado para duplicar os males, que, percebia-se bem, era de se esperar de um tal homem.

Eulalie era o nome da pequena lionesa. Bastava vê-la para julgar sua origem e sua virtude: ela era filha de uma das melhores famílias da cidade de onde as cúmplices de Dubois haviam-na raptado, sob o pretexto de uni-la a um amante que ela idolatrava; ela possuía, com uma candura e uma ingenuidade encantadoras, uma das fisionomias mais deliciosas possíveis de imaginar. Eulalie, de quase dezesseis anos, tinha um verdadeiro rosto de virgem; sua inocência e seu pudor embelezavam muito seus traços: era pouco corada, embora isso não fosse o que havia de mais interessante; e o brilho de seus belos olhos escuros davam à sua alegre aparência todo o fogo com que essa palidez parecia a princípio privá-la; a boca um pouco grande era enfeitada com os mais belos dentes, seus seios, já formados, pareciam ainda mais brancos que sua tez: era digna de servir a uma pintura, seu corpo pendia para a robustez; suas formas eram roliças e fartas, todas suas carnes consistentes, macias e rechonchudas. Dubois afirmou que era impossível encontrar um traseiro mais bonito: pouco conhecedora dessa parte, permiti-me não me manifestar em relação a ela. Uma leve penugem cobria a parte dianteira; os cabelos loiros, maravilhosos, flutuando sobre todos os seus charmes, deixavam-na ainda mais

atraente; e para completar sua obra-prima, a natureza, que parecia fazê-la com muito prazer, dera-lhe o dom de um caráter doce e amável. Terna e delicada flor, então vieste embelezar por um momento para ser imediatamente depreciada!

— Ó senhora — disse ela a Dubois, ao reconhecê-la —, então é assim que me enganais!... Santo céu! Para onde estais me levando?

— Vais logo ver, minha criança — disse-lhe o dono da casa, atirando-a bruscamente sobre ele e já começando a beijá-la, enquanto uma de minhas mãos o excitava, recebendo suas ordens.

Eulalie quis se defender, mas Dubois, empurrando-a para o libertino, pôe fim a toda possibilidade de fuga. A sessão foi longa; quanto mais fresca a flor, mais aquela vespa impura queria sugá-la. Às suas múltiplas sucções sucedeu o exame do seio; e senti que, ao apalpá-lo, o membro que eu excitava ganhava ainda mais energia.

— Vamos — disse o senhor —, eis duas vítimas que vão me encher de cuidados: serás bem paga, Dubois, pois estou bem servido. Passemos para minha alcova: siga-nos, prezada senhora, siga-nos — continuou ele, conduzindo-nos —, partirás esta noite, mas preciso de ti por enquanto.

Dubois se resigna e passamos para o gabinete dos prazeres daquele depravado, onde nos deixam completamente nuas.

— Ó senhora, não me empenharei em vos representar as infâmias das quais fui ao mesmo tempo testemunha e vítima. Os prazeres daquele monstro eram os de um carrasco. Suas únicas volúpias consistiam em cortar cabeças. Minha infeliz companheira... Ó, não, senhora! Ó, não! Não exijais que eu termine... Eu teria tido o mesmo destino; encorajado pela Dubois, aquele monstro se decidia em tornar o meu suplício ainda mais terrível, quando a necessidade de recuperarem as forças os obriga a se sentarem à mesa... Que perversão! Mas devia eu me queixar, uma vez que ela havia salvado minha vida? Com os excessos de vinho e das refeições, ambos caíram mortos de embriaguez logo após o jantar. Ao vê-los, salto sobre uma saia e um casaco que Dubois acabara de tirar para ficar ainda mais imodesta aos olhos de seu patrão, pego uma vela e me lanço na direção das escadas: esta casa desabastecida de criados não oferece nada que impeça minha fuga, apenas um deles está aí, digo-lhe com um ar de pavor para que corresse a socorrer seu senhor, que está morrendo, e ganho a porta sem mais encontrar resistência. Não conhecia os caminhos, não me haviam deixado vê-los, então pego o

primeiro que se oferece à minha frente... é o de Grenoble; tudo nos serve quando a Fortuna digna-se a nos sorrir por um momento; estavam ainda instalados no albergue, entro discretamente e corro com pressa para o quarto de Valbois. Bato na porta, Valbois se levanta e mal me reconhece no estado em que me encontro; ele me pergunta o que aconteceu; conto-lhe os horrores dos quais acabo de ser vítima e testemunha.

— Ó Thérèse! — disse-me Valbois —, certamente sois a moça mais atormentada que existe no mundo, mas vede, criatura honesta, no meio dos males que vos cercam, uma mão celeste vos protege; que isso seja para vós um motivo a mais para ser ainda mais virtuosa, pois nunca as boas ações ficam sem recompensa. De forma alguma perseguiremos Dubois, meus motivos de deixá-la em paz são os mesmos que vos expus ontem; para começar, reparemos apenas os males que ela fez a vós, está aqui o dinheiro que ela vos roubou.

Uma hora depois uma costureira me traz dois trajés completos e roupa de cama.

— Mas é preciso partir, Thérèse — disse-me Valbois —, é preciso partir ainda hoje; Bertrand está contando com isso, eu a fiz esperar algumas horas para vos esperar, tendes que encontrá-la.

— Ó rapaz virtuoso! — exclamei, caindo nos braços do meu benfeitor. — Que o Céu um dia vos devolva todos os bens que me fizestes!

— Ide, Thérèse — respondeu Valbois, beijando-me —, a felicidade que me desejais... já a desfruto, pois a vossa felicidade é obra minha... Adeus.

Eis como deixei Grenoble, senhora, e se não encontrei nessa cidade toda a felicidade que havia suposto, pelo menos não encontrei em nenhuma outra cidade, como naquela, tantas pessoas honestas reunidas para lamentar ou acalmar meus males.

Estávamos, minha motorista e eu, em uma pequena carruagem presa a um cavalo que conduzíamos do fundo dessa carruagem; lá estavam as mercadorias da sra. Bertrand e uma menininha de quinze meses que ela ainda amamentava e por quem, para minha desgraça, não demorei logo em me apegar numa amizade tão grande quanto a que tinha por aquela que havia lhe dado a vida.

Além do mais, tratava-se de uma mulher tão má, aquela Bertrand, desconfiada, tagarela, fofoqueira, enfadonha e estúpida. Descíamos sempre, a cada noite, todas as coisas no albergue e dormíamos no

mesmo quarto. Até Lyon, tudo se passou muito bem, mas durante os três dias que aquela mulher precisou para seus negócios, tive naquela cidade um encontro que estava longe de esperar.

Eu passeava à tarde no cais do Rhône com uma das moças do albergue que eu pedira para me acompanhar quando, de repente, avistei o Reverendo Padre Antonin de Sainte-Marie-des-Bois, agora superior da casa de sua ordem situada naquela cidade. Esse monge me aborda, e depois de ter reprovado em voz baixa, com acrimônia, minha fuga, e de me ter feito ouvir que eu corria grandes riscos de ser recapturada, caso ele avisasse o convento de Bourgogne, acrescentou, acalmando-se, que não diria nada se eu viesse imediatamente vê-lo em seu novo quarto com a menina que me acompanhava e que lhe parecia uma boa presa; depois fez em voz alta a mesma proposta para aquela criatura:

— Nós vos pagaremos bem — disse o monstro —, somos dez em nossa casa, e prometo pelo menos um luís para cada uma, se não impuserem limites a suas complacências.

Enrubesci prodigiosamente diante dessas propostas; por um momento, quero mostrar ao frade que ele está enganado: sem obter êxitos, tento fazer sinais para contê-lo, mas nada impede aquele insolente, e suas solicitações tornam-se ainda mais quentes; enfim, diante de nossas reiteradas recusas em segui-lo, contenta-se em pedir instantaneamente nosso endereço; para me livrar dele, dou-lhe um endereço falso: ele o anota em sua carteira, e nos deixa, garantindo-nos que em breve voltará a nos ver.

Voltando ao albergue, expliquei a meu modo a história daquele infeliz encontro à moça que me acompanhava; mas seja porque o que lhe disse não a tenha agradado muito, seja porque ela se incomodou com um ato de virtude de minha parte, privando-a de uma aventura em que teria feito bons lucros, ela esbravejou; não tive muita ocasião para perceber as intenções de Bertrand, durante a infeliz catástrofe que logo irei vos contar. No entanto, o monge não apareceu e partimos.

Saindo tarde de Lyon, só pudemos, nesse primeiro dia, descansar em Villefranche, e foi aí, senhora, que me ocorreu o infortúnio atroz que me fez hoje aparecer diante de vós como uma criminosa, sem ter sido nessa funesta circunstância ou em qualquer uma das situações em que me vistes, sofrendo tão injustamente com os golpes do destino, e sem que outra coisa tenha me conduzido para o abismo e para a

maldade dos homens.

Ao chegarmos às seis horas da tarde em Villefranche, apressamo-nos para jantar e nos deitar, a fim de realizar uma longa caminhada no dia seguinte; não fazia nem duas horas que repousávamos quando fomos acordadas por uma fumaça terrível; persuadidas de que o fogo não devia estar muito distante, levantamo-nos rapidamente. Santo céu! O incêndio assumia proporções assustadoras; praticamente nuas, abrimos a porta e ouvimos à nossa volta o estrondo das paredes ruindo, o barulho das estruturas que se rompiam e os medonhos gemidos dos que caíam nas chamas. Cercadas por aquelas chamas devoradoras, já não sabíamos mais para onde fugir; para escapar da violência do fogo, precipitamo-nos para a sala e logo nos encontramos confundidas com a multidão dos infelizes que, como nós, procuram a salvação através da fuga. Lembro-me então de que minha condutora, mais ocupada consigo mesma do que com a filha, não pensava em protegê-la da morte; sem a prevenir sobre isso, corro ao nosso quarto em meio às chamas que me alcançavam, queimando-me em diversos lugares; agarro a pobre e pequena criatura; apresso-me para levá-la a sua mãe, apoiando-me em uma viga corroída pela metade: perco o apoio do pé, e meu primeiro movimento é levar minhas mãos à frente; esse impulso da natureza força-me a soltar o precioso fardo que estou carregando... Ele escapa de mim e a infeliz criança cai no fogo sob os olhos de sua mãe. Nesse instante é a minha vez de me alterar... carregam-me; muito emocionada, sem nada conseguir distinguir, não sei se são perigos ou socorros que me cercam, mas, para minha infelicidade, logo sou esclarecida: atirada em uma carruagem, encontro-me ao lado de Dubois, que, apontando uma pistola para minha frente, ameaça-me estourar o cérebro caso eu pronunciasse alguma palavra...

— Ah, celerada! — disse. — Te suportei até agora, e dessa vez não vais me escapar.

— Ó senhora! Então estais aqui! — exclamei.

— Tudo o que acaba de acontecer é obra minha — respondeu-me aquele monstro —, foi com um incêndio que te salvei a vida; e irás perdê-la com um incêndio; se fosse preciso, eu teria te seguido até os infernos para te ter novamente em minhas mãos. O senhor ficou furioso quando soube da tua fuga; ganho duzentos luíses por cada menina que lhe recupero, e ele não somente não quis me pagar por Eulalie como me ameaçou com toda sua raiva caso eu não te

trouxesse. Eu te descobri e te perdi por causa de duas horas em Lyon; ontem, cheguei a Villefranche uma hora depois de ti, ateei fogo no albergue por meio de adeptos que tenho sempre à disposição; eu queria te matar queimada ou te capturar; apanhei-te, conduzo-te novamente a uma casa que tua fuga lançou à confusão e inquietação, te levo, Thérèse, para que sejas tratada cruelmente. O senhor assegurou que todos os suplícios seria poucos para ti, e nós só desceremos da carruagem quando chegarmos à casa dele. Muito bem, Thérèse, o que pensas agora sobre a virtude?

— Ó senhora! Penso que geralmente ela é a presa do crime; que ela é feliz quando triunfa; mas que ela deve ser o único objeto das recompensas de Deus no céu, caso o conjunto das ações do homem chegue a abatê-la sobre a terra.

— Não ficarás muito tempo sem saber, Thérèse, se é realmente um Deus que pune ou que recompensa as ações dos homens... Ah! Se no eterno nada em que agora vais entrar fosse permitido pensar, irias arrepender-te muito dos sacrifícios infrutíferos que tua teimosia levou-te a criar fantasmas que te pagaram apenas com tormentos... Thérèse, ainda há tempo, queres ser minha cúmplice? Eu te salvo, pois é mais forte do que eu ver-te fracassar incessantemente nas estradas perigosas da virtude. É isso! Já não foste suficientemente punida por tua sabedoria e por teus falsos princípios? Que infortúnios queres então para te corrigir? Que exemplos te são necessários para te convencer que o partido que tomas é o pior de todos, e como eu te disse uma centena de vezes, só se deve esperar por fracassos quando, enfrentando a multidão, se quer ser a única virtuosa em uma sociedade completamente corrompida? Contas com um Deus vingador: não te iludas, Thérèse, não te iludas, o Deus em que te amparas não passa de uma quimera, cuja existência estúpida só se acha na cabeça dos loucos; trata-se de um fantasma inventado pela maldade dos homens, que não tem outro objetivo senão enganá-los ou atirá-los uns contra os outros. O serviço mais importante que se poderia oferecer seria enforcar imediatamente o primeiro impostor que se presta a falar de Deus. Quanto sangue um só assassinato poderia ter poupado no universo! Vai, vai, Thérèse, a natureza sempre eficaz, sempre ativa, não precisa de nenhum senhor para dirigi-la. E se esse senhor existisse efetivamente, depois de todos os defeitos com que preencheu suas obras, mereceria de nós outra coisa senão o desprezo e os insultos? Ah, se ele existisse, esse teu Deus, que eu tanto odeio, Thérèse, que eu

tanto abomino! Sim, se essa existência fosse verdadeira, confesso, só o prazer de provocar perpetuamente aquele que seria recoberto por ela se tornaria a mais preciosa recompensa da necessidade que eu teria, então, de admitir alguma crença nele... Mais uma vez, Thérèse, queres ser minha cúmplice? Surgiu a possibilidade de um grande golpe e o executaremos corajosamente; salvo-te a vida se aceitares realizá-lo. O senhor na casa de quem iremos, e que tu conheces, isola-se na casa de campo onde faz seus trabalhos; como podes perceber, o tipo desses trabalhos exige isso; um único criado mora com ele, quando vai para lá para seu prazer: o homem que corre à frente nessa carruagem, tu e eu, minha querida, eis-nos três contra dois. Quando esse libertino estiver no fogo de suas volúpias, irei servir-me do sabre com o qual ele aniquila a vida de suas vítimas, tu irás segurá-lo, nós o mataremos e meu homem, nesse meio tempo, vai abater o criado. Existe dinheiro escondido nessa casa; mais de oitocentos mil francos, Thérèse, tenho certeza disso, o golpe vale a pena... Escolhe, sábia criatura, escolhe: a morte ou servir-me; se tu me traíres, se lhe contares o meu projeto, te acusarei sozinha e não duvides que eu te derrotarei por meio da confiança que ele sempre depositou em mim... Pensa bem antes de me responder; esse homem é um celerado: matando-o, então, não fazemos mais do que ajudar as leis cujo rigor ele mereceu. Não existe um dia sequer, Thérèse, em que esse canalha deixa de matar uma menina: não se trataria então a punição de um crime, e não o ultraje à virtude? E será que a proposta sensata que te faço iria alertar teus princípios idiotas?

— Não tendes dúvida disso, senhora — respondi —, não é com a intenção de corrigir um crime que me propondes essa ação, é com o único motivo de cometer um crime: só pode existir um mal muito grande em fazer o que dizeis, e não tem aparência alguma de legitimidade. Melhor ainda: não tendes como projeto vingar a humanidade dos horrores desse homem, faríeis um grande mal em realizá-lo, esse cuidado que vos diz respeito: as leis são feitas para punir os culpados, deixemo-las agir, não é às nossas fracas mãos que o Ser Supremo confiou sua foice; nós não nos serviríamos delas sem ultrajar as próprias leis.

— Pois bem! Morrerás, criatura indigna — retomou Dubois enfurecida —, morrerás: não te iludas pensando que escapou do teu destino.

— Pouco me importa — respondi tranquilamente —, irei me livrar

de todos meus males, nada temo diante da morte, trata-se do último sono da vida, do repouso dos infelizes...

E aquele animal feroz, lançando-se sobre mim com tais palavras, fez-me pensar que ia me estrangular, desferiu-me vários golpes nos seios, mas logo me soltou quando gritei, temendo que o cocheiro me escutasse.

No entanto, avançávamos muito rápido; o homem que corria na dianteira fez com que preparassem nossos cavalos e não paramos em nenhum ponto. Na hora do revezamento, Dubois pegou novamente sua arma e a apontou contra meu coração... O que fazer?... Na verdade, minha fraqueza e minha situação me abatiam de forma que eu preferisse a morte aos esforços que poderiam me proteger dela.

Estávamos prontas para entrar em Dauphiné, quando seis homens montados a cavalo, galopando a toda velocidade atrás de nossa carruagem, alcançaram-na e, com a espada em punho, obrigaram nosso cocheiro a parar. A trinta passos do trajeto havia uma cabana para onde esses cavaleiros, que logo reconhecemos serem da gendarmaria, ordenaram ao cocheiro que levasse a carruagem: quando ela chegou, obrigaram-nos a descer e entramos todos na casa do camponês. Dubois, com uma audácia inimaginável para uma mulher coberta de crimes, e que se encontra apreendida, pergunta em alta voz a esses cavalheiros se eles a conheciam, se ela era conhecida deles e com que direito se referiam daquela forma a uma mulher de sua estirpe.

— Não temos a honra de vos conhecer, senhora — disse o encarregado. — Mas estamos certos de que tendes na carruagem uma infeliz que ontem ateou fogo no principal albergue de Villefranche. Aliás, pensando bem: aí está a descrita, senhora, não vamos nos enganar; tendes a bondade de entregá-la e de nos explicar como uma pessoa tão respeitável como pareceis ser pode ter se encarregado de uma mulher como essa.

— Não tem nada de muito difícil nesse acontecimento — respondeu Dubois, ainda mais insolente —, e não pretendo nem escondê-la de vós, nem tomar partido dessa moça, se ela for mesmo a culpada desse crime assustador ao qual vós referis. Ontem, assim como ela, eu estava alojada nesse albergue de Villefranche, parti daí no meio dessa confusão, e, quando subia na carruagem, essa moça atirou-se em minha direção, implorando-me compaixão, dizendo-me que acabara de perder tudo no incêndio; ela me suplicou para levá-la comigo até

Lyon, onde esperava se instalar. Escutando muito menos a razão do que o coração, concordei com seus pedidos; uma vez em minha cadeira, ela se ofereceu para me servir; ainda imprudentemente, consenti com tudo, e a levava a Dauphiné onde estão meus bens e minha família. Com certeza é uma lição, agora posso reconhecer todos os inconvenientes da piedade; irei corrigir-me. Aí está, senhores, aí está ela; Deus me proteja de interessar-me por tal monstro! Eu a abandono à severidade das leis e suplico-lhes para guardar com cuidado o tormento que tive ao acreditar nela por um instante.

Quis defender-me, quis denunciar a verdadeira culpada; meus discursos foram tratados por recriminações caluniosas às quais Dubois se defendia apenas com um sorriso de desprezo. Ó funestos efeitos da miséria e da prevenção, da riqueza e da insolência! Como uma mulher que se fazia passar pela baronesa de Fulconis, que exibia o luxo, que se apresentava com terras, que tinha uma família, poderia ser culpada de um crime pelo qual ela não parecia ter o menor interesse? Por outro lado, tudo não me condenava? Eu estava sem proteção, era pobre e era bem provável que estivesse enganada.

O encarregado leu-me as queixas de Bertrand. Era ela que havia me acusado; eu ateara fogo no albergue para roubá-la mais facilmente até o último centavo; havia atirado seu bebê ao fogo, para que o desespero em que esse acontecimento a lançaria, cegando-a sobre todo o resto, não lhe permitisse ver minhas manobras: eu era, aliás, acrescentara Bertrand, uma menina da rua, que escapara da força em Grenoble, e de quem ela havia se encarregado, estupidamente, apenas por excesso de compaixão por um rapaz do seu país, sem dúvida meu amante. Eu havia, publicamente, à luz do dia, abordado monges em Lyon: em uma palavra, não havia nada que essa criatura indigna não tenha aproveitado para me fazer perder, nada que a calúnia amargada pelo desespero não tenha inventado para me degradar. Diante da solicitação daquela mulher, fizeram um exame jurídico nos próprios locais. O fogo começara em um celeiro de feno em que várias pessoas confirmaram que eu havia entrado na noite daquele dia funesto, o que era verdade. Procurando um banheiro mal indicado pela empregada a quem me dirigi, eu entrara naquele celeiro, sem encontrar o lugar procurado, e fiquei aí por muito tempo para levantar suspeita sobre o que me acusavam, ou para fornecer, pelo menos, probabilidades para isso; como se sabe, essas coisas, neste século, servem de provas. Tentei em vão me defender, mas o encarregado me respondeu preparando as

correntes.

— Mas, senhor — ainda disse antes de deixar-me acorrentar —, se eu tivesse roubado minha companheira de estrada para Villefranche, o dinheiro deveria estar comigo: podeis me revistar.

Essa defesa ingênua provocou risos; asseguram-me que eu não estava sozinha, que era certo que tinha cúmplices aos quais eu deveria ter enviado as quantias roubadas, safando-me. Então a malvada Dubois, que conhecia a cicatriz que eu tive o infortúnio de receber outrora na casa de Rodin, mascarou por um instante a comiseração.

— Senhor — disse ela ao encarregado —, a cada dia, comete-se tantos erros sobre essas coisas, então perdoa-me a ideia que acabo de ter: se essa moça for culpada da ação que a acusam, certamente esse não é o seu primeiro crime; não se comete delitos dessa natureza de um dia para o outro: revista esta moça, senhor, eu vos peço... quem sabe encontrareis alguma marca em seu corpo desgraçado... mas se nada acusá-la, permita-me defendê-la e protegê-la.

O encarregado consentiu com a vistoria... ela ia acontecer...

— Um momento, senhor — disse, opondo-me a isso —, essa busca é inútil; a senhora sabe muito bem que tenho uma marca assustadora, ela também sabe muito bem que tipo de infortúnio a provocou: esse subterfúgio por parte dela é um acréscimo de horrores que irá se desvelar, assim como o resto, no próprio templo de Têmis. Levem-me, senhores: aqui estão minhas mãos, cubram-nas com as correntes; somente o crime se envergonha de carregá-las, a virtude infelizmente sofre com ela, e não tem nenhum medo dela.

— Na verdade, eu não acreditava — disse Dubois — que minha ideia teria um sucesso tão grande, mas como essa criatura me recompensa de minhas bondades para com ela com acusações insidiosas, ofereço-me para voltar com ela se preciso for.

— Esse procedimento é completamente inútil, senhora baronesa — disse o encarregado —, nossas buscas só têm essa moça como objeto: suas confissões, a prova de que foi corrompida, tudo a condena: não precisamos de ninguém além dela e pedimos mil desculpas por vos ter incomodado durante tanto tempo.

Fui imediatamente acorrentada, atirada na garupa de um dos cavaleiros, e Dubois partiu terminando por insultar-me com a doação, aos meus guardas, de alguns escudos deixados por comiseração para ajudar minha situação na triste habitação em que me hospedaria enquanto aguardava alojamento.

— Ó virtude! — exclamei, quando me vi naquela terrível humilhação. — Será possível uma ofensa mais sensível do que essa! Será possível que o crime ousasse vos afrontar e vos vencer com tanta insolência e impunidade?

Seguimos imediatamente para Lyon; ao chegarmos, atiraram-me no calabouço dos criminosos, onde fui condenada como incendiária, prostituta, assassina de criança e ladra.

Sete pessoas foram queimadas no albergue; eu até cheguei a pensar que o mesmo fosse acontecer comigo; quis salvar uma criança, eu ia morrer; mas aquela que era a causa daquele horror escapava da vigilância das leis, escapava da justiça do Céu; ela triunfava, voltava a cometer novos crimes, enquanto, sendo inocente e infeliz, eu só tinha como perspectiva a desonra, a corrupção e a morte.

Há muito tempo acostuada com a calúnia, com a injustiça e com o infortúnio, habituada, desde minha infância, a só me entregar a um sentimento de virtude se tivesse a garantia de nele encontrar espinhos, minha dor foi mais estúpida do que dilacerante, e chorei menos do que pensava. No entanto, como é natural que a criatura sofredora procure todos os meios possíveis para sair do abismo em que o tormento a mergulhou, o padre Antonin surgiu em meu pensamento; por menor que fosse o que esperava disso, eu não negava absolutamente o desejo de vê-lo: chamei-o, ele apareceu. Não lhe haviam dito quem queria vê-lo; ele fingiu não me reconhecer; então eu disse ao guarda que de fato era possível que ele não se lembrasse de mim, já que orientou minha consciência quando eu era muito jovem e que, por causa disso, pedia um encontro secreto com ele. Ambas as partes consentiram. Logo que me encontrei sozinha com aquele religioso, precipitei-me a seus joelhos, banhando-os com minhas lágrimas e implorando-lhe para me salvar da cruel situação em que me encontrava; provei-lhe minha inocência; não lhe escondi que as propostas indecorosas que me fizera alguns dias atrás haviam colocado contra mim a pessoa a quem eu havia sido recomendada, e que agora era a minha acusadora. O monge escutou-me com muita atenção.

— Thérèse — disse-me ele em seguida —, não fiques nervosa, como de costume, ainda mais quando insistes em teus malditos preconceitos; podes perceber para aonde te conduziram e agora podes facilmente te convencer de que mais vale ser maliciosa e feliz do que sábia no tormento; teu caso é muito pior do que poderia ser, minha querida, é

inútil disfarçá-lo: como essa Dubois de quem falas tem um grande interesse em tua perda, ela com certeza trabalhará na surdina; Bertrand a processará; todas as aparências estão contra ti e hoje em dia bastam as aparências para se condenar à morte. És uma menina perdida, isso está bem claro. Um único meio pode te salvar; dou-me bem com o superintendente, ele tem grande influência sobre os juízes desta cidade; direi a ele que tu és minha sobrinha e assim irei referir-me a ti: ele vai anular todo o processo; pedirei para que te enviem à minha família; farei com que saias, mas vai ser para te prender em nosso convento, de onde nunca sairás... uma vez lá, não irei te esconder, Thérèse, serás uma escrava submissa aos meus caprichos, irás também satisfazer os de meus camaradas; em resumo, serás, para mim, a mais submissa das vítimas... Estás me escutando: a depravação é pesada; sabes quais são as paixões dos libertinos de nossa espécie, e não me faças esperar por tua resposta.

— Ide, meu pai — respondi com horror —, ide, sois um monstro por ousar abusar tão cruelmente de minha situação para me colocar entre a morte e a infâmia; eu saberia morrer se for preciso, mas pelo menos isso será sem remorsos.

— Como quiseses! — disse-me aquele homem cruel ao se retirar. — Nunca soube forçar as pessoas para fazê-las felizes... A virtude te fez progredir tão bem até agora, Thérèse, que tens razão em inflamar teus altares... Adeus: faz-me o favor de não me chamar mais.

Ele saía, quando um movimento mais forte do que eu me fez voltar aos seus joelhos.

— Tigre — exclamei, em lágrimas —, abri vosso coração de pedra para meus terríveis dissabores, e, para acabar com eles, não me imponhais condições mais terríveis do que a morte...

A violência dos meus movimentos fez cair as roupas que cobriam meus seios; eles estavam à mostra, meus cabelos flutuavam em desordem, ele estava inundado de minhas lágrimas; inspiro os desejos daquele infeliz... desejos que ele quer satisfazer imediatamente; ele se atreve a me mostrar a que ponto meu estado os desperta; ele ousa conceber prazeres em meio às correntes que me rodeiam, por baixo do sabre que espera para me bater... Eu estava de joelhos... ele me vira, atira-se comigo para cima das palhas que me servem de cama; quero gritar, ele enfia com raiva um lenço na minha boca; amarra meus braços: dominando-me, o infame me examina por todos os lados... tudo se torna presa de seu olhar, de seus toques e de suas pérfidas

carícias; finalmente, ele satisfaz seus desejos.

— Escuta — disse, desamarrando-me e se arrumando —, não queres que eu te seja útil justo em uma hora dessas! Abandono-te; não irei te servir, nem te prejudicar, mas se comunicares uma só palavra do que acaba de acontecer, te encarregarei de crimes maiores, e tirarei de ti imediatamente todos os meios com que possas se defender: pensa bem antes de falar. Pensam que sou teu confessor... estás ouvindo? Temos a permissão de revelar tudo quando se trata de um criminoso; presta bastante atenção no que vou dizer ao porteiro, ou acabo agora mesmo com tua vida.

Ele bate, o porteiro aparece:

— Senhor — disse-lhe aquele bandido —, esta boa moça se engana, ela quis falar com um padre Antonin que está em Bordeaux; não conheço nada sobre ela, nunca nem a vi: ela me implorou para que ouvisse sua confissão, eu o fiz, despeço-me de vós, e estarei sempre pronto para me representar quando meu consolo for julgado importante.

Antonin sai dizendo essas palavras e me deixa tão confusa com sua dissimulação quanto revoltada com sua insolência e libertinagem.

Fosse como fosse, meu estado era demasiado deplorável para que eu recusasse alguma coisa; lembrei-me do sr. de Saint-Florent. Era impossível acreditar que aquele homem era capaz de me desprezar diante da conduta que eu havia seguido com ele; outrora, eu lhe havia prestado um serviço muito importante, ele me tratara de modo muito cruel, para imaginar que ele pudesse recusá-lo e para reparar seus erros comigo em circunstâncias tão emergenciais, e reconhecer, dentro de suas limitações, pelo menos o que eu havia feito de forma tão honesta para ele; o fogo das paixões poderia tê-lo cegado às duas épocas em que eu o conhecera, mas neste caso, acredito, nenhum sentimento deveria impedi-lo de me socorrer... Será que ele iria retificar suas últimas propostas? Prestar os socorros que eu iria lhe exigir ao preço dos terríveis serviços que havia me pedido? Pois bem! Eu aceitaria e, uma vez livre, encontraria um meio de me subtrair do tipo de vida abominável ao qual ele teria a baixeza de me comprometer. Cheia dessas reflexões, escrevi-lhe, contei-lhe meus tormentos e supliquei para que viesse me ver, mas eu não tinha refletido o suficiente sobre a alma daquele homem, quando suspeitei da caridade capaz de tocá-lo; ou não me recordava muito bem de suas sentenças horríveis, ou minha infeliz fraqueza estava sempre fazendo

com que eu julgasse os outros a partir do meu coração, enganei-me supondo que aquele homem deveria se portar comigo como eu certamente havia feito com ele.

Ele chega; e, como eu pedi para vê-lo sozinho, deixaram-no solto em meu quarto. Era fácil perceber, pelas demonstrações de respeito que lhe haviam feito, qual era a sua importância em Lyon.

— O quê! Então és tu? — perguntou-me, lançando sobre mim um olhar de desprezo. — Eu estava enganado quanto a tua carta, pensei que era de uma garota mais honesta que tu, e que eu havia servido com todo o meu coração; mas o que quer que eu faça por uma imbecil de tua espécie? Se és culpada de uma centena de crimes, cada um mais terrível do que o outro, como podes recusar quando te propõem um meio de ganhar honestamente a vida? Nunca ninguém levou tão longe uma bobagem dessa.

— Ó senhor — gritei —, não sou culpada.

— Então o que é preciso fazer para ser culpado? — retoma secamente aquele duro homem. — A primeira vez na vida em que te vejo é no meio de uma trupe de ladrões que querem me assassinar; agora, é na prisão dessa cidade, acusada por três ou quatro novos crimes e, no entanto, digamos, tens no ombro a marca certificada dos crimes antigos. Se chamas isso de ser honesto, ensina-me então: o que é preciso fazer para não sê-lo?

— Santo céu, senhor — respondi —, podeis reprovar a época da minha vida em que vos conheci? Não caberia muito mais a mim vos fazer envergonhar? Sabeis que eu estava à força entre os bandidos que vos detiveram; eles queriam vos tirar a vida, eu a salvei facilitando vossa fuga, e nós dois escapamos; o que fizestes, homem cruel, para me agradecer esse serviço? Seria possível que possais vos lembrar disso sem horror? Quisestes me assassinar; provocastes-me com golpes atrozes, e, aproveitando do estado em que me deixastes, tirastes o que eu tinha de mais precioso; por um refinamento de crueldade sem comparação, tirastes o pouco de dinheiro que eu tinha, como se desejásseis que a humilhação e a miséria viessem terminar de abater vossa vítima! Pois lograstes, homem bárbaro; certamente tendes todo o sucesso, conseguistes me afundar na infelicidade, fostes vós que abristes o abismo em que não paro de cair desde esse momento desgraçado. Esqueço tudo, entretanto, senhor, sim, tudo se apaga em minha memória, peço-vos até mesmo perdão em me atrever a fazer tais reprovações, mas como podeis dissimular que me sejam dadas

recompensas, ou algum reconhecimento de vossa parte? Ah! Aceitai não fechar vosso coração quando o véu da morte se estender sobre meus tristes dias; não é ela que eu temo, mas a infâmia; salvai-me do horror de morrer como uma criminosa: tudo o que exijo de vós concerne a essa graça, apenas, não a recusais para mim, pois o céu e meu coração irão vos recompensar um dia.

Eu estava aos prantos, ajoelhada diante daquele homem feroz e longe de ler em seu rosto o efeito que devia esperar dos tremores com os quais eu me gabava de abalar sua alma, mas eu não percebia nenhuma alteração de músculos causada por aquele tipo de luxúria cujo germe é a crueldade. Saint-Florent estava sentado à minha frente; seus olhos escuros e malvados me analisavam assustadoramente, e eu percebia que fazia com a mão gestos e toques em si mesmo, provando que faltava muito para o estado que eu suscitava nele ser o da piedade; no entanto, ele disfarçou, levantando-se:

— Escuta — disse-me —, todo o teu processo está agora nas mãos do sr. de Cardoville; não preciso te dizer o lugar que ele ocupa; basta que saibas que teu destino depende apenas dele. Ele é meu amigo íntimo desde a infância, falarei com ele; se concordares com as negociações, viremos te pegar no começo da noite a fim de que ele te veja, ou na casa dele ou na minha; no segredo de um interrogatório como esse, será muito mais fácil orientar tudo a teu favor. Se essa graça for obtida, justifica-te quando o vires, prova-lhe tua inocência de modo a persuadi-lo; é tudo o que posso por ti. Adeus, Thérèse, estejas preparada para qualquer tipo de acontecimento e, sobretudo, não me obrigues a tomar falsos procedimentos.

Saint-Florent saiu. Nada se comparava à minha perplexidade; havia tão pouco acordo entre as propostas e o caráter daquele homem que eu conhecia e sua conduta atual, que ainda temi alguma armadilha; mas contentai-vos a me julgar, senhora; caberia a mim hesitar na cruel posição em que me encontrava? E eu não deveria escolher com cuidado tudo o que aparentava segurança? Determinei-me então a seguir aqueles que viriam me pegar: seria preciso me prostituir, eu me defenderia do melhor modo possível; iriam me conduzir à morte? Que seja, então! Ela não seria de modo algum menos desprezível e eu estaria livre de todos os meus males. Soam nove horas, o carcereiro aparece; eu estremeço.

— Siga-me — diz aquele cérbero —, é da parte dos senhores de Saint-Florent e de Cardoville; pense em aproveitar, como convier, do

favor que o céu te oferece; nós temos muitos aqui que desejariam tal graça e que nunca a obterão.

Amparada da melhor forma possível, sigo o carcereiro que me põe nas mãos de dois homens altos e estranhos, cujo aspecto brutal aumentou ainda mais o meu pavor; eles não me dizem nada: a carroça avança e descemos para uma grande hospedaria, que logo reconheço por ser a de Saint-Florent. A solidão que parece tomar tudo serve para redobrar o meu pavor. Meus condutores, no entanto, pegam-me pelos braços e subimos ao quarto andar, dentro de pequenos apartamentos que me pareceram tão decorados quanto misteriosos. à medida que avançávamos, todas as portas se fechavam às nossas costas, e chegamos assim em uma sala em que não avistei nenhuma janela: ali se encontravam Saint-Florent e o homem que me disseram ser o sr. de Cardoville, de quem dependia o meu caso; aquele personagem alto e obeso, com um rosto escuro e bruto, poderia ter mais ou menos cinquenta anos; mesmo que estivesse despido, era fácil perceber que se tratava de um magistrado. Uma aparência muito severa parecia se dispersar por todo o conjunto; ele me forçava àquilo. Cruel injustiça da Providência, então ainda é possível que o crime assombre a virtude! Os dois homens que me trouxeram e que eu distinguia melhor à luz das velas com as quais aquele cômodo estava iluminado não tinham mais do que vinte e cinco ou trinta anos. O primeiro, que chamavam de La Rose, era um belo moreno, com o corpo talhado como o de Hércules: ele me pareceu ser o mais velho; o mais novo tinha traços mais afeminados, os mais belos cabelos castanhos e grandes olhos negros; ele tinha pelo menos seis pés de altura: chamavam-no de Julien. Saint-Florent, vós o conheceis: o mesmo tanto de rudeza nos traços quanto no caráter, e, no entanto, algumas belezas.

— Está tudo fechado? — perguntou Saint-Florent a Julien.

— Sim, senhor — respondeu o rapaz —, todo o vosso pessoal entregou-se à devassidão seguindo vossas ordens, e o porteiro, que vigia sozinho, está encarregado de não abrir a porta, não importa quem seja.

Essas poucas palavras me esclareceram, eu tremi; mas o que faria com quatro homens diante de mim?

— Sentem-se aqui, meus amigos — disse Cardoville, beijando aqueles dois rapazes —, iremos utilizá-los conforme a necessidade.

— Thérèse — disse então Saint-Florent, apontando-me Cardoville

—, eis o teu juiz, eis o homem de quem dependes; nós pensamos sobre o teu caso; mas parece-me que teus crimes são de tal natureza que tornam a solução bem difícil.

— Ela tem quarenta e duas testemunhas contra si — disse Cardoville sentado no colo de Julien, beijando-o na boca e permitindo que seus dedos fizessem as carícias mais descaradas no rapaz —, há muito tempo que não condenamos ninguém à morte cujos crimes tenham sido reconhecidos!

— E por acaso eu tenho meus crimes reconhecidos?

— Reconhecidos ou não — disse Cardoville, levantando-se e vindo falar descaradamente bem debaixo do meu nariz —, serás queimada, p..., se por uma resignação completa, por uma obediência cega, te recusares a tudo aquilo que iremos exigir de ti.

— Ainda mais horrores — gritei —, como é possível! É apenas cedendo às infâmias que a inocência poderá triunfar sobre as armadilhas que os cruéis lhe oferecem!

— Isso está em ordem — retoma Saint-Florent —, é preciso que o mais fraco ceda aos desejos do mais forte, ou que ele seja vítima de sua maldade: essa é tua história, Thérèse, obedece então.

E, ao mesmo tempo, aquele libertino levantou rapidamente minha saia. Recuei, afastei-o com horror, mas, tendo caído, com meu movimento, nos braços de Cardoville, este, segurando minhas mãos, deixou-me exposta aos atentados de seu companheiro... Cortaram os tecidos da minha saia, rasgaram meu corpete, meu lenço de pescoço, minha camisa e, num instante, me encontrava sob os olhos desses monstros tão nua como viera ao mundo

— Resistência? — diziam um ao outro, enquanto me despiam... — Resistência?... Esta vadia pensa que pode nos oferecer resistência?...

E não havia nenhuma parte de minha roupa que era rasgada sem ser acompanhada de golpes.

Depois que fiquei como eles desejavam, ambos se sentaram em poltronas conjugadas e que, ao serem presas uma à outra, encerravam, no meio do espaço vazio, o infeliz indivíduo aí colocado; eles me examinaram por puro prazer: enquanto um observava a parte dianteira, o outro analisava a parte de trás; depois eles trocavam uma e outra vez. Assim, fui observada, manipulada, beijada por mais de meia hora, sem que qualquer episódio lúbrico fosse negligenciado nesse exame, e acreditei ter percebido que, no que se tratava de preliminares, ambos tinham mais ou menos as mesmas fantasias.

— Pois bem! — disse Saint-Florent ao seu amigo. — Eu não havia dito que ela tinha um belo traseiro!

— Sim, nossa! Seu traseiro é sublime — disse o magistrado, que naquele instante o beijava. — Vi muitos poucos quadris tão bem-feitos como este; como é rijo, como é fresco!... Como isso é possível com uma vida tão desregrada?

— Mas é que ela nunca se entregou por sua própria vontade; eu te disse, nada pode ser mais divertido quanto às aventuras desta moça! Só a possuíram violando-a (e então ele enfia seus cinco dedos juntos no peristilo do templo do Amor), mas a possuíram... infelizmente, pois é muito largo para mim: acostumado com as primícias, eu nunca poderia me dar bem com isso.

Em seguida, virando-me, ele fez a mesma cerimônia em meu traseiro, no qual ele encontrou o mesmo inconveniente.

— Pois bem! — disse Cardoville. — Conheces o segredo.

— Farei uso dele também — respondeu Saint-Florent —, e, quanto a ti, que não necessitas do mesmo recurso, que te contentas com uma atividade artificial, que, embora seja dolorosa para a mulher, aperfeiçoa bastante, no entanto, o gozo, só a terás depois de mim.

— Isso é justo — disse Cardoville —, irei me entreter te observando nesses prelúdios tão doces à minha volúpia; serei a mulher de Julien e de La Rose, enquanto tu serás o macho de Thérèse, e acredito que um será equivalente ao outro.

— Mil vezes melhor, sem dúvida; estão com tanta repulsa pelas mulheres!... Pensas que eu poderia desfrutar dessas vadias sem os acessórios que nos provocam tanto a ambos?

Com essas palavras, tendo os desavergonhados me mostrado que seu estado exigia prazeres mais sólidos, eles se levantaram e me puseram de pé sobre uma grande poltrona, com os cotovelos apoiados atrás, no encosto, os joelhos sobre os braços da poltrona e toda a parte de trás completamente voltada na direção deles. Mal fui posta ali e eles tiraram suas roupas íntimas, ergueram suas camisas e encontraram-se assim, quase só de sapatos, completamente nus da cintura pra baixo; eles se mostraram nesse estado aos meus olhos, passaram diversas vezes diante de mim, fingindo me mostrar suas bundas, garantindo-me que era outra coisa o que eu poderia lhes oferecer. De fato, ambos se assemelhavam às mulheres nessa parte: Cardoville, sobretudo, oferecia o contorno e a brancura, a elegância e a consistência; eles se masturbaram por um instante à minha frente,

mas sem ejaculação. Tudo era muito comum em Cardoville; no que se tratava de Saint-Florent, ele era um monstro; tremi quando pensei que era aquele dardo que me havia imolado. Ó santo céu! Poderia ser outra coisa senão a ferocidade que orientava aquelas fantasias? Poderia ser outra coisa senão a ferocidade que dirigia tais fantasias? Mas, infelizmente, ainda havia novas armas a serem apresentadas a mim! Julien e La Rose, que sem dúvida aqueciam tudo aquilo, igualmente livres de suas calças, avançam com o membro na mão... Ó senhora! Nunca nada parecido havia maculado minha visão, e quaisquer que tenham sido minhas descrições anteriores, isso ultrapassava tudo o que eu teria podido retratar como a águia imperial avança sobre a pomba. Nossos dois depravados logo se munem desses dardos ameaçadores; eles os acariciam, os masturbam, os aproximam de suas bocas e o combate logo se torna mais sério. Saint-Florent inclina-se sobre a poltrona em que estou, de modo que minhas nádegas afastadas se encontrem favoravelmente à altura de sua boca; ele as beija, sua língua é introduzida nos dois templos. Cardoville aproveita-se dele, oferecendo-se ele mesmo aos prazeres de La Rose, cujo membro assustador é logo engolido no reduto que lhe é apresentado, e Julien, que está debaixo de Saint-Florent, o excita com sua boca, pegando suas ancas e moldando-as com os golpes de Cardoville, que, tratando seu amigo com extrema rigidez, não o deixa antes que o incenso umedeça o santuário. Nada se compara aos êxtases de Cardoville quando essa crise se apropria dos seus sentidos: abandonando-se com indolência àquele que lhe serve de esposo, mas pressionando com força o indivíduo que ele fazia de mulher, aquele notável libertino, com roncoss parecidos aos de um homem que está prestes a morrer, profere blasfêmias atrozes. Quanto a Saint-Florent, ele se conteve, e a situação se desfez sem que ainda tivesse participado com o seu instrumento.

— Na verdade — diz Cardoville a seu amigo —, sempre me dás tanto prazer como se não tivesses mais do que quinze anos... É verdade — continuou, voltando-se para beijar La Rose — que esse belo garoto sabe me excitar muito bem... Não achas que eu estava bem grande, meu querido anjo?... Acreditas, Saint-Florent, que é a trigésima sétima vez que o encontro durante o dia... Uma hora isso tinha que acabar. É contigo, caro amigo — continuou aquele homem abominável, colocando-se na boca de Julien, com o nariz colado no meu traseiro e com o seu oferecido a Saint-Florent —, é contigo pela

trigésima sétima vez.

Saint-Florent goza em Cardoville, La Rose em Saint-Florent, e este, ao cabo de uma rápida pega, incendiou, com seu amigo, o mesmo incenso que ele havia recebido. Se o êxtase de Saint-Florent era mais concentrado, não era menos vivo, menos estrondoso, menos criminoso que o de Cardoville; um pronunciava gritando tudo aquilo que lhe vinha à boca, o outro, continha suas exaltações sem que elas fossem menos ativas; ele escolhia suas palavras, mas elas eram ainda mais sujas e mais impuras: a perdição e a raiva, em uma palavra, pareciam ser as características do delírio de um; enquanto a maldade e a ferocidade estavam presentes no outro.

— Vai, Thérèse, reanima-nos — disse Cardoville —, vê essas tochas apagadas, é preciso reacendê-las.

Enquanto Julien ia gozar em Cardoville, e La Rose em Saint-Florent, os dois libertinos, inclinados sobre mim, deviam se alternar para enfiarem em minha boca seus dardos exaustos; enquanto eu chupava um, uma das minhas mãos precisava agitar e macular o outro, depois de um espirituoso licor que me haviam dado, eu deveria umedecer o próprio membro e todas suas partes adjacentes; mas não deveria apenas continuar chupando, era preciso que minha língua circulasse em torno extremidades e que meus dentes os mordicassem ao mesmo tempo que meus lábios os pressionavam. No entanto, nossos dois pacientes eram vigorosamente sacudidos, Julien e La Rose alternavam-se para multiplicar as sensações produzidas pela frequência das entradas e das saídas. Quando duas ou três homenagens eram, enfim, feitas nesses templos impuros, dei-me conta de certa coerência: Cardoville, ainda que mais velho, foi o primeiro a reagir; uma palmada com toda a força de sua mão em um dos meus seios foi a recompensa. Saint-Florent o imitou; uma orelha quase arrancada foi o preço dos meus sofrimentos. Voltamos, e me advertem que me preparavam para ser tratada como eu merecia. Diante da assustadora linguagem daqueles libertinos, percebi que os aborrecimentos iam fundir sobre mim. Implorar-lhes no estado em que acabavam de me deixar, tanto um quanto o outro, não serviria senão para inflamá-los ainda mais: eles me deixaram então, nua como estava, no meio de um círculo que formaram sentando-se todos os quatro em torno de mim. Eu era obrigada a passar a cada vez na frente de algum deles e de receber a penitência que lhe agradasse ordenar; os jovens não foram mais compassivos do que os mais velhos,

mas Cardoville, sobretudo, se distinguiu por seus refinamentos de malícias, das quais Saint-Florent, cruel como era, não se aproximava com dificuldade.

Um pouco de repouso seguiu-se àquelas orgias cruéis; enfim, deixam-me respirar alguns instantes; eu estava acabada, mas o mais surpreendente foi que eles apagaram as marcas no meu corpo em menos tempo do que levaram para fazê-las; não ficou uma só mancha. As lubricidades foram retomadas.

Houve momentos em que todos esses corpos pareciam ser apenas um e em que Saint-Florent, amante e cortesã, recebia com profusão o que o impotente Cardoville só se prestava com economia; logo depois, sem mais agir, ele se oferecia de todas as maneiras, e sua boca e sua bunda serviam de altares a homenagens atrozes. Cardoville não pode resistir a tantas imagens libertinas. Vendo seu amigo já ereto, ele vai se oferecer à sua luxúria: Saint-Florent goza; eu estímulo as flechas, apresento-as aos lugares em que devem se enfiar, e minhas nádegas expostas servem de perspectiva à lubricidade de uns, de ostentação à crueldade de outros; nossos dois libertinos, enfim, tornados mais sábios pelo sofrimento que precisam reparar, saem dali sem qualquer dano, e em um estado tão digno que fico mais assustada do que nunca.

— Vai, La Rose — disse Saint-Florent —, pega essa vagabunda e faça com que fique mais estreita para mim.

Eu não conhecia aquela expressão: uma experiência cruel me fez logo descobrir o sentido. La Rose me pegou, colocou meus quadris em um banquinho que não tinha nem um pé de diâmetro; uma vez ali, sem qualquer outro ponto de apoio, minhas pernas caem de um lado, minha cabeça e meus braços de outro; os meus quatro membros são fixados no chão com a maior distância possível entre eles; o carrasco que vai estreitar as minhas vias arma-se com uma agulha enorme, cuja ponta possui um fio encerado e, sem se inquietar nem com o sangue que vai derramar, nem com as dores que vai me provocar, o monstro, diante dos dois amigos que se divertiam com o espetáculo, fecha, por meio de uma costura, a entrada do templo do Amor; vira-me novamente ao terminar, meu ventre se apoia no banquinho; meus membros estão pendidos, ainda assim os fixam, e o altar indecente de Sodoma é barrado do mesmo modo: não vou falar nada sobre as minhas dores, senhora, podeis imaginá-las sozinha; eu estava prestes a desmaiar.

— É assim que eles devem ser — disse Saint-Florent quando me

colocaram de novo de costas, e ele pode ver ao seu alcance a fortaleza que pretendia invadir. Acostumado a só colher as iniciantes, sem aquela cerimônia, poderia eu receber qualquer tipo de prazer daquela criatura?

Saint-Florent estava na mais violenta ereção e cuidavam para mantê-la; ele se adianta, com o membro na mão; sob seus olhares, para ainda excitá-lo, Julien goza em Cardoville; Saint-Florent me ataca: inflamado pelas resistências que encontra, ele empurra com um vigor inacreditável, os fios se rompem, os tormentos dos infernos não se comparam aos meus; quanto mais vivas são minhas dores, mais parecem intensos os prazeres do meu atormentador. Tudo cede, enfim, aos seus esforços, eu estou rasgada, o dardo luminoso tocou o fundo, mas Saint-Florent, que quer poupar suas forças, não fez senão esperar; viram-me, os mesmos obstáculos; o cruel os observa, masturbando-se, e suas mãos ferozes molestam os arredores para se preparar melhor para o ataque. Ele se coloca aí, a pequenez natural do local torna os ataques ainda mais vivos, meu grande vencedor logo rompe todos os freios; estou sangrando; mas o que isso importa ao vencedor? Duas estocadas vigorosas o colocam no santuário, e o celerado o consome em um sacrifício atroz, cujas dores eu não teria suportado nem por mais um instante.

— Agora é minha vez! — disse Cardoville, soltando-me —, não irei costurá-la, minha querida, mas te colocarei numa cama de improvisada que te devolverá todo o calor, toda a elasticidade que teu temperamento ou tua virtude nos recusa.

Imediatamente, La Rose tira de um grande armário uma cruz diagonal de uma madeira muito espinhosa. É em cima disso que aquele notável depravado quer me colocar; mas em que momento ele vai aprimorar seu gozo cruel? Antes de me amarrar, o próprio Cardoville enfia no meu traseiro uma bola prateada da grossura de um ovo; ele a enfia usando uma pomada; ela desaparece. Assim que ela entra no meu corpo, eu a sinto crescer e se tornar quente; sem ouvir minhas queixas, amarraram-me com força sobre aquele cavalete agudo. Cardoville penetra, colando-se a mim; ele pressiona minhas costas, meu torso e minhas nádegas nos pontos que os apoiam. Julien se coloca dentro dele do mesmo modo. Obrigada apenas a suportar o peso daqueles dois corpos, e tendo como apoio apenas aqueles malditos nós que me deslocam, podeis facilmente imaginar minhas dores; quanto mais eu empurro aqueles que me pressionam, mais eles

se lançam sobre os pontos que me dilaceram. Nesse tempo, a terrível bola, que subiu até minhas entranhas, as distende, queimando-as e rasgando-as; solto altos gritos: não existe nenhuma expressão no mundo capaz de descrever o que vivi. No entanto, meu carrasco goza; sua boca, pressionada sobre a minha, parece aspirar minha dor para aumentar seus prazeres; não é possível representar sua embriaguez, mas a exemplo de seu amigo, sentindo suas forças prestes a desaparecerem, ele quer degustar tudo antes que elas o abandonem. Viram-me, a bola que me fazem devolver vai produzir na vagina o mesmo incêndio que deflagrou nos locais por onde passou; ela desce, ela queima até o fundo a matriz: amarram-me apenas no ventre a pérfida cruz, e partes bem mais delicadas serão molestadas sobre os nós que as recebe. Cardoville penetra o caminho protegido; ele o perfura enquanto, ao mesmo tempo, gozam nele. O delírio finalmente captura meu perseguidor, seus gritos atrozes anunciam o complemento de seu crime; estou encharcada, desamarram-me.

— Vamos, meus amigos — disse Cardoville aos dois rapazes —, encarreguem-se desta cretina e abusem dela conforme seus caprichos; ela vos é concedida, nós os deixamos agora.

Os dois libertinos me seguram. Enquanto um goza na frente, o outro entra na parte de trás; eles ainda se revezam; sou mais rasgada por suas prodigiosas espessuras do que pelo rompimento das artificiosos obstáculos de Saint-Florent; ele e Cardoville se divertem com aqueles jovens, enquanto eles se encarregam de mim. Saint-Florent sodomiza La Rose que me trata do mesmo modo, e Cardoville faz o mesmo com Julien, que se excita em mim num lugar mais decente. Sou o centro daquelas abomináveis orgias, o ponto fixo e o motor; La Rose e Julien já haviam realizado quatro vezes, cada um, o culto aos meus altares, enquanto Cardoville e Saint-Florent, menos vigorosos ou mais nervosos, contentam-se com um sacrifício àqueles meus dois amantes. Era o último, já era tempo, eu estava prestes a desmaiar.

— Meu camarada te machucou, Thérèse — disse-me Julien —, mas irei consertar tudo.

Munido de uma garrafa de gás, ele me esfrega várias vezes. Os traços das atrocidades dos meus carrascos desaparecem, mas nada diminui minhas dores; nunca tinha sentido dores tão vivas.

— Com o dom que temos de fazer desaparecer os vestígios de nossas crueldades, quem quiser se queixar de nós não teria o jogo

ganho, não é, Thérèse? — disse-me Cardoville. — Que provas teriam para nos acusar?

— Ó! — disse Saint-Florent. — A encantadora Thérèse não teria do que se queixar, na véspera de ser sacrificada, são preces que devemos esperar dela, e nunca acusações.

— Que ela não faça nem uma nem outra — retrucou Cardoville. — Ela nos acusaria sem ser escutada: a consideração, a preponderância que temos nesta cidade nunca iria permitir que se precavesse de queixas que nos acusassem, e das quais sempre teríamos o controle. Seu suplício seria apenas mais cruel e mais longo. Thérèse, debes saber que nos divertimos com tua pessoa pela razão natural e simples que compromete a força a abusar da fraqueza; debes sentir que não podes escapar de teu julgamento; que debes padecer e que padecerás; que seria em vão divulgar tua saída da prisão nesta noite: não acreditariam em ti; o carcereiro, que é um dos nossos, logo te desmentiria. É preciso então que essa bela e doce menina, tão bem penetrada pela grandeza da Providência, ofereça-te em paz tudo o que acabaste de sofrer e tudo o que ainda te espera; tudo isso será como muitas das expiações aos crimes terríveis que te entregam às leis. Pega tuas roupas de volta, Thérèse, ainda não amanheceu, os dois homens que te trouxeram irão te devolver à prisão.

Eu quis dizer alguma coisa, quis atirar-me aos pés daqueles ogros, seja para enternecê-los, seja para pedir a morte. Mas me levam e me atiram em um fiacre, onde meus dois condutores se fecharam comigo; mal fecham a porta, seus infames desejos outra vez se inflamam.

— Segure-a para mim — disse Julien para La Rose —, tenho que sodomizá-la; nunca vi um traseiro em que eu fosse tão voluptuosamente comprimido; em seguida te prestarei o mesmo serviço.

O projeto é executado, eu quis em vão me defender, Julien triunfa, e não é sem dores atrozes que sofro aquele novo ataque: a espessura excessiva do assediador, o dilaceramento daquelas partes, os ardores com que aquela maldita bola devorou meus intestinos, tudo contribui para me fazer provar novos tormentos por La Rose, tão logo seu camarada tinha terminado. Então, antes de chegar, fui mais uma vez vítima da libertinagem criminosa daqueles criados indecentes. Enfim, chegamos. O carcereiro nos recebeu; ele estava sozinho, ainda era noite, ninguém me viu entrar.

— Deita-te, Thérèse — disse, devolvendo-me ao meu quarto —, e se

quiseres dizer a quem quer que seja que saístes da prisão nesta noite, lembra-te de que eu te desmentirei e que essa acusação inútil não te livraria do caso...

— E eu lamentarei deixar este mundo! — disse para mim mesma ao ficar sozinha. — Terei medo de abandonar um universo composto feito desses monstros! Ah! Que a mão de Deus me tire daqui neste mesmo instante, como melhor lhe convir: não me queixarei mais disso; a única consolação que pode restar ao infeliz nascido em meio a tantos ferozes animais é a esperança de logo os deixar.

No dia seguinte, não ouvi falar sobre nada, e, resolvida a entregar-me à Providência, eu vegetava sem querer me alimentar. No outro dia, Cardoville veio me interrogar; não pude impedir-me de tremer ao ver com que sangue-frio aquele canalha vinha exercer a justiça, ele, o mais celerado dos homens; ele que, contra todos os direitos daquela justiça com que se revestia, acabava de abusar tão cruelmente de minha inocência e de meu tormento. Apresentei em vão minha causa, mas a arte daquele homem desonesto me inventou mais crimes, apesar de todas as minhas defesas. Quando todos os termos do meu processo logo foram estabelecidos de acordo com aquele juiz ímpio, ele teve a indecência de me perguntar se eu conhecia, em Lyon, um homem rico chamado sr. de Saint-Florent; respondi que o conhecia.

— Bem — disse Cardoville —, não preciso de nada mais: esse sr. de Saint-Florent, que me confessas conhecer, também te conhece muito bem; ele confirmou ter te visto em um grupo de bandidos no qual foste a primeira a lhe roubar o dinheiro e a carteira. Teus camaradas queriam salvar-lhe a vida enquanto os aconselhastes a tirá-la; no entanto, ele conseguiu fugir. Esse mesmo sr. de Saint-Florent acrescenta que, alguns anos depois, tendo te reconhecido em Lyon, permitiu que viesse saudá-lo em sua propriedade, por tua demonstração de uma excelente conduta no momento, e que lá, enquanto ele te pregava um sermão, enquanto te motivava a persistir no bom caminho, levaste a insolência e o crime ao ponto de escolher o exato momento de sua benevolência para lhe roubar um relógio e cem luíses que ele havia deixado sobre a chaminé...

E Cardoville, aproveitando-se do despeito e da raiva a que me levavam calúnias tão atrozes, ordenou ao escrivão que redigisse que eu confessava aquelas acusações com meu silêncio e com as expressões do meu rosto.

Atiro-me ao chão, faço ecoar o volume dos meus gritos, bato minha

cabeça contra as grades, querendo encontrar uma morte imediata, e sem encontrar meios de expressar minha raiva, grito:

— Celerado! Entrego-me a Deus justo que irá me vingar de vossos crimes, ele revelará minha inocência, fará com que vos arrependas do abuso infame que fazes de vossa autoridade!

O caso segue seu curso, conduzido pelo ódio, pela vingança e pela luxúria; fui imediatamente condenada e conduzida a Paris para a confirmação de minha sentença. É nesse caminho fatal, e feito por mim, embora inocente, como a última das criminosas, que as reflexões mais amargas e dolorosas terminaram de rasgar meu coração! Sob que astro fatal eu devo ter nascido — perguntava-me — para que me seja impossível conceber um único sentimento honesto que não me submerja imediatamente em um oceano de infortúnios! E como é possível que essa Providência iluminada, cuja justiça compraz-me a adorar, ao me punir por minhas virtudes, ofereça-me ao mesmo tempo no pináculo aqueles que me massacraram com seus crimes!

Um usurário, em minha infância, quis convencer-me a cometer um roubo; neguei: ele enriqueceu. Encontro-me entre um bando de ladrões, escapo daí com um homem cuja vida eu salvo: como recompensa, me viola. Chego à casa de um senhor depravado que me faz ser devorada pelos cães, por não ter querido envenenar sua tia. Daí, sigo para um cirurgião incestuoso e assassino a quem tento impedir que cometa uma ação terrível: o carrasco me marca como uma criminosa; seus crimes certamente se consumam: ele faz sua fortuna e sou obrigada a mendigar meu pão. Quero aproximar-me dos sacramentos, quero implorar com fervor ao Ser Supremo, de quem, no entanto, recebo tantos males; o tribunal augusto em que espero me purificar em um de nossos mais santos mistérios torna-se o teatro sangrento de minha infâmia: o monstro que me abusa e que me agride ascende às mais altas honras de sua Ordem, e caio no abismo atroz da miséria. Tento salvar uma mulher da fúria do marido: o cruel quer me matar de modo que eu perca meu sangue gota a gota. Quero aliviar as dores de uma pobre: ela me rouba. Presto socorro a um homem desmaiado: o ingrato me faz girar uma roda como um animal, me enforca por puro deleite; os favores do destino o cercam e encontro-me prestes a morrer em um calabouço por ter trabalhado à força em sua propriedade. Uma mulher indecente quer seduzir-me para um novo crime: perco uma segunda vez o bem que possuo, para salvar os tesouros de sua vítima. Um homem sensível quer me compensar por

todos os males, oferecendo-me sua mão: ele morre em meus braços antes que isso aconteça. Exponho-me a um incêndio para salvar das chamas uma criança que não me pertence: a mãe dessa criança me acusa e abre um processo criminal contra mim. Caio nas mãos de minha inimiga mortal, que quer me levar à força para um homem cuja paixão é cortar cabeças: se evito o sabre desse celerado, é para cair novamente na lâmina de Têmis. Imploro a proteção de um homem a quem salvei a fortuna e a vida; ousar esperar dele o seu reconhecimento; ele me chama a sua casa, submete-me a horrores, faz com que aí esteja o juiz ímpio de quem meu caso depende; ambos abusam de mim, ultrajam-me, e mal podem esperar por minha perda: a fortuna cobre-os de favores, e corro para a morte.

Eis o que os homens fizeram-me provar, eis o que me ensinou seus perigosos comércios; não é assustador que minha alma amargurada pelo tormento, revoltada por ultrajes e por injustiças, só deseja romper esses laços?

Mil desculpas, senhora — disse aquela moça desafortunada terminando aqui suas aventuras. — Mil perdões por ter maculado vosso espírito com tantas obscenidades, por ter durante tanto tempo abusado de vossa paciência. Talvez eu tenha ofendido o céu com essas histórias impuras, renovei minhas queixas, perturbei vosso repouso. Adeus, senhora, adeus; o astro ascende, meus guardas me chamam, deixai-me seguir o meu destino, não tenho mais dúvidas, ele irá abreviar os meus tormentos. Este último instante do homem só é terrível para o ser afortunado, cujos dias não são obnubilados; mas a infeliz criatura que só aspirou o veneno das víboras, cujos passos cambaleantes só pisaram em espinhos, que só viu as luzes do dia como um viajante perdido vê apavorado as linhas de um relâmpago; aquela a quem suas cruéis adversidades roubaram pais, amigos, fortuna, proteção e segurança; aquela que no mundo não tem senão prantos para se banhar e tormentos para se nutrir; esta, quero dizer, vê a morte avançar sem temê-la, ela a deseja até mesmo como um porto seguro onde a tranquilidade renascerá para ela no seio de um Deus muito justo, para permitir que a inocência, desprezada sobre a terra, só encontre em outro mundo recompensas por tantos males.

O honesto sr. de Corville não escutou essa história sem se emocionar profundamente; a sra. de Lorsange, de quem, como já dissemos, os erros monstruosos da juventude ainda não haviam apagado a sensibilidade, estava prestes a desmaiar.

— Senhorita — disse a Justine —, é difícil te escutar sem ter por ti o mais vivo interesse; mas será preciso confessar isso? Um sentimento inexplicável, muito mais terno do que estou te descrevendo, conduz-me imediatamente a ti e faz de tuas desgraças as minhas. Disfarçaste teu nome, me esconderas tuas origens; eu te imploro para que confesses teu segredo; não podes imaginar a curiosidade que me leva a pedir isso... Grande Deus! Será que é o que estou suspeitando?... Ó Thérèse! E se fores Justine?... E se fores minha irmã?

— Justine! Senhora, por que esse nome?

— Hoje ela teria tua idade...

— Juliette! És tu que estou a ouvir? — disse a infeliz prisioneira, atirando-se nos braços da sra. de Lorsange... tu... minha irmã!... Ah! Morrerei bem menos infeliz por te beijado ao menos uma vez!...

E as duas irmãs, muito apertadas em um abraço, só se escutavam por soluços, só se exprimiam por lágrimas.

O sr. de Corville também não pôde conter as lágrimas; percebendo que seria impossível não ficar muito interessado pelo caso, passa para um outro quarto, escreve ao chanceler, pinta com rastros de fogo o horror do destino da pobre Justine, que continuaremos a chamar de Thérèse; torna-se fiador de sua inocência, pede que, até o esclarecimento do processo, a suposta culpada tenha como prisão seu castelo, somente, e se compromete a representá-la na primeira ordem do chefe soberano da Justiça; apresenta-se aos dois condutores de Thérèse, encarrega-os de suas letras, e lhes responde em nome da prisioneira; ele é obedecido, Thérèse lhe é entregue; uma carruagem avança.

— Vem, criatura tão infortunada — disse então o sr. de Corville à interessante irmã da sra. de Lorsange —, vem, tudo agora vai ser diferente para ti; não se pode dizer que tuas virtudes nunca terão recompensas, e que a bela alma que recebeste da natureza só encontraria grilhões: acompanha-nos, agora só dependes de mim...

E o sr. de Corville explica com poucas palavras o que acaba de fazer.

— Querido e respeitável homem — diz a sra. de Lorsange, precipitando-se aos joelhos de seu amante —, esse é o mais belo acordo que já fizeste na vida; só aquele que conhece de verdade o coração do homem e o espírito da lei pode vingar a inocência oprimida. Aí está ela, senhor, aí está, tua prisioneira: vai, Thérèse, vai, corre, atira-te agora mesmo aos pés desse justo protetor que não te

abandonará como fizeram os outros. Ó senhor! Se os laços do amor já eram caros para contigo, eles serão ainda mais estreitados pela mais terna estima!...

E essas duas mulheres se revezavam para beijar os joelhos de um amigo tão generoso, regando-os com suas lágrimas.

Em poucas horas, eles chegaram ao castelo: ali, o sr. de Corville e a sra. de Lorsange esforçaram-se o máximo que puderam para fazer Thérèse passar do excesso de infelicidade ao ápice da opulência. Eles a alimentaram com delícias e os mais suculentos pratos; ofereceram-lhe as melhores camas, queriam que na casa deles ela mandasse, e dedicaram, por fim, toda a delicadeza que era possível de esperar de duas almas sensíveis. Remediam-na durante alguns dias, banharam-na, enfeitaram-na, embelezaram-na; ela era ídolo de dois amantes, eram eles que a faziam esquecer suas infelicidades. Com alguns cuidados, um excelente cirurgião se encarregou de fazer desaparecer aquela marca vergonhosa, fruto cruel da maledicência de Rodin. Tudo respondia aos cuidados dos benfeitores de Thérèse: os traços do tormento se apagavam do rosto daquela moça amável; as Graças já se restabeleciam, imperiosas. Às cores de suas bochechas alvas sucediam as cores rosáceas de sua idade, ressecadas por tantos desgostos. O riso, há tantos anos apagado de seus lábios, reapareceram finalmente sob a asa dos prazeres. As melhores notícias chegavam à corte; o sr. de Corville colocara toda a França em movimento, ele reanimara o zelo do sr. S***, que se aliara a ele para pintar as infelicidades de Thérèse e para devolver-lhe uma tranquilidade tão merecida. Finalmente, chegaram as letras do rei que livravam Thérèse de todos os processos injustamente registrados contra ela, concediam-lhe o título de honesta cidadã, impunham para sempre o silêncio a todos os tribunais do reino que a haviam procurado para difamá-la, e lhe concediam mil escudos de pensão sobre o ouro recolhido no ateliê dos falsificadores de Dauphiné. Tentaram capturar Cardoville e Saint-Florent; mas seguindo a fatalidade da estrela que acompanhava todos os perseguidores de Thérèse, um deles, Cardoville, antes que seus crimes fossem conhecidos, acabava de ser nomeado para a administração de ***, o outro, para a administração geral do comércio das colônias; ambos já se encontravam em sua destinação, as ordens encontraram apenas famílias poderosas que logo encontraram os meios de acalmar a borrasca, e, tranquilas em meio à fortuna, as infrações desses dois monstros logo foram esquecidas.⁴

Quanto a Thérèse, assim que descobriu tantas coisas aprazíveis, quase morreu de felicidade; durante vários dias consecutivos ela derramou as lágrimas mais doces do mundo na casa de seus protetores, mas de repente seu humor mudou, sem que fosse possível descobrir a causa. Ela se tornou sombria, inquieta, sonhadora: algumas vezes, ela chorava entre seus amigos, sem conseguir explicar o motivo de seus sofrimentos.

— Nasci para tantas felicidades — dizia ela à sra. de Lorsange... — Ó minha querida irmã, é impossível que elas durem muito.

Cansaram de lhe garantir que todas as suas histórias tinham acabado, que ela não devia mais se preocupar: mas nada era capaz de acalmá-la; poder-se-ia dizer que aquela triste criatura, destinada unicamente à infelicidade e sentindo a mão do tormento sempre suspensa sobre sua cabeça, já previa os últimos golpes com que seria abatida.

O sr. de Corville ainda morava no campo; era o fim do verão, e organizavam uma caminhada que a aproximação de uma tempestade ameaçava atrapalhar; o excesso de calor obrigara a deixar tudo aberto. O relâmpago brilha, chove granizo, os ventos sopram, o fogo do céu agita as nuvens, ele as perturba de um modo terrível; parecia que a natureza, entediada de seus feitos, estava prestes a confundir todos os elementos, obrigando-os a ganhar novas formas. A sra. de Lorsange, assustada, pediu para a irmã fechar tudo o mais rápido possível; Thérèse, apressada em acalmar a irmã, correu para as janelas que começavam a se quebrar; por um instante, ela tentou lutar contra o vento que a impelia: nesse momento, um raio a abateu no meio da sala.

A sra. de Lorsange soltou um grito horrível e desfaleceu; o sr. de Corville chamou socorro; os cuidados se dividiram, eles trouxeram a sra. de Lorsange à luz, mas a infeliz Thérèse foi atingida de forma que a própria esperança não pôde mais sobreviver para ela; o raio entrou por seu seio direto; depois de ter queimado seu peito, seu rosto, ele saiu pelo meio do ventre. Era terrível olhar aquela miserável criatura: o sr. de Corville ordenou que a levassem...

— Não — disse a sra. de Lorsange, levantando-se com a maior calma —, não, deixem-na sob meus cuidados, senhor; preciso contemplá-la para consolidar as resoluções que acabo de tomar. Escuta-me, Corville, e sobretudo não te oponhas ao partido que estou tomando, aos projetos dos quais nada no mundo poderia me distrair

atualmente. As desgraças sem precedentes experimentadas por essa infortunada, ainda que ela sempre tenha respeitado seus deveres, têm algo de demasiado extraordinário para que eu não abra os olhos sobre mim mesma: não penses que, ao saber das aventuras de Thérèse, deixei-me cegar por esses falsos luars de felicidade que vimos desfrutar os celerados que a afligiram. Esses caprichos da mão do céu são enigmas que não cabe a nós desvendar, mas que nunca devem nos seduzir. *Ó meu amigo! A prosperidade do crime não passa de uma prova em que a Providência quer colocar a virtude; ela é como o raio cujas luzes enganosas só embelezam por um instante a atmosfera para precipitar nos abismos da morte o infeliz que eles cegaram.* Aí está o exemplo sob nossos olhos; as incríveis calamidades, as medonhas e incessantes derrotas dessa encantadora jovem são um aviso de que o Eterno me faz ouvir a voz de meus remorsos, atirando-me, finalmente, em seus braços. Que punição devo temer dele, eu, de quem toda a vida foi marcada pela libertinagem, pela irreligião e pelo abandono de todos os princípios? O que devo esperar, já que é assim que é tratada aquela que, durante a vida, não cometeu nenhum erro verdadeiro para ser repreendida? Separemo-nos, Corville, chegou a hora; nenhuma corrente nos prende, esquece-me, e acha bom que eu, movida por um arrependimento infernal, vá renunciar aos pés do Ser Supremo as infâmias com as quais fui maculada. Esse golpe terrível foi necessário para minha conversão nessa vida, ele foi desferido na felicidade que eu esperava no outro. Adeus, senhor; a última prova que espero de tua amizade é de não fazer nenhum tipo de perseguição para saber o que houve comigo. *Ó Corville! Estarei te esperando em um mundo melhor, tuas virtudes devem te levar até lá; tenho esperanças de que as macerações para onde me conduzo, para redimir meus crimes e passar os anos infelizes que ainda me restam, permitam-me te rever um dia.*

A sra. de Lorsange deixou imediatamente a casa; levou consigo algum dinheiro, e se lançou em uma carruagem, abandonando ao sr. de Corville o resto de seus bens, e orientando-o a um legado piedoso; voou até Paris; ingressou nas Carmelitas, onde, ao cabo de três rápidos anos, se tornou o exemplo e a edificação, tanto por sua grande devoção quanto pela sabedoria de seu espírito e pela estabilidade de seus princípios.

O sr. de Corville, digno de obter os primeiros empregos de sua pátria, foi honrado apenas para fazer ao mesmo tempo a felicidade dos povos, a glória de seu senhor, que ele serviu muito bem, *ainda que*

ministro, e a fortuna de seus amigos.

Ó vós, que distribuístes lágrimas sobre as desgraças da virtude; vós, que vos compadecestes da infortunada Justine; que perdoastes suas descrições, talvez um pouco mais fortes do que o permitido; que possais ao menos tirar desta história o mesmo fruto que a sra. de Lorsange! Que possais vos convencer, assim como ela, de que a verdadeira felicidade só se encontra no seio da virtude, e que, se nos caminhos que nos compete investigar, Deus permite que ela seja perseguida sobre a terra, é para compensá-las no céu com as mais adúladoras recompensas!

- 1 Não se deve pensar que essa história se trata de uma fábula: de fato, esse infeliz personagem existiu em Lyon. O que se diz aqui sobre suas atividades é verdadeiro: ele roubou a honra de quinze ou vinte mil pequenas infelizes: uma vez sua operação concluída, embarcavam-nas pelo Ródano, e, durante trinta anos, as cidades da região só foram povoadas com objetos de devassidão, vítima desse celerado. Nesse episódio, a única coisa de romanesco é seu nome.
- 2 O imperador Kie tinha uma mulher tão cruel e devassa quanto ele; não lhes custava nada derramar sangue, e, para seus próprios prazeres, derramavam uma enxurrada; eles tinham, no interior de seu palácio, um cômodo secreto onde as vítimas se matavam sob seus olhos enquanto eles gozavam. Theo, um dos sucessores desse príncipe, teve, como ele, uma mulher muito cruel; eles inventaram uma coluna de bronze que esquentavam até abrasar, e na qual amarravam os infortunados sob seus olhos: “A princesa” — diz o historiador de quem tomamos emprestados esses traços — “divertia-se demasiadamente com as contorções e os gritos daquelas tristes vítimas; ela não ficava contente se o marido não lhe oferecesse com frequência esse espetáculo” (*Hist. des conj.*, t. VII, p. 43).
- 3 Esse jogo, que foi anteriormente descrito, era muito comum entre os celtas de quem somos descendentes (ver *Histoire des celtes*, por M. Peloutier); quase todos esses desvios de depravações, essas singulares paixões de libertinagem descritas em parte nesse livro, e que despertam ridiculamente hoje a atenção das leis, eram outrora ou jogos de nossos ancestrais, que valiam mais que nós, ou costumes legais, ou cerimônias religiosas: agora os transformamos em crime. Quantas cerimônias devotas de pagãos fazem uso da chicotada! Muitos povos empregavam esses mesmos tormentos ou paixões para instalar seus guerreiros, isso se chamava *Huscanaver* (ver as cerimônias religiosas de todos os povos da terra). Essas brincadeiras, das quais todo inconveniente pode ser, no máximo, a morte de uma vagabunda, são, hoje, crimes capitais! Viva os progressos da civilização! Como eles cooperam para a felicidade do homem, e como somos muito mais sortudos do que nossos antepassados!
- 4 Quanto aos monges de Sainte-Marie-des-Bois, a supressão das ordens religiosas irá descobrir os crimes atrozes daquela terrível corja.

Coleção Pérolas Furiosas

dirigida por Contador Borges

Copyright © 2019 da edição e tradução

Editora Iluminuras Ltda.

Capa

Michaela Pivetti

sobre fragmentos de *Kant com Sade*, gravura de autor desconhecido, extraída de *Justine ou les Malheurs de la vertu*, edição da primeira metade do séc. XIX.

Preparação

Jane Pessoa

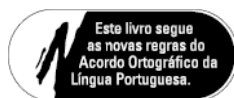
Versão digital

Eder Cardoso

Revisão

Bruno D'Abruzzo

Agradecimentos especiais a Thomas Klinkert, professor de Literatura Francesa do Departamento de Romanística da Universidade de Zurique, na Suíça, que colaborou financeiramente para a impressão da obra.



2019

EDITORA ILUMINURAS LTDA.

Rua Inácio Pereira da Rocha, 389 — 05432-011 — São Paulo — SP — Brasil

Tel./Fax: 55 11 3031-6161

iluminuras@iluminuras.com.br

www.iluminuras.com.br

coleção pérolas furiosas

OS 120 DIAS DE SODOMA
OU A ESCOLA DE LIBERTINAGEM

DIÁLOGO ENTRE UM PADRE E UM MORIBUNDO
E OUTRAS DIATRIBES E BLASFÊMIAS

A FILOSOFIA NA ALCOVA

OS INFORTÚNIOS DA VIRTUDE